



Fernanda da Silva Aparicio Pina

**Design, Extensão Universitária e
Empreendedorismo Sênior:**

propostas de novos caminhos para
maiores de 50 na universidade

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Design da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Design.

Orientador: Prof^a Vera Maria Marsicano Damazio
Coorientador: Prof. Samuel Lincoln Bezerra Lins

Rio de Janeiro
Abril de 2019



Fernanda da Silva Aparicio Pina

**Design, Extensão Universitária e
Empreendedorismo Sênior:**

propostas de novos caminhos para
maiores de 50 na universidade

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Design da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Design. Aprovada pela
Comissão Examinadora abaixo.

Profª Vera Maria Marsicano Damazio

Orientadora
Departamento de Artes & Design

Prof. Samuel Lincoln Bezerra Lins

Coorientador
Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação
Universidade do Porto

Profª. Jackeline Lima Farbiarz

Departamento de Artes & Design
PUC-Rio

Profª. Rita Maria de Souza Couto

Departamento de Artes & Design
PUC-Rio

Profª. Lisa Valéria Vieira Torres

Programa de Gerontologia Social
PUC Goiás

Profª. Teresa Creuza Negreiros

Psicóloga Autônoma
Consultório Particular

Rio de Janeiro, 2 de Abril de 2019.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Fernanda da Silva Aparicio Pina

Graduou-se em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2010. Em 2012 concluiu o MBA em Management no IAG/PUC-Rio e, em 2015, formou-se no Mestrado Profissional em Administração de Empresas, ambos do Departamento de Administração da PUC-Rio. É funcionária da PUC-Rio desde 2001, e atualmente coordena o setor de Comunicação e Marketing da Coordenação Central de Extensão da universidade.

Ficha Catalográfica

Pina, Fernanda da Silva Aparicio

Design, extensão universitária e empreendedorismo sênior: propostas de novos caminhos para maiores de 50 na universidade / Fernanda da Silva Aparicio Pina; orientador: Vera Maria Marsicano Damazio; coorientador: Samuel Lincoln Bezerra Lins. – 2019.

221 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2019.

Inclui bibliografia

1. Artes e Design – Teses. 2. Design de serviços. 3. Design emocional. 4. Extensão universitária. 5. Empreendedorismo sênior e longevidade. I. Damazio, Vera Maria Marsicano. II. Lins, Samuel Lincoln Bezerra. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes e Design. IV. Título.

CDD: 700

Para meus avós, Helena, Acácio
(in memoriam) e Beatriz. Por serem uma constante
fonte de inspiração, pela determinação de
manterem projetos de vida e por serem a minha
melhor referência de belos velhos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiço-
amento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

Código de Financiamento 001

Agradecimentos

Seriam necessárias muitas páginas para eu agradecer a todos aqueles que (com o perdão do clichê), foram fundamentais para eu chegar aqui, não só me apoiando na tese, mas contribuindo para eu me tornar uma pessoa melhor.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelas bênçãos recebidas, pela renovação de minhas forças e pela esperança de seguir no mundo acadêmico.

Ao meu maior parceiro de vida! Caio, nunca poderei retribuir suas contribuições, que em muito ultrapassaram as de um “bom marido”.

Aos meus filhos, João e Pedro; meus pais, Teresinha e Fernando; e irmão, Rodrigo, por operacionalizarem minhas responsabilidades.

A minha orientadora, Vera Damazio, por ir além do necessário. Por me fazer capaz de saber, ou não, lidar com as adversidades e seguir determinada.

Ao meu coorientador Samuel Lins, por acreditar que uma administradora — que resolveu ser designer — pudesse desbravar a Psicologia Social e por tornar realidade o estágio doutoral que incrementou minha visão como pesquisadora.

Ao meu chefe, conselheiro, e incentivador, Professor Alfredo Jefferson, por entender a baixa no desempenho profissional e apoiar a extensão da PUC-Rio.

Aos colegas de trabalho: em especial à generosa e líder Luana Barbosa; à quase orientadora e empolgada Juliana Pereira; aos torcedores, Felipe Garcia e Bruno Reis; e àquela que sempre me animou, Monica Lisboa Ramos.

Aos Professores Flávia Nizia, Roberta Portas e Marcelo Pereira por me darem a oportunidade de conduzir suas turmas em igualdade de condições.

Aos amigos que o doutorado me trouxe. A começar por Marília Ceccon, a injeção de ânimo em forma de gente, responsável por haver iniciado o *PUC-Rio mais de 50* e por me permitir continuar esse trabalho, incrementando sua obra.

Aos integrantes do “PUCKT”. Minha eterna gratidão a Luiza Beck Arigoni por seus amparos e sacolejos. À *nerd* fofa, Natasha Scagliusi, por sua presteza e incansáveis manifestações de “vamos que vamos”. Ao Daniel Nogueira, por se colocar à disposição e me estimular e a Monica Lopes, pelo fato de ela, a um só tempo, ouvido atento e inspiração de uma docente capaz de lidar mais com realizações do que com desafios.

Aos meus queridos PIBICs que coorientei. Barbara Betts, Gabriel Miranda, Maria Izabel Carmo e Mariana Peixoto. A esta última um reforço na gratidão por comigo ter desbravado as universidades brasileiras em prol dos idosos e por me apoiar graficamente neste trabalho.

A Marina Lemette, por projetar meu futuro. Marina, conviver com você foi um laboratório para eu aprender como um 50+ lida bem com novos desafios e pode ser capaz de reprojeter a vida mantendo jovialidade e amor ao próximo.

À intercambista do Labmemo e parceira de publicação, Aline Aride. Aos integrantes do Laboratório: Boris, Gabriela, Ilma, a bolsista PICT Sênior mais próxima, e à parceira de outras vidas, Ana Paula Neves: Ana, a você um obrigada especial! Todos vocês não imaginam como foram importantes nessa trajetória.

Aos professores e funcionários do programa de pós-graduação em Design, com destaque para as professoras Rita Couto – aquela que deixa tudo suave –, e Jackeline Fabiarze, por contribuições na qualificação desta tese e por seu carinho.

Aos professores que abraçaram o PICT Sênior, um serviço marcante para todos nós: a Sergio Bruni, pelo carinho e sensibilidade à causa dos maiores de 50; a Sidnei Paciornik e Sinesio Pesco por apoiarem e integrarem os processos do PICT Sênior à realidade da Coordenação de Iniciação Científica da PUC-Rio; a Helenice Charchat Fichman, Luiz Felipe Guanaes Rego, Margarida Neves, Nicolás A. Rey, Sérgio Lifschitz, Rejane Rodrigues, André Pimentel, Daniel Mograbi, Eduardo Brochi por se disporem a orientar iniciantes em pesquisa com mais de 50 anos e, assim, darem vida a um serviço de extensão universitária Sênior.

Às Professoras Lisa Valéria e Teresa Creuza, fontes de inspiração pelo fato de gerarem soluções criativas para o público sênior.

Ao meu orientador do mestrado, Jorge Brantes: tudo começou com você. Seu apoio para que eu continuasse na vida acadêmica fez diferença para mim. Obrigada por me inserir nessa vida e por insistir para que eu permaneça nela.

Ao meu amigo, Pe. Jesus Hortal, que me ensinou sobre projeto de vida, extensão universitária, capacidade intelectual na maturidade e sobre tantas outras coisas que nem ele imagina.

A Ruth de Mello, amiga que apoiou esta tese, apresentando-me referências sobre empreendedorismo e que me estimulou a querer fazer a diferença.

A Cláudia Soares, sempre calma e tranquila, muito determinada, minha referência no que define *uma pessoa que faz e acontece*.

Às amigas Fernanda Alves e Renata Montalvão pelos colos, incentivos e pelo amor que somente a nós Deus reservou.

Por fim, agradeço aos meus gatos Branca, Meg, Elza e Chico por cada olhar de compreensão dedicado à sua humana, que muitas vezes não teve a paciência de parar de digitar para neles fazer um cafuné.

Resumo

Pina, Fernanda da Silva Aparicio; Vera Maria Marsicando Damazio. **Design, Extensão Universitária e Empreendedorismo Sênior: propostas de novos caminhos para o 50+ na universidade**. Rio de Janeiro, 2019. 221p. Tese de Doutorado – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Em 2017 o número de pessoas com 60 anos ou mais chegou a um bilhão, e atingirá os 2,1 bilhões em 2050 (ONU, 2017). No Brasil acrescenta-se o fato de estarmos envelhecendo em ritmo acelerado. Entre 1940 e 2017 (IBGE, 2018), passamos a viver 30 anos a mais. Nesse cenário, e sob o olhar do Design, esta tese busca contribuir para a longevidade com qualidade, a partir de serviços de extensão universitária. Para tanto, foram investigados e correlacionados os eixos temáticos: o público 50+ (faixa etária correspondente à transição entre vida laboral e aposentadoria); empreendedorismo sênior (que inclui empreendedorismo social, autoempreendedorismo e intraempreendedorismo) e extensão universitária (conceito recorrentemente revisto em fóruns de pró-reitores de extensão). O percurso metodológico foi estabelecido a partir de minha atuação no Programa de Educação Continuada *PUC-Rio mais de 50* e teve como base o Design de Serviços e métodos participativos, de observação participante e de associação livre de palavras. Este trabalho foi guiado pelo Design Emocional e resultou no “Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior PUC-Rio” (PICT Sênior), caracterizado pela participação do 50+ em grupos de pesquisa da PUC-Rio. Esse serviço, replicável, foi criado com a colaboração de professores pesquisadores de diversos departamentos da universidade, e com o suporte da Coordenação de Iniciação Científica; da Coordenação Central de Extensão, da Vice-Reitoria de Desenvolvimento e da gerencia de Recursos Humanos. O primeiro protótipo, realizado entre outubro de 2017 e setembro de 2018, atendeu seis 50+; o segundo, com previsão de término para janeiro de 2020, atendeu o mesmo número de participantes. O PICT Sênior se revelou um novo caminho para o público 50+, oferecendo-lhe papéis de colaboradores e empreendedores da própria vida e confirmando a universidade como espaço para a promoção da longevidade com qualidade.

Palavras-chave

Design de Serviços; Design Emocional; Extensão Universitária; Empreendedorismo Sênior; Longevidade; 50+.

Abstract

Pina, Fernanda da Silva Aparicio; Vera Maria Marsicando Damazio. **Design, University Extension and Senior Entrepreneurship: proposals for new paths for the 50+ in the university**. Rio de Janeiro, 2019. 221p. Doctoral Thesis - Department of Arts & Design, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

In 2017 the number of people aged 60 and over has reached one billion, and will reach 2.1 billion by 2050 (UN, 2017). In Brazil we add that we are aging fast. Between 1940 and 2017 (IBGE, 2018), we started to live 30 years more. In this scenario and under the Design view, this thesis seeks to contribute to longevity with quality, from university extension services. To do so, the following thematic axes were investigated and correlated: the 50+ public (the age range corresponding to the transition between working life and retirement); senior entrepreneurship (including social entrepreneurship, self-entrepreneurship, and intrapreneurship) and university extension (a concept that is repeatedly revised in extension pro-rector forums). The methodological course was established from my performance in the Continuing Education Program *PUC-Rio mais de 50* and was based on the Design of Services and participatory methods, participant observation and free association of words. This work was guided by Emotional Design and resulted in the "Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior da PUC-Rio" (PICT Senior), characterized by 50+ participation in research groups at the PUC-Rio. This replicable service was created with the collaboration of research professors from various university departments, among others and support of the Coordination of Scientific Initiation; Central Extension Coordination; Vice-Dean of Development and Human Resources. The first prototype, carried out from October 2017 to September 2018, served six 50+, and the second, scheduled to end in January 2020, met the same number of participants. The PICT Senior was a new way for the 50+ audience, giving them a role of collaborator and entrepreneur of life itself, confirming the university as a space to promote longevity with quality.

Keywords

Service Design; Emotional Design; University Extension; Senior Entrepreneurship; Longevity; 50+.

Sumário

1. Introdução	16
1.1. Objetivos	18
1.2. O Design em questão	19
1.2.1. Sobre o Design de Serviços	21
1.2.2. Sobre o Design Emocional	22
1.2.2.1. Design para afirmação da identidade	24
1.2.2.2. Design para a renovação da sociabilidade	24
1.2.2.3. Design para a revitalização da cidadania	25
1.2.2.4. Design para o bem-estar	25
1.2.2.5. Design para o autocuidado (ou resiliência)	25
1.2.2.6. Design para a diversão	25
1.2.2.7. Design para o aprendizado	26
1.2.3. Sobre o Design Social	26
1.3. A estrutura da tese	30
2. Sobre o envelhecimento e a velhice contemporânea	31
2.1. Panorama geral do envelhecimento no século XXI	32
2.2. Sobre visões positivas a respeito do envelhecimento	38
2.3. Os 50+	43
2.3.1. Aposentadoria como um marco	44
2.3.2. Empreendedorismo Sênior	45
2.4. Considerações parciais: O empreendedor 50+	54
3. A universidade como ambiente para o 50+: extensão universitária e empreendedorismo sênior	57
3.1. Sobre o conceito de extensão universitária	59
3.2. Exemplos de programas universitários para o sênior	62
3.2.1. No Brasil	63
3.2.2. No Mundo	76
3.3. Diretrizes e princípios relacionados às ações de extensão universitária para o público sênior	81

3.4. Considerações parciais: universidade como possível lugar para atender demandas dos 50+	84
4. PICT Sênior: uma ação projetual de extensão universitária	85
4.1. O método para o processo Design de Serviços	86
4.1.1. A fase de exploração	87
4.1.2. A fase de criação	87
4.1.3. A fase de reflexão	88
4.1.4. A fase de implementação	88
4.2. A aplicação do método para o criação do PICT Sênior	89
4.2.1. Exploração: compreendendo as potencialidades da PUC-Rio e dos seus usuários 50+	90
4.2.2. Criação: preparando o protótipo do PICT Sênior	101
4.2.3. Reflexão: fazendo uma prévia da primeira edição e do processo de institucionalização	107
4.2.4. Implementação: adequando o PICT Sênior para implantação e acompanhamento	119
4.3. Considerações parciais: um balanço sobre a experiência dos primeiros usuários do PICT Sênior	127
5. Pesquisa “Projeto de Vida”: o ensaio de um instrumento de apoio para ação do Design	132
5.1. A importância do diálogo do Design com outras áreas	133
5.1.1. O Design e a Psicologia Social	134
5.1.2. Contribuições da Teoria das Representações Sociais para o Design	135
5.2. A pesquisa “Projeto de Vida”	138
5.2.1. Participantes	138
5.2.2. Instrumento	139
5.2.3. Procedimentos de Coleta	141
5.2.4. Procedimentos de Análise	141
5.3. As técnicas aplicadas como apoio ao Design	153
5.3.1. Do uso de associação livre de palavras	154
5.3.2. Da análise de conteúdo para compreensão de valores	155

5.4. Considerações parciais: proposta de um instrumento para conhecer melhor usuários	157
6. PICT Sênior: um serviço institucionalizado na PUC-Rio	159
6.1. A ferramenta metodológica para ajustes de uma nova edição do PICT Sênior	160
6.2. O segundo protótipo	161
6.2.1. Exploração: outras potencialidades da PUC-Rio e avaliando a “jornada do usuário”	162
6.2.2. Criação: reformatando o serviço	168
6.2.3. Reflexão: fazendo uma prévia da segunda edição	172
6.2.4. Implementação: ajustando o serviço e editando o documento de institucionalização	180
6.3. Considerações Parciais: o futuro do PICT Sênior	183
7. Considerações Finais	185
7.1. Desdobramentos: projetar novos serviços já idealizados	186
7.1.1. Plataforma solidária	187
7.1.2. Monitoria Sênior	188
7.1.3. I Encontro Nacional de Extensão Universitária para 50+: demandas e projetos	190
7.1.4. Programa de preparação para aposentadoria PUC-Rio	192
7.2. Últimas palavras	194
8. Referências Bibliográficas	197
9. Anexos	206
9.1. Tentativa da PUC-Rio de viabilizar a universidade para a 3ª idade na década de 90	206
9.2. Exemplo de avaliações das atividades aplicadas no PUC-Rio mais de 50	211
9.3. Formulários de Inscrição do PICT Sênior	214

Lista de Figuras

Figura 1: Processo de Design de Serviços, segundo Stickdorn & Schneider (2014).....	22
Figura 2: Perspectivas do Design Emocional de Damazio, Pina & Ceccon (2017).....	24
Figura 3: Escada Virtuosa do Design e Desenvolvimento de Patrocínio (2015).....	29
Figura 4: Movimento da PUC-Rio para implantação da universidade da terceira idade.....	71
Figura 5: Fluxograma do processo do PIBIC e PIBITI da PUC-Rio.....	100
Figura 6: Professores orientadores do primeiro protótipo do PICT Sênior	103
Figura 7: Jornada do usuário idealizada para o primeiro protótipo.....	105
Figura 8: Formulário de inscrição do 1º protótipo do PICT Sênior, disponibilizado no Facebook	108
Figura 9: Comentários, reações e compartilhamentos da comunicação do PICT Sênior.....	108
Figura 10: Comentários dos candidatos ao PICT Sênior feitos no formulário de inscrição (1º protótipo).....	109
Figura 11: Comparação entre os inscrito do PICT Sênior e das atividades do PUC-Rio mais de 50.....	110
Figura 12: Incremento da participação masculina em relação a outras atividades	110
Figura 13: Indicativos de aceitação do programa fora do Rio de Janeiro	111
Figura 14: Primeiro encontro com os envolvidos no PICT Sênior	113
Figura 15: Ajustes de professores orientadores e bolsistas na primeira edição do PICT Sênior	116
Figura 16: Os resumos dos bolsistas PICT Sênior no anais do Seminário de Iniciação Científica	118
Figura 17: Mapa de Stakeholders internos.....	119
Figura 18: Considerações sobre a forma de sustentabilidade financeira do PICT Sênior.....	125

Figura 19: Visão geral dos respondentes da pesquisa “Projeto de Vida”	139
Figura 20: Etapas do formulário da pesquisa "Projeto de Vida"	140
Figura 21: Gráfico com as dez palavras mais citadas pelos participantes da pesquisa “Projeto de Vida”	142
Figura 22: Nuvem de palavras: relevância de cada palavra citadas na pesquisa “Projeto de Vida”	142
Figura 23: Análise de similaridade entre as palavras citadas para representar projeto de vida	143
Figura 24: Classificação Hierárquica Descendente (CHD), indica as palavras agrupadas por classe	144
Figura 25: Análise Fatorial de Correspondência (AFC): as classes representadas em plano cartesiano	146
Figura 26: O que mais e o que menos valorizam os participantes da pesquisa "Projeto de Vida"	147
Figura 27: Perspectivas do design Emocional e a relação com categorias da pesquisa “Projeto de Vida”	149
Figura 28: Número de ocorrências das categorias, seus conceitos e exemplos de códigos	151
Figura 29: Categorias, seus conceitos, exemplos de códigos e os perspectivas do Design Emocional	152
Figura 30: Jornada real vivida por um usuário PICT Sênior	164
Figura 31: Jornada idealizada do professor interessado pelo PICT Sênior	166
Figura 32: Adaptação da jornada do usuário 50+	167
Figura 33: União das jornadas professores e 50+ para realização do 2º protótipo	168
Figura 34: Novo mapa de stakeholders internos	169
Figura 35: Ajuste no formulário de inscrição para o 2º protótipo do PICT Sênior	170
Figura 36: Cronograma do PBIC e PIBITI a ser seguido pelo PICT Sênior	171
Figura 37: Professores orientadores do segundo protótipo do PICT Sênior	173

Figura 38: Comunicação do segundo protótipo do PICT Sênior: projetos de pesquisas mais claros	175
Figura 39: Comentários e reações a comunicação do 2º protótipo do PICT Sênior	176
Figura 40: Novo Incremento da participação masculina no PICT Sênior	177
Figura 41: Comentários dos candidatos ao PICT Sênior feitos no formulário de inscrição (2º protótipo)	177

Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender
Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr
Não quero morrer pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer

Arnaldo Antunes – *Envelhecer*

1. Introdução

Esta tese se insere no campo do Design e parte da realidade de um mundo que envelhece e vive cada vez mais. No Brasil, em especial, estamos vivendo 30 anos a mais do que na década de 1960 e, com isso, cresceu o número de pessoas idosas e também o daquelas que muitas vezes chegam a essa fase da vida sem saber como lidar com ela.

O trabalho defendido por esta tese reconhece que, gozando de mais saúde e adotando comportamentos mais ativos, o público sênior não se vê, nem se comporta como “velho”. Em contrapartida, e até por isso, muitas vezes esse público não se preparou para os anos que viverá a mais e para a fase que virá após a sua aposentadoria. Influenciados pela jovialidade e movidos pela necessidade de se manterem autônomos e independentes, eles não sabem como lidar com a velhice, dado o ineditismo e a rapidez com que esta nova realidade se impõe.

Partindo dessa nova realidade que nos atinge, esta tese também considera a importância de se traçar novos projetos de vida que levem em conta especialmente essa parcela da população. Aqueles que chegam aos 60 e os ultrapassam podem perfeitamente começar a realizar novos planos, e não precisam mais se limitar a representar a figura do idoso — que, aliás, vem carregada de estereótipos.

O termo *idoso* foi cunhado no Brasil para designar o maior de 60 anos. Porém, o termo não abrange nem diz respeito aos novos comportamentos daqueles que ultrapassaram essa idade e preferem ser chamados de *seniores*. Houve, portanto, uma quebra de paradigma que tem convocado não somente os seniores e o Estado a buscar novas razões para lidar com a longevidade: cabe também a outras esferas sociais pensar e agir para a promoção de uma vida longa e de qualidade que chegará também para quem hoje desfruta de sua juventude.

Como defendem a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-Brasil), envelhecer ativamente depende de alguns pilares, sendo o pilar da *aprendizagem ao longo da vida* a base para que a universidade se revele um ambiente favorável e oportuno para os 50+. Isso porque, por meio de suas práticas, ela oferece aos mais velhos a oportunidade de eles se conectarem com o meio universitário, com foco no envelhecimento ativo e no suporte para elaborar e fazer acontecer projetos de vidas.

Sendo a universidade um lugar marcado pela ideia de que nela se inicia um novo ciclo, um novo começo de vida, ela é também o local ideal para as pessoas com mais de 50 anos — em sua grande maioria aposentadas ou em via de ficar — começarem um novo ciclo e exercitarem sua capacidade de empreender. Isso pode vir a acontecer não somente no que diz respeito a novos negócios, mas também a outras frentes contemporâneas do empreendedorismo.

Esta tese parte da hipótese de que, por meio da sua extensão, a universidade pode vir a ser um ambiente que promova ações inovadoras que visem uma vida longa e de qualidade a pessoas acima dos 50 anos.

Mas o que o Design teria a ver com isso?

Essa foi uma pergunta muitas vezes formulada e respondida ao longo do doutorado. Por isso, além de introduzir o tema da tese, neste capítulo apresento as abordagens do Design que sustentam a criação de um serviço universitário chamado PICT Sênior. Esta introdução apresentará, ainda, os objetivos e a estrutura de todo o trabalho, por capítulos.

Nesta tese o olhar recai sobre o confronto entre os estereótipos que ainda persistem ao se pensar e abordar a velhice e a realidade que vivemos atualmente. Afinal, nosso cotidiano nos mostra pessoas maduras e longevas, que derrubam as expectativas sobre o que é ser velho. Trata-se, portanto, de um público ativo e diverso, cheio de projetos de vida.

Parte-se do entendimento desta realidade para atualizar os significados atribuídos à velhice, reconhecendo que há sim limitações, mas que não restringem o público sênior à ideia de um peso social. Seguimos na intenção de ampliar o olhar para novos comportamentos ao lidar com formas positivas de envelhecer, muitas vezes representadas na figura de seniores empreendedores das próprias vidas, capazes de prover benefícios, inclusive sociais.

O foco deste trabalho recai no Design que gera serviços e que é guiado pelas abordagens emocional e social. Apoiada por autores do meio, este trabalho trata de um Design que articula soluções existentes para gerar algo novo, com nova forma, função, ou com uma simples mudança de “usuários-alvo”; de um Design que, por processos norteadores, respeita e considera a cultura do provedor de um serviço, os usuários que almeja atender e as especificidades do contexto que os rodeiam.

Para ilustrar a atuação desse Design, nesta tese o recorte recai na universidade e sua extensão, mas não aquela extensão voltada apenas para formar jovens e adultos. Aqui nosso recorte recai na proposta de se criar novos caminhos

para os 50+ nas universidades, com o foco nos seus desejos e na sua interação com os demais membros da comunidade universitária.

Diante disto, e atendendo aos preceitos para atuação científica do Design, Terence Love (2002), pesquisador da área, diz ser fundamental combinar visões interdisciplinares ao lidar com os “elementos-chave do design”, específicos de cada ação projetual: humanos, objetos e contexto (LOVE, 2002, p. 349).

Neste caso, o elemento-chave é o *humano*, participantes do “PUC-Rio mais de 50” — um programa de educação continuada fruto da dissertação “Design & Envelhecimento: técnicas de identificação de demandas dos maiores de 60 anos”, de autoria de Marília Ceccon (2015). Por meio desse programa, diagnosticamos, na prática, a necessidade de se voltar a atenção para o público formado por pessoas com 50 anos ou mais. Segundo Jorge Felix¹, é preciso considerá-las no que diz respeito a novas práticas sociais, uma vez que “tão grave quanto a aposentadoria precoce é o desemprego a partir dos 50 anos” (FELIX, p. 246), afinal esse é um público que vem se mostrando ativo e que tem projetos de vida.

O *contexto* abordado pela pesquisa foi a PUC-Rio e as particularidades de sua extensão universitária. Dentre as frentes com que ao longo do trabalho pudemos contar, citamos a Coordenação Central de Extensão (CCE) da universidade, que mesmo com forte atuação em práticas de educação continuada vem buscando desenvolver atividades que representem o amplo conceito de uma extensão universitária. A autonomia institucional dessa coordenação permitiu gerar novas ações voltadas para um público sênior, em parceria com outros setores da PUC-Rio como a Coordenação de Iniciação Científica, a Vice-Reitoria de Desenvolvimento e a Gestão de Recursos Humanos.

O *objeto* fruto desta tese é o PICT Sênior, um desdobramento do “PUC-Rio mais de 50”; mais especificamente um serviço que explorou demandas do público 50+ e da universidade, especialmente no que se refere a suas práticas científicas.

1.1. Objetivos

O **objetivo geral** desta tese é explorar o potencial da extensão universitária para atender demandas do público 50+ sob a visão do design. Para isto, os **objetivos específicos** são:

¹ Pesquisador do grupo Políticas para o Desenvolvimento Humano do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política da Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); professor de jornalismo econômico na PUC-SP; e professor de economia na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).

- investigar o perfil do público sênior contemporâneo e sua vocação e demandas
- investigar novas perspectivas do empreendedorismo e o recente conceito de empreendedorismo sênior;
- compreender o papel da extensão universitária no que diz respeito ao atendimento ao público sênior e na representação da universidade junto à sociedade;
- revisar as práticas do programa “PUC-Rio mais de 50”, destacando novas demandas do público frequentador entre os anos de 2014 e 2016;
- elencar processos metodológicos do Design e ferramentas para a concepção de uma nova proposta de serviço de extensão universitária para o público 50+;
- explorar suportes metodológicos da Psicologia Social para a compreensão dos atuais e potenciais usuários 50+ de atividades extensionistas da PUC-Rio;
- elencar pontos orientadores, sob a visão do Design, para projetar ações universitárias destinadas ao público 50+, prevendo a replicação de uma extensão universitária sênior.

Ainda assim, pode persistir uma dúvida: afinal, de que Design estamos falando aqui?

1.2. O Design em questão

Esta tese defende que a universidade participe do quadro até aqui exposto oferecendo uma contribuição efetiva no sentido de preparar o país para a longevidade de sua população. Este trabalho é amparado pelas práticas do Laboratório de Design, Memória e Emoção, vinculado ao Departamento de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que há mais de cinco anos tem relacionado o Design à oportunidade de projetar ações para uma vida longa e com qualidade, adotando deste então a linha de pesquisa *Design e Longevidade com Qualidade*.

Antes de apresentar o Design aqui em questão, é preciso dizer que, de um modo geral, há um consenso entre os pesquisadores do campo do Design no sentido de que suas fronteiras permaneçam amplas, difusas e ilimitadas. Ora processo, ora produto, ora método, o Design revela-se multifacetado, ainda que, de forma bem objetiva, pressuponha a união de teorias e práxis na busca de uma solução para criar algo até então inexistente. Richard Buchanan, editor da revista

científica *Design Issues*, defende que “uma das maiores forças do Design é o fato de que não chegamos a uma única definição. As áreas nas quais a definição é agora um assunto resolvido tendem a ser áreas com certa letargia” (BUCHANAN, 2001, p. 8). Ainda entre as referências literárias mais recentes, outro crescente e importante consenso está na apropriação do caráter interdisciplinar que visa projetar “para” e cada vez mais “com” o usuário que se tem em mente.

Autores vanguardistas não ousaram fazê-lo e poucos da atualidade se ariscam a definir o Design. Eu o reconheço como um meio de gerar soluções, um processo que persiste na intenção de transformar realidades existentes em outras mais desejadas (SIMON, 1996; FRASCARA, 2008). Com foco no público sênior, o Design em questão foi conduzido pela sua abordagem de Serviços, também reconhecida por ser capaz de gerar soluções não tangíveis. Da mesma forma, ele foi apoiado pelas abordagens Emocional e Social, considerando métodos participativos atualmente vendidos pela ideia de Design Thinking.

Por meio dele foi gerada uma ação de extensão universitária dedicada a estimular o autoempreendedorismo depois dos 50, o que representa uma oportunidade de iniciar cientificamente o sênior em projetos de pesquisa levando em conta suas preferências, vocações e a necessidade de esse grupo se manter aprendendo. Novas perspectivas absorvidas e utilizadas pela universidade no que tange ao ato de envelhecer, empreender e aprender na maturidade revelaram esse espaço como um ambiente capaz de apoiar os projetos de vida dos seniores. Nessa linha, o Design teve um papel criativo e dinâmico que articulou aspectos emocionais dos usuários para gerar ações de extensão também capazes de gerar inovação social.

Respeitando o caráter interdisciplinar do Design, teorias e métodos de outros campos também foram considerados durante a concepção do novo serviço, gerando subsídios que apoiaram a concepção e revalidaram o PICT Sênior. Por exemplo, para reger a prática da associação livre de palavras, consideramos a prática de observação participante, comumente usada pelas Ciências Sociais, e a teoria das representações sociais, base da Psicologia Social, dado que ambas as técnicas possuem a capacidade de apoiar a intervenção e a articulação do Design na universidade.

Assim, e com base no Design de Serviços, Social e Emocional, foi possível prototipar o PICT Sênior. Vale salientar que, entre essas três abordagens, há pontos importantes em comum, tais como o caráter interdisciplinar, as práticas de cocriação e a dedicação ao atendimento de demandas não mecânicas e sociais complexas.

1.2.1. Sobre o Design de Serviços

O Design de serviços ainda é um campo novo. Seu caráter emergente se vale de uma sociedade que somente há pouco tempo despertou para a necessidade de se gerar e se otimizar serviços. Por meio do processo criativo do Design, ambientes devem suportar a execução de ações nas quais os objetos deixam de ser o principal artefato da ação do design e passam a ser “a evidência do serviço”, agregando “um componente tangível a algo que seria uma experiência intangível, caso eles [objetos] não existissem” (STICKDORN, 2014, p.45).

Em seus trabalhos, alguns autores sugerem diferentes origens para definir o Design de Serviços (FREIRE, 2011; PINHEIRO e ALT, 2012; BLOMKVIST, 2014), atribuindo o seu surgimento a mais de um evento. Karine Freire (2011) atribuiu o início dessa frente do Design ao surgimento dos três primeiros núcleos de pesquisa sobre o tema, na década de 1990: na Alemanha com os professores Michael Erlhoff e Birgit Mager; no Reino Unido com o casal Bill & Gillians Hollins, e na Itália com Ézio Manzini.

Apesar das imprecisões sobre a origem, todos concordam que o surgimento do Design de Serviços sofreu influências de outras disciplinas, e que deve continuar, em especial, com o apoio das ciências cognitivas, dos serviços, da sociologia e da antropologia para a ampliação de pesquisas na área (BLOMKVIST, 2014, p. 316). Essa unanimidade aponta para o fato de que o Design de Serviços é visto como “uma abordagem interdisciplinar que combina diferentes métodos e ferramentas oriundos de diversas disciplinas”; e, além disso, também o justifica como *um jeito de pensar* — e não como um modo de ensinar a desenhar serviços (SITCKDORN, 2014, p. 31).

Neste ponto, cabe informar que, ao longo da tese, o Design de Serviços irá prever as fases básicas que ocorrem durante a criação de uma nova solução, a saber: *explorar, criar, refletir e implementar*, conforme ilustra a figura a seguir. Essas fases — apresentadas no livro *Isto é Design Thinking de Serviços* — são fruto de uma análise de outros modelos de processos de criação defendidos como ideias para projetar algo novo.

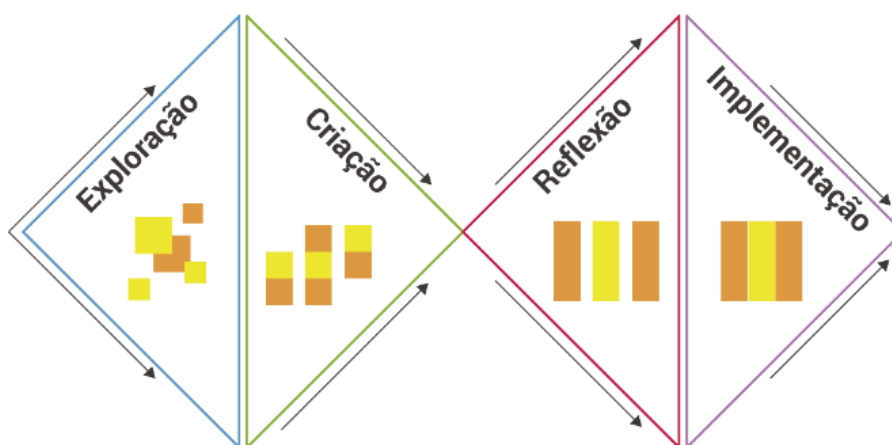


Figura 1: Processo de Design de Serviços, segundo Stickdorn & Schneider (2014).

A releitura desses modelos indica que o percurso metodológico defendido no livro organizado por Stickdorn & Schneider (2014) não é uma novidade, mas uma atualização dos modelos de processos reconhecidos no Design. Nesse sentido, o percurso sugerido pelos autores aponta para as novas considerações quanto ao que se deve fazer em cada uma das fases mencionadas acima, sobre o papel das ferramentas metodológicas utilizadas, e, principalmente, sobre as atitudes interdisciplinares, empáticas e colaborativas dos designers, o que não se limita a sua atuação ao entregar o serviço que lhe foi encomendado.

Gerar serviços é uma forma de atuar do Design em que a linguagem utilizada é compartilhada e dinâmica, não cabendo uma definição funcional. Por outro lado, cabem, sim, premissas extraídas da “combinação de diversas exemplificações e tentativas de definir o design de serviços” (idem). Somadas à constante evolução das práticas, essas premissas incrementam o surgimento e a adequação de um ferramental que possibilita a atuação de designers e de não-designers (STICKDORN & SCHNEIDER, 2014).

1.2.2.

Sobre o Design Emocional

Dentre as propostas do Design Emocional, uma delas, a ação de projetar, visa a atender demandas de natureza emocional dos usuários seniores.

Neste sentido, apresentaremos, a seguir, perspectivas do design emocional focadas no público sênior identificadas em estudo cujos resultados foram publicados sob o título “Design emocional para maiores de 60: contribuições para se viver mais e melhor” (DAMAZIO, PINA, CECCON 2017). Este estudo foi realizado a partir de visitas a moradores da Gávea, bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, de ambos os sexos, com idades entre 67 e 84 anos, durante as quais

foram observados os seguintes aspectos: (1) ações mais realizadas pelos pesquisados diariamente; (2) ações que gostariam de realizar e não realizam, e por quais motivos; (3) lugares mais frequentados; (4) lugares que gostariam de frequentar e não frequentam, e por quais motivos; (5) pessoas com as quais têm contato com maior frequência; (6) pessoas com as quais gostariam de ter mais contato e não têm, e por quais motivos e (7) do que gostam e do que não gostam na Gávea e arredores.

Para tanto, foram utilizadas técnicas qualitativas, como observação participante, entrevistas semiestruturadas e conversas e registros fotográficos sobre os espaços e objetos considerados mais significativos das casas visitadas. Foram criados, também, dois instrumentos de apoio à obtenção de informações: (1) Diário Bipolar – caderno no qual os participantes foram solicitados a registrar as principais situações positivas e negativas de seu cotidiano em caneta azul e vermelha respectivamente, ao longo de uma semana e (2) Mapa Relacional: mapa impresso do bairro da Gávea e arredores, no qual os participantes registraram seus principais trajetos, marcando locais de encontro com pessoas conhecidas com caneta verde, estabelecimentos mais frequentados com caneta azul e lugares percebidos como perigosos – por oferecer risco de assalto, queda, pouca acessibilidade etc. – com caneta vermelha.

Foram realizadas duas visitas à casa de cada participante, guiadas por entrevistas semiestruturadas, com a presença de dois a três pesquisadores, duração aproximada de duas horas, em horários pré-agendados e intervalos de cinco a sete dias. A primeira visita tinha como principal objetivo observar a relação do participante com sua casa e atividades ali realizadas. A conversa era norteadas por perguntas com foco nos objetos da casa e suas histórias e significados como “quais são as coisas mais importantes nesta casa e por quê?”. No final da visita, o participante recebia o Diário Bipolar descrito anteriormente e era convidado a registrar os momentos em que se sentiram bem e se sentiram desconfortáveis e os motivos. A segunda visita tinha por fim conhecer a relação do participante com o bairro, as atividades realizadas fora de casa e pessoas conhecidas fora do círculo familiar e tomou como suporte o Mapa Relacional, acima descrito. A conversa também foi norteadas pelas histórias e significados dos objetos da casa que revelaram de passeios de bicicleta, entre outras atividades físicas, a viagens a lugares distantes. Nessa visita os participantes entregavam o Diário Bipolar e eram motivados a comentar as situações positivas e negativas ali registradas.

Os dados levantados nas visitas foram organizados por grandes temas e demandas emocionais e deram origem às seguintes perspectivas – ou diretrizes – do design emocional em prol da qualidade de vida do público com mais de 60 anos:

Perspectivas do Design Emocional Segundo Damazio, Pina & Ceccon (2017)	Identidade Maiores de 60 anos se expressarem como indivíduos plurais e serem e fazerem o que bem desejarem	Sociabilidade Ampliação do círculo de amizades, interações sociais e o fortalecimento de vínculos afetivos	Cidadania Formas e meios de promover participação social, engajamento cívico e pleno exercício de direitos e deveres	Bem-estar Estados e experiências de relaxamento, serenidade, contemplação, meditação e relação com o transcendental	Autocuidado Conscientização, a aceitação e a adaptação dos maiores de 60 anos a suas novas condições físicas e mentais	Diversão Rotina mais divertida e criam oportunidades de entretenimento e descontração	Aprendizado Troca, a aquisição e o aprofundamento de saberes, de preferência, favorecendo a convivência dos participantes.

Figura 2: Perspectivas do Design Emocional de Damazio, Pina & Ceccon (2017)

1.2.2.1. Design para afirmação da identidade

Constatou-se a importância para os informantes não apenas de continuar a fazer o que sempre fizeram e de ser o que sempre foram, mas também de experimentar novas formas de fazer e de ser. Muitos afirmaram que com o avançar da idade conseguiram encontrar tempo, coragem e disposição para fazer o que gostariam de ter feito quando jovens e, por razões variadas, não fizeram. Alguns revelaram ficar contrariados com a ingerência dos filhos em suas vidas.

Nesse sentido, a perspectiva do Design Emocional para afirmação da identidade engloba produtos e serviços que promovem a independência, a autonomia, a adaptação a novas realidades e oportunidades para os maiores de 60 anos se expressarem como indivíduos plurais e serem e fazerem o que bem desejarem.

1.2.2.2. Design para a renovação da sociabilidade

Observou-se que os informantes valorizam a convivência com a família e amigos, mas gostariam de construir novos laços afetivos. Todos demonstraram ter dificuldades, mas dispostos a ampliar seus ciclos sociais. Alguns revelaram que se sentem sozinhos e gostariam de ter com quem conversar, viajar, passear, assistir a filmes e ir a eventos culturais.

Assim sendo, a perspectiva do Design Emocional para a renovação da sociabilidade inclui produtos e serviços que favorecem a ampliação do círculo de amizades, interações sociais e o fortalecimento de vínculos afetivos.

1.2.2.3. Design para a revitalização da cidadania

Constatou-se que os informantes se ressentem de serem percebidos como “um peso para a sociedade”, “cartas fora do baralho” e desconectados da realidade. Todos demonstraram participar da vida social, política, econômica e cultural do país, seja de forma voluntária ou remunerada. Alguns continuam trabalhando porque assim desejam. O temor de se sentir inútil se fez notar nos depoimentos.

A perspectiva do Design Emocional para a revitalização da cidadania inclui produtos e serviços que criam oportunidades de trabalho remunerado e voluntário para os maiores de 60 anos, além de formas e meios de promover sua participação social, engajamento cívico e pleno exercício de seus direitos e deveres.

1.2.2.4. Design para o bem-estar

Observou-se que os informantes se preocupam com o seu bem-estar físico, mental e espiritual. Alguns revelaram que a idade lhes trouxe a consciência da existência de “algo maior”. Muitos contaram buscar atividades espirituais, além das físicas como meio de promover o bem-estar.

A perspectiva do Design Emocional para o bem-estar inclui produtos e serviços que promovem estados e experiências de relaxamento, serenidade, contemplação, meditação e relação com o transcendental.

1.2.2.5. Design para o autocuidado (ou resiliência)

Os depoimentos dos informantes confirmaram a importância de três ações estreitamente relacionadas à prática de cuidar de si próprio e essenciais para o envelhecimento saudável: tomar consciência, aceitar e se adaptar às mudanças trazidas pelo avanço da idade. Muitos reconheceram ter demorado a perceber e a aceitar suas limitações e alguns revelaram ter chegado ao ponto de colocar em risco sua integridade física e financeira.

A perspectiva de Design Emocional para o autocuidado envolve ações, produtos e serviços que favorecem a conscientização, a aceitação e a adaptação dos maiores de 60 anos a suas novas condições físicas e mentais.

1.2.2.6. Design para a diversão

Foi observado que encarar a vida com leveza e otimismo e saber rir de si mesmo e das situações adversas é considerado “um excelente remédio”, mesmo pelos informantes que se autodenominaram de “rbugentos”. Alguns relataram episódios em que o humor foi o ingrediente principal para contornar obstáculos e vivenciar momentos divertidos.

A perspectiva do Design Emocional para a diversão envolve produtos e serviços que fazem rir, surpreendem, tornam a rotina mais divertida e criam oportunidades de entretenimento e descontração.

1.2.2.7. Design para o aprendizado

Constatou-se a relevância do conhecimento e o desejo de se manter informado e de aprender dos informantes. Declarações como “quero me aprofundar”, “quero conhecer melhor”, “faço aulas de”, “gostaria de saber mais” e “tenho interesse em” apareceram repetidamente e deixaram clara a relação entre “querer aprender” e o espírito de jovem. A ação de frequentar cursos foi considerada um meio de conhecer pessoas, associando-se, portanto, à perspectiva do design para a renovação da sociabilidade. A ação de aprender, por sua vez, foi considerada uma forma de atender interesses e desejos negligenciados ao longo da vida, relacionando-se à perspectiva do design para a afirmação da identidade. A ação de aprender foi, ainda, considerada uma forma de experimentar novas atividades e ocupações, relacionando-se à perspectiva do design para a revitalização da cidadania.

A perspectiva do Design Emocional para o aprendizado inclui produtos e serviços que promovem a troca, a aquisição e o aprofundamento de saberes, de preferência, favorecendo a convivência dos participantes.

1.2.3. Sobre o Design Social

Para entendimento e prática do Design Social, o livro *Diseño gráfico para la gente*, do renomado designer e professor Jorge Frascara (2000), embasa a ideia de gerar serviços capazes de afetar conhecimentos, atitudes e comportamentos necessários para os desafios sociais complexos. Já Gabriel Patrocínio² justifica o uso da “Escada Virtuosa do Design”, considerando a dialética entre Bonsiepe e Papanek, precursores no que diz respeito ao ato de projetar para o desenvolvimento social. Patrocínio esquematiza a aplicação do Design Social por meio de um fazer “para”, “em”, “com” e “por”. E Rita Couto reforça a importância dos métodos participativos e as dimensões sociais do Design, indicando modos de agir que o designer precisa considerar e reflexões necessárias ao momento de projetar. Essas colocações mostram um Design que contrapõe à produção de artefatos luxuosos e aponta tendências para prover o bem-estar social.

² Designer, doutor em Políticas Públicas de Design pela Universidade de Cranfield (Reino Unido) e professor na UERJ.

Por mais que o Design tenha amplas fronteiras e que sua indefinição chegue a ser vista como uma vantagem, a professora Rita Couto — referência em Design Social e Design e Educação — alerta que ele não é imparcial. Para ela, trata-se de um “campo marcado pelos entornos sociais que confirmam sua metodologia e sua prática” (COUTO, 2017, p. 29). Por mais interdisciplinares e versáteis que sejam suas ferramentas, não se nega e nem ofusca, sua importância social. Entendendo que o envelhecimento populacional faz emergir desafios complexos e que esse fato convida atores sociais a se apresentarem, o Design Social desperta a capacidade de explorar possibilidades para uma longevidade com qualidade.

Esses estudos convergem para o conceito — defendido por Frascara — de que o Design é um meio para “transformar realidades existentes em outras mais desejáveis” (FRASCARA, 2000). Uma de suas premissas está na promoção de ações interdisciplinares que envolvam os usuários — no nosso caso, o público sênior — nas soluções de extensão universitária. Couto (2017) acrescenta que o objeto, fruto do Design, não se limita ao produto — ele pode ser a reprodução de algo tangível, exclusivo, comum, único ou produzido em escala; e pode ser inspirado em um tema, na natureza, ou, ainda, ser de autoria de um criador ou de uma comunidade.

Sobre as práticas de ensino do Design Social, Couto ensina ser “preciso ter a habilidade de trocar sentimentos e experiências com as pessoas, colocando-se, na medida do possível, na mesma situação que elas, fazendo o que elas fazem e do modo como elas fazem” (idem. p. 32). Ele ainda ressalta a importância do trabalho de campo, alegando ser “mandatário conhecer profundamente as pessoas ‘com’ e ‘para’ quem se está projetando” (idem). Para Couto, o olhar interdisciplinar e o envolvimento com os usuários são pressupostos para identificar e tratar o que é complexo.

Para Gabriel Patrocínio, o diálogo entre Victor Papanek e Gui Bonsiepe é um marco para a origem do Design Social (idem). Porta-voz do Design para a necessidade, Papanek era austríaco e residia nos Estados Unidos, onde se formou em Design (The Cooper Union) e em Arquitetura (Massachusetts Institute of Technology – MIT). Já o alemão Gui Bonsiepe, graduado pela escola Ulm School of Design (Ulm), era consultor em políticas de industrialização na América Latina, e militou por um Design para o desenvolvimento.

Papanek foi o primeiro a levantar a bandeira de um “Design para o mundo real”. Aliás, esse também foi o nome que ele deu a sua obra atemporal, publicada em 1971. Com uma divisão que categorizava sociedades em países de Primeiro e Terceiro mundo, o designer austríaco reflete sobre o Design voltado para as

necessidades reais de segurança e sobrevivência das pessoas e não mais para o consumo. Sob a ótica de Patrocínio, Papanek defendia também a mudança de foco das equipes de projetos: o campo de atuação do Design não “deveria ser limitado a arquitetos, designers gráficos e planejadores urbanos. Era preciso contemplar sociólogos, antropólogos e equipes interdisciplinares” (idem, p. 57).

Apesar de aceitar as ideias de Papanek, Gui Bonsiepe inicia uma série de questionamentos, dado que, para ele, o ponto de vista de Papanek defendia o Design como atividade assistencialista na qual o ato de projetar era considerado “uma via de mão única”. Quanto a isso, Patrocínio (2015) sugere que, no discurso de Papanek, o limitador é que a ideia de “projetar para” não necessariamente contemplaria as reais condições dos usuários. Nesse ponto, Bonsiepe trouxe novas ideias, e, ao contrário de Papanek, ele não demoniza o consumo. Para Bonsiepe, o Design deveria estimular e promover o crescimento e o desenvolvimento social.

Segundo Patrocínio, se o ponto de Papanek era projetar “para” o Terceiro Mundo, Bonsiepe acrescentava ser preciso estar “em”. É nesse contexto que se estabelece o ponto alto dos debates (ou embates) entre eles: retrucando a concepção de Papanek, Bonsiepe diz que sairá das salas de aulas em universidades europeias para projetar em países periféricos. De fato, ele passa a viver na América Latina, nos países que a seu ver precisavam ser atendidos, mas que, pelo seu discurso, eram só observados, e não vivenciados. Bonsiepe argumentava que não bastava pensar no Design “para”, e nem somente “com” os usuários. Esse movimento de Bonsiepe leva a crer que inseridos “em”, se compreende melhor as variáveis e as pessoas do contexto e se projeta melhor “para” e “com”.

De certa maneira, as trocas “calorosas” entre Papanek e Bonsiepe nos fizeram ampliar o campo de visão para uma missão maior do Design. Até porque, apesar das divergências, havia um ponto convergente nos discursos de ambos: o clamor pela integração de outros profissionais aos designers. O consenso entre os designers também residia na proposta de que não só sociólogos e antropólogos deveriam atuar nos projetos de Design, como, de outra parte, também os designers deveriam abarcar características de profissionais de outras áreas. Nessa linha, desde sua idealização o PICT Sênior considera as óticas da Demografia, Antropologia e Psicologia sobre as maneiras de lidar com o envelhecimento populacional por meio da extensão universitária.

Diante dessa dialética, Patrocínio (2015) cria um modelo conceitual e o resultado foi a elaboração da “Escada Virtuosa do Design e do Desenvolvimento” representada na figura a seguir. A Escada possui quatro estágios e se revela um

ferramental capaz de aumentar a autonomia na produção local orientada ou articulada pelo Design. Esse modelo influenciou profundamente o PICT Sênior desde a elaboração das fases do design de serviços. Explorar, criar, refletir e implementar considerou o fazer “para”, “em”, “com” e “por”, respeitando o Design contemporâneo com foco no desenvolvimento social.

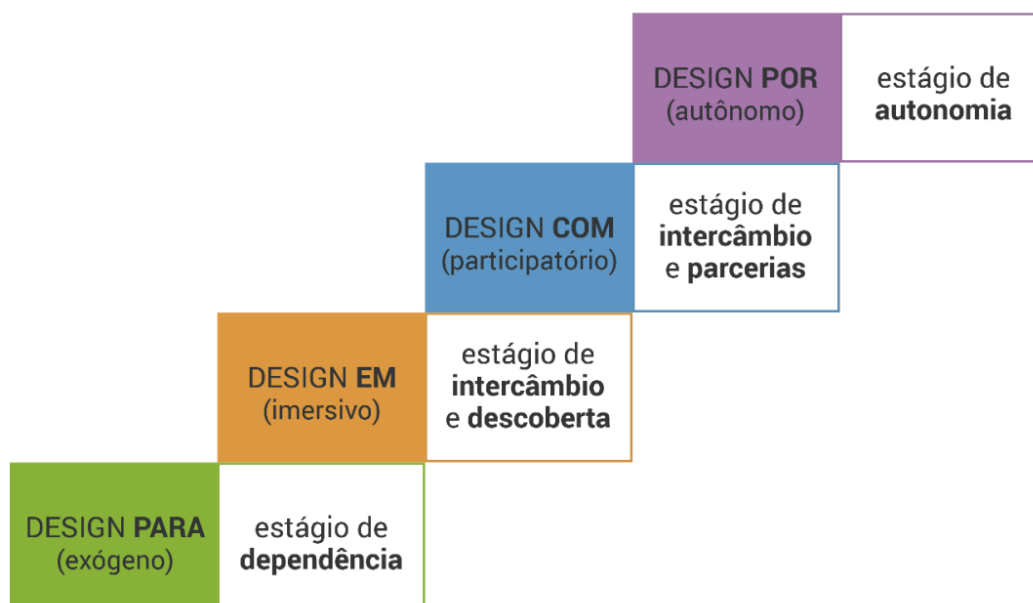


Figura 3: Escada Virtuosa do Design e Desenvolvimento de Patrocínio (2015)

O estágio inicial nessa escada é (1) o Design “para”, no qual o ato de projetar limita-se à busca do designer por soluções para determinada cultura local. (2) Já o Design “em” se caracteriza por intercâmbios e descobertas durante os quais o designer torna-se residente, e passa a projetar levando em conta os aspectos culturais e os conhecimentos locais. (3) No Design “com”, as parcerias se consolidam. O designer desenvolve e troca conhecimentos, metodologias e tecnologias com as pessoas a sua volta, adquirindo um intenso conhecimento local, para que, no futuro, as soluções surjam da/na própria comunidade. (4) O Design “por” dedica-se ao desenvolvimento de atividades coordenadas pelos locais, favorecendo parcerias, nos quais cada um contribui para uma solução *in loco* de acordo com a sua experiência.

Couto & Damazio (2015) reiteram os conceitos e práticas do Design Social na *Bloomsbury Encyclopedia of Design* (2015). As autoras reforçam que o design social tem como foco necessidades básicas, problemas complexos e/ou desafios urgentes. A intervenção desse Design deve ser holística e deve lidar com preocupações e interesses globais tais como: educação, saúde e envelhecimento, entre outros pontos. E, para as autoras, é crucial compreender as variáveis do contexto

no qual esse Design se projeta e formar um corpo multidisciplinar. Elas ainda indicam métodos empáticos e colaborativos para estimular a interação e a participação das pessoas envolvidas em todas as etapas do processo, pressupondo um fazer "com", que, além dos usuários, deve incluir os setores públicos e privados da sociedade.

1.3.

A estrutura da tese

Os sete capítulos desta tese são: este, o primeiro, que apresentou o ponto de partida temático, objetivos e o Design aqui considerado; o Capítulo 2, que expõe os pontos extraídos da literatura sobre *envelhecimento e velhice contemporânea*, destacando o público 50+, a aposentadoria como um marco em sua vida e sua vocação empreendedora; o Capítulo 3, que indica a universidade como o ambiente para atender os seniores via extensão universitária, descrevendo o “PUC-Rio mais de 50” como um exemplo, de uma ação que explorou as potencialidades da universidade para atender demandas dos 50+. O Capítulo 4 apresenta o processo do Design de Serviços que norteou a primeira versão do PICT Sênior. O Capítulo 5 apresenta a Pesquisa “Projeto de Vida” como uma base para conhecer melhor os usuários seniores. O Capítulo 6 apresenta o processo de desenvolvimento do 2º protótipo do PICT Sênior, considerando o mesmo processo de Design de Serviço. Por fim, o Capítulo 7 apresenta as considerações finais desta tese, dando destaque para novas ações extensionistas e desdobramentos do PICT Sênior.

2.

Sobre o envelhecimento e a velhice contemporânea

Este capítulo explora o tema *envelhecimento e velhice*, destacando os aspectos positivos do envelhecimento e alguns dados sobre o velho da atualidade, sobretudo no Brasil. Realizado a partir de levantamento bibliográfico, o capítulo tem como uma de suas principais fontes o clássico *A velhice* (1990), de Simone de Beauvoir, que, como sugerido no subtítulo, é o “grande ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos”. Durante a pesquisa também foram consultados relatórios demográficos brasileiros como os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto de Pesquisa Estatística Aplicada (IPEA), dentre outros. Vale destacar que os relatórios do IPEA foram organizados e comentados por Ana Amélia Camarano, reconhecida demógrafa e especialista em envelhecimento populacional. Foram consultados ainda relatórios internacionais, como o do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA³), da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Outra importante fonte para a pesquisa foi o relatório *Special Topic Reports 2016-2017: senior entrepreneurship*, elaborado pela *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), instituição que realiza pesquisas sobre empreendedorismo para órgãos como a ONU e o Banco Mundial. Os resultados trazidos nesse relatório têm como base entrevistas com adultos de várias regiões do mundo — pessoas essas que sustentaram a definição de empreendedorismo sênior, caracterizado pelo público a partir de 50 anos. O relatório destaca as vocações, preferências e demandas do público empreendedor sênior. Para complementar a pesquisa da GEM, foram consideradas publicações do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), da Endeavor Brasil⁴ e da Comissão Europeia.

Foram consultados também autores contemporâneos de áreas diversas do saber, tais como as antropólogas Guita Debert e Mirfan Goldeberg, as psicológicas Teresa Creuza Negreiros e Maria Regina Célia de Abreu e o médico Alexandre Kalache, um dos maiores especialistas em longevidade no mundo e diretor do Programa de Envelhecimento da OMS durante 13 anos (de 1995 a 2008). Esses profissionais nos ajudaram a entender o novo velho (Teresa Creuza Negreiros), o

³ Publicação do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) em parceria com a HelpAge International, fruto da colaboração de mais de 20 agências das Nações Unidas e organizações internacionais que trabalham com envelhecimento populacional.

⁴ Organização global dedicada a apoiar o empreendedorismo mobilizando o poder público em mais de trinta países que tem conduzido estudos sobre novas maneiras de empreender.

belo velho (Mirian Goldenberg), o gerentoescente (Alexandre Kalache), o *ageless* (Guita Debert) e as demandas de cada um desses grupos.

Este capítulo se subdivide em quatro itens. O item 2.1 faz um panorama geral sobre o envelhecimento no século XXI; o 2.2 traz visões positivas sobre o envelhecimento; o 2.3 trata do público 50+, destacando a aposentadoria desse público como um marco e a sua relação com o empreendedorismo sênior. O item 2.4 apresenta considerações sobre o empreendedor 50+ no âmbito deste trabalho, por meio de uma síntese de acordo com exposto.

2.1.

Panorama geral do envelhecimento no século XXI

O envelhecimento populacional apresenta números impressionantes: anualmente registram-se 28 milhões de novos sexagenários no mundo. O crescimento do número de idosos é de 3% ao ano — o que corresponde a duas vezes o total de habitantes de Portugal — e estima-se que um quarto da população mundial será de idosos até 2050, realidade que já se apresenta em grande parte da Europa (ONU, 2017).

No Brasil, no final dos anos 60, a expectativa de vida não chegava aos 52 anos e as taxas de natalidade eram altíssimas. Em 1960, a proporção era 11 idosos para cada 100 crianças de 0 a 14 anos. Cinquenta anos depois, o número de idosos em relação às crianças quase quadruplicou e a previsão é que em 2050 esse número quintuple, saltando de 11 para 208 idosos para cada 100 crianças (IBGE, 2016).

Projeções mais recentes do IBGE (2018) apontam que em 2010 os brasileiros com mais de 65 anos representavam 7,32% da população. Em 2019, os acima de 65 anos equivalem a 9,52% da população brasileira, percentagem que em 2060 chegará a 25%, totalizando mais de 58 milhões de idosos no país. Equivale a dizer que no futuro, um em cada quatro brasileiros será idoso. Acrescenta-se ainda que em 2047 nossa população vai parar de crescer, ou seja: o número de habitantes diminuirá e ficaremos cada vez mais velhos. Dados esses números, aumenta a nossa certeza quanto a uma realidade irreversível: a de que em breve seremos mais uma população envelhecida no mundo. Portanto, não só estamos envelhecendo como vivendo por mais tempo⁵.

⁵ Segundo o IBGE, o envelhecer 30 anos a mais justifica-se diante dos seguintes diagnósticos demográficos: Em 1940, a expectativa de vida era de 45,5 anos, em 1960 de 52,5 anos e em 2017 de 76 anos. Ao todo, a expectativa de vida aumentou 30,5 anos entre 1940 e 2017. Mais informações em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23200-em-2017-expectativa-de-vida-era-de-76-anos>

Com isso, a longevidade da população tem apresentado realidades até então inimagináveis e que demandam, com urgência, ações não necessariamente voltadas à extensão da vida, mas a se *viver mais com qualidade* (UNFPA, 2012). Essa afirmação ganha força diante de números que indicam que a cada 3,2 segundos um novo caso de demência é diagnosticado no mundo — e, se nenhuma providência for tomada, o prognóstico é o de que em 2050⁶ o tempo para o surgimento de um novo caso será reduzido a um segundo, o mesmo que o leitor leva para ler dez palavras neste trabalho.

O fato é que a população mundial está vivendo mais — um fato sem precedentes e irreversível —, exigindo que a sociedade se movimente em diversas frentes. O Brasil acompanha essa tendência, com a diferença de que estamos envelhecendo mais rápido do que no resto do mundo. Enquanto a França levou 115 anos para dobrar a proporção de pessoas mais velhas, de 7% para 14% (OMS, 2005), no Brasil, em 50 anos vamos mais que triplicar o número de idosos, passando de 7% para 25%. Outra diferença — e, no caso uma agravante — é que no Brasil as demandas relacionadas ao envelhecimento foram somadas a demandas sociais básicas ainda não atendidas, como saúde e educação (CAMARANO, 2016).

Em suas numerosas palestras e entrevistas, Kalache aponta que o Brasil envelheceu antes de enriquecer. Respondendo à pergunta “Como o Brasil se compara aos países ricos?”, ele revela que o envelhecimento da população brasileira foi um dos mais rápidos da história mundial. Além disso, aponta que em 2030 a proporção de idosos no Brasil e no Canadá será igualmente de 30%, com a diferença que “o Canadá não precisa mais se preocupar em construir estradas, garantir o ensino universal ou o acesso à saúde”, enquanto que, no Brasil, “teremos de nos preocupar com isso tudo, ao mesmo tempo que pensamos em como cuidar dos nossos velhos” (EXAME, 2015).

Sobre essa questão — a de “como cuidar dos nossos velhos” —, Camarano observa que enquanto as políticas públicas dos países desenvolvidos têm como objetivo manter os papéis sociais e a prevenção da autonomia dos cidadãos mais velhos, no Brasil o objetivo é assistir aos idosos. Para a autora, tanto o Estatuto do Idoso quanto a Política Nacional do Idoso (PNI) “constituem um reconhe-

⁶ Alerta publicado pelo relatório *Dementia: a public health priority*, publicado em 2015 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em parceria com a Associação Internacional de Alzheimer (ADI). Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/75263/1/9789241564458_eng.pdf?ua=1

cimento por parte do Estado de que estes grupos etários têm necessidades próprias e, por isso, são alvo de políticas públicas específicas” (CAMARANO, 2016, p. 15). De acordo com a autora, o PNI:

[...] consiste em um conjunto de ações governamentais com o objetivo de assegurar direitos sociais dos idosos, partindo do princípio fundamental de que o idoso é um sujeito de direitos e deve ser atendido de maneira diferenciada em cada uma das suas necessidades físicas, sociais, econômicas e políticas (Camarano & Pasinato, 2004, p. 269).

Sobre a tendência das políticas públicas brasileiras no sentido de assistir o idoso e *assegurar seus direitos sociais*, a antropóloga Andrea Alves relata que a partir do século XIX o Brasil passou a estudar os velhos sob a ótica social; com isso, o novo entendimento foi o de que a responsabilidade de cuidar desse público caberia ao Estado e às instituições filantrópicas. A autora acrescenta que assim surge a relação *velhice e incapacidade*, e, conseqüentemente, a ideia de que o velho é um “problema social” (ALVES, 2004, p.13). Ela acrescenta, ainda, que em 1960 a velhice também foi associada ao pauperismo.

As psicólogas Regina de Barros e Adriana de Castro atribuem a “visão social negativa” ou o “pessimismo social” associado à velhice a fatores como: a escassez de recursos na saúde pública; o alto custo de tratamentos médico-hospitalares; a exclusão dos mais velhos em um mercado competitivo; as mudanças na estrutura familiar e os impactos econômicos fruto do aumento de inativos (BARROS & CASTRO, 2002, p.115).

Além de associada a questões tais como incapacidade, problemas e pobreza, em geral a velhice vem sendo recorrentemente entendida como uma fase de perdas, de doenças e de improdutividade em todos os sentidos. A propósito, descrevendo a maneira como algumas sociedades lidavam com seus velhos, Beauvoir (1990) conta que entre os Fangs, uma tribo do Gabão, o velho era abandonado na floresta durante as migrações. A autora também relata que os velhos esquimós eram orientados por sua comunidade a se deitarem na neve até que a morte chegasse ou eram jogados no mar congelante. São inúmeros os exemplos do que podemos chamar de *descarte do velho* e eles incluem rituais de mortes com golpes e lançamentos de pessoas em precipícios após elas terem se tornado “um peso” para suas comunidades. Beauvoir (1990, p. 659) acrescenta ser:

[...] verdade empírica e universal que, a partir de um certo número de anos, o organismo humano sofre uma involução. O processo [...] acarreta uma redução das atividades do indivíduo; com muita frequência, uma diminuição das faculdades mentais e uma mudança de atitude com relação ao mundo.

Sobre a associação da velhice a perdas, doenças e improdutividade, a autora aponta ainda que a Geriatria e a Gerontologia foram as primeiras áreas do

conhecimento dedicadas exclusivamente à velhice e seus estudos iniciais estavam focados na vulnerabilidade do velho.

A Geriatria surgiu em 1909 como um ramo da medicina dedicado à avaliação das perdas ao longo da idade avançada, e pressupunha “reciprocidade entre a velhice e a doença” (idem 37). A Gerontologia, por sua vez, visava ao processo de envelhecimento como um todo, tendo os Estados Unidos assumido a produção dos primeiros trabalhos relevantes realizados nas áreas da biologia, psicologia e sociologia. O movimento gerontológico americano inspirou outras produções advindas da França, Alemanha e Inglaterra, merecendo destaque o “livro monumental” *Problems of Aging* [Problemas do Envelhecimento], de autoria do americano Cowdry (idem).

Ainda sobre a associação da experiência do envelhecimento aos aspectos negativos, Guita Debert soma que “as concepções ancoradas em visões pessimistas da velhice têm muita vitalidade, permanecendo de maneira engenhosa como fundamento teórico” nas pesquisas sobre o tema. Apesar disso, os estereótipos do abandono e da solidão começam a ser substituídos pela “imagem dos idosos como seres ativos, capazes de oferecer respostas criativas ao conjunto de mudanças sociais que redefinem essa experiência” (DEBERT, 1997, p. 46). A autora acrescenta que a ideia do envelhecimento como *um processo de perdas* vem dando lugar à “consideração de que os estágios mais avançados da vida são um momento propício para novas conquistas” (DEBERT, 2004, p. 14).

Também em contraposição à visão pessimista e à ideia de que representa um problema, o envelhecimento vem sendo encarado como um desafio e surgem razões até para ele ser celebrado. Com o sugestivo título de Envelhecimento no Século XXI: *celebração e desafio*, em suas primeiras linhas o relatório comemora o envelhecimento populacional como “uma das mais significativas tendências do século XXI”, trazendo “implicações importantes e de longo alcance para todos os domínios da sociedade” (UNFPA, 2014, p. 3). O documento foi elaborado pela Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e teve por objetivo analisar a situação dos idosos e o progresso de políticas e ações adotadas por governos dispostos a implementar o *Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento*. Este Plano, por sua vez, tem por finalidade fazer frente às oportunidades e aos desafios de um mundo cuja população está envelhecendo.

Nessa direção, Margaret Chan, à época diretora-geral da OMS, abre o prefácio do *Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde*, de 2015, lembrando que:

[...] em uma época de desafios imprevisíveis para a saúde, sejam devidos a mudanças climáticas, às doenças infecciosas emergentes ou a próxima bactéria a desenvolver resistência aos medicamentos, uma tendência é certa: o envelhecimento das populações está se acelerando rapidamente em todo o mundo.

A autora explica que as recomendações do relatório são pautadas nas análises mais recentes sobre as evidências do processo de envelhecimento, destacando que muitas percepções e suposições de senso comum sobre as pessoas mais velhas baseiam-se em “estereótipos ultrapassados”. Apesar de reconhecer que uma das mais visíveis evidências associadas ao envelhecimento está na perda das habilidades, Chan alerta que “não existe um idoso típico”, e aponta, ainda, que a diversidade das capacidades e necessidades de saúde desse público advém de eventos que ocorrem ao longo da vida, frequentemente modificáveis. Além disso, Chan acrescenta que apesar de as pessoas mais velhas apresentarem múltiplos problemas de saúde com o passar do tempo, a idade avançada não resulta em dependência (OMS, 2015).

Os diferentes argumentos até aqui expostos demonstram haver percepções positivas e negativas — aparentemente contraditórias — quanto ao envelhecimento e à velhice. Na realidade, tratam-se de fenômenos recorrentemente qualificados como complexos e multifacetados, o que justifica serem tratados sob diferentes pontos de vista.

Beauvoir (1990) define a velhice como um fenômeno biológico no qual o organismo do homem idoso apresenta singularidades, o que acarreta, ainda, consequências psicológicas como decorrência dos comportamentos característicos da idade avançada. A autora acrescenta que, como todas as situações humanas, a velhice tem uma dimensão existencial que “modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a sua própria história”. Beauvoir chama atenção para o fato de que, “se a velhice, enquanto destino biológico, é uma realidade que transcende a história, não é menos verdade que este destino é vivido de maneira variável, segundo o contexto social” (idem, p.15). Além disso, ela pontua também que a velhice é o que acontece às pessoas que ficam velhas e que, diante de tantos fenômenos — biológicos, psicológicos e existenciais — é “impossível encerrar essa pluralidade de experiências em um conceito, ou mesmo numa noção” (idem, p.345). A autora ainda sugere que podemos confrontar as diversas experiências da velhice e tentar destacar as razões de suas diferenças.

Retomando neste ponto questões contidas no *Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde*, salientamos que seus autores indicam que as mudanças que constituem e influenciam o envelhecimento são complexas. Eles reconhecem

que, sob o ponto vista biológico, o envelhecimento “é associado ao acúmulo de uma grande variedade de danos moleculares e celulares”, o que leva a perdas fisiológicas graduais e ao aumento do risco de contrair diversas doenças, e que pode ser entendido como um declínio geral na capacidade intrínseca⁷. No entanto, o relatório chama atenção para o fato de que “essas mudanças não são lineares ou consistentes”, indicando que a idade avançada gera outras mudanças significativas além das biológicas (OMS, 2015, p. 12).

A exemplo de Beauvoir, a OMS (2015) descreve que as mudanças provocadas pelo envelhecimento ultrapassam o nível biológico, afetando papéis e posições sociais e a necessidade de se lidar com perdas. Assim sendo, as pessoas mais velhas tendem a selecionar menos metas e a torná-las mais significativas; a otimizar suas capacidades e a compensar a perda de habilidades, encontrando outras maneiras de realizar as mesmas tarefas.

Nas palavras do relatório da OMS, “os objetivos, as prioridades motivacionais e as preferências também parecem mudar. Embora algumas dessas mudanças possam ser guiadas por uma adaptação à perda, outras refletem o desenvolvimento psicológico contínuo na idade mais avançada”. Desenvolvimento que, em geral, está relacionado também “ao desenvolvimento de novos papéis, pontos de vista e muitos contextos sociais inter-relacionados”. A OMS ressalta que essas mudanças “podem explicar por que em muitos cenários a idade avançada pode ser um período de bem-estar subjetivo maior”. E, nesse sentido, defende a importância de que as abordagens minimizem as perdas associadas à idade mais avançada, dado que “inibem a capacidade de resistência e o crescimento psicossocial” (idem, p. 12).

Conclui-se que o envelhecimento é um desafio e um processo complexo e multifacetado, que, portanto, não demanda apenas o olhar a partir de diversas perspectivas, mas também o foco de diversos campos do conhecimento e de atuação. Deve-se, contudo, dar cada vez mais relevo aos seus aspectos positivos. A propósito, o IV Fórum Internacional da Longevidade⁸ teve como tema “A função do design e da tecnologia em uma sociedade mais longa” e enunciou

⁷ A capacidade intrínseca “se refere ao composto de todas as capacidades físicas e mentais em que um indivíduo pode apoiar-se em qualquer ponto no tempo”. Essa capacidade “é apenas um dos fatores que irão determinar o que uma pessoa mais velha pode fazer” para um envelhecimento saudável. Os outros fatores estão relacionados ao conceito de capacidade funcional, que, por sua vez, é a “combinação de indivíduos [com suas capacidades físicas e mentais], seus ambientes e a interação entre eles”. O processo de manutenção e desenvolvimento da capacidade funcional, leva ao bem-estar em idade avançada, configurando o envelhecimento saudável. (OMS, 2015, p. 13)

⁸ Desde 2013 o Centro Internacional de Longevidade Brasil organiza anualmente o Fórum Internacional da Longevidade, sempre com apoio da Bradesco Seguros e da UniverSeg (universidade corporativa da Bradesco Seguros), incluindo novos parceiros a cada ano. Em 2018, o evento realizou sua VI edição com o tema “Desenhando o futuro da longevidade”.

princípios que devem orientar setores da sociedade para o desenvolvimento de “produtos, serviços e políticas mais amigáveis às pessoas idosas” (ILC-Brasil, 2016 *apud* KALACHE, 2017).

Os anais desse Fórum reforçam que “o dom da vida mais longa é uma das maiores conquistas da civilização, e gera um potencial quase ilimitado para o desenvolvimento humano em geral” (Idem, p. 2).

Diante do exposto e das orientações até aqui descritas, o item a seguir explora aspectos positivos da velhice, formas positivas de envelhecer e, consequentemente, formas de projetar para uma longevidade com qualidade.

2.2.

Sobre visões positivas a respeito do envelhecimento

Em sua obra *A velhice*, Beauvoir esboça uma proposta de bela velhice na qual o importante é “perseguir fins que deem sentido a nossa vida: dedicação aos indivíduos, à coletividade, às causas, trabalho social ou político, intelectual, criador” (BEAUVOIR, 1990, p. 661).

A “bela velhice” proposta por Beauvoir renasce no livro de mesmo nome da antropóloga Mirian Goldenberg (2013), no qual os fins a serem perseguidos para se envelhecer bem são traduzidos pela ideia de projeto de vida. Goldenberg define os belos velhos como aqueles que “não se aposentaram de si mesmos, recusam as regras que os obrigam a se comportar como velhos. Não se tornaram invisíveis, apagados, infelizes, doentes, deprimidos” (idem, p. 12).

Goldemberg completa que o “belo velho” se lança a um novo projeto de vida e afirma que a “beleza de cada velhice está, exatamente, em sua singularidade, na possibilidade de ser criada, plenamente, por cada um de nós”. A autora acrescenta que “não existe um projeto de vida igual ao outro” nem tampouco um modelo de ‘bela velhice’ a ser imitado por todos. O belo velho “não aceitará o imperativo: seja um velho!” Cada um deles inventou um lugar especial no mundo e se reinventa permanentemente, “rejeitando os estereótipos e criando novas possibilidades e significados para o envelhecimento” (GOLDENBERG, 2013, p. 58).

“A definição de população idosa ficou velha?” Colocada por Camarano (2013), a pergunta propõe uma questão e já a responde afirmando que *sim*, atendendo, contudo, para o fato de que não é simples cunhar uma nova definição para o velho ou para a velhice na contemporaneidade. No entanto, alguns esforços têm sido feitos nesse sentido, como apontamos a seguir.

No livro *Nova velhice: uma visão multidisciplinar* (2003), a professora e psicóloga Teresa Negreiros, organizadora da obra, defende que está cada vez

mais clara a distinção entre *jovens idosos* e *velhos idosos* e que se adia para a *quarta idade* a tradicional imagem de decadência e de perda de capacidades físicas e psicossociais (NEGREIROS, 2007, p.18). Negreiros destaca que nos 11 capítulos do livro “não há exaltação nem execração da velhice”, já que esse é um “conceito relativo e instável, cuja linha de demarcação vai se distanciando à medida que cresce a expectativa de vida”. Do ancião respeitável ao velho que se torna um problema, compreendem-se melhor as influências que ainda nos fazem olhar esse indivíduo caracterizado por sua desvalorização e marginalização, mas que passa a apresentar novos padrões de comportamento e a invocar mais respeito por parte da sociedade. Enfim, o objetivo do livro é estimular atitudes positivas frente ao processo de envelhecer (idem).

A autora Léa Reis⁹, colabora do livro organizado por Negreiro, no capítulo “envelhecer em paz” defende que na “nova velhice os mais velhos estão vigorosos, atraentes e participam eventualmente do mercado de trabalho, do mercado afetivo, do mercado sexual” (REIS, 2017, p. 1).

Cidália Gonçalves (2015), socióloga e gerontóloga portuguesa, reforça a importância de considerar modos de envelhecer que descaracterizem o pessimismo atribuído à velhice. Tendo por objetivo refletir e contribuir para o desenvolvimento de práticas profissionais, na área do envelhecimento, que sejam mais inclusivas e humanistas. Nesse sentido, a autora apresenta o termo envelhecimento produtivo, introduzido em 1985 por Robert Butler, médico psiquiatra e gerontóloga, na obra *Productive aging: enhancing vitality in later life* [*Envelhecimento produtivo: aumentando a vitalidade na vida posterior*]. Nessa obra, o Dr. Butler desassocia o ato de envelhecer de imagens negativas de fragilidade, dependência e improdutividade. Gonçalves (2015) verificou que, ao longo do tempo, estudos¹⁰ valeram-se do termo *envelhecimento produtivo*, mas sem um consenso sobre seu significado, havendo contudo predominância da sua relação com “a questão do valor econômico”. A autora destaca que pessoas em idades mais avançadas nem sempre priorizam uma atividade economicamente produtiva.

A autora apresenta também o *envelhecimento bem-sucedido*, introduzido em 1961 pelo físico Robert Havighurst na primeira edição da revista científica *The*

⁹ Léa Reis é autora de livros como os da trilogia *Além da idade do lobo* (1998), *Maturidade* (2001), *Cada um envelhece como quer (e como pode)* (2003) e *Novos velhos: viver e envelhecer bem* (2011).

¹⁰ Os estudos relacionados ao tema *envelhecimento produtivo*, levantados por Cidália Gonçalves no estudo *Envelhecimento bem-sucedido, envelhecimento produtivo e envelhecimento ativo: reflexões*, são: HERZOG *et. al*, 1989; MORGAN, 1996; CHOI E DENSI, 1998; CARO & CHEAN, 1993, 2001; KAYW, BUTTER & WEBSTER, 2003; ROSARIO, MARROW-HOWELL E HINTERLONG, 2004; MARTIN *et. al*, 2007; QUARESMA, 2007.

Gerontologist, destacando que somente em 1980 o termo se tornou mais conhecido. Sua divulgação se deu por meio dos estudos do médico John Rowe e do psicólogo Robert Kahn, sendo defendido como mais um movimento para dissociar *o ato de envelhecer de declínio físico e mental*. De acordo Rowe e Kahn, o envelhecimento bem-sucedido é multidimensional, referindo-se à manutenção de uma alta função cognitiva e física e o engajamento com a vida (ROWE & KAHN, 1997 apud GONÇALVES, 2015).

Sobre visões positivas da velhice, em seu relatório *Envelhecimento ativo*: uma política de saúde, a OMS o apresenta como um “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança”, sendo seu objetivo “aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo, inclusive as que são frágeis, fisicamente incapacitadas e que requerem cuidados” (OMS, 2005, p.13).

No relatório, a palavra *ativo* refere-se à participação das pessoas “nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho”. O relatório ressalta que aqueles que se aposentam, que apresentam alguma doença ou vivem com alguma necessidade especial, também “podem continuar a contribuir ativamente para seus familiares, companheiros, comunidades”. Ressalta ainda que “em um projeto de envelhecimento ativo, as políticas e programas que promovem saúde mental e relações sociais são tão importantes quanto aquelas que melhoram as condições físicas de saúde” (idem).

A OMS defende a *saúde*, a *segurança* e a *participação* como os três pilares que sustentam um *envelhecimento ativo*, como descritos a seguir.

O pilar **saúde** compreende dois fatores: o de risco e o de proteção. A OMS sugere que os fatores de risco inerentes aos comportamentos e aos ambientes do indivíduo devem ser baixos, enquanto que os fatores de proteção devem ser elevados. Os fatores de proteção devem considerar que “as pessoas desfrutem de maior quantidade e maior qualidade de vida, permaneçam sadias e capazes de cuidar de sua própria vida à medida que envelhecem”. Assim embasado, o pilar saúde tem como meta o cuidado do corpo e da mente, seja por iniciativa própria ou pelo acesso de ações de terceiros.

O pilar **segurança** refere-se à criação de condições para proteção, dignidade, segurança social, saúde financeira e física dos mais velhos. Leva em consideração a elaboração de propostas que contemplam a proteção ao consumidor e o acesso aos meios para evitar maus tratos, passando pelo reconhecimento de assistir aos necessitados financeiramente e aos solitários. Esse pilar defende

ainda o direito de as pessoas mais velhas se manterem seguras em qualquer circunstância.

O pilar **participação** recomenda que sejam respeitados “os direitos humanos fundamentais, capacidades, necessidades e preferências dos indivíduos que continuam a contribuir para a sociedade com atividades remuneradas e não remuneradas enquanto envelhecem”. Os contextos e meios considerados são “o mercado de trabalho, o emprego, a educação, as políticas sociais e de saúde e os programas que apoiem a participação integral em atividades socioeconômicas, culturais e espirituais” do público mais velho.

A OMS indica que políticas e programas destinados à *participação* considerem: (1) a instrução, tanto para saber como cuidar da saúde como para a manutenção de estímulos cognitivos; (2) a inserção em atividades de desenvolvimento econômico, procurando formas de acesso às oportunidades de trabalho (formais e informais) e às práticas de voluntariado; (3) a participação na vida familiar e comunitária, desmitificando a visão da velhice improdutiva e promovendo a inclusão social ativa dos idosos.

Nesse pilar, a OMS (2005, p. 30) também reconhece a “educação e a oportunidade de aprendizado durante o curso de vida” como base de políticas e programas voltados para instruir tanto no que diz respeito à educação básica quanto à aprendizagem permanente.

No relatório *Envelhecimento ativo: um marco político* (2015), o Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-Brasil) soma aos pilares do envelhecimento ativo - participação, saúde, segurança - o pilar **aprendizagem ao longo da vida**. Destaca-se no documento a afirmação de que “a globalização e as rápidas mudanças na expansão da economia de conhecimento fazem com que a informação seja, hoje, o *commodity* mais valioso” (ILC-BRASIL, 2015, p. 48).

Os autores diferenciam a aprendizagem formal — destinada aos primeiros anos de vida e à formação profissional — da informal — que “ocorre em todas as idades no cotidiano; em casa, no trabalho e nas atividades de lazer”, e esclarecem que *aprender ao longo da vida* pode assumir formatos e objetivos distintos. A partir disso, defendem que o acesso à informação é chave para o Envelhecimento Ativo, argumentando que:

Um modelo de curso de vida ainda mais abrangente para a aprendizagem de adultos pressupõe uma variedade de programas que atendam às necessidades de lidar com situações, de contribuir e de cultivar relacionamentos (ou seja, aperfeiçoamento pessoal) (ILC-BRASIL, 2015, p. 46).

Outro termo que enfatiza os aspectos positivos da velhice é a gerontolescência, cunhado por Kalache no livro *The longevity revolution* (2013). O autor explica que o gerontolescente se inspirou na geração chamada *baby boomers*, que, por definição, é um grupo “revolucionário e dinâmico que liderou a revolução sexual dos anos 60, lutou para redefinir o papel das mulheres na sociedade e defendeu as lutas contra o racismo e a homofobia” e que agora se “aproximam da idade de aposentadoria” (KALACHE, 2013, p. 19).

Kalache acrescenta que os *baby boomers* representam uma geração nascida entre o pós-guerra e o ano de 1960 e informa ter havido uma explosão da taxa de natalidade naquele período. O autor esclarece que os *boomers* foram os representantes de uma nova fase da vida chamada *adolescência* — uma “transição, com duração de quatro a cinco anos, entre a infância e vida adulta”. Naquela ocasião o mundo desfrutava “de crescimento econômico nos países de alta renda” e “os jovens passaram a se dar ao luxo de permanecer mais tempo estudando antes de começar a trabalhar” (KALACHE, 2013, p. 19).

Kalache afirma que os *baby boomers* “redefiniram esse estágio de transição do desenvolvimento humano em sua juventude e agora [como gerontolescentes] estão redefinindo o que significa envelhecer”, mas ressalva que “a gerontolescência é um período que durará 20 ou 30 anos”. Para o autor, os gerontolescentes “estão à frente da tendência de ‘desaposentadoria’ que está mudando a forma como entendemos o trabalho e a aposentadoria” (idem), e ele indica que os gerontolescentes, hoje, lidam com o envelhecimento “como um processo individual com múltiplas oportunidades de desenvolvimento pessoal e de prolongamento da jovialidade”. Apesar de individual, Kalache destaca singularidades do processo de envelhecimento dessa geração: (1) de eles estarem submetidos a estruturas familiares em transformação que geram novas oportunidades e desafios, e (2) de viverem a expansão dos limites da longevidade, buscando qualidade de vida até o final da vida.

Outra visão positiva sobre envelhecimento é traduzida pelo termo *ageless* ou “sem idade”, cunhado por Sharon R. Kaufman na obra *The ageless self* (1986). Na referida obra — de um estudo com pessoas entre 70 e 97 anos —, a antropóloga norte-americana conclui que a idade não é um marcador relevante na vida dos participantes.

Tempos mais tarde, em *Reinvenção da velhice* (2004), Debert também identifica a presença de *agelles* entre seus entrevistados, reforçando a “desconstrução do velho tradicional” e questionando a datação do ciclo de vida. A autora

defende que a idade não é um princípio que constitua grupos sociais ou que determine os comportamentos humanos (DEBERT, 1994). Da argumentação, depreendemos que, embora tenha o seu valor, a datação do ciclo de vida é uma imposição em relação à organização social e não prediz preferências, necessidades, atitudes ou comportamentos humanos. Nessa tônica, a autora relata que seus entrevistados demonstravam “resistência a um conjunto de estereótipos com os quais a velhice é tratada”, e, ainda, que esses estereótipos eram “amplamente usados pelos sujeitos entrevistados quando tratavam a velhice em geral ou a de outras pessoas que, mesmo sendo mais jovens, comportavam-se como velhas” (DEBERT, 2004, p. 29). Além disso, em reflexões sobre a reinvenção da velhice, a autora destaca que, “com o prolongamento da esperança de vida, a cada um é dado o direito de vivenciar uma nova etapa relativamente longa, um tempo de lazer em que se elaboram novos valores coletivos” (DEBERT, 2004, p. 39).

O fato de se viver mais deve ser valorizado, pois, como celebra a OMS (2015, p. 5), “proporciona a oportunidade de repensar não apenas no que a idade avançada pode ser, mas como todas as nossas vidas podem se desdobrar”. Em 2005, a OMS reconhece os mais velhos como um grupo heterogêneo e afirma que a diversidade entre eles tende a aumentar com a idade. Reconhece ainda que parte dessa diversidade é um reflexo da herança genética; mas que também, e na maioria dos casos, ela provém dos ambientes físicos e sociais frequentados pelos mais velhos, tais como o lar, a vizinhança e a comunidade. Esses ambientes “podem afetar diretamente a nossa saúde ou impor barreiras ou incentivos que influenciam as nossas oportunidades, decisões e comportamentos” (OMS, 2015, p. 7).

Debert (2004) reconhece a diversidade e reforça que a maneira de encarar a velhice — com perdas e ganhos, tal qual ela se apresenta — começa pela dissociação da ideia de que os velhos sejam todos iguais.

Em meio a tantas formas de envelhecer, do prolongamento de mais de 30 anos de vida e da diversidade do público sênior, voltamos o nosso olhar para o 50+, foco desse trabalho.

2.3. Os 50+

O termo 50+ pode ter surgido de dados e classificações demográficas indicativas de que é a partir desta idade que se inicia o rompimento com a vida laboral formal.

Tal como aponta o IPEA (2016), é a partir dos 50 anos que as pessoas passam a sofrer vulnerabilidade na vida laboral — dado que mais sujeitas à ameaça

de desemprego — em consequência da possibilidade de virem a ser substituídas por jovens, e da desatualização no que tange a novas tecnologias e do entendimento comum de que este público representa mão de obra mais cara. E, uma vez desempregados, por demissão ou acordos, o reingresso no trabalho formal lhes é dificultado, o que leva essas pessoas a antecipar sua aposentadoria.

Quanto a esse ponto, Kalache completa que, no Brasil, a “idade média ao aposentar-se é de 54 anos: 52 para mulheres, 56 anos para homens” (KALACHE 2017, p. 159) e Beauvoir argumenta que “a inatividade imposta aos velhos não é uma fatalidade natural, mas consequência de uma opção social” (1990, p. 286), defendendo a importância de as pessoas a partir de 50 anos encontrarem ocupações.

2.3.1.

Aposentadoria como um marco

A aposentadoria é um evento individual que “reflete proporcional e diretamente no ambiente de trabalho, na família e na coletividade em que a pessoa vive” (GUGEL, 2016, p. 231). Porém, com os rendimentos mensais em mãos, tempo disponível, saúde e disposição, o recém-aposentado questiona o que fazer com toda essa liberdade. Uma das respostas para a questão é o adiamento da aposentadoria, que ocorre quando o idoso mantém os vínculos formais de trabalho.

No capítulo “O idoso e o mercado de trabalho” do livro *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões* (IPEA, 2016), Jorge Félix¹¹ defende “mecanismos que ampliem a capacidade da pessoa idosa de contribuir com a sociedade e garantir a empregabilidade do trabalhador maduro (a partir de 50 anos), em condições de igualdade de oportunidades e de recursos” (FÉLIX, 2016, p. 261).

Exemplo de uma ação nesse sentido é o Regime Especial de Trabalho do Aposentado (RETA), projeto de lei cujo objetivo é inserir os maiores de 60 anos no mercado de trabalho. Se aprovado, o aposentado poderá escolher trabalhar pela Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), ou pelo RETA, no qual o trabalhador e as empresas ficam livres das contribuições previdenciárias. O projeto almeja transformar a relação entre os aposentados idosos e as empresas, buscando “um mercado de trabalho mais justo para os aposentados com mais de 60 anos” (INSTITUTO DE LONGEVIDADE MONGERAL AEGON, 2017).

¹¹ Pesquisador do grupo Políticas para o Desenvolvimento Humano do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política, da Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); professor de jornalismo econômico na PUC-SP; e professor de economia na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).

A Lei RETA busca estimular também a relação intergeracional, "evitando o isolamento e proporcionando um forte senso de propósito aos aposentados 60+" (INSTITUTO DE LONGEVIDADE MONGERAL AEGON, 2017), incentivando as empresas a aproveitar a experiência desses indivíduos. Um dos principais pontos do RETA é a preocupação com o bem-estar, a proteção e a integração do trabalhador sênior em um ambiente de trabalho mais jovem, com isso reforçando o potencial do idoso no sentido de ele contribuir com as gerações mais novas a partir de sua experiência.

O *Relatório mundial de envelhecimento e saúde*, publicado em 2015 pela OMS com base na diversidade do público sênior, aponta que devem ser maximizadas as oportunidades de sua contribuição, mediante a participação dos idosos na força de trabalho formal e informal e no consumo. O relatório indica a superação das formas obsoletas de se pensar a velhice como um caminho para a inspiração e criação de ações transformadoras e reconhece que a mudança social é constante e imprevisível, orientando no sentido de que essas ações não podem ser prescritivas. Pelo contrário, elas devem ter como objetivo reforçar a capacidade dos seniores de prosperar e colaborar para o desenvolvimento da sociedade.

O relatório *La silver économie, une opportunité de croissance pour la France* [A economia prateada, uma oportunidade de crescimento para a França], por sua vez, aponta a transição demográfica como alavanca para o crescimento econômico e o envelhecimento populacional como um "formidável progresso". O relatório publicado pelo governo francês em 2013 defende que é a sociedade que deve se adaptar à nova configuração populacional e não o contrário. Nesse sentido, no relatório a elevação da empregabilidade sênior é entendida não somente como uma ação em prol do bem-estar e do envelhecimento ativo, mas também como estratégia imprescindível para o desenvolvimento econômico.

Outra resposta para o questionamento que o recém-aposentado se faz sobre o que fazer nesta fase, pode estar no aproveitamento a aposentadoria, como um momento de investir em novos projetos de vida, empreendendo em si mesmo.

2.3.2. Empreendedorismo Sênior

O conceito de empreendedorismo sênior se refere a um fenômeno novo, crescente e ainda pouco explorado, que vem sendo ampliado, e, consequentemente, vem abrindo novas perspectivas para o ato de empreender. E embora o empreendedorismo sênior diga respeito ao público 50+, ele não se limita à questão de uma pessoa maior de 50 abrir um novo negócio.

De acordo com definição do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), o empreendedor da atualidade é “aquele que inicia algo novo, que vê o que ninguém vê [...], que realiza antes, aquele que sai da área do sonho, do desejo, e parte para a ação” (SEBRAE, 2017). A Comissão Europeia complementa com a afirmação de que o ato de empreender se traduz na capacidade de o indivíduo empreendedor “abarcara ação criativa e inovadora em todas as esferas da vida” (CE, 2013 apud LOPES, 2017).

Rose Mary Lopes¹² apresenta dois conceitos de empreendedorismo: um mais difundido, associado à carreira e à ocupação, e outro mais contemporâneo, relacionado ao comportamento empreendedor (WENNEKERS, 2006 apud LOPES, 2017). De acordo com a autora, esse comportamento empreendedor pode se dar de duas formas: a primeira é a *intraempreendedora*, na qual o indivíduo empreende em projetos corporativos, e a segunda é a *autoempreendedora*, na qual o indivíduo empreende em projetos para sua vida (LOPES, 2017).

Sobre intraempreendedorismo, a Endeavor indica tratar-se de uma prática que favorece a atuação dos colaboradores de uma empresa no sentido de criar e implementar ideias, considerando suas capacidades de analisar cenários e encontrar oportunidades (ENDEAVOR BRASIL, 2016). Trata-se, portanto, do empreendedorismo dentro das organizações e sua prática está pautada na contratação e valorização de funcionários com potencial de inovar, visando vantagem competitiva para as empresas que eles representam.

Por sua vez, e como o nome sugere, o autoempreendedorismo é mais pessoal e baseia-se na busca do indivíduo que quer se manter produtivo, abdicando, contudo, da ideia tradicional de trabalho (ROSENFIEL, 2015, p. 127). Cinara Rosenfield, doutora em Sociologia do Trabalho pela Université Paris, esclarece que o autoempreendedorismo assume formas criativas, variadas e inovadoras de inserção nas diversas manifestações de trabalho, se apresentando “como um instrumento de interiorização de valores que remetem à autogestão” — definição sugestiva de que o autoempreendedor tem a própria vida como um negócio.

Nesse ponto vale retomar o significado original do termo *terceira idade*, tão depreciado ultimamente. O antropólogo Vicent Caradec esclarece que ele surgiu na França, na década de 1970, 25 anos após ter sido concebido o “sistema de aposentadoria” para trabalhadores a partir de 65 anos, quando, à época, a expectativa de vida era de 77 anos. “A aposentadoria, até então associada a velhice e

¹²Doutora em Psicologia Social pela USP, presidente da Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (ANEGEPE) e autora de diversos livros sobre o tema.

considerada a antecâmara da morte” podia transformar-se em um “tempo a ser vivido e investido de expectativas e projetos”. O termo *terceira idade* contemplava, portanto, as novas gerações de aposentados que passaram a chegar à idade da aposentadoria, com renda garantida e mais anos de vida ativa, e com isso mudando a visão de “velhos economicamente frágeis” para a de “aposentados de renda razoável” (CARADEC, p. 14). O autor relata que:

Diferentes entidades, especialmente prefeituras, caixas de aposentadoria complementar e profissionais da gerontologia criaram uma oferta de atividades voltadas para os aposentados da terceira idade: “clubes da terceira idade” passaram a oferecer atividades de lazer (degustações, passeios, atividades esportivas, viagens, etc.); “universidades da terceira idade” convidavam ao cultivo pessoal, assistindo conferências (a primeira dessas universidades foi criada em Toulouse em 1973); viagens organizadas permitiram a pessoas que muito poucas vezes tinham saído de férias descobrir destinos distantes e tomar um avião pela primeira vez. (Caradec, 2016, p. 15.)

Naquele contexto, Debert (1997, p. 39) ressaltava que a terceira idade “não é sinônimo de decadência, pobreza e doença, mas um tempo privilegiado para atividades livres dos constrangimentos do mundo profissional e familiar”. Nessa direção, “a aposentadoria deixa de ser um marco a indicar a passagem para a velhice”. O termo *terceira idade*, por sua vez, lado a lado com outros como “meia-idade” e “aposentadoria ativa”, passa a designar etapas intermediárias entre a vida adulta e a velhice e “estágios propícios para a satisfação pessoal, o prazer, a realização de sonhos adiados em outras etapas da vida”.

Ainda sobre a terceira idade, Debert recorre a Laslett (1987), para quem:

[...] a invenção da terceira idade indicaria uma experiência inusitada de envelhecimento [...] [que] requer a existência de uma “comunidade de aposentados” com peso suficiente na sociedade, demonstrando dispor de saúde, independência financeira e outros meios apropriados para tornar reais as expectativas de que essa etapa da vida é propícia à realização e satisfação pessoal (LASLETT, 1987 apud DEBERT, 1997).

Diante do exposto — e em resposta à questão de como aproveitar a aposentadoria e investir em novos projetos de vida nos tempos atuais —, a psicóloga Maria Célia Abreu orienta aos aposentados que eles considerem as readaptações, bem como o “estabelecimento de novos limites, flexibilidade, boa vontade, esclarecimento de valores e sentimentos e autoconhecimento” (ABREU, 2017, p. 35).

Por sua vez, Caradec aponta quatro desafios a serem enfrentados por aqueles que envelhecem na atualidade: (1) a manutenção dos contatos com o mundo; (2) a preservação da capacidade de decidir por si; (3) a sustentação do sentimento de valor próprio; e (4) a permanência de espaços familiares no mundo, como ambientes de trabalho e de práticas sociais. E, para lidar com tais desafios, ele sugere três estratégias: adaptação, abandono e recomeço.

A *adaptação* é a continuidade de uma atividade anterior, ainda que com ajustes às limitações da idade. O *abandono* consiste na transferência da realização de uma tarefa para outra equivalente à abandonada. O *recomeço*, por sua vez, envolve três situações: o retorno a uma atividade abandonada no passado e o envolvimento em uma atividade nova ou maior dedicação a uma atividade já praticada.

A estratégia *recomeço* vai ao encontro das recomendações do Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde, que entende a velhice como a segunda metade da vida, momento repleto de oportunidades (OMS, 2015, p.4). A intenção da publicação é ampliar as escolhas de um público crescente e diverso, considerando atividades como: “estudar mais, ter uma nova carreira ou buscar uma paixão há muito negligenciada” (OMS, 2015, p. 5).

Em relato¹³ sobre pesquisa conduzida há 30 anos com 5 mil homens e mulheres entre 18 e 96 anos, Goldenberg revela que a curva da felicidade começa a subir após os 50 anos. A pesquisadora conta que as mulheres depois dos 60 afirmam categoricamente: “É o melhor momento de toda a minha vida”; “Nunca fui tão feliz”; “É a primeira vez que eu me sinto livre e posso ser eu mesma”. E a pesquisadora acrescenta que essas mulheres valorizam especialmente duas coisas:

[...] a liberdade de não se preocupar com a opinião dos outros e de viver a própria vida, a partir da própria vontade; e o tempo, porque dizem que, após cuidar a vida inteira de todo mundo, agora é hora de cuidar delas mesmas, em primeiro lugar (INSTITUTO MONGERAL AEGON, 2018).

Goldenberg conta que ao longo dos trinta anos que se passaram desde que ele realizou seu estudo, aprendeu que “a velhice não é uma ruptura, é uma continuidade com a própria vida” e que as pessoas que têm projetos de vida, bem como amizades, segurança e saúde podem ser felizes em todas as faixas etárias. A pesquisadora relata que entrevistou pessoas com mais de 90 anos que afirmaram estar vivendo o melhor momento de suas vidas. Para a vida após os 50, parece que o fato de ter projetos de vida também é fundamental para a própria felicidade.

A partir do exposto até aqui, conclui-se que a aposentadoria é, sim, um marco, mas de forma alguma um final de vida; na verdade, trata-se de uma retomada de novos planos, amizades, sonhos deixados de lado, enfim, uma retomada para um momento, que reforça a ideia de empreender em si.

¹³ Compacto do TED “A Invenção de uma Bela Velhice”, com Mirian Goldenberg, publicado pelo site do Instituto Mongeral Aegon em 05/04/2018. Disponível em: <https://institutomongeralaegon.org/comportamento/felicidade-retorna-com-forca-aos-60-anos-revela-mirian-goldenberg>

Camarano defende ações preventivas para um melhor envelhecimento e alerta para a importância de a sociedade direcionar um olhar atento para a população com 50 anos ou mais. Aliás, a partir de 2045, a autora alerta que o número de pessoas dessa faixa etária em diante irá crescer, enquanto o número de representantes das faixas etárias inferiores irá decrescer (CAMARANO, 2014, 2016). E, por parte do público sênior, o empreendedorismo também cresce.

Em artigo publicado na Quartz¹⁴ no editorial o *futuro do envelhecimento*, Elizabeth Isele, CEO do Instituto Global para Empreendedorismo Experientes, compartilha e comenta números surpreendentes coletados durante uma pesquisa nos Estados Unidos. A autora diz que apesar de a mídia continuar a descrever os empreendedores como *jovens inovadores com conhecimento de tecnologia*, o *Kauffman Index of Startup Activity* identificou que a maior taxa de atividade empreendedora nos EUA está entre o grupo de 55 a 64 anos. Isele afirma que este tem sido o caso nos últimos 15 anos, e que a tendência não mostra sinais de desaceleração. Revela que, diariamente, cerca de 10 mil pessoas completam 65 anos nos EUA e um em cada cinco americanos terá 65 anos ou mais até 2030. Portanto, “começaremos a imaginar empreendedores como a maioria deles: mais velhos, mais ousados e mais sábios” (ISELE, 2018).

Um estudo desenvolvido pela Comissão Europeia (CE) também relaciona o envelhecimento populacional às atividades empreendedoras no continente mais velho do mundo. O Manual de *Boas práticas para o empreendedorismo sênior*, publicado pela CE em 2016, indica que Pequenas e Médias Empresas (PMEs) são vitais para a economia da Europa, sendo responsáveis por mais de dois terços dos empregos nos setores privados e pelo crescimento de 85% do total de empregos gerados. Diante desse fato e sob o argumento de que a ‘terceira Idade’ não é mais um período curto e inativo — e, sim, de vida longa e ativa —, o manual sugere aproveitar o potencial das PMEs e o crescente número de seniores para o desenvolvimento econômico dos países europeus. Tendo como objetivo apresentar e analisar iniciativas de apoio ao empreendedorismo sênior, visando à disponibilização de recursos, novas oportunidades de cooperação ou de suporte para esses “atores-chaves”, o manual contém argumentos tais como o fato de ainda ser recente o esforço de conscientização quanto à importância dos empreendedores seniores e quanto à necessidade de ações voltadas para eles. O texto é complementado com a afirmação de que, por ser “um campo relativamente novo

¹⁴ Uma plataforma de jornalismo, com cobertura da economia global, está organizada em temas centrais - tópicos e questões de importância sistêmica para profissionais de negócios. A plataforma se apresenta como uma fonte jornalística com foco “em design, experiência do usuário e novas formas de contar histórias”.

e não desenvolvido, reflete-se na falta de uma linguagem e terminologia consensuais e consistentes, bem como na falta de diferenciação clara dos vários serviços oferecidos e do público alvo abordado” (CE, 2016, p. 1).

Visando mensurar e compartilhar boas práticas de empreendedorismo sênior, a CE relata a experiência de dois Laboratórios para Empreendedores Seniores. A experiência foi considerada uma atividade-base para estabelecer um quadro de boas práticas para que os seniores sejam capazes de: entrar no mercado como empreendedores, tornarem-se e continuarem a ser mentores de jovens empreendedores e/ou assumir outros papéis relacionados ao empreendedorismo, como, por exemplo, o de investidores. Constatou-se que um aspecto fundamental a ser considerado pelas organizações ou seniores para contribuir ou explorar o empreendedorismo sênior é entender os diferentes papéis que o sênior pode ter nesse campo. Das observações extraídas dos Laboratórios, verificou-se que os seniores estão mais propensos a empreender como: (i) empresários, (ii) *freelancers*, (iii) investidores ou (iv) mentores (idem, p. 2).

Nesse contexto — diante da demanda social europeia pelo envolvimento dos seniores com práticas empreendedoras, das demandas e preferências desses seniores e da análise de boas práticas para facilitar o empreendedorismo sênior —, o Manual faz sete recomendações para as organizações dispostas a facilitar a relação sênior-empreendedorismo. São elas: (1) Definir diferentes tipos de atividades no local de trabalho dos “Seniores”, associando-os aos papéis empreendedores e às possíveis intervenções políticas; (2) Pesquisar e elaborar estudos de caso sobre as características específicas dos seniores; (3) Escalar e replicar práticas de empreendedorismo sênior; (4) Ajudar os seniores a perceber as diferentes formas de se manterem ativos; (5) Prover mentoria e o valor dos negócios “sustentáveis”; (6) Intervir com ações intergeracionais; e (7) Gerenciar os talentos dos seniores (idem, p. 13).

No Brasil, a questão sobre o rápido envelhecimento ter relação com o fato de haver mais tempo de vida também é uma motivação que estimula o empreendedorismo sênior no país. Nesse caminhar, pesquisas vêm apontando para a direção do empreendedorismo sênior. Por exemplo, ao investigar 1.200 pessoas 50+, o Sebrae procurou identificar o perfil do potencial empreendedor aposentado, o que evidenciou a disposição deles para empreender ao se aposentar. O estudo revela que um a cada dez pesquisados pretende empreender nos próximos dois anos, seja para aumentar a renda da família ou para ocupar o tempo livre que o espera. Dos entrevistados, os setores de interesse mais indicados foram comércio, serviços e alimentação. E apesar de reconhecer que os seniores formam um

grupo de pessoas já com experiência, disposição e credibilidade, que possuem competências e desejam empreender seu tempo para concretizar o sonho de ter seu próprio negócio, a entidade alerta para necessidade de o trabalhador se preparar e se capacitar para atingir seus objetivos. Pensando nisso, o Sebrae criou uma cartilha, procurando colocar ao alcance do empreendedor sênior conceitos gerenciais e ferramentas de apoio à gestão que orientam a criação e a administração do seu futuro negócio (SEBRAE, 2018).

Outra pesquisa relevante foi feita pelo Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP¹⁵), que há dez anos representa o programa de pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) no Brasil. Na ocasião, o Instituto verificou que somente no ano de 2011 o número de empreendedores seniores — pessoas de 55 a 64 anos — havia crescido 5%. O Professor João Bonomo, responsável pela pesquisa, explica que há duas justificativas para esse crescimento: a busca de realização dos entrevistados e a necessidade financeira deles. O professor relata que a grande vantagem de empreender revelada por esse público está na oportunidade de aproveitar, em uma nova atividade, toda a experiência acumulada em anos de atuação profissional. Quanto à desvantagem, Bonomo aponta o preconceito a que o empreendedor sênior está sujeito, embora esse preconceito possa ser minimizado pela sua atuação em áreas em que eles tenham mais conhecimento (TERRA, 2012).

Outro ponto a ser levado em consideração é o de que, apesar do número crescente de empreendedores seniores, seus empreendimentos apresentam desvantagens se comparados aos de empreendedores mais jovens, como indica o relatório *Special Topic Reports 2016-2017: Senior Entrepreneurship*, elaborado pela *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM). A instituição apresenta dados coletados entre 2009 e 2016 pelas equipes nacionais do GEM, como o IBQP, que, durante esse período, mediu em 104 países o envolvimento de pessoas com atividades empreendedoras. A amostra compreendeu 1.540.397 adultos entre 18 e 80 anos, distribuídos em cinco regiões do mundo: África Subsaariana (SSA), Oriente Médio e Norte da África (MENA), Sudeste Asiático (SEA), América Latina e Caribe (LAC) e os países da cultura europeia (ECC). A fim de aumentar a compreensão do envolvimento do sênior com o empreendedorismo, os entrevistados foram agrupados em quatro categorias, considerando suas idades: adulto jovem

¹⁵ O Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) é uma entidade privada, sem fins lucrativos. Foi criado por meio de um Acordo de Cooperação Técnica assinado entre os governos do Brasil e do Japão e atualmente é reconhecido pelo Governo Federal – de acordo com a Lei 9790/99 – como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), o que permite a assinatura de Termos de Parceria com organizações públicas para o desenvolvimento de projetos específicos.

(18-29 anos), adultos de meia-idade (30-49 anos), sênior (50-64 anos) e adultos idosos (65-80 anos)¹⁶ (GEM, 2017, p. 11).

O Relatório oferece um panorama do envolvimento do público sênior com o empreendedorismo em todo o mundo, indicando que, em geral, suas atuações estão relacionadas aos papéis de: empreendedores que iniciam e administram seus próprios negócios; funcionários empreendedores; empreendedores sociais; e como investidores informais (idem, p. 6).

Ainda assim, o relatório indica que os indivíduos mais velhos têm menor confiança em sua capacidade de iniciar e administrar um negócio e que seu *Networking* para conhecer um empreendedor iniciante também é menos frequente entre seniores e, principalmente, entre adultos idosos iniciantes. Em consonância com esses achados, os seniores e os adultos idosos apresentam níveis significativamente mais baixos de intenção empreendedora ao serem comparados com os níveis dos outros dois grupos etários, de modo que há um declínio acentuado na intenção empreendedora a partir dos 50 anos. Os seniores têm metade da intenção de começar seu próprio negócio se comparados aos adultos de meia-idade; quanto aos adultos idosos, esses têm metade da intenção dos seniores. A única influência que aumenta a intenção dos mais velhos no sentido de empreender é a alta faixa de renda — entre eles, os que possuem essa condição estão duas vezes mais propensos a empreender do que aqueles na categoria de renda mais baixa (idem).

Porém, apesar de algumas desvantagens, há pontos a serem observados como estímulo do empreendedorismo entre os seniores. Com indica o relatório da GEM, entre os seniores e os adultos idosos, há razões ligadas à maior intenção de empreender, como por exemplo o desemprego e o estudo. Entre os desempregados foi registrada a maior probabilidade de haver intenções empreendedoras, 35%, proporção que empatada com a taxa que registra a intenção de empreender dos jovens adultos, também desempregados à época da pesquisa. Entre os seniores e dos adultos idosos estudantes, destaca-se que um terço deles também expressam intenções empreendedoras mais altas do que adultos jovens e adultos de meia-idade (idem, p. 23).

Um dado interessante é o fato de que os adultos idosos são um pouco mais propensos a se tornar empreendedores sociais do que os representantes das outras três categorias. Isso sugere que as pessoas mais velhas podem se aposentar

¹⁶ As categorias expostas no relatório da GEM foram: *young adults* (18-29 anos), *mid-aged adults* (30-49 anos), *seniors* (50-64 anos) e *older people* (65-80 anos). No âmbito deste trabalho, elas foram traduzidas livremente procurando facilitar o entendimento ao tratar de cada uma delas ao longo da tese.

dos empregos como trabalhadoras ou autônomas, embora possuam interesse de continuar buscando empreendimentos com um objetivo social ou comunitário (idem, p. 6).

Se comparados aos grupos etários mais jovens, os empreendedores seniores são muito menos propensos a interromper um negócio em razão de problemas com a rentabilidade e com o acesso ao financiamento (idem).

A GEM acrescenta que, contrariamente à percepção tradicional de que o empreendedorismo é para os jovens, em muitos lugares e sob muitos aspectos os seniores e os adultos idosos são altamente empreendedores. Dados da pesquisa indicaram, por exemplo, que seniores e adultos idosos americanos — que não deixaram a força de trabalho por questões de saúde ou para se aposentarem —, possuem negócios bem-sucedidos, alertando inclusive para o fato de que em 2012 eles já representavam 50% dos proprietários de pequenas empresas americanas. Na Austrália, os seniores lideram quase um terço de todas as novas empresas, sendo o segmento de empresários que mais cresce. O relatório confirmou, ainda, que, na Europa, empresários seniores e adultos idosos têm sua motivação aumentada com a idade (idem, p. 11).

Entre os adultos idosos, o empreendedorismo social foi mencionado pela GEM como o ato de empreender mais representativo. Sobre esse tipo de empreendedorismo, o Sebrae afirma se tratar de “ações capazes de mudar uma realidade, estabelecendo medidas e estratégias que gerem um retorno social e ambiente positivo” (SEBRAE, 2017). O documento destaca que o objetivo do empreendimento é “implantar nas comunidades medidas sustentáveis para que seja possível conciliar os avanços tecnológicos e outros progressos com um meio ambiente saudável e boas condições de vida para todos” (idem). Sobre as atividades empreendedoras sociais, a GEM as define como qualquer tipo de atividade, organização ou iniciativa que tenha como principal objetivo ações voltadas para o social, ambiental ou comunitário. Isso pode incluir a prestação de serviços ou o treinamento para pessoas socialmente privadas ou deficientes. Exemplifica serem essas atividades com diversos focos, como: reduzir a poluição ou resíduos alimentares, organizando grupos de autoajuda para ação comunitária, entre outras (GEM, 2016, p. 5).

Um bom exemplo para ilustrar o conceito de empreendedorismo social é o programa "Banco da Amizade", criado por Dixon Chibanda¹⁷, um dos 12 psiquia-

¹⁷ Caso apresentado no TEDWoman 2017. Disponível em:

tras do Zimbábue, país com mais de 16 milhões de habitantes. Levando em consideração a cultura de valorização dos mais velhos e a impossibilidade dos psiquiatras de atender a contento um grande número de deprimidos, Dixon capacitou mulheres idosas, chamadas de avós, para ouvir jovens com problemas. Iniciado em 2006, hoje centenas de avós atuam no “Banco da Amizade” em mais de 70 comunidades, registrando mais de 30 mil atendimentos em bancos de praças e contribuindo para a redução dos índices de depressão no país.

Programas como esse ilustram a ação do psiquiatra no sentido de iniciar algo novo, de buscar enxergar o que ninguém vê — uma ação clássica característica do inovador, que chegou ao ponto de treinar e capacitar senhoras do Zimbábue para sustentar uma ação de transformação social em suas próprias comunidades. O Banco da Amizade ilustra também o potencial empreendedor dos mais velhos em prol da sociedade, desmitificando a ideia de inutilidade e improdutividade que lhes era atribuída.

É urgente reconhecer a força de trabalho, a experiência e a comprovada vocação e preferência dos mais velhos para a conquista de ganhos coletivos por meio do aprendizado e da autorrealização (GEM, 2017).

2.4.

Considerações parciais: O empreendedor 50+

Os 50+ marcam o começo de uma trajetória que pode durar 30, 40, 50 anos ou mais, revelando novos comportamentos nunca antes associados à velhice.

Esses 50+ estão muito distantes da ideia de velhice que ainda nos ronda. Eles são as pessoas que, exatamente pelo fato de viverem mais, estão mais dispostas e mais curiosas no que diz respeito à busca e ao encontro de novas oportunidades; são pessoas que renegam a *vida de aposentado* e buscam formas de viver melhor e com vitalidade para produzir em diversas frentes e diante de inúmeras possibilidades.

Nesse sentido, Caradec (2016) associa a conquista da velhice “a invenção de maneiras novas e positivas de viver esse período da existência” (p.12) e aponta dois momentos constitutivos dessa conquista: o primeiro foi o surgimento da “terceira idade”, compreendendo os primeiros anos de aposentadoria. O segundo, em

andamento, refere-se à conquista da idade avançada ou o "envelhecimento do envelhecimento", fase na qual uma visão positiva passa a se manifestar¹⁸.

Além de designar o que pode ser a mais longa fase da trajetória humana, o termo 50+ também designa o grupo que reúne pessoas com perfis de seniores empreendedores, que possuem as seguintes características: elas perseguem fins que deem sentido a nossa vida (BEAUVOIR, 1990); não se aposentaram de si mesmas; se lançam a novos projetos de vida; não aceitam o imperativo *seja um velho*; se reinventam permanentemente (GOLDEMBERG, 2013); passam a apresentar novos padrões de comportamento; invocam mais respeito por parte da sociedade (NEGREIROS, 2007); estão vigorosas; participam eventualmente do mercado de trabalho (REIS, 2007); descaracterizam o pessimismo de velhice, sendo produtivas e bem-sucedidas (GONÇALVES, 2015); estão numa relação de engajamento com a vida (ROWE & KAHN, 1997 apud GONÇALVES, 2015); continuam a contribuir ativamente tanto no que diz respeito a seus familiares, companheiros, como também para as comunidades em que vivem (OMS, 2015); estão apreendendo em todas as idades, no cotidiano; em casa, no trabalho e nas atividades de lazer (ILC-Brasil, 2016); estão à frente da tendência de 'desaposentadoria'; encaram o envelhecimento como um processo individual com múltiplas oportunidades de desenvolvimento pessoal e de prolongamento da jovialidade (KALACHE, 2013); para eles a idade não prediz preferências, necessidades, atitudes ou comportamentos humanos; são resistentes aos estereótipos com os quais a velhice é tratada; encaram o momento que vivem como tempo de lazer em que se elaboram novos valores coletivos (DEBERT, 2004) e pertencem a um grupo heterogêneo, no qual a diversidade aumenta com a idade (OMS, 2005).

Ainda considerando os esclarecimentos sobre o universo do empreendedorismo sênior, é possível acrescentar que os empreendedores seniores também razões para serem pró-ativos, dado que começam algo por conta própria; possuem vocação para empreender na vida, construindo seu próprio negócio. A partir dessa vocação, são capazes de tornarem-se agentes sociais ao empreender em valores coletivos, gerando, inclusive, resultado para o seu entorno.

Mas é exatamente pelo fato de o empreendedorismo sênior ser um fenômeno a ser explorado, que ações precisam ser feitas para dar suporte não só aos que empreendem em novas empresas, mas também àqueles com potencial para

¹⁸ Vale destacar a atual pesquisa da antropóloga Mirian Goldenberg com foco na população com mais de 90 anos. Ver mais em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2018/09/como-ser-feliz-em-tempos-tao-dramaticos.shtml> e em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2018/10/voce-tem-uma-razao-para-viver.shtml>

atuar em outras frentes do empreendedorismo contemporâneo, como o intraempreendendo nas empresas, mantendo vínculos de trabalhos formais, ou aproveitando a aposentadoria para autoempreender ou empreender socialmente. Portanto, as ações de suporte para o atendimento das demandas do empreendedor sênior devem prever novas formas de aprendizado, levando em consideração que entre os que se mantém estudando há maior intenção de empreender.

O ILC-Brasil reforça que manter a aprendizagem ao longo da vida “é importante não somente para a empregabilidade [de alguém], mas também para favorecer o bem-estar [das pessoas]”. Afirma, ainda, que por meio desse pilar se “instrumentaliza” os que desejam “permanecer saudáveis, relevantes e engajados na sociedade” e reforça que “a aprendizagem contínua é um dos componentes mais importantes do capital humano em um mundo que está envelhecendo” (OCDE¹⁹, 2007 apud ILC-BRASIL, 2015, p. 49).

A aprendizagem ao longo da vida, introduzido pelo ILC- Brasil como um pilar do envelhecimento ativo, vai ao encontro do que Simone de Beauvoir pregava ao afirmar ser “necessário recriar relações nos mais diversos ambientes, buscando: valorizar o saber, manter práticas vivas, permitir que, por seu meio, o homem se realize e se renove, mantendo-se cidadão ativo e útil, independentemente da sua idade (BEAUVOIR, 1990, p. 15).

Kalache acrescenta que o aprendizado deve visar o acúmulo de quatro capitais essenciais para o “bem envelhecer”, quais sejam: saúde, capital intelectual, capital social e capital financeiro, e acrescenta: “Quanto mais cedo começamos a acumulá-los melhor — mas nunca é tarde demais. No entanto, a responsabilidade não cabe apenas ao indivíduo. É imperativo que o setor público cumpra sua parte, assista-o.” Ao lado da ênfase dada ao papel do Estado para o acúmulo dos quatro capitais, Kalache admite que “é também necessário que a academia, as instituições da sociedade civil, o setor privado e a mídia facilitem o processo” (KALACHE, 2017, p. 160).

Portanto, a promoção do aprendizado para o empreendedor 50+ é urgente, para que ele possa colocar em prática toda a sua potencialidade — nos negócios, nas corporações, na vida e na sociedade. Assim sendo, em consonância com as sugestões de Kalache, a universidade parece um bom lugar para contribuir não só facilitando o acúmulo dos quatro capitais para envelhecer bem, com também para intermediar oportunidades de empreendedorismo sênior.

¹⁹ A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) tem como missão promover políticas que melhorem o bem-estar econômico e social das pessoas em todo o mundo, por meio de fóruns nos quais os governos trabalham juntos para compartilhar experiências e buscar soluções para problemas comuns.

3.

A universidade como ambiente para o 50+: extensão universitária e empreendedorismo sênior

Como exposto, o público sênior é diverso, além de ser o que mais cresce em todo o mundo, e sua expectativa de vida foi acrescida de 30 anos, o que significa hoje ser possível se viver até os 100 anos. A OMS (2015) revela que, além da herança genética, na maioria dos casos a diversidade entre os seniores provém dos ambientes físicos e sociais que eles frequentam, dado que esses ambientes podem “impor barreiras ou incentivos que influenciam as nossas oportunidades, decisões e comportamentos” (OMS, 2015, p. 7).

Na mesma direção, o *Guia Global: cidade amiga do idoso* (2008) destaca que a diversidade impõe inúmeras adaptações nas “determinantes para o envelhecimento ativo”²⁰ e afirma:

Sob uma perspectiva individual e social, é importante ter-se em mente que a velocidade do declínio pode ser influenciada, e pode ser reversível em qualquer idade, por meio de ações individuais e políticas públicas, como a promoção de um ambiente amigável ao idoso (OMS, 2008, p. 10).

Kalache reconhece o papel da universidade para o acúmulo dos quatro capitais essenciais para o “bem-envelhecer” quando admite ser “necessário que a academia, as instituições da sociedade civil, o setor privado e a mídia facilitem o processo” (KALACHE, 2017, p. 160). Cabe ressaltar que, grande especialista em envelhecimento, o autor é um entusiasta do conceito da “universidade amiga do idoso”, tendo sido o palestrante que abriu a 2ª Conferência Internacional da Universidade Amiga do Idoso, realizada na Dublin City University (DCU) em 2018.

A Declaração Ministerial de Lisboa²¹ — criada no último encontro sobre os impactos do envelhecimento, promovido pela Organização das Nações Unidas Comissão para Europa (UENEC) — defende o estabelecimento do “intercâmbio de informações e boas práticas e o envolvimento das partes interessadas, incluindo sociedade civil e comunidade científica” (UENEC, 2017, p. 7).

²⁰ No *Guia Global Cidade Amiga do Idoso* sobre os determinantes, os autores indicam ser eles: econômicos, sociais, pessoais, comportamentais, serviços sociais de saúde e ambiente físico. Ilustram ainda que estes devem considerar gênero e cultura inerentes ao indivíduo. A representação desses determinantes pode ser vista na Figura 3 do Guia, disponível em: <https://www.who.int/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf>.

²¹ Encontros como esse acontecem para cumprir a Estratégia de Implementação (RIS) do Plano Internacional de Ação de Madri sobre o Envelhecimento (MIPAA), que reafirma o respeito aos idosos. Disponível em: https://www.unece.org/fileadmin/DAM/pau/age/Ministerial_Conference_Lisbon/Declaration/2017_Lisbon_Ministerial_Declaration.pdf

A chamada da universidade para o desafio do envelhecimento da população também tomou forma na Lei nº 13.535, que “altera o art. 25 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso)” (BRASIL, 2018). A redação muda de:

O Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual (BRASIL, 2003).

Para:

As instituições de educação superior ofertarão às pessoas idosas, na perspectiva da educação ao longo da vida, cursos e programas de extensão, presenciais ou a distância, constituídos por atividades formais e não formais.

Parágrafo único. O poder público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual (NR) (BRASIL, 2017).

O texto da nova lei indica a mudança no 25º artigo do Estatuto do Idoso e visa a “*garantir* aos idosos a oferta de cursos e programas de extensão pelas instituições de educação superior” (BRASIL, 2017). Esse projeto de lei foi de autoria do então senador Cristóvam Buarque.

O presente capítulo tem o objetivo de explorar o potencial da *universidade* como um ambiente que atenda às demandas do público 50+ e da *extensão universitária*, oferecendo oportunidades e ferramental para que esse público empreenda em seus projetos de vida. Ele foi realizado a partir de levantamento bibliográfico, valendo destacar as seguintes referências: Ministério da Educação e Cultura do Brasil (MEC), que discute os conceitos e as práticas de extensão universitária no recente *Plano Nacional de Educação e das Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira* (2018) — que gerou a Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, estabelecendo tais diretrizes — e na obra *Política Nacional de Extensão Universitária* (2012). O gerontólogo Tiago Ordonez, atual presidente da Associação Brasileira de Gerontologia (ABG), Meire Cachioni e Mônica Todar, ambas professoras de Gerontologia da USP, contribuíram com reflexões sobre as UnATIs. Foi consultado, ainda, o estudo realizado pelo Instituto Li Ka Shing de Educação Profissional e Continuada (LiPACE)²², da Universidade Aberta de Hong Kong, intitulado *Relatório de pesquisa sobre a experiência no exterior na prestação de educação continuada para pessoas idosas* (2002).

²² Li Ka Shing Institute of Professional and Continuing Education of the Open University of Hong Kong.

Neste capítulo foi realizado ainda um levantamento de dados secundários referentes aos programas universitários dedicados ao público sênior, como os programas *UniversIDADE*, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e o *AgeLab*, do Massachusetts Institute of Technology (MIT). No caso da PUC-Rio, também foram incluídas entrevistas para levantar pontos marcantes da trajetória das ações voltadas para os seniores, como o programa *PUC-Rio mais de 50*.

Este capítulo está dividido em quatro itens: o 3.1 explora o conceito de extensão universitária; o 3.2 apresenta programas de extensão que envolvem o público sênior no Brasil e no Mundo; o 3.3 trata das diretrizes nacionais sobre a prática de extensão universitária e de princípios internacionais sobre como exercer a extensão com foco no público sênior; e o 3.4 apresenta considerações parciais sobre como a universidade se revela um ambiente propício para promover oportunidades e ferramentas para que seniores projetem suas vidas.

3.1.

Sobre o conceito de extensão universitária

O parecer homologado pela Portaria nº 1.350, publicada no D.O.U. de 17/12/2018, estabelece diretrizes e normas para as atividades de extensão no âmbito da educação superior brasileira. Reconhece que a extensão, uma das funções mais importantes da universidade, “está condicionada a diferentes concepções e práticas, além de cercada por dicotomias” e que tê-la “como um dos seus pilares, tem sido alvo de posições críticas e proposições de toda ordem” (MEC, 2018).

As práticas extensionistas tiveram início no século XX, quase simultaneamente à fundação do ensino superior. As primeiras atividades se deram em forma de cursos e conferências realizados na Universidade de São Paulo (USP) em 1911, sob a influência dos mesmos tipos de atividades realizadas na Inglaterra e nos Estados Unidos (FORPROEX, 2012). Desde então, o conceito de extensão universitária vem sendo discutido em várias instâncias e fóruns no âmbito do ensino superior brasileiro.

No dia 16 de fevereiro de 2017, foi editada a Indicação CNE/CES nº 1/2017, com o fim “de constituir comissão, no âmbito da Câmara de Educação Superior (CES), do Conselho Nacional de Educação (CNE), para estabelecer diretrizes e normas para as atividades de extensão, no contexto da educação superior brasileira”, entre outras atribuições (MEC, 2018, p. 1).

Um dia depois, atendendo à referida indicação, a Câmara de Educação Superior editou a Portaria CNE/CES nº 1, instituindo comissão “para estudar e conceber o marco regulatório para a extensão na educação superior brasileira” na forma de resolução pioneira sobre o tema (*idem*).

Essa comissão²³ foi formada “para compilar e consolidar as normas vigentes sobre a extensão”, e, frente à necessidade de construir um panorama nacional sobre a prática extensionista nas instituições de ensino superior do país, criou uma subcomissão²⁴ de apoio, composta por representantes dos diferentes fóruns nacionais de extensão. Representantes da Câmara e Educação Básica do CNE²⁵ e da Pró-Reitora de Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro²⁶ (UFRJ) também integram a comissão.

A comissão discutiu os conceitos-chaves de extensão, avaliou contribuições vindas dos fóruns nacionais e elaborou minutas do Parecer referido no início deste item, ajustando-as aos novos e recém-constituídos marcos regulatórios da educação superior, tais como as diretrizes para pós-graduação lato e *stricto sensu*.

No dia 17 de dezembro de 2018, essa minuta foi apresentada na primeira audiência pública nacional sobre políticas gerais de extensão nas instituições de ensino superior, realizada pelo CNE. Foram convidados para o evento representantes do campo da extensão, dirigentes de instituições de ensino, pró-reitores, coordenadores, professores, estudantes, associações de mantenedores e associações de instituições de ensino. Participaram também representantes do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), da Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior (SERES) e da Secretaria de Educação Superior (SESu).

A respeito das “Concepções sobre Extensão na Educação Superior Brasileira”, o Parecer reconhece que “as três dimensões da universidade — ensino, pesquisa e extensão, e suas relações internas com a sociedade — sempre foram marcadas por debates, incompletudes e busca de definição” (*idem*, p. 3).

Foram verificadas três concepções nas práticas extensionistas das universidades “que se entrecruzam e adquirem materialidade”. Como exposto no Parecer,

²³ A comissão da CES foi composta pelos Conselheiros Arthur Roquete de Macedo (Presidente), Gilberto Gonçalves Garcia (Relator), Luiz Roberto Liza Curi e Paulo Monteiro Vieira Braga Barone (Membros).

²⁴ Daniel Pansarelli, Presidente do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX); Wilson de Andrade Matos, Pró-Reitor de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP); Sônia Regina Mendes dos Santos, Presidente do Fórum de Extensão das Instituições de Educação Superior Particulares (FOREXP); e Josué Adam Lazier, Presidente do Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária (ForExt).

²⁵ Malvina Tania Tuttman, Conselheira da Câmara de Educação Básica do CNE.

²⁶ Professora Maria Mello de Malta, pró-reitora de extensão da UFRJ.

“cada uma dessas concepções corresponde aos limites das suas práticas”: a assistencialista, com atividades eminentemente assistenciais às comunidades carentes “encontra-se afastada da busca de soluções para os problemas sociais, econômicos e culturais”. Essa concepção “por vezes redentora, pode atribuir à extensão, e, conseqüentemente, à própria universidade, tarefas que extrapolam a sua capacidade da ação”. Já a concepção transformadora é aquela na qual “as relações entre universidade e sociedade são dialógicas e buscam a transformação social”; e outra, mais recente, cujo entendimento é o de que “as demandas da sociedade são tomadas como novas expectativas de serviços, que [a própria] sociedade demanda da universidade”. Nesse caso, a parceria da universidade com outros setores da sociedade civil “poderia ser o mecanismo de articulação entre esses atores ao transformar a instituição de ensino também em produtora de bens e serviços”. A crítica a esta última concepção é que a universidade é vista como mera “produtora de bens e serviços” e à extensão caberia “tão somente captar recursos nos diversos setores da sociedade civil” (idem, p. 4).

Ainda sobre as concepções da extensão, o Parecer reconhece a atuação dos distintos fóruns de extensão brasileiros no sentido de definir uma política para a extensão e o significativo legado de seus documentos, como o Plano Nacional de Extensão, a Política Nacional de Extensão Universitária e outros. No entanto, é necessário preencher uma lacuna, com “uma diretriz nacional que promova a unicidade e a consensualidade de concepções e propostas em torno das políticas, das estratégias e das ações pelas quais a extensão universitária brasileira possa ser institucionalizada e implementada” (idem).

Nesse sentido, o Parecer foi apresentado para votação e aprovado pela Câmara de Educação Superior, ressaltando: a necessidade de eliminar ambiguidades no campo da prática de atividades de extensão nas IES; o papel do Estado em avaliar e supervisionar a oferta formal de atividades de extensão; e a importância estratégica da extensão em curso de formação superior e para a sociedade brasileira.

Na sequência desse processo, o Parecer, na forma de projeto de Resolução, foi homologado pelo MEC e tornou-se público pela Resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018²⁷, estabelecendo, finalmente, diretrizes para a extensão na educação superior brasileira e outras providências. Na Resolução, no Capítulo I, Art.3, a Extensão universitária foi definida como:

²⁷ Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192.

Atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa. (BRASIL, 2018, p. 1.)

Nas disposições gerais desta Resolução, destaca-se que as práticas extensionistas podem ser realizadas “com parceria entre instituições de ensino superior, de modo que estimule a mobilidade interinstitucional de estudantes e docentes”, indicada no artigo 17. No artigo 18, a Resolução acrescenta que as IES “devem estabelecer a forma de participação, registro e valorização do corpo técnico-administrativo nas atividades de extensão”, e que “terão o prazo de até 3 (três) anos, a contar da data de sua homologação, para a implantação do disposto nestas Diretrizes”, conforme aponta o artigo 19 (idem).

3.2.

Exemplos de programas universitários para o sênior

Neste item serão apresentadas as universidades e seus projetos de extensão, no Brasil e no mundo, tendo como referência o recente conceito da extensão universitária, em especial no que diz respeito à capacidade das atividades extensionistas de prover a “interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa”, com foco no empreendedor 50+.

Todas as informações registradas neste item foram obtidas a partir de um levantamento de dados secundários, feito pelo *site* institucional de cada programa universitário dedicado ao público sênior. Eventualmente, outras fontes digitais foram utilizadas, tais como entrevistas concedidas e páginas em redes sociais, nas quais se comenta mais sobre suas ações em prol do idoso.

Dessas fontes foram extraídos dados sobre a origem e a atual situação de cada um dos programas, quais sejam: data de fundação, perfil dos idealizadores, unidade de lotação, unidades de apoio (internas e externas à universidade), objetivos, descrição, atividades oferecidas e formas de adesão.

Dos dados levantados, é possível destacar alguns pontos merecedores de atenção, citados a seguir.

3.2.1. No Brasil

As universidades que fizeram parte do levantamento de dados no Brasil foram: a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e a Universidade de São Paulo (USP), tendo sido suas posições consideradas como as melhores do país. Vale destacar, nesta última, a presença de Ecléa Bosi, mentora do programa, livre docente em Psicologia na USP com pesquisas reconhecidas sobre memória e sociedade; a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), por ter sido uma das primeiras universidades no Brasil a ter uma UnATI, sob a coordenação do professor e médico Renato Veras, especialista no tema envelhecimento; a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), por terem sido a base do estudo registrado no capítulo “A Universidade para a terceira idade na construção da cidadania da pessoa idosa”, publicado no relatório “Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões” (2016), elaborado pelo IPEA; e a PUC-Rio, por ser a promotora do serviço idealizado por esta tese e por suas diversas ações em prol do público sênior.

É comum que as instituições de ensino superior (IES) brasileiras dedicadas a criar atividades para idosos sejam reconhecidas como Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI). Os primeiros modelos dessas universidades surgiram na década de 1980, importando o modelo francês criado em Toulouse pelo Professor Pierre Vellas, em 1973.

A professora Meire Cachioni explica que, no Brasil, as UnATIs tinham como objetivo prover às pessoas mais velhas um “ambiente de aprendizagem e culturalmente estimulante de diálogo entre seus pares, de exercício da cidadania, para ocupação do tempo livre e de estabelecimento de redes sociais” (Cachioni, 2012, p. 4). A professora acrescenta que no Brasil existem “mais de 200 programas dessa natureza, presentes em instituições de ensino superior, que, em sua maioria, caracterizam-se por projetos de extensão universitária” (idem).

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Fundada em 1966, a UNICAMP é considerada uma universidade *jovem*. Com essa mentalidade, em 2014, no seu 1º Seminário sobre Longevidade de Vida, ela lançou o “UniversIDADE”, programa cujo objetivo é possibilitar à comunidade universitária — e ao seu entorno — a “preparação do indivíduo em estágio pré-aposentadoria, aposentadoria e pós-aposentadoria” para enfrentar essa nova etapa. Atuando desde 2015, o UniversIDADE começou oferecendo 59 atividades para os seus 259 alunos. Suas atividades são gratuitas e vinculam “a educação

acadêmica à educação popular [...] para pessoas da meia idade e da terceira idade, definida como idade mínima de 50 anos” (UNICAMP, 2017). Atualmente o “UniversIDADE” está sob a coordenação da professora Kátia Stancato, docente do Departamento de Enfermagem.

O programa realiza cursos e eventos tais como oficinas e palestras de “caráter social”, e mantém, ainda, o “Projeto Jornalismo”, cujo resultado é a entrega de um jornal para toda a comunidade universitária, tendo em vista dar mais visibilidade às atividades e aos eventos oferecidos pelo Universidade. A intenção é “que os próprios alunos [...] reportem e/ou elaborem notícias produzidas nas atividades desenvolvidas no âmbito do Universidade. A forma de publicação do material é impresso e digital” (UNICAMP, 2017).

Os cursos são oferecidos semestralmente, com períodos pré-determinados para a realização de matrículas de veteranos e calouros, e sua duração acompanha o semestre letivo da universidade. Na ocasião, o aluno pode montar sua grade considerando os cursos disponíveis, que estão agrupados pelas seguintes temáticas: Arte e Cultura; Esporte e Lazer; Saúde, Física e Mental; Sociocultural e Geração de Renda. Somando todos os cursos oferecidos, a universidade possui mais de 100 opções no seu portfólio, sendo que os cursos possuem um número limitado de vagas.

Dos cursos relacionados às temáticas *Sociocultural e Geração de Renda*, alguns contemplam o tema *empreendedorismo*, como é o caso da Oficina de Empreendedorismo Sênior, ministrada por Joseraldo Furlan Martins, médico, escritor e pesquisador na área de neurociência. Já no conteúdo pragmático da oficina, destacam-se alguns tópicos, tais como: “empreender melhor após os 50 anos”; “trabalho é diferente de produtividade”; “50+ o perfil do novo empreendedor”; “desafios de empreender depois da aposentadoria” e “criando um novo propósito de vida e longevidade produtiva”. Outras versões do empreendedorismo também estão na Oficina de Empreendedorismo, que oferece aulas quinzenais na forma de palestras ministradas por empreendedores, e os encontros sobre Empreendedorismo Digital, curso que procura tratar o conceito de empreendedorismo digital, no qual são abordadas questões sobre o que comercializar na Internet; formas de monetização; criação de marca digital e nichos de mercado.

Com relação aos eventos, parte deles é produzida para os próprios alunos do Universidade e aberto ao público; outros são produzidos “por” e “para” alunos de graduação e pós-graduação, dos quais os seniores do Universidade podem participar. No último caso é possível citar os espetáculos de dança promovidos

por professores do departamento de Artes Cênicas da universidade; além dos eventos externos que também compõem a agenda da Universidade.

Tanto os cursos como os eventos são elaborados e oferecidos pelos servidores técnicos e administrativos, e pelos professores e alunos. Com isso, todos os envolvidos têm a oportunidade de assumir papéis diferentes dos que lhes são habituais, passando a elaborar, aplicar e desenvolver atividades a serem ofertadas no Universidade — aos servidores é dada a “oportunidade de transmitir seus conhecimentos e experiências”; aos alunos de graduação, pós-graduação e aos professores é oferecida a chance de “desenvolver atividades [...] e proporcionar vivências em suas áreas [...], criando canais de acesso à informação e integração Universidade-Comunidade” (UNICAMP, 2018).

Universidade de São Paulo (USP)

A USP começou suas atividades em 1827, com a abertura da Faculdade de Direito; anos depois, em 1934, foi reconhecida como uma universidade. Suas ações voltadas ao público sênior começaram em 1993 com a UnATI – Universidade Aberta da Terceira Idade, tendo à frente de sua coordenação Ecléa Bosi, psicóloga social, escritora e professora da universidade. Além de idealizadora, ela foi gestora da UnATI por mais de 20 anos. Desde o início, os frequentadores — que até hoje precisam ter mais de 60 anos para lá ingressar — compartilhavam disciplinas regulares da graduação com jovens universitários.

Em entrevista à Rádio USP, a professora Ecléa Bosi disse que objetivo maior do projeto era promover a troca de experiência entre o jovem e o idoso na busca de formação e aprimoramento constante para os mais velhos, fazendo-os adquirir novos conhecimentos.

Mais de 100 mil²⁸ idosos frequentaram as salas de aula na UnATI por meio da oferta de vagas em disciplinas de graduação. Atualmente, com a coordenação do médico e professor Egídio Lima Dórea, foi feita uma pequena alteração no nome da universidade, que passou a chamar-se USP Aberta à Terceira Idade (Uati); que, além das disciplinas regulares, passou a oferecer ao público sênior atividades físico-esportivas e didático-culturais que englobam cursos, palestras, *workshops* e excursões (USP, 2018).

As atividades físico-esportivas contemplam exercícios e atividades de autocuidado como: Respire Vida, Faça Pilates; Cuidados com Medicamentos, entre outras. As didático-culturais preveem atividades práticas e/ou operacionais, como:

²⁸ Informação extraída da sessão Datas, da *Revista Veja*, edição de julho de 2017, informando o falecimento da professora em 10 de julho.

“Idosos On-line: aprendendo na Rede”, “Oficinas que contam suas histórias: qual é a sua?” e “A arte de representar na Terceira Idade”, entre outras.

Os *workshops*, cursos e palestras possuem temas diversos, podendo ser oferecidos por todos os departamentos da universidade. Como exemplo, destaca-se a palestra “Mercado de trabalho para trabalhadores com 50 anos ou mais no Brasil: novos dados sobre os trabalhadores mais velhos”, idealizada pelo professor Wilson Aparecido Costa de Amorim, docente da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade.

As excursões são guiadas e exploram pontos considerados importantes da capital paulista ou do interior do estado, onde a universidade também possui outras unidades. Como exemplo, destaca-se as excursões mais recentes: “Observação noturna do céu”, no Parque CienTec, que permite observações astronômicas noturnas por meio da luneta Zeiss, construída na década de 1920, e a “Visita à exposição *Biodiversidade, conhecer para preservar*”, no Museu de Zoologia da USP.

Outro evento comum promovido pela Uati é o Dia do Calouro da Terceira Idade, quando a universidade oferece uma programação gratuita voltada ao público acima dos 60 anos, participante ou não das atividades do programa. Na última edição — que aconteceu no início do primeiro semestre de 2019 —, os participantes tiveram a chance de assistir a diversas palestras, conhecer um pouco mais sobre as mais de 340 atividades lá desenvolvidas, e, eventualmente, de se matricular em uma das 4.279 vagas disponibilizadas.

Em sua apresentação no *site*, o objetivo do programa passou a ser: oferecer oportunidades para uma aprendizagem contínua e acumulativa, gratuita e com a possibilidade de convívio intergeracional.

Para isso, a Uati espera ser possível: potencializar o crescimento individual do idoso, melhorar a sua qualidade de vida e a de suas relações, além de estimular sua participação social em diversas atividades — e, com isso, favorecer o rompimento das barreiras entre as mais diversas gerações, enfatizando o ganho a partir de trocas de experiências e do combate aos estereótipos e preconceitos contra os idosos. A Uati indica que a participação do idoso no Programa — com a promoção de sua autoestima; o resgate de sua cidadania; o incentivo à autonomia; independência e envelhecimento saudável (USP, 2019) — ajuda a dar um novo propósito a sua vida.

Não foram encontradas outras atividades com foco no empreendedorismo além da palestra sobre mercado de trabalho para os 50+, citada anteriormente.

No entanto, com o portfólio extenso e diverso, ficam claras as oportunidades geradas pela USP cujo objetivo é estimular o sênior a empreender na vida.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

A história da Universidade do Estado do Rio de Janeiro começou em 1950, com a fundação da Universidade do Distrito Federal (UDF). Cerca de 40 anos depois, em 1993, foi inaugurada a Universidade Aberta da Terceira Idade da (então) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, naquele momento oferecendo um programa destinado à população com idade mínima de 60 anos. Seu objetivo era ser um “centro de ensino, pesquisa, extensão, estudos, debates e assistência voltados para questões inerentes ao envelhecimento da população e formar especialistas nas áreas de Geriatria e Gerontologia” (UERJ, 2018).

O embrião da UnATi.UERJ começou com debates e trocas de experiências profissionais e institucionais promovidos pelo Projeto Núcleo de Atenção ao Idoso do Hospital Universitário Pedro Ernesto da UERJ, que se propunha a oferecer atenção integral à saúde do idoso, numa ação multiprofissional e interdisciplinar, entendendo o idoso como um ser humano integral e sua saúde inserida em um processo amplo de aprimoramento de qualidade de vida. O projeto iniciou suas atividades em 25 de agosto de 1993 como núcleo da Sub-Reitoria de Assuntos Comunitários da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, oferecendo atividades inteiramente gratuitas.

Sobre as ações para o público idoso, a UnATI.UERJ estabelece que o aluno pode se inscrever em até três oficinas/cursos, sem que isso o impeça de participar das atividades de curta duração abertas a todos, tais como *workshops*, palestras, solenidades e festas. Suas atividades são classificadas nos seguintes grupos temáticos: Educação para Saúde; Arte e Cultura; Conhecimentos Gerais e Línguas Estrangeiras; e Conhecimentos Específicos sobre a 3ª idade. Ao público idoso também são disponibilizados serviços universitários tais como o atendimento ambulatorial, coordenado pelo Hospital Pedro Ernesto, e o *Grupo Encontros com a Saúde*, fruto de uma parceria entre professores dos departamentos de Nutrição e Fisioterapia.

Visando a qualificação de Recursos Humanos na área de Geriatria e Gerontologia, também são disponibilizadas três atividades; são elas: os grupos de estudos pedagógicos, coordenados pela pedagoga e professora da instituição Célia Maria de Souza Sanches Vieira, cujo objetivo é conceituar e caracterizar o processo de aprendizagem, assim como discutir criticamente os aspectos psicológicos, políticos e psicossociais da educação; o curso de extensão de cuidadores,

destinado a orientar e informar acompanhantes e familiares de idosos; e o curso de especialização em Geriatria e Gerontologia, com o objetivo de qualificar profissionalmente integrantes dessas áreas sob a coordenação acadêmica do Professor Renato Veras.

Não foram encontradas atividades com o foco no empreendedorismo tal como ele se estabelece para a maioria das pessoas. Mas, seguindo as novas práticas empreendedoras, destacam-se duas atividades. A primeira chama-se “Projetos Solidários”, cuja intenção é transferir tecnologia social e permitir a integração universidade/sociedade, envolvendo a “participação cidadã de indivíduos da terceira idade, por meio de projetos em economia solidária e gestão social” (UERJ, 2019), atividade intimamente ligada às ideias do empreendedorismo social. A segunda chama-se “O prazer de ler e escrever na Terceira Idade”, e pretende “incentivar o gosto pela leitura e a escrita e proporcionar o acesso às obras da literatura brasileira e universal” (idem). A atividade pode estar relacionada à ideia de autoempreendedorismo e à oportunidade de se assumir “formas criativas, variadas e inovadoras de inserção”.

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

A fundação da UFMG ocorreu em 1927 e em 1993 foi institucionalizada sua UnATI. Para Marcella Guimarães Assis, Rosângela Corrêa Dias e Ruth Mysior Necha, autoras do capítulo “A Universidade para a terceira idade na construção da cidadania da pessoa idosa”, publicado no relatório do IPEA, diante “do hiato existente entre o conteúdo das leis” para a efetiva implementação das práticas universitárias para seniores, foram consideradas duas “experiências exitosas em Minas Gerais”. Uma delas foi a UnATI da UFMG, que se estabeleceu como “um projeto de extensão com os objetivos de: i) instrumentalizar a população idosa para um envelhecimento ativo e com qualidade de vida; e ii) capacitar recursos humanos” (ASSIS, DIAS & NECHA, 2016, p. 204).

Sua atuação está ligada a diversos departamentos e a oferta de ações são diversas e colocada à disposição dos interessados em uma única página²⁹ sobre extensão universitária, na qual são oferecidas na forma de *cursos*, *eventos* e *atividades*. Os *cursos* são as práticas expositivas de um determinado conteúdo — como “Geriatria Aplicada à Prática Clínica: uma mudança de paradigma” e “Curso de Qualificação em Nutrição Clínica” —; quanto aos *eventos*, eles são oferecidos na forma de seminários, congressos e encontros, como é o caso do “37º Encontro

²⁹ <http://www.cursoseeventos.ufmg.br/CAE/>

Anual Helena Antipoff”, do “3º Congresso Brasileiro de História da Psicologia” e do “IV Seminário Urbanismo e Urbanistas no Brasil”. As *atividades* sugerem práticas físicas tais como pilates e lutas.

O único ambiente virtual de exclusividade para os interessados e alunos da UnATI é uma página no Facebook³⁰ intitulada “Projeto Maioridade”, na qual a comunicação é mais direcionada e específica para esse público. No canal, informa-se que, atualmente, os eventos acontecem mensalmente com profissionais convidados pela equipe do projeto para pessoas a partir de 60 anos. Na página também há comunicados sobre atividades, bastidores de excursões, cobertura de eventos e dicas sobre saúde. As atividades têm como principais temas *saúde, alimentação e estímulos cognitivos, físicos e culturais*. Na página não se observa o oferecimento de qualquer prática de empreendedorismo sênior.

Sobre parceiros externos, foi possível perceber que, dentre as universidades observadas, somente a UFMG, em uma de suas edições, contou com um parceiro externo, a empresa de transportes e trânsito BHTrans³¹. É interessante salientar que a Universidade Aberta para a Terceira Idade da UFMG busca parcerias com outras instituições ou empresas com o intuito de aumentar o seu escopo de produção de atividades. Nesse sentido, e juntamente com a BHTrans, na ocasião, a universidade mineira abordou o tema do idoso no trânsito.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

Fundada em 1958, a PUC Minas começou a se dedicar aos seniores em 1990, quando foi criado o Núcleo de Apoio Institucional e Interdisciplinar à Terceira Idade (NAI 3a Idade). Logo depois, entre 1992 e 1996, o projeto Universidade para a Terceira Idade atuou no campus de Belo Horizonte, mas, tendo sofrido uma interrupção por oito anos, somente foi reiniciado em 2004, desta feita no Núcleo Universitário de Contagem e no de Betim, com a nova denominação de Universidade Aberta ao Idoso (Unai) e firmado pela universidade como um projeto de extensão universitária.

A PUC Minas tem uma política sobre a geração de projetos de extensão, o Projeto Pedagógico Institucional (PPI), que ressalta a Extensão Universitária como parte do fazer acadêmico. O Pró-reitor de Extensão da instituição, Prof. Wanderley Chieppe Felipe, esclarece que “trabalhos apenas ligados à realização

³⁰ https://www.facebook.com/pg/projetomaioridadeufmg/about/?ref=page_internal

³¹ Anúncio da atividade da UFMG em parceria com a BHTrans. Disponível em: <https://www.ufmg.br/on-line/arquivos/009037.shtml>

de cursos e conferências ou com a finalidade assistencialista ganham novos contornos”. Para ele, é preciso que esses projetos partam de “reflexões e estudos sobre a realidade regional e nacional”, uma vez que a extensão da universidade deve representar “a inserção no contexto socioeconômico, na política e na cultura do país”. O Prof. Wanderley ressalta ainda que “a ação educacional além-muros possibilita que mais pessoas aprendam o valor da igualdade, liberdade, autonomia, pluralidade, solidariedade e justiça, princípios adotados pela PUC Minas e refletidos nos seus projetos e programas extensionistas” (PUC Minas, 2018). Essa visão sobre a extensão justifica o fato de que o mesmo projeto com o mesmo público-alvo aconteça em unidades distintas, adequando-se a cada realidade local e a cada curso vínculo — a cada área do saber que deseja explorar a temática do projeto extensionista naquela unidade.

Como exemplo de projetos extensionista com foco no público sênior, podemos citar a aplicação do projeto Unai na unidade de Contagem, sob a gestão do departamento de Direito da unidade. Nesse projeto o tema dedicado ao sênior é “Saúde, Envelhecimento e Qualidade de Vida”, e seu objetivo é aprimorar a proposta educativa de educação permanente, que visa à permanência do idoso em seus mais diversos contextos, respeitado e participativo, com “saúde, autonomia, independência, ampliando seus conhecimentos e informações e, consequentemente, sua autoestima e realização” (PUC-MG, 2018). Por outro lado, a Unai da unidade de Betim tem como gestor das atividades promovidas o de Fisioterapia e tem por objetivo “promover a saúde e qualidade de vida dos idosos do Município de Betim e região” (idem). As ações do *PUC Mais Idade*, outro programa de extensão, também se difundiram por unidades da PUC-MG, sendo que variam com relação ao curso-vínculo e com relação à idade mínima de 50 e 55 anos para a participação de pessoas interessadas no programa.

Dentre as universidades que mudaram o nome da sua iniciativa voltada para o público idoso, destaca-se a PUC Minas, na qual a designação original de “Universidade para a Terceira Idade” foi alterada para “Universidade Aberta ao Idoso”. Possivelmente, esse foi o reflexo da mudança de postura diante de uma política extensionista mais integrativa em que, ao invés de se criar uma universidade nova para os idosos, se abra a instituição já existente para esse público, aproximando-o de seu cotidiano.

As ações da Universidade Aberta ao Idoso se dão por meio de encontros, aulas, palestras, oficinas, dinâmicas, projeção e discussão de filmes, entre outras. No entanto, o levantamento de dados feito sobre a PUC Minas não indicou atividades lá desenvolvidas que tivessem foco no empreendedorismo sênior.

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Fundada em 1941, o primeiro movimento da PUC-Rio junto ao público sênior aconteceu entre as décadas de 1960 e 1970. Naquela ocasião, foram criadas disciplinas e atividades que atraíram majoritariamente senhoras de meia-idade — provenientes de privilegiadas posições sociais — que desejavam ampliar seus conhecimentos sobre artes, cultura, atualidades e conhecimentos gerais.

Quase duas décadas depois, em 1991, o Padre Laércio Dias de Moura, reitor em exercício, convidou unidades e departamentos a colaborarem com “a viabilidade de implantação de um projeto de uma Universidade para a 3ª idade” (PUC-Rio, 1991), como indica uma comunicação interna arquivada junto a outros documentos da universidade, exposta a seguir. Documento na íntegra, encontra-se nos anexos.

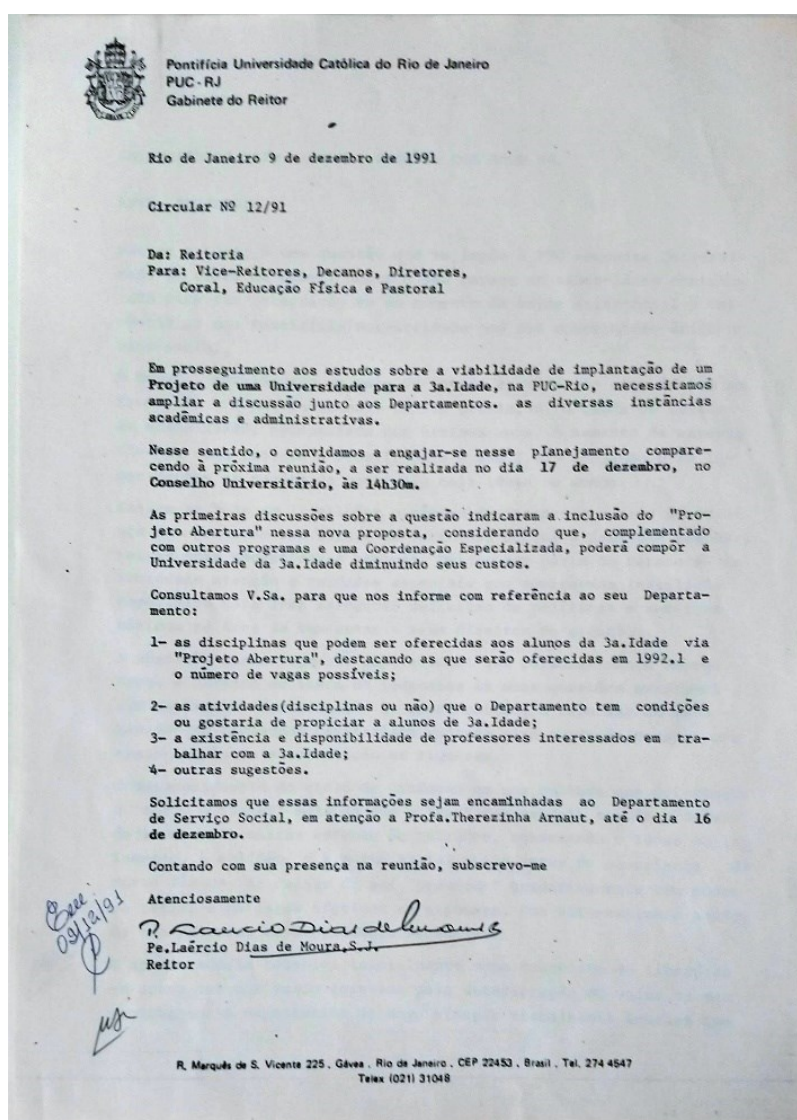


Figura 4: Movimento da PUC-Rio para implantação da universidade da terceira idade.

À época, em artigo no Jornal da PUC, a professora Teresa Negreiros reforçava o pedido de Pe. Laércio, argumentando que, diante do envelhecimento do país, a PUC deveria considerar ter a sua própria Universidade da Terceira Idade. Para ela, a nova ação deveria seguir “uma direção oposta ao estímulo de um novo mercado consumidor para idosos”, já que para “pacotes turísticos, serviços estéticos, assistencialistas, cursos descomprometidos, etc.” havia apelos suficientes. Sobre o papel da psicologia, Negreiros sugeriu apoiar o aluno sênior “a recriar um projeto de vida e a desenvolvê-lo”, alertando que, pelo “ato de aprender, [os alunos] poderão abrir caminhos, aprofundando conhecimentos sobre as próprias ações e emoções, coerências e incoerências, capacidade e limitações na solução de seus problemas” (JORNAL DA PUC, 1991).

No ano seguinte, em entrevista ao mesmo jornal, a Professora Therezinha Arnaut, do Departamento de Serviço Social, falou sobre a estruturação do programa Universidade da Terceira Idade da PUC-Rio, que, sob sua coordenação, iniciaria as atividades em abril de 1992. A expectativa era reunir pessoas de 40 a 80 anos, interessadas em se atualizar e ter uma participação mais ativa na sociedade, com o objetivo principal pautado na “reconstrução do projeto de vida de cada um”. O aluno se matricularia no programa que abrangia três períodos letivos e era composto por disciplinas dos departamentos de História e Sociologia e turmas de educação física. Além disso, o programa também oferecia palestras sobre Artes, Psicologia e alguns temas indicados pela Pastoral da universidade. Professora Therezinha Arnaut acrescentou que os departamentos de Comunicação e Geografia ofereceriam disciplinas regulares da graduação por meio do Projeto Abertura³², e grupos de reflexão também seriam disponibilizados aos alunos. Os participantes deveriam cumprir 32 créditos, divididos em três eixos: o integrador (12 créditos), no qual o aluno se descobre como pessoa; o central (12 créditos), com disciplinas livres, e o complementar (8 créditos), para aprofundamento teórico (idem, 1992).

O início da década de 1990 na PUC-Rio foi marcado por grandes ações com foco na terceira idade. Em 1992, houve um ciclo de seminários que marcou a implantação da Universidade da Terceira Idade da PUC, com a realização de

³² O Projeto Abertura oferece disciplinas regulares da graduação da PUC-Rio em forma de cursos de extensão para o público externo. Segundo matéria de Solange Asteggiano publicada em 1987 no Jornal da PUC, o Projeto é fruto da iniciativa da CCE que, nos anos de 1980, dedicou-se a observar essa prática, comum nas universidades estrangeiras, visando reproduzi-las na PUC-Rio. A atividade é mantida até hoje com o objetivo de “Proporcionar a obtenção de informações sobre diferentes áreas de conhecimento às pessoas que possuam o ensino médio completo, sem limite de idade e que não sejam alunas regulares da PUC-Rio. Estas, uma vez matriculadas, cursarão as disciplinas com os alunos regularmente matriculados na universidade” (PUC-Rio, 2018).

palestras para discutir os principais aspectos do programa (idem). O professor Charles Schewe — um especialista americano que até hoje relaciona *marketing* e envelhecimento — foi recebido no departamento de Administração para orientar três dissertações sob a responsabilidade do Professor Paulo Cesar Motta, com foco no consumidor mais velho (idem). Em 1993, o grupo NovIDADE — idealizado pela professora Teresa Creuza Negreiros — uniu, pela primeira vez, a teoria e a prática, com o objetivo de fazer com que pessoas com mais de 60 anos reconstituíssem seus projetos de vida, percebendo-se como agentes de mudança, e, além disso, com alto potencial crítico e criativo e preservando sua identidade (idem, 1993).

Desde então, o acervo do Jornal da PUC-Rio indica outras ações. Apesar da descontinuação da Universidade da Terceira Idade, o tema *envelhecimento* foi tratado em: fóruns; eventos de lançamento de livros — como os das Professoras Maria Helena Novas e Teresa Creuza Negreiros, ambas da Psicologia —; cursos da CCE, como o de “Informática para Terceira Idade”, a “Oficina do Aposentado Criativo” e o mais recente, e muito procurado, “Neuro Academia da Memória”, tendo todos eles acontecido em muitas edições; encontros sobre “O poder e o prazer da idade”, organizados pelo Professor Paulo Novas, do Núcleo de Memória da PUC-Rio, aconteceram em duas edições; o Encontro Intergeracional, promovido pelo NEAM e a Psicologia também foi marcante; um desfile de modelos da Terceira Idade foi organizado pela Pastoral da universidade para mostrar a beleza e a boa saúde da velhice e a última ação divulgada foi a Jornada da Psicologia, em 2005, organizada pela Professora Teresa Creuza, com o tema “O poder e o prazer da idade” — o mesmo dos encontros do Professor Paulo Noves.

Em 2014, a PUC-Rio retoma suas ações em prol do público sênior, criando o Programa *PUC-Rio mais de 50*, como resultado de um estudo³³ realizado no campo do Design; estudo aquele que se propôs a explorar o potencial da PUC-Rio para atender às demandas do público sênior. Por meio de pesquisa de cunho etnográfico realizado nas casas de idosos, foram levantadas demandas organizadas em cinco eixos temáticos: (1) Atualidades & Conhecimentos Gerais; (2) Arte, Cultura e Entretenimento; (3) Cultura Religiosa; (4) Oficinas Digitais; e (5) Revitalização Profissional. Na sequência, foram criadas atividades de educação continuada agrupadas pelos eixos temáticos. Desde então, registraram-se mais de 1.500 pessoas em cerca de 50 *workshops*, palestras e cursos administrados pela

³³ Dissertação de mestrado intitulada *Design & Envelhecimento: técnicas de identificação de demandas dos maiores de 60 anos*. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26732/26732.PDF>.

CCE e idealizados em colaboração com 22 professores de 15 Departamentos e unidades.

A seguir, apresentamos algumas das atividades lá promovidas.

Sob o domínio *Atualidades & Conhecimentos Gerais* foram oferecidos os cursos: Os Conflitos Atuais no Oriente Médio; Por uma história da amizade: possibilidades antigas e contemporâneas; Caminhos de Santiago de Compostela: história e relatos; Horta orgânica;

Relacionado as propostas de *Arte, cultura e entretenimento* os cursos disponibilizados foram: Conversando sobre Beatles: história e música; Bossa Nova de Bach a Baden; Madame Bovary: encontro com o diretor; Jazz: história e música.

Das propostas relacionadas a temática *Cultura religiosa* foram ofertados os seguintes cursos: doenças, curas e Medicina na perspectiva da Bíblia; Judaísmo, Cristianismo e Islamismo; Polêmicas religiosas da literatura contemporânea.

Em *Oficinas Digitais* foram disponibilizadas atividades para ensinar o sênior a lidar com: videochamadas por Skype; Oficina de fotografia digital; Projeto netos da PUC: orientações para uso do celular.

Sob a perspectiva mais empreendedora os cursos do domínio *Revitalização Profissional* foram: Exposição e comercialização de produtos: potencializando seu negócio; Tomada de decisão e xadrez; Oportunidades profissionais para maiores de 50; Economia Doméstica: primeiros passos para cuidados do seu dinheiro; Aprendendo a vender sua produção pessoal; e Facebook para empreendedores.

Além de atender às demandas identificadas em trabalho de campo, por meio de cursos e outras atividades acadêmicas, o programa *PUC-Rio mais de 50* também procurou integrar o público sênior às atividades e ao cotidiano da universidade. Nesse sentido, observou-se que muitos participantes do programa passaram a assistir palestras, defesas de teses e dissertações, seminários, como também a frequentar as bibliotecas, os refeitórios, o museu universitário, o Solar Grandjean de Montigny, as agências de banco e a passear pelos bosques do campus.

Considerações sobre as universidades brasileiras

Nas universidades observadas, verificou-se a predominância da biomédica como área norteadora das atividades de extensão, seja por meio da sua coordenação, seja pela influência dos temas predominantes nas atividades oferecidas.

Com a ampliação do conceito de extensão, algumas universidades mostram-se mais preparadas, especialmente no que tange ao envolvimento interde-

partamental e interinstitucional, trazendo benefícios não somente aos idosos atendidos, mas também a quem ao restante da comunidade universitária, bem como a sociedade como um todo.

Como resultado das parcerias interdepartamentais, destaca-se a intenção de promover o convívio intergeracional; o envolvimento da comunidade acadêmica com o sênior, incluindo também o corpo administrativo, levando todos os envolvidos a atuar em outros papéis; e a facilitação para se explorar outro público por parte de departamentos que precisam de públicos para as suas ações, sejam elas de pesquisa ou eventos, compreendendo que o sênior, antes de ser um 50+, 55+, 60+, é uma pessoa de interesses e vocações diversas.

Das parcerias externas, como já foi mencionado, a mais consolidada foi estabelecida entre a BHTRans e a UFMG, uma vez que relacionou interesses corporativos, universitários e o atendimento de demandas do público sênior. Outra parceria observada foi aquela que comunica para o sênior, como atividades externas que possam complementar o papel da universidade perante a sociedade no sentido de ela ser um ambiente de oportunidades e ferramentas para os seniores. Para esta última parceria, verificou-se que a universidade se voltou para a exploração de observatórios, museus, casas de espetáculos e bibliotecas públicas para realizar, em novos formatos, encontros, aulas e exposições para o novo público.

Apesar de ao longo de sua trajetória muitas das universidades apresentarem mudanças estruturais, organizacionais e de visão em relação ao público sênior, algumas ainda mantêm espaços físicos, cotidianos e procedimentos específicos para o sênior, os separando do restante da comunidade universitária, o que contraria a ideia de integração do sênior com a universidade. Há outras, no entanto, que apresentam exemplos de integração, sem que se estabeleça uma universidade paralela, estilo que caminha na direção do que propõe a nova Resolução nº 7 no sentido de aumentar a relação transformadora entre a universidade e a sociedade, fortalecendo o elo entre ensino, pesquisa e extensão.

Como foi exposto ao falarmos do público sênior no meio universitário, é comum atribuir as Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI) a responsabilidade dessa relação. No entanto, parece haver um movimento para o qual Tiago Ordonez³⁴ e Meire Cachioni³⁵ já chamavam atenção: para melhor atender o público sênior, por meio desses programas, é preciso considerar, que este desejava aumentar seu conhecimento, buscar aperfeiçoamento pessoal, saber mais para

³⁴ Gerontólogo e atual presidente da Associação Brasileira de Gerontologia (ABG).

³⁵ Professora de Gerontologia da Universidade de São Paulo (USP).

ajudar o próximo, aumentar o contato social e ocupar seu tempo de forma útil (ORDONEZ & COACHIONI, 2011). Os autores alertavam que as UnATIs deveriam promover, portanto, programas mais eficientes, respondendo adequadamente às expectativas de seus frequentadores, provendo atividades que favoreçam a criatividade, expressividade, participação social e qualidade de vida deles (idem).

3.2.2. No Mundo

As universidades internacionais, e seus respectivos programas, escolhidos para o levantamento de dados sobre ações extensionista para seniores foram: Massachusetts Institute of Technology (MIT) e o seu AgeLab; Stanford University e o seu Stanford Center on Longevity; e a Dublin City University (DCU) e seu programa Age Friendly University. Os critérios adotados para essa escolha foram: (1º) o fato de a universidade ter a nacionalidade de um dos 15 melhores países do mundo para envelhecer, de acordo com o *Global AgeWatch Index 2015*³⁶; (2º) estar entre as cinco melhores universidades do mundo, segundo o *QS World University Rankings 2019*³⁷; e (3º) considerar somente as universidades que efetivamente tivessem um programa voltado para o envelhecimento ou para a longevidade — programa esse representado por um centro, um laboratório ou uma unidade localizado dentro da universidade.

Os dados coletados foram similares aos das universidades brasileiras, e mais uma vez seu levantamento se pautou na exploração de informações disponibilizadas no *site* institucional de cada programa.

Massachusetts Institute of Technology (MIT)

A instituição, fundada em 1861 e seu *AgeLab* foi criado em 1999 pelo Professor Joseph F. Coughlin, docente no Departamento de Estudos Urbanos e Planejamento e autor do livro *The longevity economy [A economia da longevidade]*, como objetivo “inventar novas ideias e traduzir criativamente tecnologia em soluções práticas” que melhorem a saúde das pessoas e permitam que elas façam tudo o que desejarem ao longo da vida. Na elaboração do livro e em sua vivência

³⁶ O Índice *Global AgeWatch* foi desenvolvido e publicado pela *HelpAge International* a partir de dados internacionais do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, do Banco Mundial, da Organização Mundial da Saúde, da Organização Internacional do Trabalho, da UNESCO e da *Gallup World Poll*. Disponível em: <https://www.helpage.org/global-agewatch/>

³⁷ Esse *Ranking* classifica as 1.000 melhores universidades do mundo, considerando seis métricas: reputação acadêmica; reputação do empregador; proporção de docentes por alunos; citações por docentes; proporção de docentes internacionais e proporção de estudantes internacionais. Mais detalhes sobre a metodologia que embasa o *ranking* estão em: <https://www.topuniversities.com/qs-world-university-rankings/methodology>

à frente do AgeLab, Joseph F. Coughlin afirma que a longevidade requer um novo pensamento. Para isto, o laboratório aplica sistemas de investigação junto a consumidores, sistemas esses que os ajudem a revelar desafios e oportunidades inerentes aos “estilos de vida geracionais emergentes” para catalisar inovação (MIT, 2019).

As pesquisas científicas são a base do laboratório, que, para sua estruturação, aplicação e gerenciamento de resultados adotou temas e projetos centrados em: *Cuidado & Bem-estar*, com foco nos longevos e nos seus cuidadores; *Boa Saúde, Isolamento Social e Solidão*, destinado a reduzir o isolamento e a solidão por meio de atividades físicas; *Serviços Domésticos & Logística*, pesquisas que partem da ideia de que a casa, mais que um lugar para morar, é uma oportunidade de criar relações com novas tecnologias e serviços; *Planejamento da Aposentadoria e Longevidade*, que propõe explorar possibilidades inerentes às ressignificações da aposentadoria e da vida depois dos 65; e *Transportes e Comunidades de Habilitados*, que investiga a garantia do transporte pessoal e autônomo como uma chave para a independência, liberdade e engajamento das pessoas mais velhas.

No que diz respeito às pesquisas lá realizadas, é fundamental a participação dos seniores como contribuintes em cada um desses eixos temáticos, opinando ou participando de testes. E, além dos pesquisadores e dos colaboradores seniores, o AgeLab consegue integrar ao seu time de investigação diversas organizações, sejam elas propositoras de uma pesquisa — com base nas suas demandas — ou patrocinadoras. Segundo o Professor Coughlin, essa mistura de atores sociais tem aumentado a criação de ferramentas, métodos e de um conjunto de dados exclusivos e relevantes, que aproximam mais os integrantes do laboratório de soluções práticas e eficazes para o dia a dia dos que envelhecem.

Nas práticas de *extensão e comunidade* do AgeLab destaca-se o convívio dos seniores com a universidade, sendo que há quatro projetos nesse sentido: *ÓMEGA*, destinado a promover conexões multigeracionais entre alunos do ensino médio e adultos mais velhos; *Painel 85+ Líderes de Estilo de Vida*, no qual os 85+ são trazidos ao AgeLab para pesquisas e *workshops* interativos, ilustrando suas experiências e visões de mundo, e representando “uma geração que celebra e luta com a vida e a velhice avançada” (idem); *Estágio de Verão*, oferecido a estudantes de graduação que desejam melhorar a qualidade de vida de idosos e daqueles que se importam com eles por meio de suporte às pesquisas; e as *Reuni-*

ões *BostonBrige*, promovidas pela BostonBrige — uma associação de gerontólogos de Boston cujo objetivo é gerar aprendizado, cruzando diversos campos do saber à realidade dos mais velhos.

Stanford University

Stanford começou a atuar em 1885 e o seu *Satanford Longevity Center* foi fundado em 2007 pelos professores Laura Carstensen³⁸ e Thomas Rando³⁹. Até hoje adotada, a posição do Centro é prover um local de estudos sobre a longevidade e não sobre a velhice. Nesse sentido, seu objetivo é promover inovações e acelerar mudanças sociais e culturais acerca da longevidade. O trabalho do *Satanford Longevity Center* é guiado por três divisões: Mente, onde se desenvolvem pesquisas para manter a mente ativa e saudável; Mobilidade, que promove ações capazes de deixar o sênior fisicamente apto; e Segurança Financeira, cuja meta é criar meios para estimular o idoso a se sentir financeiramente seguro. Essas divisões trabalham essencialmente com pesquisas e cada uma possui um líder, um grupo de conselheiros — composto pelos docentes envolvidos —, e uma equipe de centro, dedicada à pesquisa em si, composta geralmente de pesquisadores e alunos de pós-graduação.

Pela experiência do Centro, os parceiros externos apoiam as intervenções da universidade na realidade social de uma população que envelhece e leva aos inéditos desafios da longevidade. Como exemplo, o *Longevity Center* pretende inspirar mudanças em grande escala, e, por isso, envolveu internamente mais de 150 professores, seus alunos e equipes de pesquisa. Externamente, envolveu líderes de indústrias capazes de distribuir produtos e serviços inovadores, que “ajudam a moldar o público” (STANFORD, 2019). O centro acredita que, por esse caminho, novas ideias poderão influenciar uma mudança cultural e até contribuir para a formulação de políticas dedicadas aos desafios e oportunidades das sociedades de vida longa. É com a interação de membros internos e externos que o Centro acredita na ligação de “mundos tipicamente desconectados” (idem). Por meio das colaborações, os envolvidos redesenham estilos de vida para que se possa usufruir de uma vida mais longa.

³⁸ Professora do Departamento de Psicologia e pesquisadora apoiada pelo Instituto Nacional de Envelhecimento dos EUA há 25 anos, autora de dois capítulos do elogiado livro *The upside of aging*.

³⁹ Professor de Neurologia e Ciências Neurológicas e diretor do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento e Reabilitação de Excelência no Sistema de Cuidados de Saúde Palo Alto dos Veteranos. Dentre suas especializações, destacam-se os estudos de células-tronco para tecidos no envelhecimento e na doença.

Para manter a conexão com universidade e sociedade, o Centro trabalha com dois projetos: *The Sightlines Project* e *The Design Challenge*.

O *Sightlines* é um projeto mantido há mais de 20 anos. Trata-se de uma investigação contínua envolvendo 1,2 milhão de americanos como objetos da pesquisa e que, por meio de acompanhamento, estuda o modo como eles lidam com as recomendações de especialistas para conseguirem uma vida saudável, segurança financeira e engajada socialmente. A intenção é intervir e fomentar o debate sobre condições ideais para que se viva com qualidade além dos 100 anos.

O *Design Challenge* acontece desde 2013 e reúne líderes de empresas para garantir um desafio global, no qual os alunos projetem produtos e serviços para melhorar o bem-estar ao longo da vida das pessoas. No centro, cada ano há uma temática, novas regras e objetivos a serem atendidos. Na última edição, lançada em 2018, o tema foi “Contribuindo em cada era: Design para Impacto Intergeracional”. Os finalistas foram preparados por mentores para apresentar protótipos. O grupo vencedor terá à disposição US\$ 17.000 dólares como incentivo para que os projetos se tornem realidade.

Dublin City University (DCU)

Fundada em 1975, a universidade começou a tratar do tema *envelhecimento* em 2012, por meio de um Conselho Consultivo Externo composto por uma equipe Multidisciplinar, o que resultou na rede *Age Friendly University* (AFU). A AFU era presidida pelo Professor Brian MacCraith, também presidente da Universidade. Em 2014, a DCU passou a ter sua própria Universidade Amiga do Idoso com a coordenação da Professora Christine O’Kelly. Desde os seus primeiros dias de atuação, antes mesmo de ser uma Universidade Amiga do Idoso, as ações da DCU mantêm o objetivo de “ampliar o acesso ao ensino superior, e isso inclui melhorar a vida dos membros mais velhos de nossa comunidade por meio de programas educacionais inovadores, pesquisa e engajamento cívico” (DCU, 2019).

Em entrevista à jornalista Mariza Tavares⁴⁰, a professora O’Kelly esclareceu que, por meio de um grupo multidisciplinar, criam-se cursos, procurando respeitar o interesse dos mais velhos, que vão de religião a direito, de negócios a desenvolvimento humano. O’Kelly apresentou, ainda, duas razões que contribuíram para a criação de uma Universidade Amiga do Idoso: a primeira está relacionada

⁴⁰ Jornalista responsável pelo o blog “Longevidade: modo de usar”, Mariza Tavares foi apresentadora do programa de rádio *CBN 50 mais*, ambos vinculados ao grupo Globo.

aos indicadores demográficos de onde se prega a predominância de uma população mundial mais envelhecida e a segunda contribui para maximizar as oportunidades e minimizar os desafios do envelhecimento.

A Universidade Amiga do Idoso da DCU recebe em média 2 mil idosos por ano — pessoas que fazem algum tipo de atividade na universidade em mais de 50 módulos de estudos. O’Kelly informa que os cursos mais populares estão relacionados à Psicologia, Literatura e História. Embora não tenha criado métodos para medir os impactos da iniciativa, a professora afirma que os participantes se sentem mais ativos, mental e fisicamente, e beneficiados com a redução do isolamento e com a criação de novas amizades. Sobre a pesquisa que realizou em 2008, a professora constatou que engajar idosos para a criação de produtos para eles mesmos garantiu-lhes numerosos benefícios, inclusive o de fortalecimento das relações intergeracionais na universidade.

Destaca-se que, para esta tese, e mesmo não estando entre as cinco melhores universidades do mundo, a DCU foi considerada pela sua relação estreita com a Age Friendly University, uma rede global, que por meio dos seus dez princípios apoia a adequação de universidades para que sejam “amigas dos idosos”. Esses princípios serão tratados no item a seguir.

Considerações sobre as universidades estrangeiras

A relação entre seniores, universidade e entidades públicas ou privadas parece ser a base para o atendimento a demandas dos seniores e um estímulo a práticas universitárias que visem ações e interações para além das publicações científicas.

Tanto nas esferas governamentais quanto nas corporativas, os parceiros externos são beneficiários de novas fontes, o que os ajuda a compreender melhor a importância de dedicar atenção ao público sênior e da aproximação das universidades, entendidas estas como provedoras de produtos e serviços sociais.

Observa-se que o envelhecimento populacional nas práticas dessas universidades não só é uma questão de urgência, mas de prevenção, com foco na inovação social. É o caso da Universidade da Cidade de Dublin, que ainda mantém uma população jovem, mas antecipa o olhar para seus seniores.

Por meio dessas intervenções, as universidades sustentam novas possibilidades de lidar com a velhice, especialmente no que tange à longevidade, termo que aparece com frequência nos seus *sites*.

Realizado em 2002 pelo Instituto Li Ka Shing de Educação Profissional e Continuada (LiPACE)⁴¹ da Universidade Aberta de Hong Kong, para a Secretaria de Saúde e Bem-estar de Hong Kong (H.K.S.A.R.)⁴², o estudo teve como objetivo comparar atividades universitárias para pessoas idosas desenvolvidas no Reino Unido, nos Estados Unidos, na Finlândia e na China. Naquela ocasião, quando todos esses países tinham grande representação de idosos nas suas populações, o estudo indicava que as universidades podem ser agentes promotoras do envelhecimento ativo, contribuindo, inclusive, para o desenvolvimento de políticas públicas, e que as relações mais produtivas entre universidades e seniores devem constituir um movimento urgente, visando não só o benefício do idoso, mas de toda sociedade (LIPACE, 2002).

3.3.

Diretrizes e princípios relacionados às ações de extensão universitária para o público sênior

Recuperando o texto da Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, publicada pelo MEC, destaca-se claramente o fato de que as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira indicam que as práticas extensionistas passarão a ter relação mais estreita com o ensino e a pesquisa, pressupondo ajustes e novos procedimentos.

A condição de uma relação mais forte com o ensino está no artigo 4º, ao indicar que as atividades extensionistas deverão “compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos”; com a pesquisa, sugere-se que “as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira também podem ser direcionadas aos cursos superiores de pós-graduação, conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição de educação superior” (idem).

Sobre as considerações feitas no artigo 7º, a resolução complementa o conceito de extensão indicando que as atividades dessa natureza são consideradas como “intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante”. Esclarece, ainda, no artigo 8º que, segundo sua caracterização, elas “se inserem nas seguintes modalidades: I - programas; II - projetos; III - cursos e oficinas; IV - eventos; V - prestação de serviços” (idem, p. 2).

⁴¹ Li Ka Shing Institute of Professional and Continuing Education of the Open University of Hong Kong.

⁴² Health and Welfare Bureau, the H.K.S.A.R.

Diante dessas e outras adequações, no seu 5º artigo a Resolução define o que estrutura “a concepção e a prática das Diretrizes da Extensão na Educação Superior”:

I- a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social;

II- a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular;

III- a produção de mudanças na própria instituição superior e nos demais setores da sociedade, a partir da construção e aplicação de conhecimentos, bem como por outras atividades acadêmicas e sociais;

IV- a articulação entre ensino/extensão/pesquisa, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico (idem).

Em meio a tantas considerações que afetam direta e indiretamente o desempenho, a estruturação e as práticas das atividades extensionistas, os novos caminhos a serem criados na universidade para o empreendedor 50+ devem contemplar as sugestões dessa Resolução. No entanto, por se tratar de uma frente da universidade, que não específica ao público sênior e que ainda se vale das práticas de autogestão e autoavaliação, é preciso considerar princípios norteadores mais condizentes com a realidade do público 50+.

Da mesma forma, na realidade brasileira, como se sabe, as UnATIs estão diretamente relacionadas à extensão universitária autônoma, que muitas vezes leva a diversos conceitos, práticas e objetivos desses programas. Soma-se a isso a falta de uma definição direta do que vem a ser uma UnATI.

Legalmente, a UnATI é mencionada na Política Nacional do Idoso (PNI) no artigo 10º, III, alínea “f”, quando refere as competências dos órgãos e entidades públicas “à criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber” (PNI, 1994). No Estatuto do Idoso, no artigo 25º, aqui já mencionado, fica assegurado por lei que as IES “ofertarão às pessoas idosas, na perspectiva da educação ao longo da vida, cursos e programas de extensão, presenciais ou a distância, constituídos por atividades formais e não formais” (BRASIL, 2017). Em seu *site*, a Associação Brasileira das UnATIs (ABRUNATI) tampouco define o que vem ser esse tipo de universidade.

Em resumo, embora se tenha tornado público e legal o modo como se deve direcionar a extensão universitária, não há diretrizes para como adaptá-la à realidade do público sênior. Por isso, cabe ainda um olhar para as particularidades

desse público que, apesar de tão diverso, tem preferências e vocações compartilhadas, inclusive, com os mais jovens. Nesse sentido, para que o Design possa considerar a geração de serviços de extensão universitária, foram levados em conta os princípios da “Universidade Amiga do Idoso”. Como exposto, a *Age Friendly University* (AFU) é uma rede internacional, que atualmente conta com 45 instituições amigas dos idosos espalhadas pela Europa, América do Norte, Sudeste da Ásia e Austrália.

Por meio de suas ações, a AFU busca oferecer às instituições afiliadas o aprendizado sobre iniciativas emergentes “amigas do idoso”, como também contribuir para um “movimento educacional de benefício social, pessoal e econômico para estudantes de todas as idades e instituições de ensino superior” (AFU, 2019). Nesse sentido, em 2012, quando a rede foi criada, o então primeiro-ministro irlandês Enda Kenny elencou os dez princípios da AFU para que as instituições afiliadas sigam e sejam reconhecidas como universidade amiga do idoso. Os princípios da rede são:

1. Encorajar a participação de adultos mais velhos em todas as atividades centrais da universidade, incluindo programas educacionais e de pesquisa.
2. Promover o desenvolvimento pessoal e profissional na segunda metade da vida e apoiar aqueles que desejam seguir carreiras secundárias.
3. Reconhecer o leque de necessidades educacionais de idosos (daqueles que abandonaram a escola precocemente até aqueles que desejam obter qualificações de mestrado ou doutorado).
4. Promover a aprendizagem intergeracional para facilitar o compartilhamento recíproco de conhecimentos entre alunos de todas as idades.
5. Ampliar o acesso a oportunidades educacionais *on-line* para seniores, visando garantir uma diversidade de caminhos para sua participação.
6. Assegurar que as pesquisas da universidade sejam informadas pelas necessidades de uma sociedade em envelhecimento e promover o discurso público sobre como o ensino superior pode responder melhor aos variados interesses e necessidades dos idosos.
7. Aumentar a compreensão dos estudantes sobre a longevidade e a crescente complexidade e riqueza que o envelhecimento traz à nossa sociedade.
8. Melhorar o acesso de adultos mais velhos a programas de saúde e bem-estar da universidade e suas atividades artísticas e culturais.
9. Envolver-se ativamente com a comunidade aposentada da universidade.
10. Assegurar o diálogo regular com organizações que representam os interesses do envelhecimento da população. (AFU, 2019)

No âmbito desta tese, somados às novas diretrizes da extensão, esses princípios parecem estar em consonância com formas de atender as demandas do velho da atualidade. Em se tratando de um público com intenções e vocações empreendedoras, é possível vislumbrar muitas possibilidades de estender a ele um aprendizado ao longo da vida. Isso porque, assim como são oferecidas ferramentas e oportunidades para formar o jovem e assistir ao idoso, a universidade

— por sua extensão, que constrói a ponte entre ela e a sociedade — pode apoiar os novos caminhos para o empreendedor 50+.

Portanto, fica cada vez mais assegurada à universidade a condição de ela ser um ambiente propício para se envelhecer ativamente, garantindo longevidade com qualidade.

3.4.

Considerações parciais: universidade como possível lugar para atender demandas dos 50+

A partir do que até aqui foi exposto, há estreitas conexões entre as determinações de “viver com qualidade” e “ter um projeto de vida”.

Podemos afirmar, então, que um dos caminhos para se manter a qualidade de vida depois dos 50 anos é ter um projeto de vida, qualquer que tenha sido a relação desse público diverso e crescente com o mundo formal de trabalho.

Observou-se, ainda, que *ter* um projeto de vida não é sinônimo *de* nem é o suficiente para se *realizar* um projeto de vida. Em grande parte das vezes, para que um projeto de vida seja realizado, é crucial, também, que existam ferramentas e oportunidades que permitam realizá-lo, além de motivação e determinação, entre outros aspectos de natureza pessoal.

Nesse sentido, podemos afirmar que a realização de projetos de vida e a decorrente qualidade de vida após os 50 anos se sustentam no ato de empreender e, conseqüentemente, na busca de oportunidades e ferramentas que permitam realizá-los.

Como afirma Ezio Manzini, o Design pode “dar às pessoas ferramentas para orientar seus próprios projetos de vida” (MANZINI, 2017, p. 138). O autor chega a essa constatação ao reconhecer que dentro do campo de possibilidades no qual as pessoas definem seus projetos de vida, a determinante é *o contexto em que elas se encontram*.

Manzini ensina que o Design pode contribuir para que esse contexto seja um ecossistema provável para “comportamentos ativos, colaborativos e sustentáveis” (idem, p. 137), tornando visível o estado das coisas, e fazendo com que as pessoas envolvidas em uma ação projetual possam interpretar as oportunidades a partir do seu próprio ponto de vista (idem).

Pode-se afirmar, portanto, que, além de ferramentas, também é possível criar oportunidades no ambiente universitário ao longo da extensão universitária, condicionando a universidade a um contexto passível de comportamentos ativos, colaborativos e sustentáveis dos empreendedores 50+.

4.

PICT Sênior: uma ação projetual de extensão universitária

Este capítulo apresenta o processo de concepção do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior (PICT Sênior), conduzido pelas práticas de Design de Serviços defendidas no livro *Isto é Design Thinking de Serviços*. O livro foi organizado e escrito pelos designers Marc Stickdorn e Jakob Schneider (2014), com participação de outros colegas. A vasta experiência dos autores na geração de serviços lhes permitiu apresentar nessa obra fundamentos, ferramentas e casos do Design de Serviços contemporâneo.

O processo ensinado por eles para a criação de um serviço tem quatro fases: *explorar, criar, refletir e implementar*, cada uma com suas considerações específicas — por isso, primeiramente, essas fases serão descritas aqui e, na sequência, associadas à realidade de criação do PICT Sênior, cujo embasamento teórico recebe o endosso de outros autores do Design. Enzo Manzini (2017), por exemplo, reforça a prática com sua proposta de unir o *design difuso* — definição para o ato de projetar daqueles que geram soluções mesmo sem formação em Design — e o *design especializado* — no qual a formação em Design contribui para gerar uma solução. Manzini indica ainda que essa união sustenta a inovação social, propósito do PICT Sênior ao contribuir para o envelhecimento ativo via universidade.

Seguindo as recomendações de Stickdorn e Schneider, outras intervenções e práticas metodológicas ao longo do processo de Design de Serviços são pertinentes. No processo do PICT Sênior foram aplicadas a observação participante, entrevistas, análise de avaliações de final de curso e reuniões de *brainstorming*. Os autores recomendam, ainda, que em cada fase é preciso envolver pessoas que de alguma forma fazem parte do serviço — a elas nos referimos como “usuários/clientes; prestador do serviço; *stakeholders* e designer de serviços” (idem, p.37).

Neste capítulo, portanto, no item 4.1 são descritas as fases *explorar, criar, refletir e implementar*; no 4.2; apresenta-se como cada uma dessas fases foi aplicada para o desenvolvimento do PICT Sênior e o papel dos envolvidos; e no item 4.3 são feitas considerações sobre em que estado o serviço seguiu para a incorporação de um segundo método antes de ser feito um segundo protótipo. Esse segundo método foi intitulado “Pesquisa Projeto de Vida”, e ele nos levou a recorrer à Psicologia Social para ouvir mais seniores e saber o que eles pensam a respeito do termo *projeto de vida*.

4.1.

O método para o processo de Design de Serviços

Marc Stickdorn, Jakob Shneideros e os colaboradores do livro *Isto é Design Thinking de Serviços* ampliam o nosso conhecimento sobre o Design de Serviços referindo-se a ele como um “processo de design e não o resultado final” (STICKDORN & SCHNEIDER, 2014, p. 16). Os autores argumentam que o Design de Serviços é “uma abordagem dinâmica [que] requer uma abordagem dinâmica” — e que, por não haver uma definição comum para descrevê-lo, os autores procuram “propor uma linguagem comum do Design de Serviços” (idem, p. 36). Ainda sobre o argumento de que não existe uma única definição para Design de Serviços, “em vez de definir a disciplina, este livro delimita o modo de pensar necessário para o design de serviço” (idem). Nesse sentido, Stickdorn apresenta cinco princípios-base para a criação de um serviço, que, segundo ele, deve ser: (1) centrado no usuário, que idealiza e testa o serviço com o olhar do seu potencial receptor; (2) cocriativo, que sugere a inclusão dos *stakeholders* na geração de um serviço; (3) sequencial, que prevê o encadeamento de ações típicas da estrutura do serviço; (4) evidente, que defende a tangibilização do serviço com uso de artefatos; e (5) holístico, que considera todo o ambiente do serviço, seja ele físico ou virtual.

Os autores tampouco não apresentam o processo do Design de Serviços como algo sequencial e previsível, sendo que a sua proposta — de *explorar, criar, refletir e implementar* — conduz a um movimento contínuo, peculiar e até de recomeço do processo de design, inerente a cada ação projetual. Stickdorn afirma que o processo do Design de Serviços proposto “é tão somente uma estrutura geral, e não deve ser considerado como um manual de instruções linear e prescritivo”, podendo ser traduzido em uma “forma bastante básica de abordar a estrutura de um processo de design” (idem, p. 128). O autor (2014) indica, ainda, que o crescimento e o desenvolvimento da ideia de *Design Thinking de Serviços* estão no jeito peculiar de projetar — um jeito que leva em consideração os usuários, o ambiente e o objeto como resultado que se pretende prover, amparados pelas técnicas do Design Thinking.

Responsável pela tradução e apresentação da edição brasileira do livro, a professora Clarissa Biolcini acrescenta que o Design Thinking é uma metodologia a “ser utilizada para criar ou remodelar serviços, rever conceitos e formas de se relacionar com eles, ou ainda gerar inovação e melhorias em serviços existentes” (BIOLCHINI, 2014, p.13).

Num ensaio intitulado *Rethinking Design Thinking*, Donald Norman —reconhecido por suas publicações sobre Design Emocional — passou a escrever para

a *Core77.com*⁴³. Em um de seus ensaios, ele volta atrás no que diz respeito à primeira má impressão que teve sobre “esse Design”, afirmando que, de uma forma ou de outra, o *Design Thinking* é praticado por todos os grandes pensadores, sendo que a diferença é que no Design há uma tentativa de ensiná-lo como um método sistemático de inovação criativa que define a prática do designer.

Considerando as quatro fases do processo de Design de Serviços, os itens a seguir apresentam as premissas de cada uma delas.

4.1.1.

A fase de exploração

Esta fase tem como objetivo conhecer a fundo tanto o promotor como o receptor do serviço. Para isso, três tarefas são levadas em consideração (STICKDORN, 2014, p. 130).

A primeira é a apropriação do problema sob a ótica organizacional, considerando cultura, metas e processos do provedor do serviço e a maneira como a empresa enxerga a situação. A segunda tarefa é assimilar a perspectiva do usuário diante do problema — traçar um panorama geral da situação, relacionando a ótica dos usuários às condições da organização promotora da solução. Assim, a relação usuário, receptor e organização promotora do serviço deve ser acompanhada de um entendimento progressivo sobre as motivações que embasam os comportamentos dos usuários. Finalmente, a terceira tarefa prediz que, ainda que de maneira subjacente, os dados gerados devem apoiar os primeiros traços do serviço.

Portanto, uma vez entendida a maneira como a empresa vê o problema e como o designer pode “articular o problema organizacional a partir da perspectiva do cliente” (1ª tarefa); com “vasta coleção de métodos e ferramentas de diversas disciplinas para explorar e entender o comportamento e a mentalidade de todas as pessoas envolvidas”; (2ª tarefa) e compartilhando os dados com os stakeholders, visando a possibilidade de “alterar os aspectos e proposição do serviço” (3ª tarefa), o processo pode seguir para a próxima fase (idem).

4.1.2.

A fase de criação

Ligada à anterior, a fase de **criação** tem o objetivo de “gerar e desenvolver soluções com base nos problemas identificados e nos *insights* em profundidade que foram gerados durante a etapa exploratória” (Stickdorn, 2014, p. 132).

⁴³ Site para designers, que disponibiliza conteúdos, eventos e oportunidades profissionais para estudantes e profissionais da área.

Como ocorre na exploração, na fase de criação também há muitas interações que se dedicam a realizar repetidos testes de ideias e conceitos que se espera imprimir. Stickdorn afirma que “o custo de uma interação adicional durante a fase de design do conceito é desprezível se comparado ao custo de falhas no conceito após o lançamento” (idem), e, por isso, defende que para se obter soluções abrangentes e viáveis “é crucial incluir todos os principais *stakeholders* e trabalhar com equipes interdisciplinares compostas por usuários” (idem, 133) — fase em que o princípio “centrado no usuário” é premissa para “cocriar soluções que levem em consideração toda sequência de pontos de contato, gerem evidências e criem conceitos holísticos” (idem).

4.1.3.

A fase de reflexão

A fase de **reflexão** pressupõe uma sequência de ações para testar o serviço e revisar os primeiros experimentos realizados, prevendo ajustes e remodelagens de novos protótipos. Stickdorn alerta para o fato de que testar serviços é mais complexo do que testar “produtos físicos”. E, apesar de os protótipos de serviços utilizarem a mesma abordagem interativa de teste e reteste, o autor alerta que “a aplicação de técnicas de prototipagem no desenvolvimento de serviços intangíveis requer métodos distintos daqueles na prototipagem de design de produtos” (STICKDORN, 2014, p. 134).

O autor ensina que o desafio a ser enfrentado está na intangibilidade: para que o usuário possa testar e avaliar a proposta de um serviço, é preciso que ele tenha uma “imagem mental do conceito do futuro serviço” e que sejam considerados os aspectos emocionais gerados pelo serviço (idem).

Diante do desafio da intangibilidade, do despertar emocional do usuário e de validar os conceitos do serviço, o Design Thinking de Serviços pode contribuir com diferentes abordagens metodológicas no contexto real de uso do serviço, ou “em circunstâncias próximas da realidade” do serviço. Por isso, a vivência junto ao *PUC-Rio mais de 50* já tinha proporcionado parte dos subsídios necessários para essa fase.

4.1.4.

A fase de implementação

A fase de **implementação** diz respeito ao momento de institucionalizar, normatizar e preparar o serviço para o seu lançamento, o que significa dizer que “a implementação de novos conceitos de serviço requer necessariamente um processo de mudança” (STICKDORN, 2014, p. 136).

Gerir mudanças é um dos princípios básicos dessa fase. “A sequência básica do planejamento de mudanças, implementação de mudanças e análise de mudanças é uma diretriz simples e fácil” (idem). No entanto, aquilo que for modificado deve estar pautado “em um conceito de serviço coerente, formulado e testado durante as etapas anteriores”. A ampla comunicação deste conceito deve considerar “os aspectos emocionais de um serviço — a experiência do usuário desejada” (idem).

Nesse conjunto de ações para gerir as mudanças e comunicar o serviço é preciso prever que os funcionários da empresa que o promovem sejam tão importantes quanto os usuários que viveram a experiência com ele. Considerar a motivação e o engajamento dessas pessoas também é de suma importância, afinal eles é que irão ajustar o serviço para que ele seja efetivamente implantado ou retestado.

Stickdorn complementa ser ideal que “a implementação de mudanças seja seguida por uma ação exploratória posterior, com objetivo de avaliar seu progresso” (idem, p. 137).

4.2.

A aplicação do método para criação do PICT Sênior

O PICT Sênior a partir do potencial da PUC-Rio em atender demandas impostas pelo crescente e irreversível envelhecimento da população brasileira. A iniciativa teve como base o Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC) e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI), lançados como uma modalidade de Iniciação Científica no final de década de 1980, e geridos pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq⁴⁴) (CNPq, 2014).

Ainda no primeiro protótipo, foi formalizada a institucionalização do PICT Sênior como um programa de extensão universitária, cujo intuito é integrar o público com mais de 50 anos à vida acadêmica para além dos formatos de cursos, *workshops* e palestras, explorando serviços universitários existentes dedicados aos jovens.

O projeto piloto, descrito fase por fase a seguir, teve início com o oferecimento de seis vagas para maiores de 50 anos, visando sua participação em projetos de pesquisa com a orientação de professores pesquisadores de cinco departamentos e unidades da PUC-Rio. O projeto teve a duração de um ano e foi

⁴⁴ O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é uma agência do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e tem como principais atribuições fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros.

norteado pelas normas dos programas PIBIC e PIBITI da Coordenação dos Programas de Iniciação Científica da PUC-Rio.

Seguindo as orientações de Stickdorn (2014), cabe compreender como cada fase do processo de Design de Serviços foi dando forma ao PICT Sênior.

4.2.1.

Exploração: compreendendo as potencialidades da PUC-Rio e dos seus usuários 50+

Considerando que na **exploração** o importante é conhecer a fundo tanto o promotor quanto o receptor do serviço — ou seja, a PUC-Rio e o empreendedor 50+ — para depois esboçar o serviço, foram realizadas três tarefas nesta fase.

A **primeira tarefa** — apropriação do problema sob o ponto de vista organizacional — teve como providência inicial substituir o termo *problema* por *oportunidade*.

Brevemente apresentado no capítulo anterior, o programa *PUC-Rio mais 50* demonstrou o potencial da universidade frente aos desafios e, especialmente, às oportunidades advindas do envelhecimento populacional. Mais do que fornecer subsídios para a origem do PICT Sênior, o programa serviu como fundamento e base prática (e viva) para a sua construção, manutenção e desdobramento em outros serviços extensionistas.

É possível dizer que, ao entender mais sobre o empreendedor 50+ e sobre como as universidades vinham se relacionando com o público sênior, dedicamos um olhar atento ao projeto que já existia na PUC-Rio, pois nos pareceu oportuno considerar como viáveis serviços já existentes, dedicados a jovens universitários, que poderiam facilmente ser adaptados ao conceito de extensão e destinados aos empreendedores 50+.

Dentre os serviços, destacam-se os seguintes:

- *Incubação de Negócios no Instituto Gênesis*⁴⁵ da PUC-Rio: ação destinada a apoiar a implementação e gestão de empresas sociais, por meio do processo de incubação. Esse processo prevê um conjunto de indicadores que auxiliam no acompanhamento do desenvolvimento dos empreendimentos apoiados.

⁴⁵ O Instituto Gênesis é uma unidade complementar da PUC-Rio, com o objetivo de transferir conhecimento da universidade para a sociedade por meio da formação de empreendedores e da geração de empreendimentos inovadores de sucesso, contribuindo assim para a inclusão social, a preservação da cultura nacional e a melhoria da qualidade de vida da região. Disponível em: <http://www.genesis.puc-rio.br/equipe>.

- “*WorkChopp*” *Gênesis*: evento no estilo *happy hour*, que acontece regularmente entre empreendedores que possuem projetos de negócios incubados no Instituto Gênesis para uma troca de experiências e em busca da oportunidade de estabelecer *networking* entre os participantes de forma descontraída.
- *Ações Sociais do Respuc*: esta é a Rede de Empreendimentos Sociais da PUC-Rio com foco em projetos criados, desenvolvidos e mantidos na universidade para: trocar experiências e conhecimentos; potencializar o impacto social; estabelecer um canal de diálogo com a sociedade; incentivar o compromisso social e a solidariedade na comunidade PUC-Rio; contribuir com a formação do profissional cidadão; e estimular práticas sociais articuladas com a realidade local.
- *Atividades Socioambientais do NIMA*: o Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente da PUC-Rio promove ações que, por meio da ciência e da educação, contribuem para o desenvolvimento sustentável, visando estabelecer a interação entre a Universidade e o meio, e entre sociedade e natureza. Como exemplo podem-se citar: a “Semana do Meio Ambiente”, repleta de atividades, e a “Jornada Ecológica”, voltada para alunos da rede municipal de ensino, atividade que fomenta a educação ambiental no campus.
- *Cursos, Palestras e Eventos da CCE*: Desenvolvidos por professores especialistas que expõem e esclarecem ao público presente, questões inerentes a temas atuais.

Além dessas atividades, observamos que *Programas de Iniciação à Pesquisa* — tais como *PIBIC* e *PIBITI* — também possuem características que os aproximavam do público frequentador do *PUC-Rio mais de 50*.

Com isso, ampliou-se o conhecimento sobre como pode ser a atuação da PUC-Rio enquanto provedora de serviços destinados ao 50+, um novo grupo de usuários que pode ter suas demandas atendidas com serviços universitários existentes. Aparentemente, as formas de autoempreendedorismo com foco em projetos de vida seriam possíveis estabelecendo novas relações entre este público e o meio universitário, via extensão.

A **segunda tarefa** — relacionar a ótica dos usuários às condições da organização promotora, entendendo as motivações que embasam os comportamentos dos usuários — exigiu um olhar atento para o que já havia sido vivido na PUC-Rio

com o público 50+, um público potencialmente empreendedor. Era necessário verificar se as potencialidades da universidade apontadas na tarefa anterior cruzavam com motivações dos usuários.

Além de frequentar o campus e as atividades do *PUC-Rio mais de 50*, seus participantes passaram a demandar novas atividades, o que se deu por meio de avaliações e de conversas que se deram dentro e fora das salas de aula, o que por fim os tornaram coautores espontâneos do programa. Consequentemente, a “escuta” sobre a experiência dos participantes passou a ser a força motriz para ajustes de domínios⁴⁶, formatos e objetivos do Programa e para ampliar a percepção do público 50+.

Neste ponto é importante destacar a observação participante como uma técnica de cunho qualitativo que apoia investigações destinadas a explorar certas realidades, o que “implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos” (VALLADARES, 2007, p. 153). Mas, além de o programa aderir ao método de observação participante, foram consideradas as avaliações de satisfação, aplicadas ao final de todas as atividades do programa, como de costume é feito pela CCE (algumas avaliações podem ser observadas nos anexos).

A soma dessas intervenções metodológicas resultou, por exemplo, no desdobramento do domínio “Revitalização Profissional” em dois: “Empreendedorismo” e “Educação Financeira”, sendo o empreendedorismo um importante tema a ser ampliado e difundido para atender as demandas do público 50+.

Nos cursos, *workshops* e palestras relacionados ao tema *empreendedorismo*, o público se demonstrou notadamente interessado, assíduo e motivado tanto frente às estratégias para ampliar o entendimento sobre o ato de empreender quanto às ferramentas e possibilidades empreendedoras que lhes foram apresentadas. Como exemplo destacam-se os cursos *Oportunidades Profissionais para maiores de 50* e *Facebook para empreendedores: comunicando seu negócio*.

O curso *Oportunidades Profissionais para maiores de 50* teve como objetivo apresentar e discutir as possíveis oportunidades tanto no que diz respeito a profissões como a empreendedorismo para os maiores de 50 anos. O programa previa quatro aulas com os seguintes temas propostos: Conhecimento acumulado e aplicação inovadora; Criatividade e Inovatividade; Idade Ativada e Vida Ativa; O

⁴⁶ Atualmente os domínios temáticos se dividem em: (1) Atualidades & Conhecimentos Gerais; (2) Arte, Cultura e Entretenimento; (3) Bem-estar e Espiritualidade; (4) Cotidiano Digital; (5) Empreendedorismo e (6) Educação Financeira.

Novo Empreendedor; Consultoria: Porta Aberta aos Experientes; Técnicas de desenvolvimento de novos negócios e novos produtos e do informal ao formal: corra na sua velocidade.

O curso *Facebook para empreendedores: comunicando seu negócio* procurou apresentar possibilidades e métodos da rede social Facebook para comunicar, vender produto ou serviço e monitorar clientes. O programa foi cumprido em quatro aulas: a Aula 1 se propunha a apresentar o Facebook e o seu potencial para o *marketing* digital, abordando alguns casos de pequenos empreendedores que usaram a rede social no seu negócio; na Aula 2 os participantes eram levados a refletir sobre o posicionamento do seu próprio produto ou serviço e a relação dele com seu público; a Aula 3 procurou indicar o passo a passo para a criação de uma *fanpage*, prevendo um cronograma de postagens e as condições básicas para manter a página ativa com foco em comunicação, interação e monitoramento; a Aula 4, mostrou como investir em *marketing* no Facebook, apresentando o custo de *postanges* e repassando algumas recomendações sobre a pós-divulgação e a manutenção da página.

Os participantes de atividades relacionadas a outros temas também se demonstraram interessados por este, além de terem sido assíduos e permanecido motivados. Isso confirmou a vocação do público sênior em empreender em projetos de vida — não necessariamente em negócios ou em uma nova atividade laboral — tais como o aprofundamento em temas de interesses pessoais, ganhos coletivos por meio do aprendizado, autoconhecimento e sonhos adiados e não concretizados.

Vale destacar que as impressões aqui registradas foram observadas nos seguintes cursos, acompanhados dos seus respectivos objetivos:

Santiago de Compostela: histórias e relatos se propôs a atender um público de 50+ interessado e curioso sobre o caminho. O objetivo do curso foi promover a reflexão e o debate sobre o ato de peregrinar e seus sentidos, usando como pano de fundo uma das rotas mais antigas e importantes da peregrinação cristã: o Caminho de Santiago de Compostela. A segunda versão do curso foi acrescida de uma aula sobre a Galícia, na qual foram comentados os diversos caminhos para se chegar a Santiago, bem como os monumentos que existem ao longo do percurso, sendo ressaltada a transformação da arte Romana à Gótica.

O curso *Conflitos Atuais no Oriente Médio* procurou atender aos 50+ que, para exercitar novos pensamentos e formar suas opiniões, buscavam conhecer com maior profundidade temas atuais.

O curso *História da Amizade: possibilidades antigas e contemporâneas* teve por alvo os 50+ interessados no tema e se propôs a discutir o conceito de amizade desde os mais distintos horizontes históricos. Elaborar a variabilidade do conceito pelo contraste entre o significado contemporâneo e os antigos significados nos permite refletir sobre os limites e as circunstâncias que sustentam as relações políticas, sociais e pessoais.

O curso *Conversando sobre Beatles: história e música* teve como público-alvo os 50+ “fãs e não fãs dos Beatles” e em seis aulas procurou relatar a história da memorável banda de *rock* britânica formada nos anos de 1960, destacando suas composições e as fases de formação, crescimento, consolidação e separação do grupo.

Pensado para os 50+ interessados em práticas sustentáveis, o curso *Horta Orgânica* teve por objetivo apresentar a Horticultura Orgânica (modelo familiar) e abordar as técnicas utilizadas no sistema de Produção Contínua no planejamento de hortas.

Personagens e demandas empreendedoras: inspiração para o PICT Sênior

Para melhor ilustrar a vocação empreendedora dos 50+, aqui serão relatados alguns casos marcantes protagonizados por participantes do programa. Eles ocorreram no transcorrer de uma experiência vivida e acompanhada no *PUC-Rio mais de 50*, e foram um resultado da técnica de observação participante, que apoiou a aplicação da técnica de criação de Persona, comum ao campo do Design.

Dijk, Rajmakers & Kelly (2014), colaboradores do livro *Isto é Design Thinking de Serviços*, afirmam que essa técnica indica “perfis fictícios, muitas vezes desenvolvidos como uma maneira de representar um grupo específico de pessoas com base em seus interesses comuns” (idem, p. 180). Em resumo, os autores afirmam se tratar de “personagens” com os quais as equipes de design podem “se envolver” e apontam que a “maneira mais comum de desenvolver personas é compilar *insights* de pesquisa em agrupamentos por interesses comuns, desenvolvendo um ‘personagem’ funcional” (idem). Argumentam, para tanto, que o segredo de uma “persona bem-sucedida é o nível de veracidade que ela demonstra ter” (idem).

Para os autores, a criação de personas se justifica por “oferecer diferentes perspectivas acerca de um serviço”. Outra justificativa pauta-se no fato de que,

extraídos perfis fictícios de pessoas “reais”, é possível “tirar o foco dos dados demográficos abstratos, criando destaque para as vontades e necessidades” dessas pessoas, tendo em vista que elas “incorporam percepções do mundo real acerca do serviço de uma empresa” (idem).

Nesse sentido, a seguir apresenta-se a relação das personas do *PUC-Rio mais de 50*, seu perfil empreendedor e o “serviço ideal” já existente, apresentado na tarefa anterior.

Paloma tem 53 anos e é empreendedora, militante do empreendedorismo feminino e profissional de *mentoring*. **“Perdi o emprego aos 50 anos e fiquei sem rumo. Quero superar os traumas e fazer aquilo que me faça bem”**. Ela passou mais de 20 anos como alta executiva de uma multinacional e um dia foi surpreendida com o desemprego. Porém, a vocação para ser uma pessoa ativa, a necessidade de ter uma renda e sua criatividade a levaram a pensar em inúmeras possibilidades de recomeço profissional. Segundo ela própria, a participação nos cursos de empreendedorismo a ajudou a explorar novas oportunidades e a aplicar ferramentas — tais como o Facebook e WhatsApp — para empreender em algo que sempre gostou de fazer: o artesanato. Assim, nasceu o “Ateliê da Palo”. Com o sucesso das vendas e novas parcerias sendo firmadas, Paloma conta com o apoio de uma bicicleta estilizada para vender as suas peças e o *brownie* feito por uma amiga nas ruas de um bairro carioca. Paloma também comparece a feiras e eventos para palestrar sobre sua experiência, e já foi inspiração para matéria em jornal sobre como empreender depois dos 50. Recentemente começou a dar cursos de artesanato e a fazer mentoria empreendedora para quem começa no mundo dos negócios. No *PUC-Rio mais de 50*, Paloma ganhou novos amigos e clientes, além de novas parceiras para as jornadas de empreendedorismo feminino, causa na qual vem se engajando com afinco. Esse é um belo exemplo do empreendedorismo com foco nos negócios e do autoempreendedorismo, e Paloma é uma potencial participante da Incubação de novos Negócios do Gênesis e do “WorkChopp”.

Catarina, uma professora universitária aposentada de 72 anos, relata: **“Não quero mais trabalhar. Trabalhei muito. Mas quero continuar a me sentir útil”** Filha única, depois de cuidar dos pais até que eles viessem a falecer, resolveu se engajar em movimentos que promovessem encontros, trocas de saberes e divulgação dos meios para prover longevidade com qualidade. Resistente a ideias de atendimentos pautados na infantilização e no tratamento assistencialista, Catarina demonstrou coragem ao trazer pessoas referências para proferirem palestras na inauguração do seu *Movimento Longe Brasil*. Aluna do curso “Facebook

para empreendedores”, ela se valeu dos contatos que fez e, por meio das redes sociais, atuou fortemente para fortalecer parcerias e amizades, tendo sempre como base o seu movimento. Além da PUC-Rio, Catarina conta com outras instituições como suas parceiras, e é um exemplo de empreendedorismo social e de autoempreendedorismo, além de forte candidata para incubar o *Movimento Longe Brasil* como uma empresa social no Instituto Gênesis e, quem sabe, até vir a ser receptora de voluntários, via RESPUC.

Mariana tem 60 anos, é arquiteta aposentada e hoje se dedica ao design de interiores e a novas descobertas: **“Quero aprender coisas novas. Agora posso me dedicar mais a isso, depois que me aposentei”**. Ela esteve presente nas diversas atividades do *PUC-Rio mais de 50*, e, depois de se aposentar, iniciou uma nova prática profissional como decoradora de interiores. Ex-funcionária pública, Mariana preenchia seu tempo livre com atividades intelectuais; além disso, ela se mostrava interessada em frequentar encontros que iam desde a *História da amizade* a palestras sobre Marketing. Adorava o conteúdo dinâmico dos eventos não formais e se satisfazia em encontrar pessoas com as quais foi cultivando amizades ao longo do tempo. Devota à PUC-Rio, dizia gostar do “clima da universidade”. Mariana passou a complementar a renda de aposentada fazendo o que gosta, configurando, além do autoempreendedorismo, também o empreendedorismo para negócios. Continua sendo uma potencial usuária de cursos, palestras e eventos, como os promovidos pela CCE — e pode vir a ser uma pessoa com relações mais estreitas com o Instituto Gênesis.

Médico aposentado, o Sr. **Lucas**, aos 85 anos, é personagem constante na PUC-Rio, e, sempre que nos encontra, faz questão de frisar: **“É muito bom vir para cá não só para aprender. Também gosto do campus e dos jovens circulando. Às vezes venho para sentar em uma dessas mesas e ler um livro e para almoçar no bandejão”**. Vizinho da universidade, começou a explorar o campus depois que soube do *PUC-Rio mais de 50*. Para ele, a universidade revelou-se um ambiente complementar a uma rotina que até então se limitava a poucas saídas e a muita leitura solitária. Segundo ele, o preço justo e a qualidade da comida do bandejão o fizeram abolir as refeições em casa. E, ainda, sua proximidade com o Departamento de Física o levou a ser um entusiasta sobre as novas descobertas da Metafísica. Nossos encontros sempre rendem boas trocas — o único problema é que ele está sempre apressado para chegar a algum evento, nem sempre ofertado pelo *PUC-Rio mais de 50*. O Sr. Lucas, portanto, criou novas rotinas, fez do campus uma extensão da sua casa e por meio do aprendizado se empolgou na busca por novos conhecimentos, sendo ele mais um exemplo de

autoempreendedorismo. Cursos, desde que curtos, palestras e eventos são um grande atrativo para o Sr. Lucas. Sua vocação por novas descobertas o faria ser também um bom bolsista nos programas de iniciação científica.

O Sr. **Adriano** não aparenta seus 72 anos. Engenheiro aposentado, ele afirma: **“Hoje, o que eu puder fazer pelo meio ambiente eu vou fazer. Na minha profissão, contribuí muito para o desmatamento, agora quero me dedicar a ações sociais com este propósito”**. Esse engenheiro não gosta muito de falar sobre sua vida profissional. Ele conta que, como síndico do seu prédio, está envolvido na implantação de novas regras que estimulem a sustentabilidade, como a coleta seletiva, o aproveitamento de água da chuva e o teto verde. Ele foi um dos poucos 50+ que fez todos os cursos da primeira edição do programa. Engajado e sedento por conhecimento, o Sr. Adriano frequenta a universidade em busca de novas informações. Além disso, ele também foi um aluno assíduo e participativo no curso de criação de hortas coletivas, já àquela época imaginando um novo projeto para implantar no seu condomínio e se revelando um grande executor do empreendedorismo social — tudo isso sem abdicar do ato de autoempreender em novos projetos de vida, pautados nos seus desejos. Ações do RES-PUC e do NIMA certamente encontrariam no Sr. Adriano um bom voluntário, sendo que, neste, ele ainda poderia explorar as atividades socioambientais, assim como os cursos, palestras e eventos da CCE. E se porventura surgisse um projeto de pesquisa na área de práticas ambientais, ele certamente seria um forte candidato.

Livia, atualmente com 60 anos, lecionou em cursos de design e sempre nos disse: **“Quero frequentar esse grupo de pesquisa com vocês, porque, para mim, é sempre muito bom conviver com gente que estuda e faz”**. Tendo atuado para garantir a qualidade de vida de sua mãe até os últimos dias da vida dela, depois disso Livia buscou novas referências e oportunidades de se manter ativa intelectualmente. No que diz respeito a este projeto, mais que uma colaboradora, Livia se mostrou uma fonte de novas e boas ideias e se revelou um objeto de estudo que compartilhava desejos, preferências e opiniões nos encontros do grupo de estudos do Labmemo. Em seu discurso sempre destacava a importância de desmitificar estereótipos sobre *o que é ser uma idosa*. Animada com as palestras sobre os Jesuítas no Brasil e pelas oportunidades de encontros descontraídos promovidos pelo curso sobre os Beatles, nossa parceira também frequentou, como ouvinte, a disciplina “Longevidade com Qualidade”, oferecida para a graduação e para a pós-graduação dos departamentos de Artes & Design e Psicologia. No momento em que escrevi estas linhas, Livia planejava a sua candidatura ao

mestrado em Design, na própria PUC-Rio. Em suma, trata-se de uma 50+ que uniu oportunidades e ferramentas para se engajar em novos projetos de vida, e decerto outros virão para que ela mantenha sua vocação para autoempreender. Nesse sentido, se a PUC-Rio adaptasse as atividades ainda restritas a jovens para receber os 50+, certamente poderia contar com Livia em quase todas elas, especialmente nos cursos, palestras e eventos, bem como nos programas de Iniciação Científica.

Comum a todas as pessoas aqui mencionadas está a vontade de aprender, de criar novas rotinas e novos projetos, fazendo o que elas gostam e, enquanto isso, criando um senso de utilidade para si mesmas; enfim, todas são marcadas pelo autoempreendedorismo, que, como vale lembrar, é o que assume formas criativas, variadas e inovadoras de inserção nas diversas manifestações de trabalho, se apresentando “como um instrumento de interiorização de valores que remetem à autogestão” (ROSENFIEL, 2015, p. 127).

A partir dos exemplos aqui expostos se fortalece a ideia de que o empreendedor 50+ é diverso; consequentemente, suas demandas também são diversas, o que nos leva à compreensão de que as oportunidades e ferramentas a serem disponibilizadas a eles também precisam ser diversas. Conclui-se, então, que as formas de atender esse público não se limitam a cursos, *workshops* e palestras, mas que devem explorar o amplo conceito de extensão universitária apresentada no capítulo anterior, que favorece a diversidade de oportunidades e as ferramentas a serem exploradas na universidade.

A **terceira tarefa** da fase *exploração*, que significa valer-se dos dados gerados para dar os primeiros traços do serviço — indicou que a PUC-Rio já possui atividades existentes facilmente relacionadas à extensão universitária, para além das propostas de palestras, cursos e *workshops*, que não só despertavam o interesse dos maiores de 50 como também revelavam, dentre eles, novas vocações e preferências que poderiam ser desenvolvidas de outras formas.

Em sua convivência com outros usuários no *PUC-Rio mais de 50*, o empreendedor 50+ revelou atitudes e comportamentos relacionados às perspectivas do design emocional, quais sejam: sociabilidade, cidadania, identidade e aprendizagem. Com isso, o fato de ele se autoempreender em um ambiente oportuno — algo até então dedicado prioritariamente aos jovens universitários — revelou que os 50+ podem aprender ensinando, sendo úteis, colaborando e se mantendo socialmente satisfeitos, aplicando suas experiências e preferências em atividades as mais diversas.

Com os dados levantados, o Programa de Iniciação Científica foi selecionado como uma atividade existente a ser adaptada ao 50+. De alguma forma, a fase de *exploração* começou com o entendimento do 50+ quanto a sua vocação para empreender em projetos de vida (capítulo 2) e da extensão universitária como meio para gerar ferramentas e oportunidades para o 50+ empreendedor (capítulo 3). Nesse sentido, foram retomados os apontamentos de LUI *et. al* (2002). Como indicam os autores, na Finlândia as universidades para o idoso já desenvolviam práticas dessa natureza, sendo que em suas propostas eram priorizadas “várias formas de atividades destinadas a melhorar a saúde física, psicológica e social dos participantes; promovendo seu desejo de entender o mundo circundante; e melhorar o diálogo entre gerações” (idem, p. 33).

Dentre algumas das possibilidades aventadas, uma se dedicava a Pesquisa e Publicação:

Para os alunos mais velhos que desejam transmitir sua experiência e conhecimento para beneficiar toda a comunidade, com eles podendo participar de seminários de pesquisa para desenvolver o pensamento científico, realizar pesquisas (particularmente projetos relacionados à terceira idade) e produzir publicações.

Com isso, o PIBIC e o PIBITI, programas de iniciação científica comuns nas universidades, foram referências de serviços destinados a jovens universitários interessados em pesquisa. Considerando também que o serviço pode ser igualmente atrativo para seniores, cruzamos os recursos existentes da Coordenação de Iniciação Científica com os da CCE para apoiar a criação de uma nova atividade extensionista: o PICT Sênior.

Sob as orientações de Stikdorn (2014) com relação à interdisciplinaridade como apoio para a elaboração de serviços, tínhamos à disposição um ambiente propício para a cocriação. A figura a seguir ilustra o processo responsável pela seleção dos projetos de pesquisa em andamento na universidade e a efetivação dos bolsistas no PIBIC e PIBITI, conforme apresentação da Coordenação de Iniciação Científica (PUC-Rio, 2018) e que inspirou os primeiros esboços do PICT Sênior. “As atividades de pesquisa desenvolvidas na IC [iniciação científica] devem ser vistas como um primeiro passo para a Pós-Graduação” (PUC-Rio, 2018).

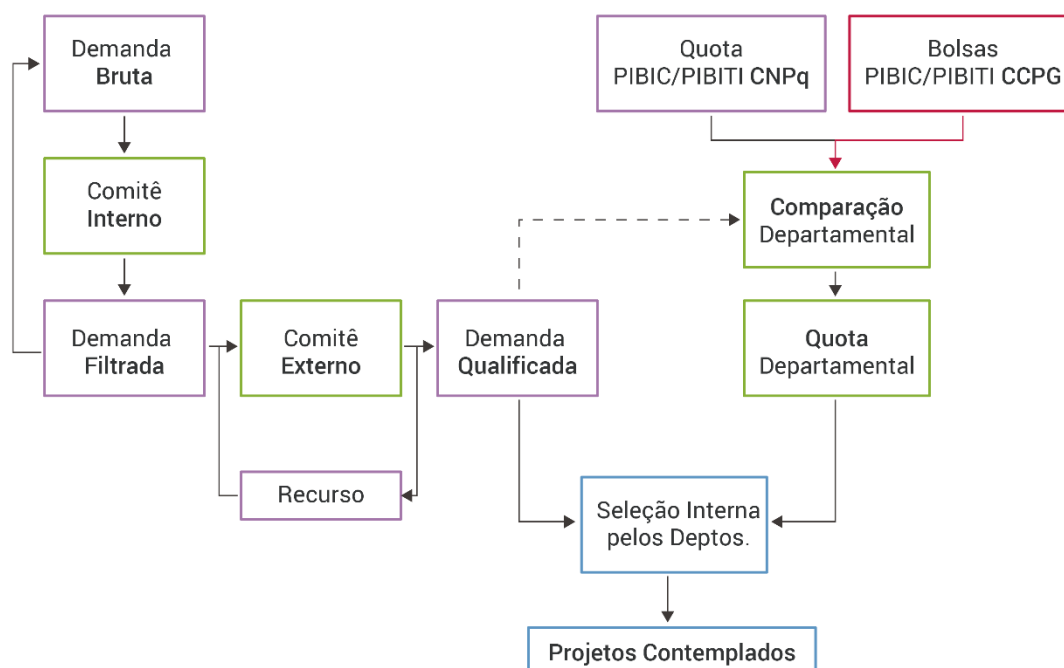


Figura 5: Fluxograma do processo do PIBIC e PIBITI da PUC-Rio.

No fluxograma, a Demanda Bruta é definida como sendo o total de projetos de pesquisa enviados pelos professores que desejam obter um iniciante em pesquisa. Um comitê interno — composto pelo Coordenador da Iniciação Científica, pelos Coordenadores de Centros⁴⁷ e por dois professores eleitos por cada Centro⁴⁸ — faz uma pré-seleção, definida como Demanda Filtrada; desta, o projeto de pesquisa segue para a análise de um comitê externo, formado por 14 consultores de pesquisa e um bolsista de produtividade do CNPq — órgão que patrocina os custos das bolsas. Após a análise dos projetos, define-se a Demanda Qualificada. Nessa fase, um professor que não tenha sido contemplado com uma bolsa para a sua pesquisa pode entrar com um recurso, apontando razões para que o Comitê Externo reconsidere sua decisão. A partir daí se faz uma comparação entre a Demanda Qualificada e a Quota Departamental, que vem a ser o número de bolsas

⁴⁷ Na PUC-Rio, os Centros são representados na estrutura de decanatos; o decanato concentra departamentos da universidade divididos pelos seguintes temas: Centro de Tecnologia Científico (CTC), Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH); Centro de Ciências Sociais (CCS); e o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS). No geral o decanato é composto de um decano, um vice-decano e dos coordenadores de graduação e pós-graduação. São esses coordenadores que geralmente compõem o comitê interno da Coordenação de Iniciação Científica.

⁴⁸ Por meio de seus coordenadores, cabe a cada decanato a indicação de professores do quadro principal de seus departamentos que, junto com os coordenadores de centro, irão compor uma comissão julgadora e apoiadora da Coordenação de Iniciação a Pesquisa. A eles cabem a seleção de projetos de pesquisas aptos a receberem verbas para o custeio de um bolsista, graduando, que será iniciado nas pesquisas em andamento, mas que ainda passará pelo Comitê externo.

designadas a cada departamento, procurando contemplar novos projetos e a continuidade de pesquisas iniciadas.

Por fim, os departamentos são informados sobre a disponibilidade de bolsas, em função dos projetos de pesquisa apresentados. Esses departamentos comunicam aos professores que eles terão direito a um bolsista, e os professores, por sua vez, indicam seus bolsistas para a Coordenação de Iniciação Científica via plataforma *on-line*. Assim se estabelece a formalidade entre o professor, o coordenador do projeto de pesquisa e seu iniciante em pesquisa — um aluno do curso de graduação do seu departamento.

A partir do vínculo dos bolsistas, um cronograma lhes é apresentado para ser cumprido, tendo como meta a apresentação da pesquisa desenvolvida no Seminário de Iniciação Científica da Universidade e a entrega do relatório dessa pesquisa.

Isso exposto, foi construída a hipótese de que **todo serviço universitário destinado ao jovem, como o PIBIC e o PIBITI, também poderia ser oferecido ao maior de 50**, tendo como premissa o fato de que os interesses pela pesquisa, por estudar e por aprender não são típicos de *uma idade*, e, sim, resultam das preferências e vocações das pessoas. Nesse sentido, mostrou-se possível inovar em propostas de serviços para o aprendizado ao longo da vida, via extensão universitária, entendendo que, para isso, basta cruzar soluções existentes e interesses emergentes.

4.2.2.

Criação: preparando o protótipo do PICT Sênior

Sabendo que na **criação** o importante é “testar os erros que poderiam surgir com a adaptação do serviço” (STICDORN, 2014), é necessário conhecer e interagir a fundo com os *stakeholders* para formatar o serviço que será prototipado.

A seguir serão destacadas as quatro importantes interações realizadas nesse processo, procurando respeitar o princípio “centrado no usuário” e as potencialidades da universidade.

A **primeira interação** para a construção do PICT Sênior começou enquanto, paralelamente, seguia o processo de Design de Serviços. Simultaneamente, teve início a pesquisa “projeto de vida” — a ser detalhada no próximo capítulo —, cujo foco recai no aprofundamento do que o público 50+ entende por projeto de vida. A intenção era verificar a pertinência de se relacionar a ideia de projeto de vida às atividades extensionistas voltadas para seniores.

Neste ponto é importante salientar a importância de se informar mais sobre o envelhecimento e de pesquisar pessoas dessa faixa etária, além de conviver com elas, pois tudo isso reforçava uma visão cada vez mais clara e precisa sobre como firmar uma relação mais satisfatória entre o 50+ e a universidade.

A **segunda interação** foi com os professores convidados a indicar projetos de pesquisa dentro dos quais gostariam de ter um iniciante em pesquisa 50+. Para a primeira edição, optou-se por abrir mão de testar o processo de coleta de pedidos de bolsas, de modo que não seria testado o processo da Coordenação de Iniciação Científica que começa na Demanda Qualificada e termina nos Projetos Contemplados. A justificativa para essa decisão pautou-se no pequeno número de professores que poderiam ser contemplados naquele protótipo. O fato é que o esforço de testar o processo mais complexo com poucas pessoas não parecia pertinente, e a intenção principal era validar a proposta do serviço.

O convite, portanto, foi feito aos professores que já tinham se relacionado com o *PUC-Rio mais de 50* ou que fossem responsáveis por atividades ou pesquisa que intencionavam fazer da PUC-Rio uma referência para a atuação com o público sênior. Para essa escolha, foi levada em consideração a experiência desses professores em orientar alunos de graduação e iniciantes em pesquisa, ainda que a reprodução dessa experiência não se desse integralmente como no PIBIC e no PIBITI.

Formado a partir de então, o time de orientadores de projetos de pesquisa teve a liberdade de escolher entre estender um projeto preexistente ou idealizar especialmente um novo projeto para o PICT Sênior.

Esses professores assumiram o compromisso de, ao longo de um ano, receber, orientar e, junto com os bolsistas, idealizar um relatório de pesquisa tal como acontece no PIBIC e no PIBITI. Eles também mantiveram constante contato comigo e com os coordenadores do projeto — sendo estes também professores orientadores — para estruturar formas de divulgar, selecionar os bolsistas, avaliar e indicar qualquer ponto que porventura precisasse ser melhorado: essa era a maneira de vivenciar o protótipo, ajustando o que fosse preciso.

A figura a seguir mostra a relação de professores que ingressaram no primeiro protótipo e os projetos de pesquisa que eles indicaram para o PICT Sênior. Nela estão os principais *stakeholders* do serviço, peças-chave no ato de cocriar o PICT Sênior, inclusive na escolha do nome do programa e no estreitamento de laços com os demais *stakeholders* do serviço.



Figura 6: Professores orientadores do primeiro protótipo do PICT Sênior

A **terceira interação** levou em conta a necessidade de criar a atividade de extensão, respeitando a cultura, as normas e os processos da universidade. Àquela altura, fazia-se necessário considerar pontos de contato com os potenciais usuários 50+, para que, no futuro, eles pudessem expor evidências do serviço. Nesse momento coube, então, reunir outros *stakeholders* em torno da estruturação do PICT Sênior.

Se o PIBIC e o PIBITI eram a referência para um novo serviço extensionista, o primeiro contato deveria ser com a Coordenação de Iniciação Científica da PUC-Rio. E se, da mesma forma, o público almejado era externo, sem vínculo com a PUC-Rio, era preciso usar os processos (pontos de contato) da Coordenação Central de Extensão (CCE). Sendo assim, o esboço do serviço foi apresentado aos coordenadores de Iniciação Científica, o Prof. Sidnei Paciornik, e de Extensão, o Prof. Alfredo Jefferson.

Mesmo tentando fazer com que o processo fosse, ao máximo, fidedigno aos processos do PIBIC e PIBITI, a falta de vínculo do maior de 50 com a PUC-Rio levou à construção de um ponto de contato pertinente e de um vínculo formal daquele público com a universidade. Caberia, portanto, à CCE, disponibilizar os recursos humanos e de infraestrutura suficientes para apoiar esse primeiro contato.

Tendo sido compreendida a dinâmica para institucionalizar uma atividade de extensão universitária, foi preciso nomear coordenadores acadêmicos para o PICT Sênior, exigência da universidade para criar uma ação de extensão. Essa função foi assumida por dois professores da instituição: o Prof. Nicolás Ray, do Departamento de Química, e a Profa. Vera Damazio, do Departamento de Artes & Design.

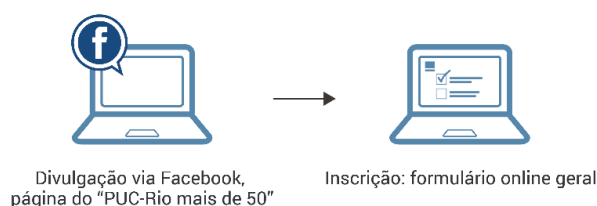
Da CCE era considerada sua organização de oferta, comunicação e apoio operacional para o programa, tendo em vista sua experiência de apoio aos cursos de extensão. Da coordenação de Iniciação Científica, o processo de seleção de projetos de pesquisa e sua estrutura para garantir a publicação dos relatórios de pesquisa, bem como a organização do Seminário de Iniciação Científica.

Com esses novos *stakeholders*, responsáveis pela interação com os 50+, foram idealizadas as possíveis etapas do serviço. A primeira delas foi a ação de divulgação destinada ao 50+, via página nas redes sociais do *PUC-Rio mais de 50*. Nesse modelo de comunicação e admissão, os candidatos a bolsistas preencheriam um formulário de inscrição *on-line*, indicando, dentre muitas informações, suas preferências no que diz respeito aos projetos de pesquisa disponíveis. Na sequência, seria feita uma etapa adicional à seleção, também *on-line*, seguida da etapa final presencial. E, após a definição dos candidatos escolhidos, seriam registradas suas matrículas no programa, via CCE.

Uma vez “matriculados”, foi mantido um contato constante com os selecionados via *WhatsApp*, com o objetivo de procurar compreender suas percepções sobre o serviço e esclarecer as dúvidas que poderiam surgir ao longo do programa. Em seguida, a atuação para gerir esse primeiro protótipo era no sentido de respeitar ao máximo a aplicação do PIBIC e do PIBITI, e, igualmente, a aplicação do calendário. Nessa direção, com a definição dos professores, dos projetos de pesquisa, do modelo para comunicar o PICT Sênior, de inscrever, selecionar e vincular os maiores de 50, verificamos ter sido possível estruturar nossa atividade de extensão de maneira simples e aproveitando recursos e processos já existentes.

A figura a seguir indica a jornada que o usuário interessado no PICT deveria percorrer.

Comunicação do Programa | Início das Inscrições



Processo Seletivo



Convocação para Matrícula no Programa



Acompanhamento

Entrega do Relatório

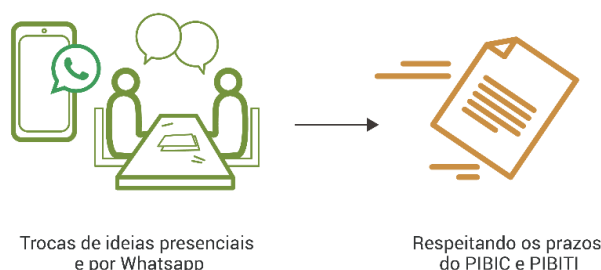


Figura 7: Jornada do usuário idealizada para o primeiro protótipo

A **quarta interação** estava relacionada à necessidade de remunerar os bolsistas 50+ iniciantes em pesquisa. Após a análise, foi decidido manter o mesmo valor aplicado para os alunos que ingressam no PIBIC e PIBITI, porém era preciso encontrar um patrocinador para sustentar seis bolsas mensalmente pelo período de um ano. Compreendemos ser fundamental manter os valores da bolsa tão semelhantes quanto possível aos recursos e processos destinados aos universitários. Surgiu, então, a tarefa de articular ações e integrar pessoas aptas, procedimentos novos ou já existentes quando essas ações fossem necessárias.

Novamente respeitando a estrutura organizacional da PUC-Rio, foi acionado o Vice-Reitor de Desenvolvimento, Professor Sergio Bruni, para ser apresentado ao PICT Sênior, uma vez que a Vice-reitoria de Desenvolvimento é “o órgão executivo que orienta, coordena e fiscaliza todas as atividades para o desenvolvimento da Universidade” (PUC-Rio, 2018). Segundo o regimento da universidade, dentre suas atribuições estão:

Promover obtenção dos recursos necessários ao desenvolvimento da Universidade; orientar e coordenar as relações públicas da Universidade, tanto com o setor privado, como com o setor público: com a sociedade e a comunidade nas quais a Universidade está inserida e às quais presta os seus serviços. Promover projetos e atividades que contribuam para o desenvolvimento da Universidade, sua projeção na sociedade, e sua eventual expansão. (Regimento PUC-Rio, Cap. VIII, Art. 12º.)

E, assim, veio a aprovação do projeto-piloto.

O programa respeitou, portanto, os recursos e os registros de novas atividades da CCE, órgão ao qual também coube a tarefa de administrar financeiramente o orçamento destinado ao pagamento das bolsas, o que foi liberado pela Vice-Reitoria de Desenvolvimento.

Isso posto, o PICT Sênior foi definido como um programa de extensão universitária que, além de prever a integração do público com mais de 50 anos à vida acadêmica, considera que o participante 50+ deva receber uma bolsa de valor igual àquela dos bolsistas PIBIC e PIBITI, ou — a critério do orientador do projeto de pesquisa — participar como voluntário.

O conceito do PICT Sênior foi traduzido em forma de objetivos, que são: (1) inserir o público maior de 50 anos, sem vínculo com a PUC-Rio, em grupos de pesquisa coordenados por professores do quadro principal da universidade e em atividades acadêmico-científicas e tecnológicas, em especial àquelas relacionadas ao PIBIC e PIBITI; (2) estabelecer canais de troca entre os coordenadores de grupos de pesquisa participantes, de modo a favorecer o caráter interdisciplinar do programa; (3) promover o diálogo, a cooperação e a troca de conhecimento e experiências entre gerações; e (4) contribuir com a reflexão acadêmica e o desenvolvimento de ações extensionistas em prol da longevidade com qualidade de vida.

Definido o conceito do serviço, selecionados os stakeholders e com eles feitas as devidas interações e considerações, estava tudo em conformidade para pôr o PICT Sênior em prática. Hora de prototipar.

4.2.3.

Reflexão: fazendo uma prévia da primeira edição e do processo de institucionalização

A fase de *exploração* gerou subsídios para idealizar o PICT Sênior; a de *criação* testou ideias e conceitos predefinidos, por meio de interações com os *stakeholders*. Agora, na fase de **reflexão**, é hora de tangibilizar os contatos dos potenciais usuários com o serviço-piloto. Como já foi mencionado, o importante neste momento é definir uma sequência de ações para testar o serviço e revisar os primeiros experimentos, prevendo ajustes e remodelagens de novos protótipos. O ato de avaliar *como os bolsistas passariam a lidar com os pontos de contato do serviço* vinha acompanhado do nosso interesse de saber *como eles se sentiriam com a experiência vivida*.

Considerando a jornada idealizada representada na Figura 7, suas cinco etapas serão apresentadas e comentadas, a saber: (1) comunicação do programa e início das inscrições; (2) processo seletivo; (3) convocação para matrícula; (4) acompanhamento; e (5) entrega dos relatórios. Vale ainda destacar que, além de saber a respeito da eficiência do serviço, da vinculação e da relação dos usuários 50+ com a PUC-Rio, nesse protótipo era especialmente importante verificar também os *aspectos emocionais deles com o serviço*. E vale lembrar que na Introdução deste trabalho adiantamos ser desejável criar um serviço para atender em especial as perspectivas *sociabilidade, cidadania, identidade e aprendizado* segundo a abordagem do Design Emocional considerada por esta tese.

A **comunicação do programa e início das inscrições** se deu no dia 1 de julho de 2017 pela mídia social Facebook. Organicamente, 560 inscrições foram lá registradas para preencher as seis vagas oferecidas pelo projeto, revelando uma demanda reprimida de atividades intelectuais e de possíveis novos papéis dos 50+ junto à universidade.

O formulário *on-line* de inscrição preenchido pelos interessados no programa havia sido avaliado pelo grupo de estudos — do qual a autora desta tese faz parte —, e, na sequência, o disponibilizamos para os professores orientadores dos projetos de pesquisa, tendo sido registradas algumas contribuições no sentido de que nele fossem feitos alguns ajustes.

O objetivo daquele formulário era captar as primeiras informações relevantes de cada candidato, tais como sua idade e interesses. A captação de inscrições se estendeu até o dia 31/7/2018, e, nesse período, foram consideradas as informações contidas nos formulários e os comentários feitos no *post* de divulgação na rede social.

As figuras a seguir mostram como o formulário de pesquisa foi disponibilizado no Facebook (ele pode ser visto na íntegra nos anexos desta tese) e alguns comentários, reações e compartilhamentos, comprovando a aderência do público sênior a um projeto que havia sido pensado para o jovem graduando.

PUC-Rio Mais de 50
Publicado por Fernanda Pina [?] · 3 de julho de 2017 · Curtir Página

Já imaginou voltar para a universidade e colaborar com um projeto de pesquisa? Agora imagine se essa universidade for a PUC-Rio?

Sim! Você, maior de 50, é a pessoa certa para apoiar pesquisas em andamento na nossa universidade!

Por isso, criamos o PICT Sênior PUC-Rio! O Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior da PUC-Rio.

Inscriva-se até o dia 31/07 e saiba mais em: <https://goo.gl/L34nsE>

A PUC-Rio abre suas portas para participação de maiores de 50 em projetos de pesquisa.

É com prazer que anunciamos o PICT Sênior PUC-Rio, um Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior da PUC-Rio para maiores de 50 interessados em participar de projetos de pesquisa em andamento na PUC-Rio.

Não vague em diversas áreas do conhecimento. Preencha o formulário indicando suas principais interesses. Posteriormente faremos contato para confirmar sua candidatura e enviar mais informações.

Os selecionados receberão bolsa no valor de R\$ 400,00 mensais a partir do dia 14 de agosto de 2017.

As inscrições vão até o dia 31 de julho de 2017.

Dados pessoais

DOC5.GOOGLE.COM

A PUC-Rio abre suas portas para participação de maiores de 50 em projetos de pesquisa.

Obtenha mais curtidas, comentários e compartilhamentos
Impulsione esta publicação por R\$ 10 para alcançar até 3.600 pessoas.

12.502 Pessoas alcançadas 2.866 Envolvimentos **Impulsionar publicação**

Desempenho da sua publicação

12.502 Pessoas alcançadas

1.316 Reações, comentários e compartilhamentos

833 Curtir	197 Na publicação	636 Em compartilhamentos
57 Amei	22 Na publicação	35 Em compartilhamentos
1 Haha	0 Na publicação	1 Em compartilhamentos
10 Uau	4 Na publicação	6 Em compartilhamentos
2 Triste	0 Na publicação	2 Em compartilhamentos
7 Grr	0 Na publicação	7 Em compartilhamentos
126 Comentários	65 Em uma publicação	61 Em compartilhamentos
280 Compartilhamentos	272 De uma publicação	8 Em compartilhamentos

1.550 Cliques em publicações

Figura 8: Formulário de inscrição do 1º protótipo do PICT Sênior, disponibilizado no Facebook

Antonio Leitão Laís Freire Bruno Varandas Instituto de Longevidade Mongeral Aegon
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a

Noelia Coutinho Fátima Pereira e Zizi Andrade vejam que legal
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a

1 resposta

Priscilla Molezon Claudia Molezon
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a

Leni Mota Já fiz minha inscrição
Amei · Responder · Mensagem · 1 a

Vania Melo Que triste 😞 só tenho ensino médio 😞 tenho 54 anos e sempre sonhei em fazer ensino superior . Só resta 😞
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a

PUC-Rio Mais de 50 Poxa, Vania... Nada de desanimar. Vamos em frente! O PUC-Rio mais de 50 tem muitas outras opções para você se fazer presente no nosso campus! Em breve divulgaremos a programação do segundo semestre. Se faltar algo que te interessa, não esqueça que estamos aqui para criar juntas outras formas de valorizar e apoiar o maior de 50! 😊
Curtir · Responder · Comentado por Fernanda Pina [?] · 1 a · Editado

Vania Melo Tá obrigada 😊
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a

Escreva uma resposta...

Rosane Nascimento Adoraria participar, mas moro em Três Rios. Que penal
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a

Marcia Rocha Boa noite! Obrigada pela bela oportunidade! Sou "filha da PUC" tb. Será um enorme prazer voltar a frequentar a PUC, e participar deste maravilhoso projeto. Estou muito empolgada e feliz com essa possibilidade! Já fiz a minha inscrição. De fato, um enorme presente participar deste maravilhoso, tão atual e necessário projeto!
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a · Editado

Maísa Intelisano Só presencial?
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a

PUC-Rio Mais de 50 Oi Maísa. A princípio sim. Mas cada professor coordenador vai combinar com seu assistente as formas de atuação no projeto.
Curtir · Responder · Comentado por Fernanda Pina [?] · 1 a

Juliana Cardoso Thiago Peteris
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a

Vera Pitanga Levei
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a

Marilena Valentin Laenio Valentin
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a

Danielia de Amico Rafael Santana
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a

Luiza Nascimento Eu quero!!! Sou Pedagoga!!!
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a · Editado

Ana Regina Scherer Adoraria participar, mas moro no RS. O projeto que eu gostaria de participar seria o Núcleo Interdisciplinar de meio ambiente, pois sou arquiteta urbanista. Essa oportunidade é só presencial?
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a

PUC-Rio Mais de 50 Infelizmente Sim, Ana.
Curtir · Responder · Comentado por Fernanda Pina [?] · 1 a

Isabel Rezende 45 anos pode participar?
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a

Salete Medeiros Muito interessante essa iniciativa! Já me inscrevi e espero ansiosa ser contemplada com uma vaga. Vou adorar participar! Agradeço a oportunidade.
Curtir · Responder · Mensagem · 1 a · Editado

Figura 9: Comentários, reações e compartilhamentos da comunicação do PICT Sênior

Das 560 inscrições registradas, também vieram as primeiras indicações de pertinência do projeto e a validação de algumas hipóteses. O PICT Sênior acertara ao deixar claro o que se pretendia com a oferta do serviço: ser possível ao 50+ se iniciar intelectualmente em algo novo. A proposta do programa reforçou ainda nosso pensamento de que haveria uma forte adesão aos serviços propostos pela PUC-Rio, mostrando que, mais que uma pertinência do serviço, há uma afeição à marca da instituição provedora. Essa já era uma consideração reforçada ao longo do *PUC-Rio mais de 50*, quando os participantes alegavam, via pesquisa de satisfação, que a principal razão de participarem das atividades era o fato de elas serem providas pela PUC-Rio.

A figura a seguir registra trechos dos comentários enviados pelos candidatos ao preencherem o formulário de inscrição do PICT Sênior quando solicitados a compartilhar mais alguma informação que julgassem importante.

Novo conhecimento para um novo projeto de vida	Afeição, confiança e satisfação de interagir com a PUC-Rio
<p><i>"Vejo nesse projeto uma oportunidade de reciclagem e aprendizagem. Já estava procurando um curso que me trouxesse desafios e vi nesse programa a oportunidade desejada. Além de ser direcionada para o meu perfil."</i></p> <p><i>"Atuo com as questões sobre memória em projetos da educação formal e não formal e estou querendo fazer o mestrado nesses temas e acredito que retornar à pesquisa possa ser uma maneira de acesso aos conceitos, estudos e divulgação de pesquisa"</i></p> <p><i>"Sou aposentada e gostaria de aproveitar meu tempo ocioso com alguma atividade ligada à área científica."</i></p> <p><i>"Como estou aposentado há 3 anos, ao me deparar com esta oportunidade oferecida pela PUC, posso afirmar que sinto-me feliz em ter a possibilidade e também a disponibilidade de tempo, de poder vir a contribuir de alguma maneira, em algum projeto de pesquisa que vise melhorar a qualidade de vida das pessoas em geral e especialmente em relação aos idosos."</i></p> <p><i>"Possuo 67 anos, e tenho uma vontade enorme de voltar a trabalhar com o que sempre gostei. Seria uma oportunidade maravilhosa."</i></p> <p><i>"Gosto da ideia de voltar ao ambiente acadêmico"</i></p>	<p><i>"Tenho diversos interesses na área de Humanas, e considero o meio Acadêmico como forma importante de estimular novos conhecimentos e manter a mente aberta a novas possibilidades. Eu gostaria muito de participar de algum projeto nessa instituição tão bem conceituada."</i></p> <p><i>"A iniciativa da PUC de abrir as portas para o pesquisador Sênior irá contribuir para que o mesmo não fique a margem do processo cultural na sociedade pós-moderna"</i></p> <p><i>"A PUC faz parte da história da minha família. Não tive oportunidade de estudar quando jovem nesta Universidade, como tantos da minha família, mas adoraria a oportunidade depois dos 50..."</i></p> <p><i>"A PUC Rio é uma referência em pesquisa e formação e ficarei muito gratificada em ser agraciada com uma vaga nesse projeto."</i></p> <p><i>"Adoro esta faculdade é um sonho fazer parte dela"</i></p> <p><i>"Adquirir conhecimento em um centro acadêmico como a PUC é muito gratificante sob todos os aspectos!"</i></p>

Figura 10: Comentários dos candidatos ao PICT Sênior feitos no formulário de inscrição (1º protótipo)

A partir da validação das hipóteses — de que a universidade pode adaptar serviços exclusivos para jovens universitários aos 50+, de que novas práticas de interação com o público sênior são viáveis e de que a PUC-Rio é uma marca afetiva —, constatamos ser possível ampliar as práticas de extensão. Enfim, passamos a intuir que os serviços até então disponibilizados pela PUC-Rio poderiam considerar o envolvimento do maior de 50 com o meio acadêmico num papel que o colocasse além da condição de aluno.

É importante mencionar que dentre as atividades promovidas pelo *PUC-Rio mais de 50*, o PICT Sênior superou todas as outras em número de inscrições. E ainda que se previsse um número maior de interessados no PICT Sênior, até por

tratar-se de uma proposta nova, é importante destacar que não se imaginava um crescimento de quase 500% em relação ao nosso maior público de participantes no *PUC-Rio mais de 50*. O fato é que somente nas primeiras 24 horas o PICT Sênior já havia atingido o número correspondente ao das inscrições do curso “Os Conflitos atuais no Oriente Médio”, até então recordista de público. Esse fato reforçou a importância de haver uma segunda etapa de pré-seleção *on-line*, com o preenchimento de formulários específicos.

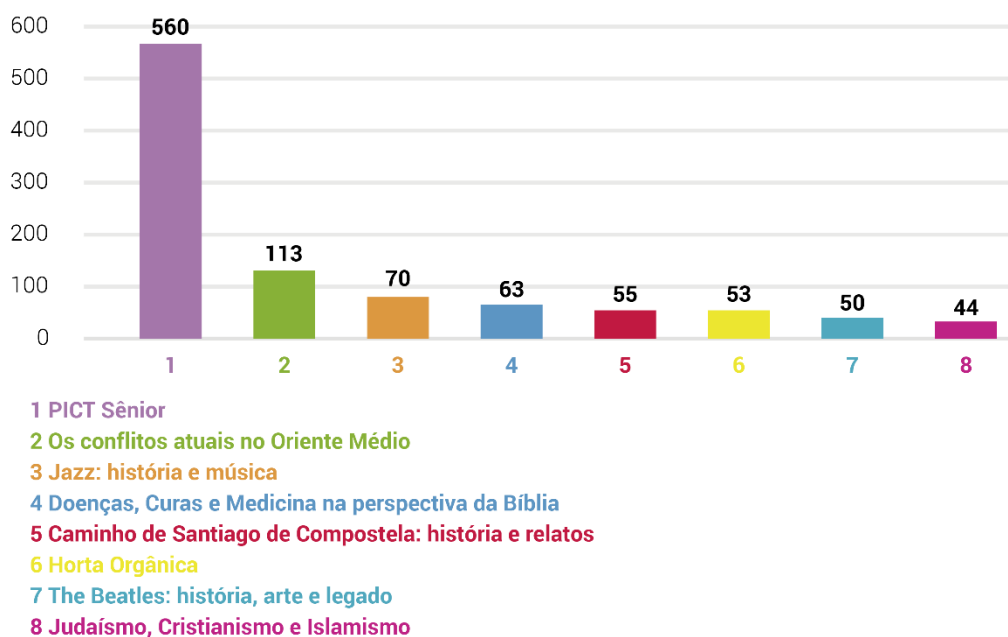


Figura 11: Comparação entre os inscrito do PICT Sênior e das atividades do PUC-Rio mais de 50

Outros fatos também foram surpreendentes: a maior adesão do público masculino que se deu em relação ao PICT Sênior se comparada à adesão desse público a outras atividades indicou a possibilidade de haver uma atuação do programa a distância, o que sempre foi visto como um desafio para nós, conforme ilustram as figuras a seguir.

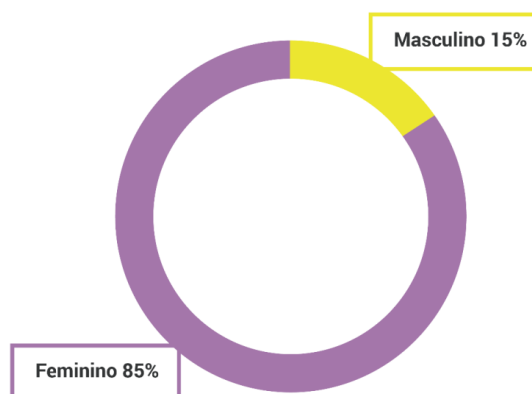


Figura 12: Incremento da participação masculina em relação a outras atividades

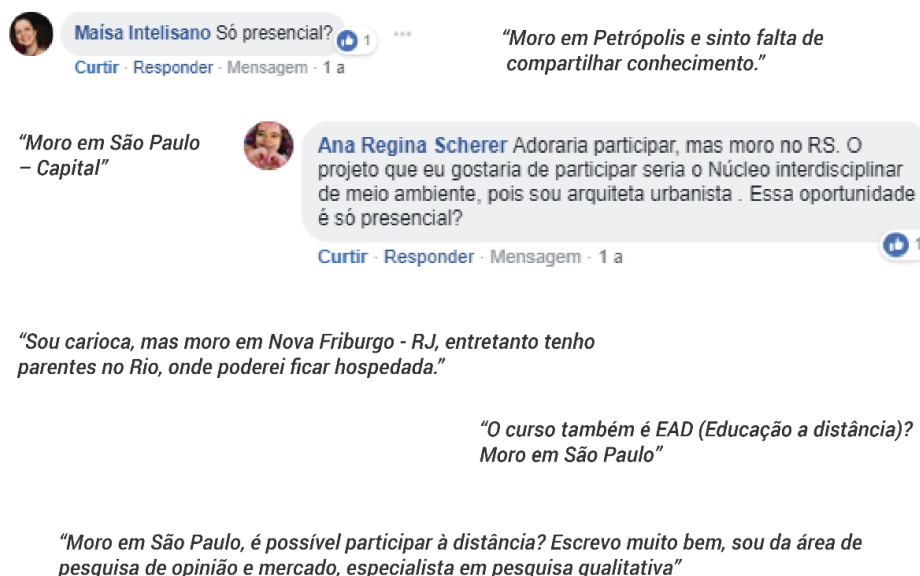


Figura 13: Indicativos de aceitação do programa fora do Rio de Janeiro

Os indicativos serão considerados em projetos de estudos futuros. As próximas medidas para contemplar esses indicativos dependem de se estudar com maior profundidade temas de interesse masculino no meio universitário, para aumentar a participação dos homens 50+ nas universidades e de plataformas bem elaboradas para promover atividades a distância.

Seguindo na realização do protótipo, o **processo seletivo** considerou todos os inscritos, respeitando a indicação deles pelo projeto de pesquisa no qual cada um gostaria de atuar, para que, finalmente, a segunda etapa fosse conduzida. Nesta, o principal objetivo foi captar um número maior de informações sobre cada candidato, e de maneira específica — assim, para cada indicação de projeto, o candidato recebia um novo formulário *on-line*, elaborado em parceria entre a designer de serviço e cada um dos orientadores.

Por meio desses formulários obtinham-se, de cada candidato, respostas sobre sua disponibilidade para frequentar o grupo de pesquisa; sobre seus conhecimentos técnicos específicos — considerados importantes pelos orientadores; além de se fazer uma avaliação de sua escrita e outros itens.

Tudo indica que, em razão desse caráter mais técnico e eliminatório, um número menor de interessados retornou com o preenchimento do segundo formulário, cujo prazo para preenchimento foi de duas semanas.

Com isso, cada professor recebeu as respostas dos candidatos ao final da segunda etapa, e, tendo sido instruídos no sentido de que poderiam selecionar

quantos candidatos quisessem para uma entrevista presencial, escolhidos os nomes, eles os encaminharam para a CCE, que já utilizaria o seu setor responsável por seleção de candidatos aos cursos de especialização para marcar entrevistas presenciais.

O processo de seleção do PICT Sênior foi acompanhado de perto pela autora desta tese, que também foi encarregada de agendar as entrevistas. Para marcá-las, foi solicitado aos candidatos que chegassem a CCE antes de encontrar os professores para entrevista — aquela era a oportunidade de interagir e conversar com cada um dos candidatos para conhecê-los melhor e entender suas razões para quererem participar do PICT Sênior. Nessa ocasião verificou-se que muitos candidatos tinham alguma experiência na área para a qual estavam se candidatando, e que todos possuíam uma formação acadêmica acima do esperado.

O passo seguinte foi a **convocação para matrícula** para formalizar seus vínculos com a PUC-Rio, via CCE. Todos os 50+ selecionados receberam um número de matrícula de extensão e forneceram seus dados bancários para recebimento do valor da bolsa.

Devidamente vinculados ao PICT Sênior, foi criado um grupo no WhatsApp com todos os selecionados para o **acompanhamento** da participação deles no PICT Sênior, e também para esclarecer suas dúvidas em relação ao pagamento das bolsas e quaisquer outras que porventura surgissem. Outra maneira de manter em contato com eles era proporcionada pelos encontros mensais na CCE e para os quais eles haviam sido convidados — a princípio para que, na ocasião, assinassem os recibos referentes ao pagamento das bolsas. Aqueles que não podiam comparecer recebiam os recibos por e-mail, sendo que o contato com eles era feito por telefone; assim, era também possível saber como suas pesquisas estavam evoluindo.

Outro grupo no WhatsApp era composto pelos professores, criado especialmente para garantir uma constante interação com os principais *stakeholders* do PICT Sênior.

Por meio desses grupos de contato, em dezembro de 2017, organizamos o primeiro encontro com os envolvidos, o que foi uma espécie de boas-vindas. O Vice-Reitor de Desenvolvimento, os coordenadores do PICT Sênior, os coordenadores do Programa de Iniciação Científica e da Central de Extensão da universidade, parte dos orientadores e de seus respectivos bolsistas estiveram presentes em uma *reunião de brainstorming*.

Na ocasião, professores e bolsistas comentaram sobre suas primeiras impressões a respeito do PICT Sênior e indicaram a necessidade de se fazer eventuais ajustes, especialmente no que dizia respeito aos processos de divulgação do programa e da inscrição dos selecionados. Os presentes também falaram sobre a importância do serviço e — especialmente os bolsistas — teceram comentários sobre como chegaram até o PICT Sênior e sobre como estavam vivendo aquele momento.

Sobre o processo de divulgação de pontos concernentes à bolsa — tais como o valor a ser pago a cada bolsista, o objetivo da pesquisa, as condições e os horários para o trabalho —, professores e alunos concordaram que algumas informações poderiam ficar mais claras. No que se refere à inscrição, foi mencionada a importância de haver candidaturas exclusivas para cada projeto, o que veio à tona em razão de se constatar candidatos concorrendo em dois projetos.

Ao comentar sobre sua chegada ao programa, alguns bolsistas informaram ter tido acesso direto ao *post* no Facebook e outros comentaram que o programa foi recomendado por algum conhecido que usou o próprio Facebook ou o WhatsApp.

A seguir, podem-se ver algumas fotos que registram o encontro, cujo objetivo principal era fazer uma sessão de *brainstorming* para extrair reflexões e eventualmente indicadores para nortear ajustes, enquanto se vivenciava o protótipo. É



Figura 14: Primeiro encontro com os envolvidos no PICT Sênior

importante acrescentar que no encontro predominaram as manifestações de satisfação dos candidatos e elogios à iniciativa.

Em fevereiro de 2017 fomos acionados para formalizar o PICT Sênior junto ao Conselho de Ensino e Pesquisa (CEP) da universidade. Tratava-se de uma atividade não prevista, mas positiva para o programa. O CEP é o órgão colegiado que supervisiona, orienta e coordena o ensino e a pesquisa em toda a universidade (PUC-Rio, 2018), cabendo-lhe aprovar os projetos de atividades dedicadas às frentes de ensino e a pesquisa.

Nossa intenção era envolver o Conselho somente quando estivéssemos na fase de implementação; ou seja, quando já tivéssemos vivido o protótipo e identificado os ajustes necessários à formatação do serviço. No entanto, diante do chamado, em março nós submetemos ao CEP o projeto do PICT Sênior, e o apresentamos como um serviço de extensão universitária, sendo que em abril de 2017 ele foi institucionalizado pela PUC-Rio. Era intenção deixar claro que criamos uma atividade de extensão visando a apoiar as práticas de pesquisa para, na sua essência, integrar aqueles 50+ que já estivessem com investigações científicas em andamento.

É importante relatar que, numa sequência de imprevistos ao longo do Programa, foi registrada a evasão total de seis bolsistas e a substituição de quatro.

No Departamento de **Design**, o bolsista foi substituído por uma voluntária iniciante em pesquisa que também havia sido entrevistada e que, mesmo não tendo sido selecionada como primeira opção, foi convidada a frequentar o grupo desde o início do programa.

No **NIMA**, uma bolsista deixou o programa e o orientador abriu mão de selecionar uma nova pessoa para aquela vaga. A segunda vaga, também do NIMA, passou a ter outro coordenador, que igualmente perdeu o primeiro bolsista e teve a vaga preenchida por uma candidata que também havia sido entrevistada na fase inicial. Neste caso, uma vez aceito o convite, a ela coube dar continuidade ao que era feito por seu antecessor.

Na **Química** também houve desistência por parte da bolsista, que para o orientador não necessitava substituição, pois ele considerou que as metas do projeto de pesquisa já haviam sido atendidas.

No **Núcleo de Memória** tivemos um abandono forçado da bolsista, que também foi substituída.

Somente a **Psicologia** manteve as mesmas bolsistas ao longo de toda a edição do PICT Sênior, sendo uma efetiva e uma voluntária — mas esta acabou sendo efetivada também, dadas as disponibilidades das bolsas não preenchidas.

É importante apontar que, nos casos de desistência de bolsa por parte de graduandos, o bolsista sucessor continua a investigação no projeto de pesquisa para o qual o primeiro foi selecionado, procurando, assim, respeitar os prazos e entregas a serem feitas pelo projeto de pesquisa submetido à Coordenação de Iniciação Científica.

No caso dos maiores de 50, a tendência foi a mesma. Muitas vezes os seus projetos de vida os levam a assumir novos rumos, suas preferências os fazem priorizar o que lhes é mais agradável, e, eventualmente, seus papéis sociais e relações familiares os convocam a dedicar atenção exclusiva a uma determinada situação, como aquelas inerentes à família.

O esquema a seguir traduz as mudanças de coordenador no NIMA e as relacionadas às entradas e saídas de bolsistas no Programa ao longo do seu primeiro ano de atividades.



Figura 15: Ajustes de professores orientadores e bolsistas na primeira edição do PICT Sênior

Essa movimentação acontece também no PIBIC e PIBITI, dadas as novas oportunidades que surgem na vida do jovem universitário: um novo estágio, um intercâmbio ou mesmo a dedicação mais intensa ao projeto final de curso

Ao chegar a esta fase do processo de Design de Serviços — a de reflexão —, foi necessário organizar as ideias e os conceitos que perpassam este trabalho. Nesse sentido, por meio de encontros previamente marcados, realizamos entrevistas com os orientadores, seus bolsistas e com os demais integrantes do grupo de pesquisa. Todos eles foram convidados a comentar a respeito de suas expectativas antes do início do PICT Sênior, do convívio entre os colegas dos seus respectivos grupos de pesquisa e sobre as experiências acumuladas relacionadas à chegada de um 50+ como colaborador de pesquisa.

Durante o encontro, eles eram estimulados a falar inclusive sobre as vantagens do PICT Sênior. Numa dessas reuniões, a que aconteceu no NIMA, a bolsista que substituiu o primeiro selecionado comentou sobre a importância de envolver as pessoas naquilo que elas gostam, acrescentando a falta de clareza dos candidatos entrevistados sobre o projeto de pesquisa.

Mais uma vez se chamava atenção para a necessidade de haver uma comunicação mais clara quanto aos objetivos pretendidos nos projetos e que resultado final o bolsista deveria entregar. Foi sugerido ainda que essa comunicação fosse feita no período de inscrição dos candidatos e reforçada durante as entrevistas. O alerta também foi feito pelo grupo da Psicologia, da Química e do Núcleo de Memória da PUC-Rio. Mais detalhes a respeito dessas entrevistas serão descritos no próximo item, sobre a fase de implementação.

Paralelamente, os coordenadores acadêmicos do PICT Sênior — Professora Vera e Professor Nicolás —, o Coordenador de Iniciação Científica, o Professor Sidney e eu nos encontramos para conhecer a nova coordenação da iniciação científica, então representada pelo Professor Sinésio. Naquela oportunidade foi definido o **acompanhamento de entrega dos relatórios**, considerando os procedimentos para a submissão dos resumos, relatórios e da participação dos bolsistas do PICT Sênior no Seminário de Iniciação Científica.

No encontro, resolvemos que seria melhor registrar somente os resumos dos relatórios nos anais do seminário. Desse modo, manteve-se o contato com a assessora da Iniciação Científica, Ana Matias, para alinhar com ela os procedimentos para a coleta do material escrito. E ainda que com substituições dos bolsistas na primeira edição e com a desistência de continuidade de dois projetos de pesquisa (do NIMA e do Núcleo de Memória), foram entregues quatro resumos dos projetos de pesquisa participantes, publicados nos anais do *XXVI Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio*, nas versões impressa e digital. A seguir, destaca-se o resumo das iniciantes em pesquisa Isabela e Lays, que foram coordenadas pela Professora Helenice, do departamento de Psicologia.



Figura 16: Os resumos dos bolsistas PICT Sênior no anais do Seminário de Iniciação Científica

Outras entrevistas com o quadro de funcionários da PUC-Rio também indicaram a necessidade de se implantar novos procedimentos e reforçaram a importância de serem disponibilizados outros serviços da universidade. O objetivo é que eles apoiem melhor não só o bolsista, mas também os funcionários, a quem uma atenção maior também foi dirigida. Isso porque os funcionários davam suporte ao processo formal de gestão financeira, e insistiam na adoção de novos procedimentos de vínculo acadêmico formal dos bolsistas. O alerta era no sentido de que mais *stakeholders*, como a Assessoria Jurídica e o Recursos Humanos, precisariam ser envolvidos na próxima edição do projeto para que fossem fornecidos mais detalhes sobre a condição legal de vínculo do bolsista.

A seguir, é possível visualizar o mapa interno de *stakeholders*, dado o aumento, para a organização, dos papéis de cada um deles na execução do serviço, preparando o mapa para receber novas funções e novos atores para sustentar o PICT Sênior.

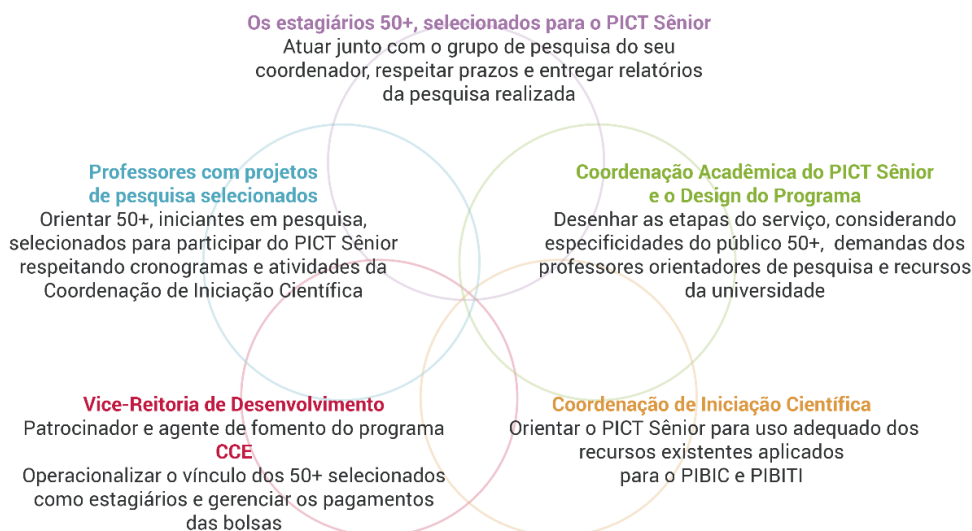


Figura 17: Mapa de Stakeholders internos

As informações colhidas apontavam para a necessidade de um novo modelo do PICT Sênior. O processo de Design de Serviços teve, como suporte, as entrevistas e o mapa de *stakeholders*.

É importante considerar os **aspectos emocionais dos usuários**, envolvidos no serviço, como indica Stickdorn (2004). Desde o início, e sob a ótica do design Emocional, considerou-se que uma nova ação extensionista deveria: (1) reforçar a *identidade* dos participantes, tendo em vista o desejo dos 50+ de manter seus valores e aprendizado para aplicar no que lhes fosse útil e prazeroso; (2) facilitar seu *engajamento* também era um ponto importante para que os participantes pudessem colaborar com a universidade, reforçando seu sentimento de pertencimento e senso de utilidade; (3) considerar a *sociabilidade* dos envolvidos também era uma questão a ser atendida, mantendo-se um grupo — que cumpri-se rotinas preestabelecidas e mantivesse encontros constantes — com o objetivo de (4) continuar *aprendendo*, para agir com *utilidade* e *propósito*, como complementam Cachioni & Todar (2016) ao refletirem sobre a participação do público mais velho nas UnATIs.

4.2.4.

Implementação: adequando o PICT Sênior para implantação e acompanhamento

Tendo em vista que a fase de **implementação** representa a institucionalização, normatização e preparação do serviço para o seu lançamento, se pudessemos escolher uma palavra para representá-la, ela seria *adaptabilidade*. Isso porque, em nossa experiência, após a concepção do protótipo foi fundamental

gerenciar as mudanças que se fizeram necessárias, no sentido de “superar de forma rápida e criativa os problemas que surgiam” (STICKDORN, 2014, p. 136).

Implementar o serviço exigiu um olhar atento e um comportamento acolhedor para receber as críticas e ponderações dos *stakeholders*, procurando verificar o surgimento de outros impeditivos. As fases de *exploração, criação e reflexão* nos ajudaram a consolidar e preparar o percurso até a etapa seguinte de *implementação*. Era a oportunidade de aperfeiçoar o serviço, para que continuamente pudesse assegurar seu conceito de integração do 50+ com o meio universitário, via extensão. (DIJNK, RAJMAKERS & KELLY, 2014, p. 151).

Pensando na estruturação e na melhoria do segundo protótipo, recorreu-se a uma ferramenta típica do Design de Serviços: o mapa de jornada do usuário. Dijnk, Rajmakers & Kelly (2014) afirmam que, no campo do Design, ferramentas como essa destinam-se a “integrar o máximo possível de pessoas no processo criativo” (DIJNK, RAJMAKERS & KELLY, 2014, p. 160).

Nessa implementação, antes mesmo de implantar o serviço, julgamos necessário elaborar um segundo protótipo, tendo em conta a necessidade de privilegiar e tratar quatro importantes pontos extraídos das entrevistas realizadas na fase de reflexão: (1) o da formalização e integração dos processos de comunicação, seleção e adesão dos projetos de pesquisa e dos bolsistas aos recursos existentes da universidade; (2) o da ampliação do uso de outros serviços e da atuação de outros *stakeholders* da universidade para melhorar a experiência dos envolvidos e para maior eficiência do serviço; (3) o do planejamento e da clareza na comunicação das condições para a entrega dos resumos e relatórios, e a participação dos iniciantes em pesquisa 50+ no seminário de pesquisa de iniciação científica, respeitando o calendário dos programas PIBIC e PIBITI; e (4) o da sustentabilidade financeira e a verdadeira institucionalização do serviço.

- **Dos processos de comunicação e seleção relacionados aos projetos de pesquisa e aos bolsistas**

Tudo começa com as considerações sobre a escolha dos projetos de pesquisa a serem contemplados no PICT Sênior. Diferentemente daquilo que foi aplicado no primeiro protótipo — que selecionou professores dispostos a testar a ideia —, para a próxima etapa seria preciso encontrar um meio para comunicar a todos os professores da universidade a disponibilidade do PICT Sênior, destacando que seus projetos poderiam receber um iniciante em pesquisa 50+.

Como mencionado no item referente à fase de reflexão, o PICT Sênior não poderia seguir os mesmos passos do PIBIC e do PIBITI, representado no fluxograma na fase de exploração. Entre outros motivos está o fato de que a informatização do processo que suporta os programas destinados aos universitários não era inteiramente adequada para a nossa realidade — uma realidade que considera potenciais bolsistas sem vínculo com a universidade.

Para convocar os professores a apresentar seus projetos de pesquisa, levamos em conta as práticas hoje adotadas pela Coordenação de Iniciação Científica da PUC-Rio; assim, escolhemos acessar recursos tais como edital, e-mail de convocação e cartazes, além de outras frentes de comunicação institucional. Uma vez selecionados os projetos — e prevendo a adaptação dos processos da Coordenação de Iniciação Científica —, o caminho natural seria usar os recursos da CCE, fortalecendo a recuperação desta Coordenação como a verdadeira Central de Extensão, e não somente dentro dos limites da oferta de atividades de educação continuada.

Depois dessa comunicação e da captação de projetos, o sistema da CCE — destinado à administração dos cursos de pós-graduação *Lato Sensu*, que se refere à captação de candidatos, seleção e, finalmente, matrícula — era muito mais condizente com a proposta de vincular o bolsista, já considerando os projetos de pesquisa disponibilizados para a nova edição do PICT Sênior.

Na etapa relacionada à comunicação quanto à existência do programa aos potenciais interessados, as entrevistas indicaram a necessidade de alinhar as expectativas dos bolsistas às oportunidades reais de pesquisas, no sentido de evitar possíveis desligamentos e desistências.

Nesse aspecto, a Professora Helenice chegou a mencionar que, apesar de primar por um projeto mais genérico, prevendo que cada bolsista poderia contribuir para ele de forma distinta, ela não poderia abrir mão das práticas do seu laboratório. Esse argumento foi endossado por suas bolsistas que, apesar de conseguirem se adequar e de usarem suas experiências trazidas de outras abordagens da Psicologia, sentiram falta de mais esclarecimentos sobre o que realmente fariam no projeto de pesquisa para o qual foram alocadas.

A busca por mais clareza no que se refere à comunicação do PICT Sênior também estava presente na fala da professora Margarida Neves e do seu grupo. Eles comentaram sobre a importância de as condições da bolsa serem mais bem esclarecidas, tais como os valores a serem pagos aos bolsistas, as condições necessárias à participação dos candidatos e os compromissos por parte de cada

bolsista com relação às entregas dos resumos, relatórios e apresentação no seminário.

Para a professora, tais condições deveriam ser enfatizadas já no primeiro contato e, sempre que possível, reforçadas nas etapas seguintes. Segundo ela, também era importante deixar claro quais seriam os benefícios advindos do programa e quais, a seu ver, deveriam ser considerados — aquele era um alerta para que se deixasse mais claro quais seriam os direitos e deveres do bolsista.

Outra preocupação da professora Margarida no que dizia respeito a falar para os selecionados sobre o que lhes seria oferecido estava ligada ao seu desconforto em relação ao valor da bolsa frente à capacidade intelectual e à experiência da sua bolsista. Na concepção da professora, tanto a bolsa como a participação voluntária poderiam ser interpretadas como uma desvalorização do 50+, que, por sua vez, poderia comprometer a sua atuação junto ao PICT Sênior.

Nesse contexto, o PICT Sênior deveria recomendar o processo de Design de Serviços, prevendo novas maneiras de *explorar, criar, refletir e implementar*. A ação principal seria redesenhar o serviço, levando em consideração novos pontos de contato do usuário com o serviço e novos meios de formalização de vínculo dos bolsistas com a PUC-Rio.

Com isso, no recorrer das práticas de cocriação seria possível refinar o processo de submissão e escolha dos projetos de pesquisa, o da comunicação do projeto e o da seleção e contratação dos estagiários — e, assim, retestar o PICT Sênior.

- **Dos outros serviços da Universidade para melhor experiência dos envolvidos**

Uma vez iniciado o contato dos bolsistas com a universidade e, deste bolsista com o seu trabalho de investigação, cada um deles passou a se adequar a uma rotina muito específica, seguindo as práticas de cada grupo ou laboratório de pesquisa. Com realidades distintas, cada bolsista chamou atenção para as vantagens e desvantagens da experiência por ele vivida, sendo que todos os integrantes do grupo apontavam a falta de serviços considerados essenciais para a sua melhor estadia no PICT Sênior.

A primeira menção quanto a uma melhoria a ser realizada foi indicada pelo Professor Nicolás Ray, que apontou o fato de que os iniciantes em pesquisa tradicionais possuem seguro de vida — e, portanto, precisávamos oferecer aos nossos bolsistas acesso a essa condição.

Em contato com a assessoria jurídica da PUC-Rio fomos instruídos sobre o processo de reformulação das condições de bolsistas na universidade e das

adaptações que estavam ocorrendo em relação às leis trabalhistas⁴⁹. Importante registrar que, devido às muitas mudanças naquele momento ainda em análise para a implantação, não nos era exigido que fizéssemos os ajustes na primeira edição do PICT Sênior.

A partir da segunda edição, no entanto, seria imprescindível que os selecionados para a próxima edição do programa adotassem a condição de estagiários e não mais de bolsistas “prestadores de serviço”, visando não só a inclusão deles no seguro de vida — proposta do professor Nicolás —, mas também seu vínculo formal e legal com a instituição.

Outra questão a ser sanada com a contratação formal dos estagiários do segundo protótipo do PICT Sênior seria o acesso deles a certos serviços oferecidos pela PUC-Rio aos seus estudantes. Por exemplo, os entrevistados — bolsistas e professores — comentaram sobre a impossibilidade de terem acesso à biblioteca na categoria de membros da comunidade universitária e sobre a impossibilidade de obterem descontos no bandeirão da universidade. Em suma: a nova condição de estagiários formalmente vinculados lhes garantiria benefícios tais como a obtenção de serviços que antes lhes eram inacessíveis e eles passariam a melhorar o seu sentimento de pertencimento — algo que desejavam desde as primeiras atividades do *PUC-Rio mais de 50*.

Pequenos ajustes ao programa — o que foi feito ao se somarem a ele ações e procedimentos já existentes na PUC-Rio — não só asseguraram à universidade a legalidade dos vínculos institucionais com esse grupo, como também facilitaram a realização de um trabalho mais completo e passível de maior valor agregado. A partir de então passamos a acreditar que mais conhecimentos, mais benefícios e maior facilidade no dia a dia do estagiário aumentariam o envolvimento dos bolsistas e a dedicação em suas pesquisas.

- **Das condições para a entrega de resumos, relatórios e para a participação no seminário de iniciação científica**

Na primeira edição, verificamos que a falta de vínculo formal e de clareza nas regras e entregas dos relatórios prejudicou a formalização do serviço, em especial no que diz respeito à entrega final comum a todos os iniciantes em pesquisa. Embora eles tenham relatado estarem felizes por frequentar a universidade

⁴⁹ O eSocial, representa mudança nas leis trabalhistas na prestação de informações trabalhistas, previdenciárias, tributárias e fiscais relativas à contratação e utilização de mão de obra onerosa, afetando as contratações feitas pelas Instituições de Ensino Superior (IES). Fonte: Hoper Educação, disponível em: <https://www.hoper.com.br/single-post/2018/03/19/eSocial-O-QUE-MUDA-PARA-AS-IESs>

e poderem contribuir para uma pesquisa, naquele momento eles não viam claramente a necessidade de se comprometer com o ato de documentar as atividades desenvolvidas.

Além disso, eles alegavam não saber as datas a respeito dos prazos para entrega dos resumos e relatórios dos projetos de pesquisa, conforme indicados no calendário do PIBIC e PIBITI e tampouco compreendiam como iniciar e formatar um relatório de pesquisa. Todos esses fatores contribuía para que eles se mostrassem inseguros e alguns alegaram mesmo que a orientação que receberam foi prejudicada no que tange a esses pontos.

Duas bolsistas chegaram a apontar o mesmo problema em épocas distintas — problema em relação às regras e condições para submeter os relatórios. Além disso, a demora da resposta dos orientadores para os trabalhos parciais que elas submetiam a eles, acrescida da falta de precisão quanto às tarefas que deveriam desempenhar, as levavam a uma carência em relação a *um plano a seguir*.

Assim foi revelada a necessidade de o PICT Sênior ajustar as práticas de comunicação com estagiários e professores tão logo estes ingressam no projeto. Por outro lado, os procedimentos de cada laboratório tinham suas peculiares, próprios da sua realidade.

Porém, entendendo que o programa é uma proposta de iniciação científica e que há regras gerais na PUC-Rio voltadas também para essa ação, foi contemplada a possibilidade de se adotarem cronogramas similares aos do PIBIC e do PIBITI e deixar claras as regras de participação dos estagiários 50+ na nova edição do PICT Sênior, afinal esse programa também era uma novidade para os professores.

- **Da sustentabilidade e da verdadeira institucionalização do serviço**

Seguindo a linha de que todo serviço precisa ser autossustentável, passamos a conviver com o desafio de obter recursos para manter o pagamento das bolsas quando a Vice-reitoria de Desenvolvimento já não pudesse mais fazê-lo. Ao contrário do PIBIC e do PIBITI — que recebem do CNPq aporte financeiro e orientações sobre como proceder em relação ao pagamento de bolsas —, o PICT Sênior precisava se adequar a uma nova realidade, angariando fundos de outras formas.

Como uma ação de extensão universitária se vale da autonomia institucional atribuída às universidades para criar suas próprias atividades e formas de sustento, cabe aos gestores dessas ações extensionistas considerar o uso de recursos próprios ou outros, provenientes de patrocínio, de editais ou parcerias.

Assim, ao retomar as conversas com o Professor Alfredo, apresentei a ele uma proposta no sentido de permitir que coordenadores de cursos de especialização pudessem fazer uso dos repasses financeiros provenientes dos cursos para patrocinar seus estagiários do PICT Sênior. Os mesmos recursos também poderiam ser utilizados pelos diretores dos departamentos, que recebem repasses financeiros das suas respectivas atividades de educação continuada. Além disso, verificamos ser possível uma terceira opção — a de obter recursos de empresas e instituições interessadas em patrocinar um iniciante em pesquisa sênior. Todas essas propostas foram aprovadas.

Ainda surgiu uma quarta possibilidade: a de criar um orçamento que extrairia um percentual mínimo necessário das atividades de educação continuada, inclusive as promovidas pelo *PUC-Rio mais de 50*, para prover anualmente determinado número de bolsistas. Naturalmente, esse percentual não poderia ser alto ao ponto de impactar a precificação das atividades recorrentemente ofertadas pela CCE, nem a viabilidade financeira dos cursos, que já lidam com a necessidade de autossustentabilidade. Neste caso, precisaríamos de um projeto mais abrangente e que recebesse nova aprovação do CEP.

O embasamento para essas propostas residia no fato de que o projeto estava indo muito além de inovar as atividades universitárias para o público maduro — na verdade, ao longo do tempo, conseguimos estimular práticas de pesquisas com pessoas qualificadas, experientes e dedicadas, agregando valor para a universidade.

A figura a seguir mostra como pensamos em organizar nossas possibilidades de obter recursos para manter o PICT Sênior de maneira sustentável financeiramente, ainda que com um número variável de vagas.

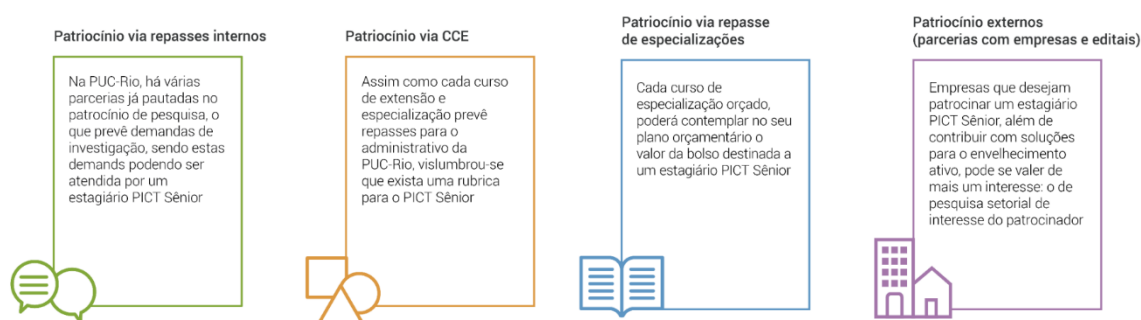


Figura 18: Considerações sobre a forma de sustentabilidade financeira do PICT Sênior

O *patrocínio via repasses de cursos de especialização* estima que cada curso desta categoria pode contemplar no seu plano orçamentário o valor da bolsa destinada a um estagiário PICT Sênior; e, assim, o coordenador acadêmico dessa

especialização poderia obter o apoio de um estagiário 50+ no seu grupo de estudos.

Os *patrocínios externos* (parcerias com empresas e editais) poderiam considerar a captação de empresas que desejam patrocinar um estagiário PICT sênior em um determinado projeto de pesquisa, o que deve ser devidamente acordado com algum professor apto a orientar um iniciante em pesquisa. Desde que respeitadas as normas da Coordenação de Iniciação Científica, além de contribuírem com soluções para o envelhecimento ativo, essas empresas ou órgãos de fomento poderiam se valer de mais um interesse: o de relacionar uma investigação acadêmica com suas demandas setoriais.

Os *patrocínios via repasses internos* poderiam partir de recursos financeiros provenientes de projetos patrocinados. Na PUC-Rio esses projetos patrocinados são estabelecidos por parcerias com empresas privadas ou públicas que demandam pesquisas, que podem ser atendidas por um grupo de estagiários PICT Sênior. A diferença desse tipo de patrocínio para o anteriormente citado é que este se vale de contratos de projetos patrocinados firmados, pressupondo o patrocínio do projeto de pesquisa em grande escala e procedimentos internos diferenciados para a sua formalização, mas em ambos as fontes de recurso seriam externas.

Assim como o *patrocínio via CCE* é oriundo de especialização ou de cursos de curta duração, se poderia prever um pequeno repasse para uma conta administrativa, responsável por concentrar os recursos financeiros para a manutenção do PICT Sênior. Dessa forma, seria possível diagnosticar a verba anual disponível para pagar as bolsas e, conseqüentemente, determinar as quotas departamentais, exatamente como acontece no PIBIC e PBITI, como está representado no seu fluxograma. No caso do PICT Sênior, a principal diferença estaria nas fontes. O papel de patrocinador do CNPq no PIBIC e PBITI seria substituído por esta conta, e as quotas departamentais seriam proporcionais aos departamentos que mais contribuíram para ela, por meio de suas atividades de educação continuada. O próprio *PUC-Rio mais de 50* poderia retomar suas atividades de educação continuada sendo mais um contribuinte dessa forma de remunerar os estagiários do PICT Sênior.

No que tange à institucionalização do serviço — e considerando as propostas de sustentabilidade financeira e novas formas de vincular os 50+ selecionados —, o nosso receio estava na dúvida quanto a se um projeto adaptado a essas condições, e a tantas outras, seria aceito pela cúpula da universidade. Conversando com a professora Margarida Neves, que possuía o vínculo mais antigo com a PUC-Rio, fui alertada por ela para algo em que até então não havia pensado:

segundo a professora, em uma universidade, *a verdadeira aprovação e a principal aderência de um projeto não vem da cúpula*. O importante era dedicar esforços na oferta assertiva do PICT Sênior, considerando as possibilidades de remuneração, formalização e benefícios gerados.

Assim, a cúpula da universidade — formada pelo reitor, os vice-reitores e os conselheiros do ensino e pesquisa — não teria outra opção senão a de aceitar e aprovar aquilo que fosse bom para a comunidade universitária e representativo para o papel social da universidade.

Nitidamente incomodada com o termo “cúpula” que usei, em outras palavras ela reintegrou o que há tempos Manzine prega (2013; 2015) como característica de um designer com foco em inovação social: que a ação projetual bem-sucedida é aquela que ganha adesão da comunidade onde ela se desenvolve e que por ela se mantém. A essa condição Manzini nomeia *bottom-up*, termo que configura a inovação acontecendo “de baixo para cima”, garantindo que a solução gerada seja mais aderente.

4.3.

Considerações parciais: um balanço sobre a experiência dos primeiros usuários do PICT Sênior

Neste processo de entendimento do receptor e do provedor do serviço (exploração), da conceituação e estruturação de uma forma a ser testada (criação), do teste e das considerações acerca dos problemas a resolver e das oportunidades ainda a explorar (reflexão) e da normatização e preparação para um novo processo (implementação), verificam-se as influências do Design Emocional e do Design Social.

Do Design Emocional, a fidedignidade para que o PICT Sênior respeitasse as perspectivas *cidadania, identidade, sociabilidade e aprendizado*, nos levando a prover um serviço repleto de boas experiências não só para os usuários como para o *stakeholders* internos. Essa é a razão para se abdicar, ainda que provisoriamente, das sugestões do público externo para um modelo de educação a distância do programa em um próximo protótipo, mas não descartando as possibilidades de desdobramentos futuros a partir da experiência deste primeiro protótipo.

Do Design Social veio a inspiração para a adoção dos movimentos interdisciplinares e participativos, o que facilitou a atuação da universidade frente às demandas impostas por um público sênior crescente, receptivo a novas atividades universitárias seniores. O Design Social foi um agente de potencialização da extensão na busca de soluções para realidades sociais complexas, respeitando a

experiência da PUC-Rio nesse ramo e mantendo a “indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão” — como sugere o MEC.

Uma atividade de iniciação científica para seniores pareceu ser possível para que os 50+ aplicassem seus conhecimentos na construção e gestão dos seus projetos de vida. Engajado em novos saberes, esse público revela importantes colaboradores em várias frentes da universidade, e em especial nos projetos de pesquisas científicas em andamento.

A participação dos *stakeholders* melhorou o processo de criação do PICT Sênior, levando-se em conta não só suas experiências como também suas primeiras relações com o novo projeto. Professores, orientadores, gestores, alunos de graduação e pós — os novos colegas de pesquisa que os bolsistas do PICT Sênior passaram a ter —, como os próprios 50+, passaram a vivenciar uma realidade proporcionada por uma nova ação extensionista, que, ao longo de sua primeira fase, deu sinais de que ganhos mútuos iam se estabelecendo.

O primeiro protótipo foi finalizado indicando a importância de retestar o serviço em um segundo protótipo, com novos processos e *stakeholders* internos. Um balanço da experiência aponta que a presença do público 50+ no contexto acadêmico não se limita tão somente à figura do docente e dos alunos da “terceira idade”. Por isso, antes de finalizar este capítulo, gostaria de relatar algumas vivências com os bolsistas, pois, muito mais do que parceiros, eles foram verdadeiros entusiastas do PICT Sênior. Cada um contribuiu e representou o 50+ contemporâneo, aquele que aprende para criar e gerir seus projetos de vida.

Usuários do PICT Sênior e suas demandas empreendedoras: inspiração para novas ações extensionistas

Dos que tiveram acesso à PUC pela primeira vez, a empolgação e o orgulho de ingressar com um novo papel no meio universitário, um meio que respeita suas preferências, vocações, experiências e vontade de contribuir. Dos que retornaram à PUC, a mesma alegria somada à surpresa de encontrar mudanças no campus e, até, frente ao reencontro com professores e funcionários da época em que eram estudantes.

Conviver com Isabela, Laís, Elias, Ilma, Felicia, Fabio, Maria Cristina, Myriam e Ana Kristina nos levou a persistir no desafio de pensar na replicação desse serviço, promovendo as adaptações indicadas neste capítulo como necessárias.

Na **Psicologia**, as participantes Isabela e Laís, formadas na área, voltaram para continuar os estudos. Isabela foi uma ex-aluna que voltou à PUC; Laís foi

aquela que não quis perder a oportunidade de aqui ingressar, inicialmente como voluntária. Unidas pelo projeto de pesquisa, elas abraçaram como missão criar uma intervenção psicoterapêutica, estruturando um protocolo de atendimento e usando a neuropsicologia como referência.

Isabela e Laís nunca deixaram de reforçar o interesse em encontrar novas formas de expandir suas atuações profissionais e delas vieram sempre boas dicas, tais como a clareza do objetivo do projeto de pesquisa e a importância de, logo no início, apresentar o PICT Sênior àqueles que ingressam nele, informando sobre suas origens e as expectativas da PUC-Rio ao receber iniciantes em pesquisa com mais de 50 anos.

No **Design**, Elias começou trazendo a sua experiência de educador. A motivação principal para tê-lo escolhido dentre outros candidatos estava diretamente ligada a sua experiência de alfabetizar idosos usando práticas empreendedoras e de educação financeira. Na PUC, ele procurou, a sua maneira, agregar ao grupo com suas formas de melhorar as pesquisas, mas infelizmente sua agenda cheia não lhe permitiu dar continuidade a esse projeto.

Ilma assumiu o seu lugar. Assim como Laís, na psicologia, a professora aposentada, sedenta por novas descobertas, vinha se dedicando às pesquisas do nosso grupo como voluntária. Sua participação ativa e sua vontade de contribuir para a *releitura do velho* afetou a todos nós. Como uma pesquisadora etnográfica, ela trazia sempre suas percepções para a mesa — e estas nos alertavam para a necessidade de não infantilizar os mais velhos e de haver o reconhecimento de que, assim como ela, muitos 50+ desejam se manter aprendendo.

No **NIMA**, Felícia e Fábio ingressaram em projetos diferentes: ela atuando junto com a coordenação do núcleo na área de comunicação e ele no levantamento e catalogação de práticas de ensino, pesquisa e extensão sobre meio ambiente na PUC-Rio. Apesar de serem do mesmo núcleo — cada um com sua equipe e com seu coordenador —, os dois imprimiram no NIMA um comportamento motivacional. Em comum entre eles, o engajamento em relação à oportunidade trazida pelo PICT Sênior.

Ela dentista e ele engenheiro, ambos se aventuraram em uma experiência inovadora e pareciam viver um recomeço, sendo que, antes de ingressar no projeto, os dois estavam sem perspectivas de trabalho e lamentando o fato de até então não terem encontrado qualquer oportunidade de atuar profissional e academicamente. Ela desejava o mestrado, mas há tempos estava distante das salas de aula. Ele, já doutor, seguia as consequências da cegueira social para quem sempre foi do mercado e agora só lhe restavam os livros e um ou outro projeto

eventualmente. Da mesma maneira, os dois relataram que o programa renovou sua esperança de deparar com novos projetos de vida. Em maio ele nos deixou para ingressar num pós-doutorado e ela iniciou um novo negócio na área de comunicação.

No mesmo NIMA, Ana Kristina chegou para assumir o lugar do Fábio. Ex-aluna da PUC, ela também havia sido funcionária da instituição. Aposentada e com uma carreira de múltiplas atuações, Ana estava animada com a possibilidade de atuar em algo que há tempos almejava: criar novas relações com pessoas envolvidas com meio ambiente, tema que sempre a atraiu, mas no qual nunca teve a oportunidade de atuar. Apesar de ter participado do processo seletivo, Ana não imaginava que encontraria dificuldades para dar continuidade a um projeto iniciado com um estilo bastante diferente do seu. Foi ela quem contribuiu com as mais pertinentes indicações dos pontos que mereciam nossa atenção. E embora tenha precisado deixar o programa, Ana nos entregou o relatório e apresentou sua pesquisa para todos os membros do NIMA. Hoje parceira de ideias, ela permanece nos mostrando a forma adequada de lidar com os 50+, procurando manter o respeito e o reconhecimento de um público capaz de muitas possibilidades de contribuições.

Na **Química**, Myriam foi um dos casos mais emblemáticos. Tendo dedicado sua vida profissional às funções na área de engenharia química, a aposentada, ex-funcionária da Petrobrás, retomava um dos sonhos deixados de lado no passado. Ela cursava Pedagogia em outra universidade e com a bolsa do PICT Sênior conseguia um complemento para pagar sua nova graduação.

Myriam atuava com aquilo que lhe era familiar para levantar um complemento financeiro que lhe proporcionasse investir em uma nova formação. Amante dos estudos e engenhosa nas ideias, conversamos muito sobre suas intenções futuras no campo da educação infantil e sobre seus projetos no laboratório. Ela nos deixou com um dos melhores argumentos: ingressar como PIBIC na universidade onde já cursava pedagogia. Até hoje mantemos contato e acompanhamento, motivada, sua bela trajetória iniciada após os 50 anos.

No **Núcleo de Memória**, Maria Cristina foi uma das mais alegres bolsistas, mas quis o destino que ela nos deixasse por uma triste razão, pois veio a ter problemas de saúde na família. Maria Cristina saiu do programa lamentando e nos fazendo lamentar também. Enquanto esteve conosco, quando nos encontrávamos, ela, que era Doutora em História da Enfermagem, já iniciava o diálogo dizendo: “Estou amando! Ainda bem que vocês inventaram isso!” Então, ela me

contava sobre o prazer de estar no Núcleo de Memória da PUC-Rio fazendo o que mais gostava: levantamentos históricos.

Contou-me radiante sobre o seminário que apresentou para os demais integrantes do seu grupo e demonstrava preocupação sobre como seria quando acabasse esse primeiro ano. Seu abandono forçado do PICT Sênior nos mostrou que, ao contrário dos jovens, os maiores de 50, por possuírem papéis sociais e familiares diferentes, por vezes precisam abandonar aquilo que lhes dá prazer e os enriquece como seres humanos para atuarem junto aos seus.

Ainda que brevemente, pontuar a participação desses nove 50+ revela que, mais do que um processo de design, mais do que passar pelas fases de *exploração, criação, reflexão e implementação*, também coube a essa ação projetual criar novas relações. Por meio delas pode-se reconhecer nessas pessoas a figura do designer. Além disso, elas se mostraram pessoas condizentes com uma realidade que algum dia vai exigir de toda sociedade novas posturas diante da vida. Viver aprendendo a empreender nos seus projetos de vida, mantendo-se ativos com o que lhes traz prazer foi um marco desse grupo.

Com isso, foi alimentada a certeza de que, pelo menos para esse perfil 50+, extraído da literatura e comprovado no primeiro protótipo do PICT Sênior, o caminho é promissor. Considerando os pensamentos de Patrocínio (2015) — no sentido de projetar “para”, “com”, “por” eles e “em” um determinado ambiente — fez emergir situações que não teriam sido vividas caso não se tivesse conhecido as pessoas que integraram aquele grupo. Não foi uma questão de entregar uma nova solução de extensão universitária: foi a oportunidade de vivenciar realidades existentes, extraíndo delas oportunidades, para transformá-las em algo mais desejável, como orientam Simon (1996) e Frascara (2000).

Antes de um inevitável segundo protótipo, foi aplicada uma pesquisa para compreender o que um 50+ relata vir a sua mente quando é convidado a pensar no termo *projeto de vida*. Iniciando uma nova fase de *exploração*, iremos expor, no próximo capítulo, a pesquisa “Projeto de Vida”, realizada com o apoio da Psicologia Social.

5. Pesquisa “Projeto de Vida”: o ensaio de um instrumento de apoio para ação do Design

Até aqui foi possível compreender a extensão universitária como um meio favorável para o sênior autoempreender. Essa compreensão foi reforçada pelo primeiro protótipo do PICT Sênior, que, por sua vez, revelou a necessidade de haver um permanente entendimento em relação às demandas e necessidades dos 50+, para oferta de novos projetos de pesquisa na próxima edição do PICT Sênior e até para gerar novas ações extensionistas.

Nesse sentido, a Psicologia Social soma-se ao Design para auxiliar na captação das representações e práticas sociais desse público sobre o termo *projeto de vida*. Afinal, O que é *projeto de vida* para esse público?

A hipótese é a de que valores pessoais podem embasar os projetos de vida de um 50+. Por isso, este capítulo apresenta um instrumento capaz de revelar o que vem à mente dos 50+ sobre *projeto de vida*, instrumento este amparado pela Teoria das Representações Sociais (TRS), e quais são os seus *valores pessoais*, tendo como referência as perspectivas do Design Emocional (DAMAZIO, PINA & CECCON, 2017). O instrumento foi parte do processo de Design de Serviço, tendo como especial intenção a de complementar a fase de *exploração* do segundo protótipo do PICT Sênior.

Para tanto, foi feita uma intervenção metodológica multimodas — relacionando as técnicas qualitativa e quantitativa —, em busca de atender a necessidade de ampliar o conhecimento sobre o público sênior por meio de novas e mais vozes. O instrumento pode ser um meio de apoio à ação do Design, levando a novas formas de compreender o usuário para o qual se deseja projetar.

Em forma de questionário *on-line*, o instrumento foi dividido em três etapas: (1) na primeira, o respondente deveria indicar palavras ou expressões que lhe vinham à mente ao pensar em um “projeto de vida”; (2) na segunda, ele deveria indicar o nível de valorização das perspectivas do Design Emocional adaptadas às situações cotidianas, por notas que variavam de 1 a 5; e (3) na terceira etapa o respondente era convidado a indicar outros valores, além dos medidos na etapa anterior, por meio de um texto livre.

Com o objetivo de neste capítulo detalhar a pesquisa “Projeto de Vida”, no item 5.1 apresenta-se a importância do diálogo interdisciplinar que o Design deve estabelecer, justificando, em especial, a importância de haver esse diálogo com a Psicologia Social e com a TRS. No item 5.2 detalham-se o objetivo da pesquisa, os critérios para a seleção dos participantes, a estruturação do questionário e os

procedimentos de coleta e análise. No item 5.3, comentam-se os resultados obtidos com o suporte do Laboratório de Psicologia Social (LPS), vinculado ao Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP), fruto de um estágio doutoral feito por mim. No item 5.4, justifica-se, no âmbito desta pesquisa, a importância da TRS para o Design e a sustentação das perspectivas do Design Emocional.

5.1.

A importância do diálogo do Design com outras áreas

Pinheiro e Alt (2012), representantes da *Livework* no Brasil, primeira consultoria de design de serviços no mundo, destacam que as técnicas de outras disciplinas são boas fontes para explorar melhor as possibilidades ao projetar. Sugerem que conhecê-las nos fornece metodologias já consagradas, o que nos aproxima de uma solução mais condizente com determinada realidade. Por outro lado, os autores reconhecem que designers não podem e não devem atuar essencialmente como antropólogos, psicólogos ou engenheiros: podemos consultá-los e, como designers, aprimorar nossa visão interdisciplinar, adequando métodos para nossa ação projetual (idem; STICKDONR, 2014; MANZINI, 2017).

Sob uma ótica simplista, Edgar Morin⁵⁰ (1994) define a interdisciplinaridade como a associação de um grupo de disciplinas. Exemplifica afirmando que ela é tal como se fossem “diferentes nações que se posicionam na ONU, sem fazerem nada além de afirmar seus próprios direitos nacionais e suas próprias soberanias em relação às invasões do vizinho” (idem, p. 115). Ainda assim, segundo ele, esse posicionamento de cada disciplina pode suscitar “troca e cooperação” (idem), e sugere que a forma de correlacionar diversas teorias de disciplinas distintas “possa vir a ser alguma coisa orgânica”, alertando para o fato de que “é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada” (idem, 114).

A interdisciplinaridade, portanto, é a condição *sine qua non* e transversal aos elementos mais importantes desta tese: o 50+ e sua vocação para empreender em *projetos de vida*, o ambiente universitário e suas possíveis soluções de extensão universitária. Nesse sentido, destaca-se ainda que, das referências literárias recentes do campo do Design, a interdisciplinaridade é argumento para projetar “para” e, cada vez mais, “com” os usuários que se tem em mente (STICKDONR, 2014). Isso mostra que a sua premissa está na promoção de ações interdisciplinares envolvendo os usuários, neste caso os 50+, nas soluções de extensão universitária.

⁵⁰ Antropólogo, sociólogo e filósofo, um dos precursores do pensamento complexo.

5.1.1. O Design e a Psicologia Social

Nessa perspectiva, persiste a necessidade de se criar novos meios metodológicos para conhecer melhor os usuários. Observou-se que o Design de Serviços — tanto o Social quanto o Emocional — podem orientar um protótipo de serviço com foco no desenvolvimento do 50+, por meio da aprendizagem. Em comum entre essas frentes estão o caráter interdisciplinar, as práticas de cocriação e a dedicação ao atendimento de demandas não mecânicas e sociais complexas. Assim, a Psicologia Social soma-se ao processo apoiando a busca do entendimento profundo sobre os usuários. E, para melhor compreendê-los — e ainda que indiretamente —, leva-os a contribuir com o processo de criação, visando o atendimento real e efetivo de suas demandas.

Aroldo Rodrigues, referência internacional da Psicologia Social, reforça a importância do papel dos indivíduos nas relações interpessoais, considerando o “indivíduo em sociedade e não a sociedade propriamente dita” (RODRIGUES, 2012, p. 14). O autor argumenta que entender os fenômenos inerentes a essas relações ajuda para se chegar à “melhor compreensão do comportamento humano” (idem). Nesse sentido: O conhecimento e as orientações do Professor Samuel Lins levaram esta tese à TRS como inspiração teórica que fosse capaz de levantar mais informações sobre os 50+.

A TRS surgiu da necessidade de “compreender como o tripé grupos/atos/ideias transforma a sociedade” (OLIVEIRA, 2004, p. 180) foi desenvolvido por Serge Moscovici, psicólogo social romeno naturalizado francês. Nessa mesma linha, Marcos Oliveira⁵¹, professor do programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná, destaca a importância das representações sociais, e não só para a psicologia, mas também para a história e as ciências sociais.

Este trabalho a autora não assumir o papel de um psicólogo social, mas, sim, de uma designer que procurou conduzir uma pesquisa inspirada na TRS e em suas práticas metodológicas para conhecer melhor o 50+. Nesse ponto de vista, foi usado como referência um dos fundamentos das representações sociais defendidos por Moscovici, no qual ele indica a relevância de:

[...] tornar familiares objetos desconhecidos (novos) por meio de um duplo mecanismo então denominado amarração — “amarrar um barco a um porto seguro”,

⁵¹ Responsável por fazer a resenha do livro *Representações sociais: investigações em psicologia social* na Revista Brasileira de Ciências Sociais, classificada como A1, os mais elevados extratos de qualidade indicados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

conceito que logo evoluiu para sua congênere “ancoragem” —, e objetivação, processo pelo qual indivíduos ou grupos acoplam imagens reais, concretas e compreensíveis, retiradas de seu cotidiano, aos novos esquemas conceituais que se apresentam e com os quais têm de lidar (OLIVEIRA, 2004, p. 181).

Compreender o “objeto” nos aproxima dos valores e das visões imersas na sociedade; e, neste capítulo, a palavra “objeto” recebe o nome de *projeto de vida* dos 50+.

As técnicas da TRS revelam percepções sobre o desconhecido e indicam um ponto de partida para averiguar movimentos, ações e comportamentos sociais, retratando possíveis realidades e trazendo sentidos gerais. Entretanto, sobre os diagnósticos, frutos das investigações orientadas pela TRS, Moscovici afirma ser “perigoso tentar apresentar como um resultado comprovando algo que, para o momento, é apenas um horizonte” (MOSCOVICI, 2003 apud OLIVEIRA, 2004, p. 185). No entanto, para o Design de Serviços, esse “horizonte” pode ser a base para se iniciar novas etapas de *exploração e criação*.

Orientada pela teoria de Moscovici (2003) e pelas considerações de Rodrigues (2012), reconhecemos a necessidade de compreender o comportamento do indivíduo em sociedade, suas interações, reações recíprocas e pensamentos (OLIVEIRA, 2004) para que a aproximação da velhice como uma situação social favorável. Portanto, investigar um pequeno grupo e suas premissas, considerações e perspectivas do futuro, poderiam apontar — ainda que em um amplo horizonte — maneiras de se projetar a vida na maturidade.

5.1.2.

Contribuições da Teoria das Representações Sociais para o Design

No campo do Design, e em especial no do Design de Serviços, a TRS é uma boa “lente teórica”, segundo Friedrich Chasin⁵². Em seu estudo⁵³, o autor mostra a conexão que existe entre o Design de Serviços e as Representações Sociais em torno do discurso digital de usuários de carros elétricos. Seus resultados nos ensinam que “uma análise sistemática das representações sociais no discurso digital ajuda *designers* a entender o cliente que eventualmente utilizará o serviço” (CHASIN, 2016, P. 1574).

⁵² Professor pesquisador do Departamento de Sistemas de Informação da Universidade de Münster, na Alemanha.

⁵³ Trabalho apresentado na 49ª *Hawaii International Conference on System Sciences*, em 2016, com o título de *Business Analysis of Digital Discourse for New Service Development: A Theoretical Perspective and a Method for Uncovering the Structure of Social Representations for Improved Service Development*.

Tendo aplicado também um instrumento *on-line*, o professor afirma ainda que essa forma de coletar os relatos dos potenciais usuários revela oportunidades para a aplicação de outros experimentos capazes de proporcionar outras diferentes visões para “examinar o envolvimento dos clientes com o serviço antes e depois da implementação e das implicações derivadas durante a aplicação do método” (Idem). Trata-se, fundamentalmente, de uma oportunidade para a geração de “*insights* dessa etapa de análise” (idem, p. 1575), que suportam o Design a informar, melhorar e criar serviços.

Outro exemplo sobre a produtiva relação entre Design e a TRS está no trabalho de Halabi *et. al* (2014). Trata-se de uma investigação feita por professores de universidades na Suíça, no Reino Unido e nos Estados Unidos, apresentada na Conferência de Prato⁵⁴. No trabalho, os autores buscam preencher a lacuna existente entre *o explorar* e *o projetar participativo*, que, como eles sugerem, trata-se de um ponto “relativamente obscuro e que merece mais reflexão e discussão” (idem, p. 1). Os autores partem de uma preocupação em desenhar e entregar soluções de impacto social, refletindo sobre experiências em projetos comunitários na Síria, no Brasil e em Moçambique e com o amparo da literatura conceitual e metodológica sobre pesquisas participativas.

Tomada essa direção pelos autores, destaca-se o RE-ACT, projeto social dedicado ao acesso público às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), desenvolvido em comunidades carentes da Ilha de Moçambique, por meio dos seus Centros de Multimídia da Comunidade (CMCs). Durante três anos os autores, se propuseram a: (1) investigar os significados sociais que diferentes atores atribuem às CMCs por meio da teoria das representações sociais, segundo Moscovici (1961); (2) e desenhar e implementar ações de melhoria de desempenho das CMCs envolvidas no projeto, pautados no resultado do estudo das representações sociais (HALABI *et. al*, 2014, p. 6).

Esses autores convencidos quanto à lacuna entre o real e o Design, afirmaram que a TRS se mostrou uma teoria adequada, graças ao seu poder de “dar voz às perspectivas locais sem negligenciar as expectativas dos financiadores e das agências iniciadoras” (idem, p. 7). Por outro lado, os autores alertam para o fato de que, quando a lacuna persiste, ela leva ao insucesso das intervenções sociais com TICs, geralmente impostas por projetos *top-down*, que, por sua vez, ignoram a diversidade de cada contexto.

⁵⁴ Evento que acontece regularmente desde 2013, marcado por reunir acadêmicos, profissionais em Informática de Desenvolvimento comunitário e internacional.

Unindo o poder das TICs a um entendimento quanto às demandas locais — entendimento esse obtido graças às intervenções amparadas pela TRS e pelo Design, verificou-se a necessidade de criar um *site* “para promover a sustentabilidade local com o turismo na ilha”⁵⁵ (idem). Ao gerar novas visões sobre os potenciais usuários das CMCs, e por meio do Design, a TRS conseguiu criar soluções sob uma perspectiva de ganhos mútuos.

Considerando a experiência projetual do RE-ACT e os outros casos abordados no estudo, os autores extraem três dimensões analíticas que suportam a produção de conhecimento para projetar o uso do enquadramento metodológico da TRS como base para o Design.

A primeira dessas dimensões é a do “envolvimento dos *stakeholders*: entre a promoção de autoridade local e as estruturas comunitárias existentes”, dado que ela prediz que — ao entrar e melhorar as realidades de um local —, é preciso respeitar e emular posições hierárquicas do contexto, visando o papel notável de cada um dos envolvidos no projeto.

A segunda dimensão é a “Do conhecimento ao design: quanto conhecimento é útil?”, mostra que as intervenções metodológicas — tais como as suportadas pela TRS — geram conteúdo substancial, passível de ser explorado em ferramentas como, por exemplo, os *workshops*, que fundamentam a cocriação de um *site* como solução local.

A terceira, “O poder do enquadramento: entre o fluxo livre e estrutura forte”, é uma dimensão que sugere “um ato intencional que estabelece limites conceituais, criativos e práticos para o processo de design, decidindo o que é mantido e o que é deixado de fora” (idem, p.10).

Esses estudos sugerem que, juntos, TRS e Design podem amparar um ao outro. A parceria abre novas oportunidades para um melhor entendimento do usuário e para o aprofundamento da compreensão dos *stakeholders* envolvidos em uma ação de inovação social. Foi a partir desta perspectiva que a presente tese considerou um enquadramento conceitual e metodológico da TRS, cientificamente reconhecido, para a elaboração de um instrumento que permitisse contínuo entendimento quanto ao que pensa e ao que valoriza o público 50+.

Portanto, para que o PICT Sênior pudesse ser um apoiador de projetos de vida, era preciso antes entender o significado de *projeto de vida* para aqueles que já tivessem se relacionado com o *PUC-Rio mais de 50*. Esse entendimento reforçava uma das premissas do Design de Serviços: a de sofrer influências de outras

⁵⁵ O argumento para gerar soluções com foco no turismo está no fato de que, segundo a UNESCO, desde 1996 o local é Patrimônio da Humanidade.

disciplinas, especialmente daquelas “das ciências cognitivas, de serviços, da sociologia e antropologia para a ampliação de pesquisas na área” (BLOMKVIST, 2014, p. 316).

5.2.

A pesquisa “Projeto de Vida”

Sob a ótica da Psicologia Social — e diante da iminência de ouvir, de outra forma, potenciais, atuais e antigos usuários do programa *PUC-Rio mais de 50* —, a pesquisa “Projeto de Vida” se inspirou na teoria das Técnicas de Representações Sociais (TRS) e na técnica de associação livre de palavras. O objetivo era compreender o significado de *projeto de vida* abrangendo mais pessoas.

Antes da coorientação do Professor Samuel Lins, a necessidade era incrementar o *PUC-Rio mais de 50* com novos serviços de extensão universitária. As intervenções metodológicas nesse sentido, anteriormente aplicadas, avaliavam as atividades propostas e os usuários, sendo todas exclusivamente de cunho qualitativo. Como exemplo, entre outras técnicas concentradas em pequenos grupos, haviam sido aplicadas as de *observação participante* e *grupo de foco*. Nesse sentido, e sob a orientação do Professor Samuel Lins, a pesquisa “Projeto de Vida” foi pautada em uma abordagem multimétodos, mantendo o cunho qualitativo e acrescentando o quantitativo, procurando ouvir mais vozes e, eventualmente, complementar tudo o que até então havia sido feito.

5.2.1.

Participantes

Os participantes compuseram uma amostra de conveniência não probabilística de 287 pessoas com mais de 50 anos de idade (Média = 59,26 DP = 6,10) e envolvidas com as atividades do *PUC-Rio mais de 50*. Desses respondentes, 249 eram mulheres (87%) e 38 homens (13%). Sobre a classe social, a interpretação que eles próprios tinham era a de pertencer à classe média (56%), sendo seguidos por aqueles que se julgavam representantes da classe média alta (20%) e média baixa (18%), não tendo sido expressivo o número dos que se intitulavam membros das classes alta (4%) e baixa (2%).

A média de idade foi 59 anos, que, portanto, ficou abaixo dos 60 anos, idade determinante para a condição de idoso segundo o Estatuto do Idoso (2003). As análises indicam um desvio padrão de 6,10 pontos, o que permite dizer que a maioria dos respondentes se encontra entre 53 e 65 anos. Verificamos que mais uma vez se reflete o maior envolvimento das mulheres, bem como o de pessoas de classes sociais mais abastadas. Esta última característica talvez tenha relação

com a posição geográfica da PUC-Rio, em uma região nobre do município do Rio de Janeiro. A figura a seguir mostra o perfil e as proporções mais significativas dos respondentes.

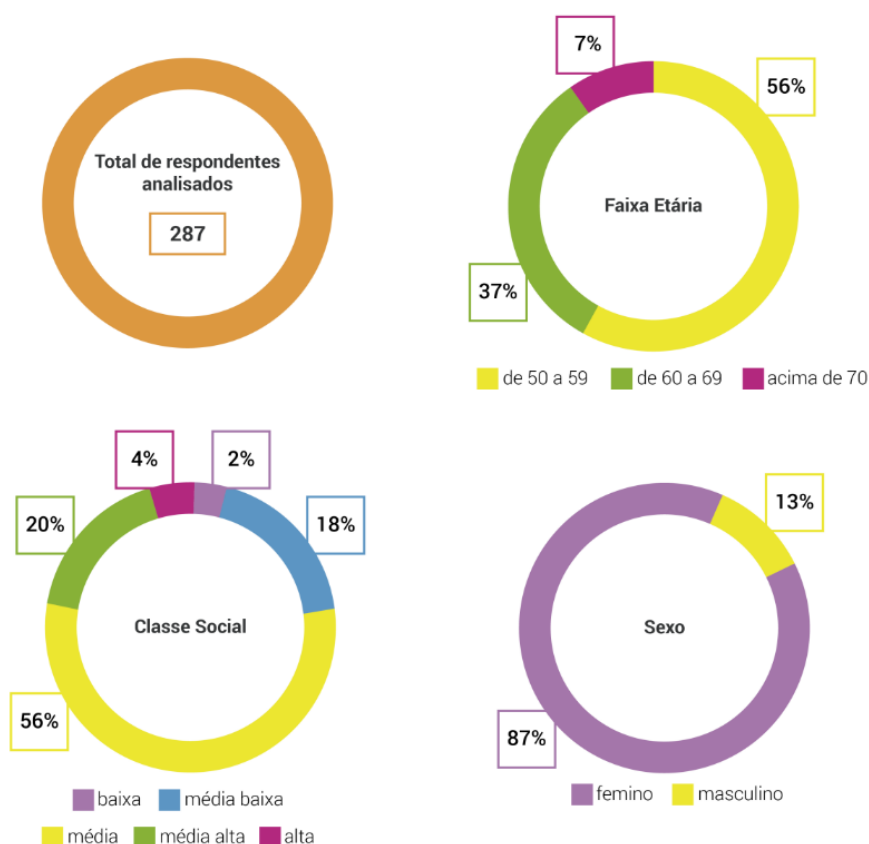


Figura 19: Visão geral dos respondentes da pesquisa "Projeto de Vida"

5.2.2. Instrumento

Amparada pela TRS, a técnica de associação livre de palavras encontrou no modelo de questionário *on-line* o melhor meio de aplicação, tendo em vista que o convite para participar da pesquisa foi feito aos mais de 1.500 participantes do *PUC-Rio mais de 50*. Por ser uma técnica metodológica clássica no estudo do conteúdo das representações sociais, a associação de palavras tem sido, inclusive, aplicada em estudos dedicados a compreender a visão de certos grupos sobre o envelhecimento (WACHELKE ET AL., 2008; SILVA ET. AL, 2015; HEDER ET. AL, 2016).

A escolha do termo "projeto de vida" como um meio para estimar a visão social dos maiores de 50 veio das indicações da filósofa Simone de Beauvoir. Sugestionados por aquelas indicações e sob o ponto de vista do Design, parecíamos que uma das maneiras de se compreender os reais interesses de usuários

seniores previa uma nova maneira de coletar suas falas, para além da pergunta que sempre se inicia com “O que você gostaria”?

Portanto, a relação entre Design e Psicologia Social fez desse questionário *on-line* um instrumento de intervenção metodológica multimétodos, constituído de três etapas: (1) a utilização da técnica de associação livre de palavras, na qual o respondente deveria indicar até cinco palavras ou expressões ao pensar em “projeto de vida”; (2) a indicação do nível da valorização das perspectivas do Design Emocional, adaptados às situações cotidianas, medidas por uma escala *Likert* de cinco pontos, onde 1 significa que os valorizo pouco e 5 que os valorizo muito; e (3) a indicação voluntária por texto livre, na qual o respondente poderia apontar outros valores, além dos medidos na etapa anterior. A figura a seguir indica as etapas do questionário.

1 - Quando você pensa em "PROJETO DE VIDA", quais são as cinco primeiras palavras ou expressões que lhe vem espontaneamente à mente?

1ª palavra ou expressão que lhe vem à mente
Sua resposta

2ª palavra ou expressão que lhe vem à mente
Sua resposta

3ª palavra ou expressão que lhe vem à mente
Sua resposta

4ª palavra ou expressão que lhe vem à mente
Sua resposta

5ª palavra ou expressão que lhe vem à mente
Sua resposta

2 - O quanto você valoriza...

Estar atualizado?

1	2	3	4	5
valorizo pouco	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	valorizo muito

Estar engajado em causas sociais e humanitárias?

1	2	3	4	5
valorizo pouco	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	valorizo muito

Estar trabalhando remuneradamente?

1	2	3	4	5
valorizo pouco	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	valorizo muito

Cuidar da mente?

1	2	3	4	5
valorizo pouco	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	valorizo muito

Praticar alguma religião?

1	2	3	4	5
valorizo pouco	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	valorizo muito

Acrescente aqui o que mais você valoriza além das opções acima apresentadas

Sua resposta

Última etapa. Nos fale mais de você.

Figura 20: Etapas do formulário da pesquisa "Projeto de Vida"

Em março de 2019, pesquisando a respeito na plataforma Google Acadêmico, os termos "associação livre de palavras", "projeto de vida" e "idoso" não foram localizados em nenhuma publicação que sugira a aplicação do uso de associação livre de palavras para compreender o que o público idoso pensa a respeito de projeto de vida. O que se observou, por outro lado, foram publicações que se propõem a investigar por meio da associação livre de palavras o que crianças, adolescentes e jovens pensam sobre o termo "projeto de vida"⁵⁶. Mas, quando o foco sobre o público investigado recai sobre os mais velhos, constatava-se que as publicações

⁵⁶ Silva (2016) trata da percepção do jovem universitário do agreste pernambucano sobre projeto de vida. Já nos anais do *II Colóquio de Orientação Profissional, de Carreira e para Aposentadoria* há predominância de artigos destinados a entender e estimular projeto de vida para os mais jovens. Apesar dessa publicação trazer dois artigos relacionando projeto de vida com aposentadoria, tratam-se de estudos que não faz o uso de associação livre de palavras, nem procura entender o termo sob o ponto de vista do público sênior. Esta última publicação está disponível em: http://instserop.com.br/wp-content/uploads/2015/11/ANAIS_COLOQUIO_2014.pdf

se dedicavam aos estereótipos (PAIVA, ET. AL, 2013), à aposentadoria (SANTOS, 2018) e à espiritualidade (GUTZ, 2013). Isso reforça a ideia de que, mesmo com todas as mudanças impostas pelo envelhecimento populacional, parece haver poucos estudos para complementar a visão de Goldenberg (2013), de que os belos velhos se lançam a novos projetos de vida.

5.2.3.

Procedimentos de Coleta

O período de aplicação do questionário foi de outubro de 2016 a junho de 2018. Inicialmente, ele foi enviado por *e-mail* e, depois, no Facebook⁵⁷, disponibilizado na página do *PUC-Rio mais de 50* para todos que se envolveram com o programa, incluindo, neste caso, os inscritos nos dois protótipos do PICT Sênior. Antes mesmo da primeira etapa do questionário, todos os respondentes foram informados sobre os objetivos do estudo e sobre o anonimato e a confidencialidade de suas respostas. No final dos esclarecimentos — e somente após a obtenção do consentimento deles para terem as suas respostas analisadas —, foi que os participantes tiveram acesso às perguntas. Outro critério de inclusão foi o de que os participantes deveriam ter mais de 50 anos de idade.

5.2.4.

Procedimentos de Análise

A **primeira etapa do questionário** destinava-se a coletar as cinco primeiras palavras ou expressão que viessem à mente do respondente quando ele pensava em *projeto de vida*. Ao definir a base de dados a ser analisada, referente a 287 respondentes, iniciamos o processo pela *regra de redução*, transformando verbos em sua forma infinitiva e reduzindo palavras à forma masculina singular, comumente usada na associação livre de palavras (Rosenberg & Jones, 1972). As expressões-alvo dessas regras de redução foram, por exemplo, “meus filhos” (reduzida a “filho”), “meus netos” (reduzida a “neto”), “estudos” (reduzida a estudo) e “viagens” (reduzida a “viagem”).

Para as análises desta etapa, foi utilizado o *software Iramuteq — R Interface for Analysis Multidimensionnelles of Textes et de Questionnaires* (Ratinaud, 2009) — com o apoio do qual quatro análises foram realizadas: (1) levantamento de palavras mais citadas; (2) análise de similaridade que pressupõe como essas palavras estão relacionadas; (3) análise de Classificação Hierárquica Descen-

⁵⁷ A página do PUC-Rio mais de 50 está disponível em: <https://www.facebook.com/pucmaisdecinquenta/>

dente (CHD), que mostra como as palavras estão agrupadas em classes, remetendo à ideia de categorização; e (4) Análise Fatorial de Correspondência (AFC), que complementa a análise anterior, indicando o posicionamento das classes em um plano cartesiano, sugerindo proximidade ou distanciamento do sentido atribuído a ideia de *projeto de vida*.

No **levantamento das palavras mais citadas**, o resultado que indica as dez primeiras: saúde (99), viagem (62), família (43), realização (40), felicidade (40), trabalhar (34), amigo (29), paz (24), futuro (24) e qualidade de vida (22). Para a análise textual da associação livre de palavras, considera-se o corpus — agrupamento de todas as respostas analisadas —, que se subdivide em 287 segmentos textos (ST), um para cada participante da pesquisa.

A *frequência* das palavras foi extraída das “estatísticas gerais” do *software*, estatísticas essas representadas em um gráfico que aponta as dez palavras mais citadas entre todos os participantes. A *representatividade* foi exposta graficamente pela “nuvem de palavras”, na qual as palavras de maior importância no corpus textual assumem tamanhos maiores (SALVIATI, 2017). As figuras a seguir representam o gráfico e a nuvem de palavras, que revelam, portanto, aquelas mais relevantes nos discursos de todos os entrevistados.

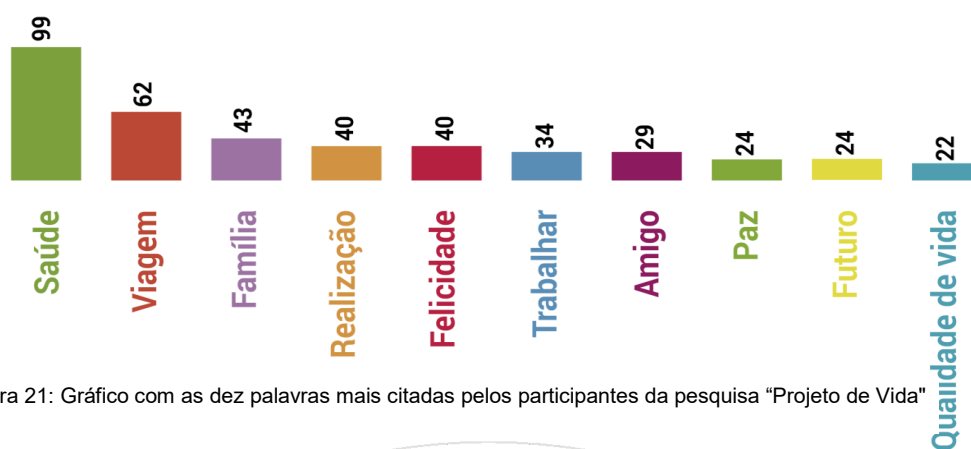


Figura 21: Gráfico com as dez palavras mais citadas pelos participantes da pesquisa "Projeto de Vida"

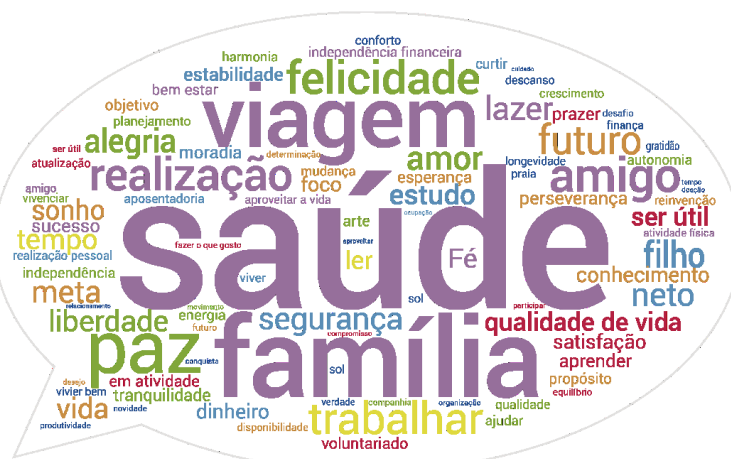


Figura 22: Nuvem de palavras: relevância de cada palavra citadas na pesquisa "Projeto de Vida"

Na sequência, uma das formas de estruturar a representação social do termo *projeto de vida* se dá por meio da **análise de similaridade**, que mostra como as palavras mencionadas estão relacionadas. Nessa análise, a ocorrência das palavras e sua conectividade — palavras que no geral são espontaneamente indicadas por um mesmo participante — auxiliam na identificação da estrutura do conteúdo do corpus textual. A figura a seguir ilustra a análise de similaridade das palavras citadas pelos respondentes.

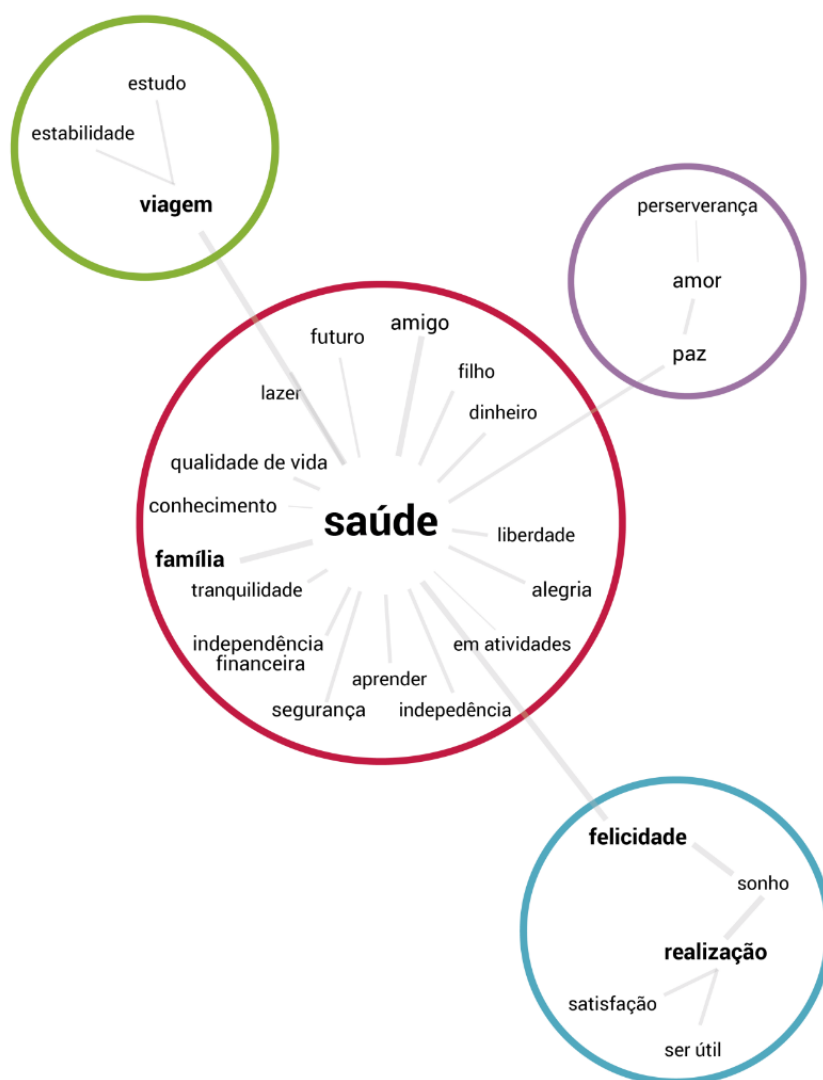


Figura 23: Análise de similaridade entre as palavras citadas para representar projeto de vida

Já por meio da **Classificação Hierárquica Descendente** (CHD), cria-se um dendrograma, um tipo de diagrama que organiza as palavras em classes (Carmargo e Justo, 2013). Em cada classe, cada uma das palavras foi associada a um valor de *qui-quadrado* (χ^2). Estatisticamente, quanto maior o valor do χ^2 , mais significativa é a associação da palavra com sua classe.

Considerando a vivência no *PUC-Rio mais de 50* e a literatura explorada para entender os 50+, procuramos nomear essas classes; e, para nomear e interpretar as classes do DHC, adotamos um processo no qual dois juízes — o Professor Samuel Lins e eu — interpretam e nomeiam independentemente as classes e os fatores. Posteriormente, essas interpretações foram cruzadas e um consenso sobre a classificação final foi negociado com o grupo de estudos de Laboratório de Psicologia Social da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto durante o estágio doutoral de que participei. A representação da CHD está na figura a seguir.

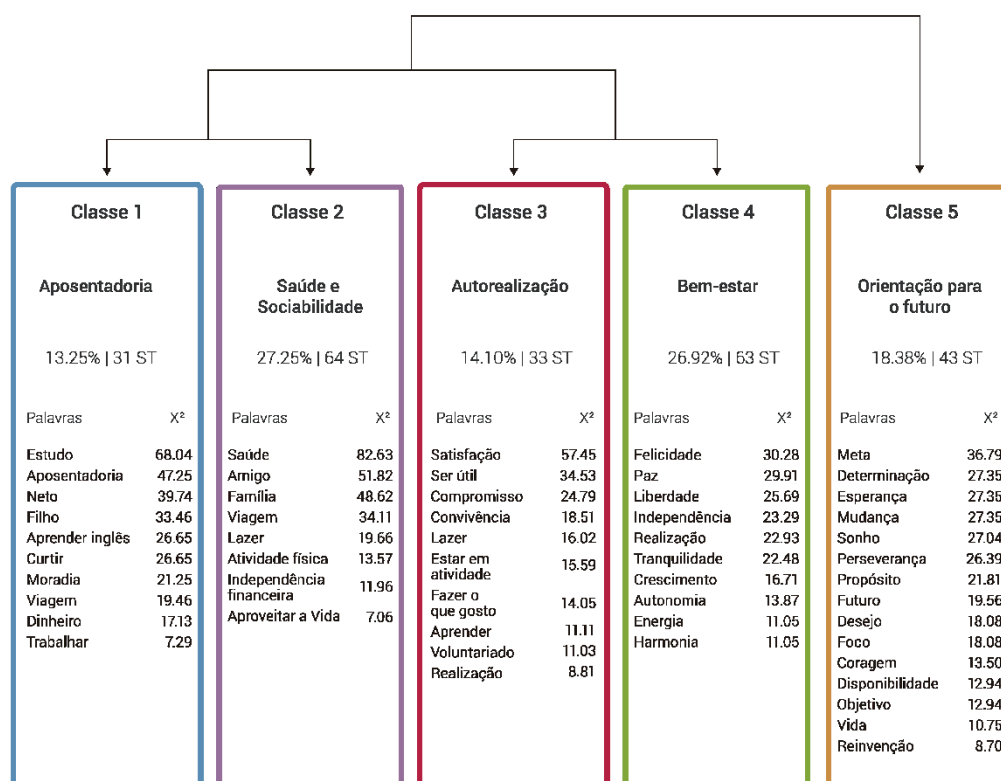


Figura 24; Classificação Hierárquica Descendente (CHD), indica as palavras agrupadas por classe

Classe 1 – Aposentadoria

Esta classe mostra que *projeto de vida* está associado à *vida na aposentadoria*, como oferecendo possibilidades de estudo, trabalho, família e lazer. Composta por 31 ST, correspondendo a 13,25% do corpus textual analisado. Suas palavras mais representativas foram: estudo ($\chi^2 = 68.04$), aposentadoria ($\chi^2 = 47.25$); neto e filho ($\chi^2 > 30$); aprender inglês, curtir, moradia ($\chi^2 > 20$); viagem e dinheiro ($\chi^2 > 10$) e trabalhar ($\chi^2 > 7$).

Classe 2 – Saúde e Sociabilidade

Nesta classe, o significado de projeto de vida está relacionado às dimensões da saúde e sociabilidade, sendo considerados meios como atividade física, viagem e lazer. Esta foi a maior classe encontrada, composta por 64 ST, correspondendo a 27,35% do total do corpus analisado. Suas palavras/expressões com maior destaque foram: *saúde* ($\chi^2 = 82.63$), *amigo* ($\chi^2 = 53.82$), *família* ($\chi^2 = 46.62$), *viagem*, *lazer*, *atividade física*, *independência financeira* ($\chi^2 > 10$) e *aproveitar a vida* ($\chi^2 > 7$).

Classe 3 – Autorrealização

Esta classe relaciona projeto de vida com aspectos de autorrealização. Indica movimentos que sustentem a realização pessoal, considerando o ato de aprender, o voluntariado e oportunidades de se manter útil. Foi composta por 33 ST, correspondendo a 14,10% do total do corpus. Suas principais palavras/expressões foram *satisfação* ($\chi^2 = 57.45$); *ser útil* ($\chi^2 = 34.53$); *compromisso* ($\chi^2 = 24.79$); *convivência*, *lazer*, *estar em atividade*, *fazer o que gosto*, *aprender*, *voluntariado* ($\chi^2 > 10$) e *atualização* ($\chi^2 > 7$).

Classe 4 – Bem-estar

Esta classe está relacionada a ideias importantes para uma vida feliz, pautadas na serenidade e alegria de viver, sugerindo a busca de movimentos que garantam momentos de contemplação e de autoconhecimento. Trata-se da segunda maior classe, composta por 63 ST, correspondendo a 26,92% do total do corpus. Suas palavras foram *felicidade* ($\chi^2 = 30.28$); *paz*, *liberdade*, *independência*, *realização*, *tranquilidade* ($\chi^2 > 20$), *crescimento*, *autonomia*, *energia e harmonia* ($\chi^2 > 10$).

Classe 5 – Orientações para o futuro

A classe aponta para em direção ao futuro, mostrando que a expressão projetar a vida está relacionada a metas, determinação, esperança e sonho, entre outras condicionantes para pensar na vida mais adiante. Esta classe foi composta por 43 ST, correspondendo a 18,38 % do total do corpus. É representada pelas palavras: *metas* ($\chi^2 = 36.79$), *determinação*, *esperança*, *mudança*, *sonho*, *perseverança*, *propósito* ($\chi^2 > 20$); *futuro*, *desejo*, *foco*, *coragem*, *disponibilidade*, *objetivo*, *vida* ($\chi^2 > 10$); *reinvenção* ($\chi^2 > 8$).

A **Análise de Fatorial de Correspondência** (AFC) é outro método estatístico exploratório que também utiliza o χ^2 para processar frequências de dados, permitindo a elaboração de uma representação gráfica dos dados em fatores (OLIVEIRA & AMARAL, 2007; LO MONACO, PIERMATTÉO, GUIMELLI & ABRIC, 2012). Juntas, a CHD e a AFC ajudam a dimensionar as representações do termo

projeto de vida: muitas vezes relacionado ao número de classes da CDH, como em Lins (2013). A seguir é possível verificar representação gráfica da AFC.

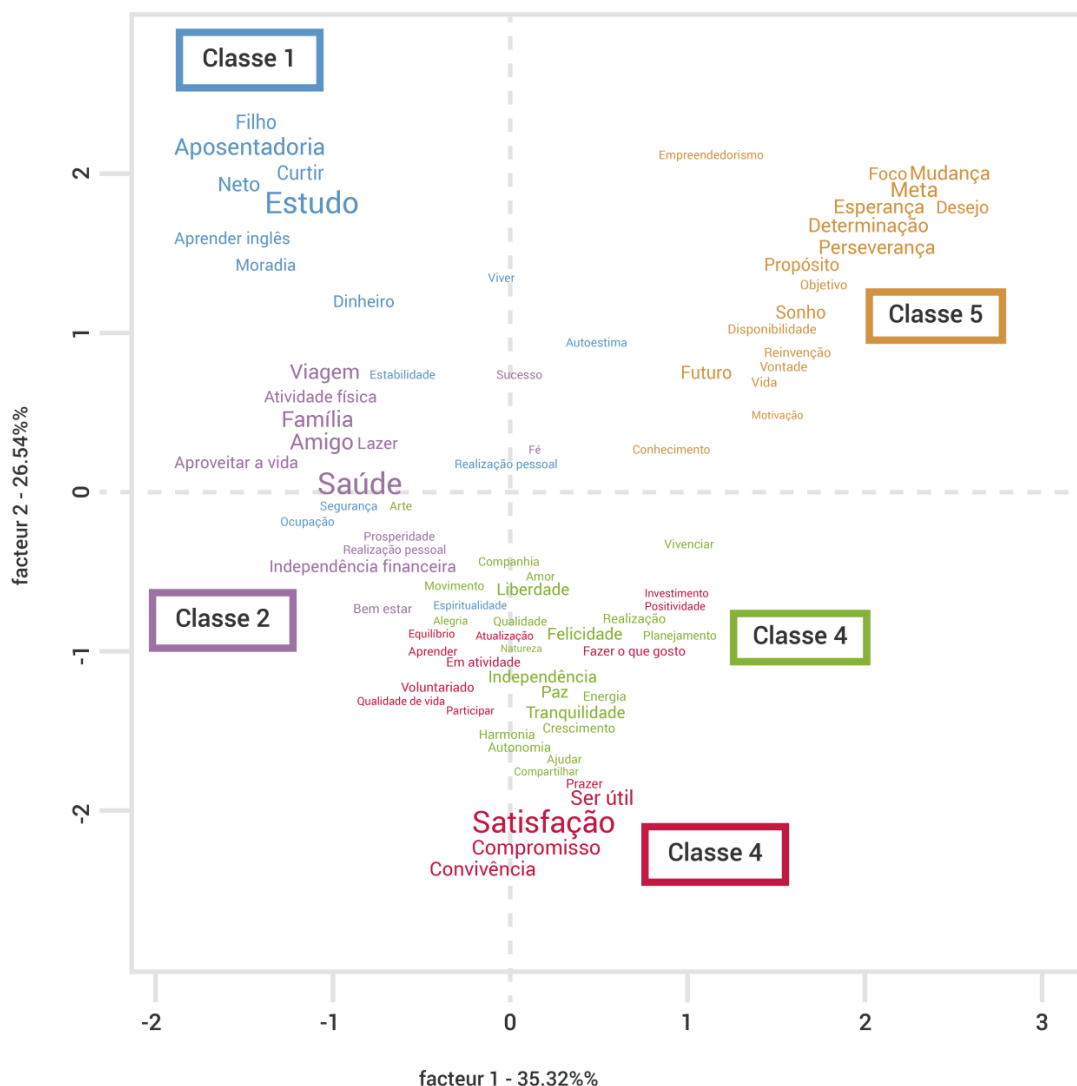


Figura 25: Análise Fatorial de Correspondência (AFC): as classes representadas em plano cartesiano

Para a **segunda etapa do questionário**, adotamos uma análise simples, que calculou a média e o desvio-padrão das notas atribuídas pelos respondentes a cada pergunta feita. As notas eram indicadas por meio de uma escala *Likert* de 5 pontos, onde 1 significa *valorizo pouco* e 5 *valorizo muito*. É importante salientar que as referências para a elaboração dessas perguntas foram extraídas dos conceitos das perspectivas do Design Emocional, de Damazio, Pina & Ceccon (2017). O início da pergunta era sempre o mesmo, e consistia em se querer saber “o quanto você valoriza...” para depois vir seguido de 11 questões relacionadas às sete perspectivas.

A tabela a seguir mostra quais perguntas foram relacionadas às perspectivas do Design Emocional e, para cada uma delas, os seus valores de média e desvio padrão.

Perspectivas do Design Emocional	Identidade Maiores de 60 anos se expressarem como indivíduos plurais e serem e fazerem o que bem desejarem	Sociabilidade Ampliação do círculo de amizades, interações sociais e o fortalecimento de vínculos afetivos	Cidadania Formas e meios de promover participação social, engajamento cívico e pleno exercício de direitos e deveres	Bem-estar Estados e experiências de relaxamento, serenidade, contemplação, meditação e relação com o transcendental	Autocuidado Conscientização, a aceitação e a adaptação dos maiores de 60 anos a suas novas condições físicas e mentais	Diversão Rotina mais divertida e criam oportunidades de entretenimento e descontração	Aprendizado Troca, a aquisição e o aprofundamento de saberes, de preferência, favorecendo a convivência dos participantes.
Segundo Damazio, Pina & Ceccon (2017)							
Pergunta correspondente	Ser independente? M= 4,9 DP = 0,3	Conviver com a família? M= 4,8 DP = 0,6	Se engajar em causas sociais e humanitárias? M= 4,3 DP = 0,9*	Praticar alguma religião? M= 3,6 DP = 1,4	Poder contar com ajuda? M= 4,3 DP = 0,9 *	Se divertir e se entreter? M= 4,6 DP = 0,7	Estar atualizado? M= 4,8 DP = 0,5
"O quanto você valoriza..."		Conviver com os amigos? M= 4,6 DP = 0,7	Estar trabalhando remuneradamente? M= 4,1 DP = 1,2		Cuidar do corpo? M= 4,3 DP = 0,9 *		
Média (M) e Desvio padrão (DP) de cada pergunta					Cuidar da mente? M= 4,8 DP = 0,4		

*Empatados no terceiro lugar como mais inconsistentes

Figura 26: O que mais e o que menos valorizam os participantes da pesquisa "Projeto de Vida"

Nessa análise, sob o ponto de vista dos respondentes, *ser independente* foi a condição mais valiosa, com média 4,9 e desvio padrão de 0,30 (o menor de todos), sendo acompanhada da vontade de *cuidar da mente* (M= 4,8 e DP = 0,4) e de *estar atualizado* (M= 4,8 e DP = 0,5). Em contrapartida, dentre as menores médias e os maiores desvios padrão estão *praticar uma religião* (M= 3,6 e DP = 1,4), *trabalhar remuneradamente* (M= 4,1 e DP = 1,2) e, empatadas em terceiro lugar, as condições de (M= 4,3 e DP = 0,9) *estar engajado em causas sociais e humanitárias*, *poder contar com ajuda* e *cuidar do corpo*.

Para a **terceira etapa do questionário**, adotamos a análise de conteúdo segundo Laurence Bardin (2013). Foram analisadas 218 respostas dos 287 respondentes, acompanhadas de complementos em texto livre sobre o que mais era valorizado pelo grupo, além das opções apresentadas na segunda etapa.

Para esse tipo de captação de respostas, o questionário é reconhecido como suporte para que se estabeleça uma comunicação escrita *dual* (BARDIN, 2013). Por meio dele, coletamos informações que atendam às funções da análise de conteúdo: a função heurística, que "enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão para descoberta" (idem, p. 31) e a função de "administração da prova", que testa hipóteses por meio de questões ou afirmações provisórias (idem).

É possível afirmar que, ao disponibilizar aos participantes da pesquisa um espaço para que eles pudessem comentar mais sobre outros valores, seria possível avaliar suas respostas respeitando-se concomitantemente as duas funções — a heurística, por manter mais de uma maneira de explorar quais são seus valores e a relação deles com seu ato de projetar a vida, e a de testar a hipótese quanto a se os valores estão relacionados as perspectivas do Design Emocional, em relação a *identidade, sociabilidade, cidadania, bem-estar, autocuidado, diversão e aprendizado*.

Sem limitar as adequações necessárias para aplicação da pesquisa, a análise de conteúdo também é passível de adaptações, assim como a TRS que inspirou um quadro metodológico. Definida como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (idem, 33), ela não é “um instrumento, mas um leque de apetrechos” (idem), considerando as particularidades da comunicação, apontado por Bardin (2013) como um “campo muito vasto”. A autora ensina que “qualquer comunicação, isto é, qualquer veículo de significado de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo” (idem, p. 34).

Ao aplicar a análise de conteúdo, o único rigor considerado foi em relação as suas regras. As regras estão relacionadas à maneira de considerar as respostas, que, por sua vez, são agrupadas em categorias que devem ser: homogêneas, de igual natureza, representando uma unidade conceitual; exaustivas, esgotando sua totalidade no texto; exclusivas, um mesmo elemento não pode estar em duas categorias; objetivas, não comprometendo que códigos diferentes cheguem a resultados iguais; e adequados ou pertinentes, adaptando o conteúdo ao objetivo da pesquisa.

No entanto, mantendo o contínuo interesse de revisar essas perspectivas e, cada vez mais, relacionando-os às possibilidades de gerar ações projetuais para o público 50+, foi possível associar as respostas a novas categorias e depois verificar como cada uma delas se relaciona, ou não, com as perspectivas do Design Emocional. A análise dessas respostas nos colocou diante da oportunidade de apurar uma nova perspectiva ou, simplesmente, realizar uma adequação conceitual das existentes.

Alguns dos 218 participantes apontavam mais de um valor no seu texto, o que totalizou 229 códigos analisados e categorizados. Estes, segundo as regras de exclusividade e exaustividade, foram associados à sua respectiva categoria. Bardin (2013) esclarece que cada fragmento de resposta é um código, que pode ser ainda “a palavra, a frase, o minuto o centímetro quadrado” (p. 38). Para nomear

as categorias utilizadas, considerando a influência das perspectivas do Design Emocional, procurou-se mais especificidade. Identidade, Sociabilidade, Cidadania, Bem-estar, Autocuidado, Diversão, Aprendizado já eram referências.

As sete perspectivas do Design Emocional estiveram presentes na comunicação estabelecida com os 50+ por meio do questionário. Dentre elas, a que mais representou as categorias criadas foi o da *Cidadania*. Às cinco categorias subordinadas ao conceito desta perspectiva somaram-se 56 códigos, sendo “cidadania e sociedade” a categoria mais representativa. A perspectiva responsável por representar o maior número de códigos foi “Identidade”. Seus 92 códigos estiveram relacionados especialmente à categoria “individualidade e autorrealização”, com 70 códigos. As outras perspectivas representadas foram “Sociabilidade”, com três categorias e um total de 34 códigos; e “Autocuidado”, com uma categoria que concentrou 25 códigos; “Aprendizado” com uma categoria e 16 códigos; e “Bem-estar” com uma categoria de apenas 6 códigos. Outra forma de enxergar essa informação, considerando a proporção de códigos diante do total, está na próxima figura:

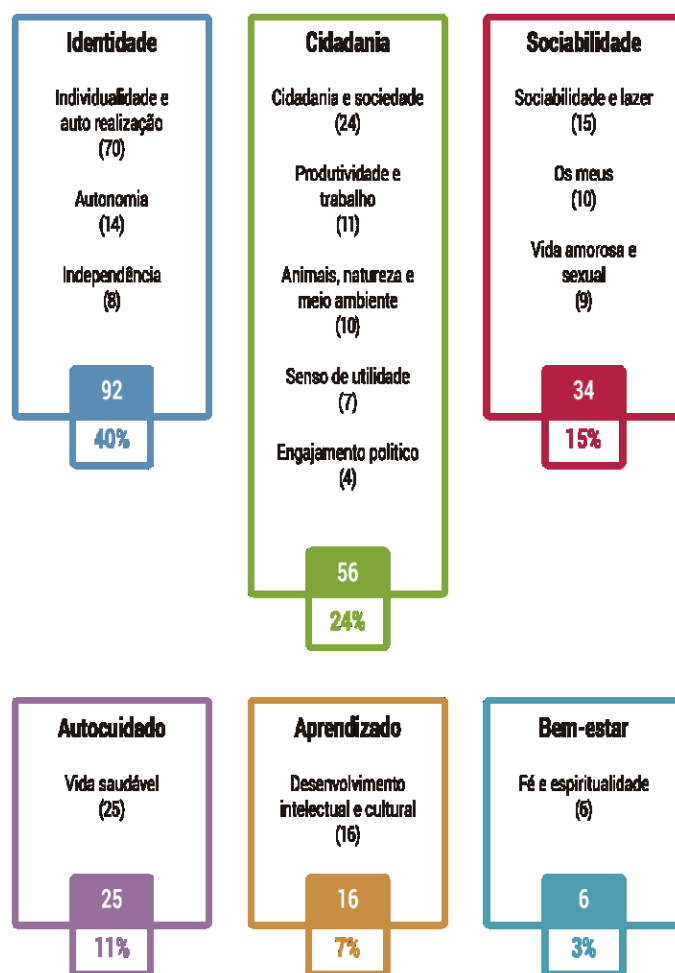


Figura 27: Perspectivas do design Emocional e a relação com categorias da pesquisa “Projeto de Vida”

Assim como na primeira etapa, em que as respostas estavam majoritariamente associadas à palavra *saúde* — nem sempre limitada às questões física e biológica, nesta etapa também se pode ter uma visão mais ampla e profunda de *individualidade e realização*. O texto livre mostra a vontade dos respondentes quanto a se ter uma vida saudável (categoria com o segundo maior agrupamento códigos), sem abdicar de práticas cidadãs com foco no bem social (ideia extraída da categoria cidadania e sociedade, segundo maior agrupamento de códigos). A seguir ilustra-se essa aplicação: a Figura 28 indica o número de ocorrências de cada categoria, seu conceito e exemplos de códigos que sustentam seus nomes. A Figura 29 mostra a relação entre cada uma dessas categorias com as perspectivas do Design Emocional.

Ocorrências	Categoria	Conceito da Categoria	Exemplos de códigos
70	Individualidade e Auto realização	Prevê desejos para a própria vida, como base para realizações pessoais	"Estar em paz"; "Bom Humor"; "Estar de bem com a vida"; "Conviver com jovens e me sentir jovem."
25	Vida saudável	Preocupação com saúde	"Prática de atividade física"; "Gozar de boa saúde e ter acesso às descobertas da ciência"
24	Cidadania e Sociedade	Valores éticos e morais que embasam sua atuação social	"Ajudar a melhorar o mundo"; "Ética e respeito entre as pessoas"
16	Desenvolvimento intelectual e cultural	Desejo de se manter intelectualmente ativo e culturalmente entusiasmado	"Viajar para conhecer lugares e culturas"; "Aprender sempre"; "Constante atualização"
15	Sociabilidade e Lazer	Estar junto mantendo a ideia de lazer, preservando vínculos socioculturais	"Compartilhar com as pessoas que encontro no caminhar"; "Viajar"; "Lazer"
14	Autonomia	"Habilidade de controlar, lidar e tomar decisões pessoais sobre como se deve viver diariamente, de acordo com suas próprias regras e preferências." (OMS, 2005, p. 14)	"Ser responsável pelas minhas escolhas"; "Ter opinião própria"
11	Produtividade e Trabalho	Realização com o trabalho desempenhado, remunerado ou não, e a manutenção do emprego.	"Gostar do que faz profissionalmente"; "Valorizo o prazer de ainda estar trabalhando motivada!"
10	Animais, Natureza e Meio ambiente	Prazer e preferência por engajamento voltado para questões ambientais, cuidado com os animais e preocupações com meio ambiente	"Cuidar do meio ambiente"; "Os animais"
10	Ações com e para os meus	Ações que pressuponham o bem do outro, um outro próximo como família e amigos	"Legado familiar"; "Ser exemplo para meus filhos e família"; "Família e amigos"
09	Vida amorosa e sexual	Necessidade ou busca de se manter envolvido com e em um relacionamento amoroso	"Manter relações sexuais saudáveis"; "Namorar, amar, dividir"; "Amar e ser amada"
08	Independência	"Habilidade de executar funções relacionadas à vida diária, isto é, capacidade de viver independentemente na comunidade com alguma ou nenhuma ajuda" (OMS, 2005, p.14)	"Pagar minhas contas"; "Liberdade de ir e vir"
07	Senso de utilidade	Contribuir para algo que ainda está por vir, uma pré-disposição para novas oportunidades que exijam sua utilidade, seu saber fazer, seu se sentir capaz	"Ser útil a mim mesmo e a meu próximo e porque não dizer ao meu País"; "Ser útil"
06	Fé e espiritualidade	Adoção a sua vida religiosa e busca de espiritualidade, relacionada a uma possível sensação de paz de espírito	"Comunhão com Deus"; "Ser espiritualizada"; "Práticas espiritualistas"
04	Engajamento político	Vida política, muitas vezes manifestando a vontade de se envolver em causas que os envolva a novas atuações políticas	"Ter participação ativa nos processos políticos"; "Participação nas políticas públicas"

Figura 28: Número de ocorrências das categorias, seus conceitos e exemplos de códigos

Ocorrências	Categoria	Conceito da Categoria	Exemplos de códigos
70	Individualidade e Auto realização Identidade	Prevê desejos para a própria vida, como base para realizações pessoais	"Estar em paz"; "Bom Humor"; "Estar de bem com a vida"; "Conviver com jovens e me sentir jovem"
25	Vida saudável Autocuidado	Preocupação com saúde	"Prática de atividade física"; "Gozar de boa saúde e ter acesso às descobertas da ciência"
24	Cidadania e Sociedade Cidadania	Valores éticos e morais que embasam sua atuação social	"Ajudar a melhorar o mundo"; "Ética e respeito entre as pessoas"
16	Desenvolvimento intelectual e cultural Aprendizado	Desejo de se manter intelectualmente ativo e culturalmente entusiasmado	"Viajar para conhecer lugares e culturas"; "Aprender sempre"; "Constante atualização"
15	Sociabilidade e Lazer Sociabilidade	Estar junto mantendo a ideia de lazer, preservando vínculos socioculturais	"Compartilhar com as pessoas que encontro no caminhar"; "Viajar"; "Lazer"
14	Autonomia Identidade	"Habilidade de controlar, lidar e tomar decisões pessoais sobre como se deve viver diariamente, de acordo com suas próprias regras e preferências." (OMS, 2005, p. 14)	"Ser responsável pelas minhas escolhas"; "Ter opinião própria"
11	Produtividade e Trabalho Cidadania	Realização com o trabalho desempenhado, remunerado ou não, e a manutenção do emprego.	"Gostar do que faz profissionalmente"; "Valorizo o prazer de ainda estar trabalhando motivada"
10	Animais, Natureza e Meio ambiente Cidadania	Prazer e preferência por engajamento voltado para questões ambientais, cuidado com os animais e preocupações com meio ambiente	"Cuidar do meio ambiente"; "Os animais"
10	Ações com e para os meus Sociabilidade	Ações que pressupõem o bem do outro, um outro próximo como família e amigos	"Legado familiar"; "Ser exemplo para meus filhos e família"; "Família e amigos"
09	Vida amorosa e sexual Sociabilidade	Necessidade ou busca de se manter envolvido com e em um relacionamento amoroso	"Manter relações sexuais saudáveis"; "Namorar, amar, dividir"; "Amar e ser amada"
08	Independência Identidade	"Habilidade de executar funções relacionadas à vida diária, isto é, capacidade de viver independentemente na comunidade com alguma ou nenhuma ajuda" (OMS, 2005, p.14)	"Pagar minhas contas"; "Liberdade de ir e vir"
07	Senso de utilidade Cidadania	Contribuir para algo que ainda está por vir, uma pré-disposição para novas oportunidades que exijam sua utilidade, seu saber fazer, seu se sentir capaz	"Ser útil a mim mesmo e a meu próximo e porque não dizer ao meu País"; "Ser útil"
06	Fé e espiritualidade Bem-estar	Adoção a sua vida religiosa e busca de espiritualidade, relacionada a uma possível sensação de paz de espírito	"Comunhão com Deus"; "Ser espiritualizada"; "Práticas espiritualistas"
04	Engajamento político Cidadania	Vida política, muitas vezes manifestando a vontade de se envolver em causas que os envolva a novas atuações políticas	"Ter participação ativa nos processos políticos"; "Participação nas políticas públicas"

Figura 29: Categorias, seus conceitos, exemplos de códigos e os perspectivas do Design Emocional

Graças à análise de conteúdo, foi possível organizar essas ideias pavimentando um caminho que levou a novas visões sobre o 50+. A pesquisa "Projeto de Vida", em cada etapa, em cada técnica e teoria ajudou a estruturar o instrumento e foi base para analisar as respostas, reforçar a diversidade deste público, sua preferência e vocação para empreender na vida. A pesquisa contribuiu, ainda,

para considerar que em cada visão social, demanda ou valores mencionados pelos 50+, a universidade pode contribuir com uma solução extensionista. Além disso, a pesquisa mostrou que, por meio de sua aplicação, pode-se considerar de maneira mais abrangente o que esse público quer e como ele próprio pode contribuir para encontrar as soluções que busca por meio de articulações do Design.

5.3.

As técnicas aplicadas como apoio ao Design

Por meio de instrumento de fácil preenchimento e usando os resultados das etapas do questionário, observou-se que os participantes forneceram ainda mais informações. Com isso, e de maneira complementar e diversificada, ficou demonstrado não existir um jeito único de se compreender o usuário. Ter obtido suas respostas em forma quantitativa e qualitativa ampliou o olhar sobre ele e aprimorou as ações projetuais que se podem desenvolver. Um instrumento como este pode ainda ser a base para a quebra de paradigmas no que se refere a projetar para o 50+. Além disso, o instrumento mostrou na prática o que um grupo frequentador de uma universidade pensa sobre *projeto de vida*, e, consequentemente, contribuiu para que a universidade se posicione, inovando na sua relação com um público mais velho.

Olhando somente para os resultados extraídos da observação participante, aplicada ao longo do *PUC-Rio mais de 50*, e a partir da experiência com o PICT Sênior, é possível dizer que os resultados desta pesquisa reforçam os diagnósticos. No entanto, mais do que isso, a pesquisa “Projeto de vida” aprofundou e sugeriu novos pontos de partida para projetar novos serviços; serviços esses que muitas vezes nem se limitarão ao público 50+. Isso porque valores e interesses de projetos de vida não se restringem a pessoas em razão de sua idade, e sim em razão de suas preferências e vocações, o que derruba qualquer barreira que a idade possa colocar. O termo “viagem” — pronunciado de forma específica na primeira etapa do questionário — sugeriu duas preferências: uma no sentido de se aproveitar a vida e outra no de se aprender a respeito de novas culturas ou novos idiomas. Quanto à forma como o termo foi citado na segunda fase, há muito a ser feito pelas universidades por meio dos seus programas de intercâmbio.

Para ilustrar outro exemplo — que defende a maneira fácil, prática e abrangente de se ouvir potenciais usuários —, podem-se considerar ideias que emergiram com relação ao termo “saúde” enquanto eram analisados os resultados da pesquisa “Projeto de Vida”. Esse exemplo também é a base dos próximos itens a serem apresentados. Neles é exposto como o Design pode se valer de técnicas

consagradas de outras áreas para gerar dados relevantes que servirão de subsídios para novas ações projetuais, abrindo novos caminhos, por exemplo, para os 50+ na universidade.

5.3.1.

Do uso de associação livre de palavras

Na primeira etapa, amparada pela TRS e fazendo uso da técnica de associação livre de palavras, verificamos que os respondentes majoritariamente relacionam seus *projetos de vida* à ideia de *saúde*. Certamente há uma relação desta palavra com outras, mas, nesse sentido, a figura 23, referente a análise de similaridade, mostra que a saúde é o eixo central, cercado de outras palavras como *viagem*, *felicidade* e *família*. Dois desses desdobramentos são mais subjetivos: um deles está relacionado à paz, ao amor e à perseverança, e o outro à felicidade e realização, levando a associação de palavras à ideia de sonho, senso de utilidade e satisfação.

Na CDH, o significado de *projeto de vida* está relacionado, mais fortemente, às dimensões da “Saúde e Sociabilidade”. Nesta classe, as palavras com mais destaque — além de *saúde* ($\chi^2 = 82.63$) —, foram: *amigo* ($\chi^2 = 53.82$), *família* ($\chi^2 = 46.62$), *viagem*, *lazer*, *atividade física*, *independência financeira* ($\chi^2 > 10$) e *aproveitar a vida* ($\chi^2 > 7$). Levando a cre que ter saúde também compreende outras questões e é vista de maneira mais ampla por este público, especialmente, relacionada a sociabilidade.

Na AFC, podemos verificar que a palavra saúde não só fortalece a classe à qual pertence, mas se aproxima de outras palavras como “segurança” e “ocupação”, estas da classe “Bem-Estar” e da palavra “arte”, da classe “Autorrealização”. Novamente, o que parecem ser resultados da CDH e da AFC são endossos para a ideia de envelhecimento saudável e ativo, posto que, em comum, ambos a saúde não deve ser somente um assunto exclusivo da medicina, com cada vez menos dependência de intervenções para promoção da saúde biológica, tal como indica a OMS (2005).

Usando como referência a “caixa de ferramentas” de STICDORN (2014), podemos verificar que tais informações poderiam vir a ser um bom aporte para práticas exploratórias do Design que se valham de *workshops* e entrevistas contextuais — as que acontecem no ambiente do serviço — e da técnica dos “5 porquês” — em que uma corrente de perguntas parte de um ponto mais externo até chegar a um ponto mais interno do usuário. A CDH poderia, ainda, dar a base para

a criação de personas e sessões de geração de ideias, que poderiam normalmente ser realizadas pelos provedores do serviço, visando a melhor direção da oferta do serviço ou seu desdobramento em novas soluções.

Caberia ainda reproduzir o instrumento utilizado, acrescentando-se perguntas relacionadas ao *status* da vida laboral do 50+ (trabalhando, aposentado em busca de lazer, aposentados em busca de trabalho, aposentado trabalhando, aposentados em busca de ocupações intelectuais, entres outras situações), bem como ao seu nível de formação. Usando o exemplo aplicado com a palavra “saúde”, a pergunta da primeira etapa poderia se transformar numa solicitação, tal como “Indique cinco palavras ou expressões que venham à mente quando você pensa em saúde”; ou, se a intenção fosse aprofundar *o que se faz* para a conquista da saúde, poderíamos, por exemplo, substituir a palavra *saúde* por *práticas saudáveis* na pergunta.

Enfim, fruto de um quadro metodológico relevante na Psicologia e Ciência Sociais, quando no uso de técnicas da TRS, o instrumento aqui apresentado pode ser a base para novas formas de *explorar, criar* ou *refletir*, segundo as etapas do processo de Design de Serviços.

5.3.2.

Da análise de conteúdo para compreensão de valores

No questionário, a palavra *saúde* sempre esteve correlacionada a práticas de sociabilidade capazes de preservar interesses individuais e garantir a realização pessoal. Dentre as categorias relacionadas às respostas da terceira etapa do questionário, a mais marcante foi “individualidade e realização”. Essa predominância reforça a intenção de os respondentes relacionarem as práticas saudáveis a interesses e satisfação — e não somente a uma condição física favorável.

Quando analisada a segunda etapa do questionário, seria possível afirmar que a perspectiva do Design mais condizente com a palavra *saúde* é *autocuidado*, que, por sua vez, tem forte valorização manifestada com *cuidado da mente* em detrimento do *cuidado do corpo*, como indica a figura 26. No entanto, novamente, partimos do entendimento de que a palavra “saúde” é mais ampla e seu significado vai além de referir-se somente a cuidados do aspecto biológico. Tanto na segunda quanto na terceira etapa do questionário, verificamos que as ideias a respeito de se ter saúde pressupõem várias vertentes, entre as quais algumas que não se limitam ao corpo e à mente, mas também condizem com o contexto e a vida da pessoa, levando-a ao fortalecimento de sua *identidade*. Por isso, os manifestos categorizados como *autonomia* e *independência*, conceituados segundo relatório

da OMS (2005), estão muito mais próximos do conceito do perspectiva *Identidade*, do que do de *Autocuidado* e dão sinais de práticas saudáveis.

Assim como o Design pode se valer das análises da técnica de associação livre de palavras, também cabem novas aplicações para a coleta de dados a serem analisados por seu conteúdo. Nesse sentido, em *workshops* com usuários, as categorias poderiam ser colocadas à prova e vir acompanhadas de atividades a serem realizadas para se entender os valores de um determinado grupo ou para comparar valores de grupos distintos. Mais especificamente, esses *workshops* poderiam acontecer no próprio ambiente acadêmico; e eles poderiam ter uma direção que partisse das reflexões do usuário acerca do que a universidade pode fazer para facilitar o acesso ou fortalecer esses valores para seus usuários seniores.

Pensando na replicação do instrumento, cabem ajustes na pergunta da segunda etapa, que influencia diretamente a terceira etapa. Uma opção poderia ser: O *quanto* você valoriza as práticas para boa saúde como: fazer atividade física (Autocuidado); conviver com pessoas (Sociabilidade); fazer o que gosta (Identidade); se dedicar a fazer o bem (Cidadania); desenvolver sua espiritualidade (Bem-estar); se divertir (Diversão) e buscar novos aprendizados ao longo da vida. Ainda na segunda fase caberia ainda uma nova pergunta para mediar a ordem de prioridade desses valores ou, ainda, uma proporção para cada um deles, desde que todos os valores percentuais somassem 100%.

Na terceira etapa, relacionada ao texto livre, caberia pedir exemplos de atividades, comportamentos ou qualquer outra forma de investir em cada um dos valores apontados como prioridade pelo respondente. Ele então poderia ser convidado a considerar os seus “maiores valores” e a relacionar a eles práticas que comprovem sua dedicação a cada um deles. Por exemplo, ao citar que valoriza muito desenvolver novos aprendizados ao longo da vida, ele poderia dizer o que faz, pessoalmente, para que isso aconteça.

Enfim, o instrumento não se esgota na proposta apresentada — na verdade, ele é o primeiro passo, o primeiro esboço, para se introduzir meios para conhecer usuários com perfis semelhantes e alvos de determinados produtos e serviços, em grandes escalas. Dessa forma, técnicas de coleta da Psicologia Social — tais como a associação livre de palavras e a análise de conteúdo em um só instrumento — mantêm a liberdade metodológica sem descartar o valor científico das práticas do designer como provedor de soluções e pesquisador da área. Essas técnicas permitem, ainda, trabalhar de maneira quantitativa, complementando as interações mais qualitativas. Em outras palavras: as técnicas permitem

que um instrumento como este seja a base inicial ou a validação final de uma abordagem metodológica do Design.

5.4.

Considerações parciais: proposta de um instrumento para conhecer melhor usuários

Neste capítulo foi possível compreender que há diversos significados para *projeto de vida* sob a ótica dos 50+ envolvidos com atividades de educação continuada da PUC-Rio. Os resultados mostraram que a visão sobre o ato de projetar suas vidas está relacionada ora ao tempo presente (aposentadoria, curtir, aproveitar a vida), ora a uma perspectiva futura (meta, objetivos, propósito, sonhos), percebido pela AFC, quando considerados seus eixos. Diante desses resultados, desenvolvedores de atividades para seniores podem conhecer melhor esse público, tendo como referência as considerações feitas por eles próprios, podendo inovar no que diz respeito à identificação de suas demandas.

Considerando a análise CDH, pode-se intuir que para o público 50+ a ideia de *projeto de vida* está relacionada com a “aposentadoria” (Classe 1), compreendida esta como um marco para novos planos, bem como com “saúde e sociabilidade” (Classe 2), pressupondo movimentos de cuidados — como atividades físicas — e de oportunidades para aproveitar a vida, como viagem e lazer, considerando a família e os amigos. Há ainda as classes que relacionam *projeto de vida* a aspectos intrínsecos, tais como: a “autorrealização” (Classe 3), representada pela busca da satisfação e pelo senso de utilidade, sem abdicar do que se gosta; e o “bem-estar” (Classe 4), que se refere a realizações no âmbito emocional, possivelmente como resultado da manutenção da independência e autonomia do 50+ até chegar à aposentadoria. Por fim, há a classe que relaciona *projeto de vida* a considerações que sustentem uma perspectiva de vida direcionada para o futuro (Classe 5).

Ainda foi possível validar a hipótese de que os valores dos 50+ podem estar associados à ideia de projetar a vida. Sob o ponto de vista do Design Emocional, esses valores comprovam a pertinência de perspectiva que orientem ações projetuais que evoquem emoções relacionadas à forma de viver uma vida ativa e empreendedora dos 50+. A pesquisa também pressupõe novas maneiras de aprofundar questões relativas a esses valores e a especificá-los um pouco mais.

A pesquisa “Projeto de vida” pode ser ainda um ponto de partida ou um suporte ao longo do processo de Design para consultar e envolver o público sênior na idealização, construção e avaliação de todas as etapas do processo projetual

(DAMAZIO, PINA, CECCON, 2017). Da mesma forma, a pesquisa pode servir como base para estudos futuros que se proponham a aprofundar a compreensão não só sobre o que seniores pensam sobre *projeto de vida*, mas também para compreender os projetos de vida que eles têm para si próprios.

Como articuladores de conhecimento na busca de soluções, os designers levantam informações por meio de uma combinação de técnicas metodológicas, para o seu processo de criação. A soma dessas informações e técnicas melhora a visão interdisciplinar do designer, o que vem a se constituir numa base para que ele obtenha uma compreensão completa e holística. Como foi mencionado nos capítulos anteriores, o diálogo interdisciplinar ao qual o Design deve se submeter, além de agregar conhecimento minimiza as incertezas e amplia o campo de oportunidades para a geração de soluções.

No caso específico desta tese, a visão interdisciplinar sobre o 50+ da atualidade revela muitas facetas, desmitifica estereótipos e apresenta a realidade do que é ser velho nos dias de hoje. A mesma visão interdisciplinar é premissa básica do Design, independentemente da sua visão social, emocional e de serviços. Aliás, é sendo fundamentalmente interdisciplinar que o ato de projetar ganha dimensão para além do mercado. E é mantendo o diálogo com outras disciplinas em torno de um mesmo objetivo que a apropriação do caráter científico por parte do Design se torna mais fácil, preparando pesquisadores designers não só a fazer, mas também a lidar com o complexo, aperfeiçoando considerações sobre demandas emocionais e sociais do usuário.

O capítulo seguinte apresenta o segundo protótipo, que já leva em consideração a multivisão que o 50+ tem sobre projeto de vida e o quão interdisciplinares novas ações precisam ser para fazer com que o público sênior sinta-se pertencente a uma universidade, por meio das mais diversas interações.

6. PICT Sênior: um serviço institucionalizado na PUC-Rio

No primeiro protótipo do PICT Sênior, o objetivo era avaliar a pertinência de uma nova proposta de extensão universitária e uma nova relação do público 50+ com a universidade. No segundo, a intenção era ampliar, integrar e adequar o serviço aos processos existentes na PUC-Rio, procurando ajustar detalhes, conforme as indicações dos participantes e dos *stakeholders* da edição anterior. Também foram levados em consideração os resultados da Pesquisa “Projeto de Vida”, que ampliou a nossa visão sobre o 50+ que empreende na vida.

Este capítulo se baseia nas mesmas etapas do Design de Serviço — *explorar, criar, refletir e implementar* —, tendo como ponto zero o primeiro protótipo do PICT Sênior.

Nesse novo protótipo, a Coordenação de Iniciação Científica ampara o processo seletivo de projetos de pesquisa indicados pelos professores, e a CCE os processos de divulgação do programa, a captação dos interessados e a formalização da condição de alunos de extensão; porém, faltava formalizar o vínculo do estagiário que receberia a bolsa, garantindo a ele os benefícios e a legalidade da participação do 50+ no programa.

Também no novo protótipo foi possível recorrer a uma das ferramentas do Design Thinking apresentadas no livro *Isto é Design Thinking de Serviços*. Para manter a centralização no usuário 50+, por isso, o item 6.1 apresenta o mapa da jornada do usuário, tendo como referência a experiência acumulada do protótipo anterior. No item 6.2, apresenta-se o novo ciclo de *explorar, criar, refletir e implementar*. Nele, há uma revisão do fluxograma de recebimento de pedidos de bolsa por parte dos professores no PIBIC e PIBIT e o ajuste de cada ponto de contato do usuário 50+ com o serviço.

No item 6.3 são feitas considerações parciais sobre o futuro do PICT Sênior. Nele são apresentados os novos planos para a sua aplicação, neles prevendo a ampliação do número de bolsas e de seus desdobramentos, de tal modo que os novos processos melhorem a experiência do usuário 50+ e dos *stakeholders* internos. Dessa forma, o PICT Sênior pode ser a base de uma nova atuação extensionista da PUC-Rio, tal como o *PUC-Rio mais de 50* foi a base para o PICT Sênior.

No final do capítulo, destaca-se que a pesquisa não se encerra com a defesa desta tese e que o segundo protótipo estará em andamento enquanto ela estiver sendo defendida. Isso mostra a importância de um olhar atento e contínuo

do designer mesmo após a entrega da solução, como mais uma vez nos ensina Frascara (2000).

6.1.

A ferramenta metodológica para ajustes de uma nova edição do PICT Sênior

O PICT Sênior, até então, foi a consequência de um olhar atento da universidade para o envelhecimento em busca de um caminho para identificar a adequação e a ampliação das práticas extensionistas, sendo importante ressaltar que, da mesma forma, ele representa a união de diversos olhares, saberes e interesses comuns de pessoas sedentas pela oportunidade de interagir, progredir e executar seus projetos de vida.

Após a primeira experiência de esboçar e testar o PICT Sênior, iniciaram-se os trabalhos para um segundo protótipo, considerando uma ferramenta para diagnóstico de melhorias de um serviço: a jornada do usuário.

Dijk, Rajmakers & Kelly (2014) afirmam que o mapa da jornada do usuário é mais um recurso que compõe uma caixa de ferramentas do Design Thinking e não necessariamente um manual que assegure sua aplicação. Os autores argumentam que essas ferramentas do Design são utilizadas em praticamente qualquer situação e em qualquer fase do processo de Design de Serviço, e que ele pode ser usado em inúmeras combinações, mostrando que “não existe uma maneira correta ou errada” de empregá-lo (idem, p. 150). Os autores acrescentam que “um projeto bem-sucedido envolve simplesmente encontrar uma combinação funcional capaz de conceituar, desenvolver e fazer protótipos das ideias utilizando um processo iterativo de melhoria gradual” (idem).

O mapa de jornada do usuário é um meio de integração que “oferece uma visualização vivida, porém estruturada da experiência do usuário” (idem, 2014, p. 160). Sua aplicação considera especialmente o princípio-base “sequencial”, que é o momento em que se pretende desenvolver o encadeamento das ações da estrutura do serviço sob a ótica do usuário e as “interações com o serviço e as emoções que acompanham essas interações de modo altamente acessível” (idem).

Por meio dessa ferramenta é possível identificar e avaliar pontos de contato do usuário com o serviço, considerando sua experiência e as emoções evocadas nessa jornada (idem). Esses pontos de contatos podem ser a interação do usuário com um representante do serviço ou com um *site* (idem) — o importante é que essas interações sejam facilmente identificadas no mapa. Desse modo, o próprio

usuário pode montar a sua jornada, prevendo “identificar tanto áreas problemáticas quanto oportunidades de inovação, e o enfoque em pontos de contato específicos” (idem, p. 161).

A ferramenta tornou-se importante pelo fato de ir ao encontro da necessidade de se iniciar um processo de investigação contínuo, que medisse os resultados gerados pelo PICT Sênior que, eventualmente, pudessem não estar sendo contemplados. A aplicação do mapa de jornada do usuário será enfocada no segundo protótipo e detalhada na fase *exploração*, esboçada no próximo item.

6.2.

O segundo protótipo

Manter a análise das mudanças em um segundo protótipo, ajudaria a verificar as razões do aparente sucesso do serviço, o que, por sua vez, nos remeteria a novas fases de *exploração*, *criação*, *reflexão* e *implementação* para uma oferta do serviço mais assertivo (STIKDORN, 2014).

Dessa vez, a etapa de *exploração* visou novos procedimentos institucionais. Na etapa *criação*, o objetivo foi interagir com novos *stakeholders* como a Assessoria Jurídica e o setor de Recursos Humanos (RH) da universidade, para vincular os 50+ como estagiários. A partir daí a etapa *reflexão* olha para os percalços não previstos neste segundo protótipo, que deverão ser considerados em uma próxima edição. Finalmente na etapa *implementação* o foco foi o novo documento de institucionalização e os meios para uma dupla divulgação do programa, buscando captação recursos e ampliação do número de usuários na nova edição.

Aqui vale recapitular as particularidades de cada etapa.

A *exploração* é marcada por três tarefas que visam: (1) olhar para o problema a ser solucionado sob a ótica organizacional; (2) compreender comportamentos e motivações dos usuários ou potenciais usuários; e (3) usar os dados gerados nas duas primeiras tarefas para traçar as primeiras linhas do serviço.

A *criação* está intimamente ligada a fase de *exploração*, nela o investimento é no crescente número de interações, quanto mais interações, maior a chance de serviço ser prototipado em condições ideais, tendo contemplado várias visões.

A *reflexão* é a fase de testes, na qual deve-se extrair o máximo de questões a serem revisadas para o lançamento do serviço de forma mais assertiva. É nessa fase que devemos conseguir estruturar uma “imagem mental do conceito do futuro serviço”.

A *Implementação* é a etapa das mudanças, dos ajustes para que o serviço considere a experiência vivida com seus usuários e stakeholders, pressupondo a normatização para cada etapa do serviço.

No final do segundo protótipo do PICT Sênior foi possível formatar o serviço de modo que ele possa ter diretrizes, na esperança de sua continuidade, replicação e múltiplas formas de patrocínios.

6.2.1.

Exploração: outras potencialidades da PUC-Rio e avaliando a “jornada do usuário”

O processo de criação do PICT Sênior gerou impacto, interesse e engajamento dentro e fora da universidade. Talvez parte do mérito por esse resultado esteja na primeira fase de exploração — iniciada durante as pesquisas que ofereceram dados para a elaboração dos primeiros capítulos desta tese. Isso garantiu subsídios teóricos para entender a nova realidade do 50+ e as potencialidades do contexto universitário como ambiente ideal para que pessoas dessa faixa etária possam empreender em novos projetos de vida.

Diferentemente do que foi implantado na fase de exploração do primeiro protótipo e visando manter a estruturação de um serviço com novas características, no segundo protótipo procurou-se revisar e desenhar melhorias para o serviço já existente. Para tanto, foram reconsideradas as três tarefas desta fase — aquelas que haviam norteado a fase de exploração do primeiro protótipo.

A **primeira tarefa** consistiu na apropriação do problema sob a ótica organizacional, que, na PUC-Rio, foi marcada pela necessidade da formalização do procedimento para vincular os estagiários selecionados junto ao programa.

Como sugeriu a Assessoria Jurídica da universidade, foi explorada a lei de estágio para verificar se as normas que regem a contratação de estagiários poderiam ser replicadas para o PICT Sênior. Diante da aproximação da questão, e com os conhecimentos jurídicos apropriados, constatou-se que a lei do estágio e os contratos assinados pelos estagiários tradicionais estavam adequados à realidade dos estagiários do PICT Sênior. Visto que o vínculo formal era exequível, foi elaborado o processo de recrutamento e seleção dos futuros estagiários, contemplando procedimentos praticados na primeira edição do programa, sendo que ao setor de Recursos Humanos caberia gerenciar os trâmites da contratação. Dessa forma, a formalização do compromisso dos usuários e da universidade para o cumprimento das regras do programa foi garantida.

No entanto, o setor de Recursos Humanos não contemplava pagamentos para estagiários com vínculos pela extensão universitária. Dado que para ser estagiário o indivíduo precisa ser aluno ou ter determinada formação acadêmica formal, era preciso retomar as reuniões para fazer os ajustes necessários. Novamente, e sob a orientação da Assessoria Jurídica, o RH da PUC-Rio passou a contemplar esse tipo de remuneração para os estagiários de extensão. Apesar de representar um gasto maior para a universidade — em razão da soma das Bolsas-auxílio de maior valor, dada a formação do nosso público, e do custo do seguro saúde para todos eles —, esse ponto foi fundamental para sanar as demandas relacionadas ao vínculo formal dos 50+ nesta edição do PICT Sênior.

A existência desse vínculo resolveu ainda problemas relacionados à falta de acesso aos serviços da comunidade universitária, manifestados durante as entrevistas. Isso porque, como membros formais junto à comunidade PUC-Rio, os estagiários passariam a ter acesso à carteira de identificação da universidade, sendo-lhes possível acessar a biblioteca, usufruir dos descontos do bandeirão e de quaisquer outros benefícios que exigissem o vínculo formal. Mas, além disso, os procedimentos adotados gerariam mais dois pontos de contato: a interação dos estagiários com o serviço médico para exames admissionais e com o RH para a entrega de documentos e assinatura do contrato.

Outra questão a ser resolvida nessa edição do programa — relacionada à contratação formal do estagiário PICT Sênior — dizia respeito ao processo de desligamento de um estagiário e sua substituição. As regras com relação a essa situação no PIBIC e PIBITI são claras e apresentam condições para serem cumpridas pelos orientadores, bolsistas, departamentos e pela instituição de ensino. Segundo o *site* da Coordenação de Iniciação Científica, “É possível cancelar ou substituir um bolsista a qualquer momento”, sendo necessário que o orientador solicite a substituição até 15 dias após o pedido de cancelamento (PUC-Rio, 2018). Na primeira edição, pelo fato dos professores orientadores não procederem dessa maneira formal, faltou o amparo legal para agir mais assertivamente junto aos que saíram e aos que chegaram ao primeiro protótipo do PICT Sênior. Aos que saíam cabia entregar à universidade um documento relatando as atividades desempenhadas, e a seus substitutos cabia se comprometer a dar continuidade àquela pesquisa.

A **segunda tarefa** — a de assimilar a perspectiva do usuário diante do problema — considerou, justamente, o mapa da jornada do usuário. Assim, *com os olhos dele*, seria possível enxergar qualquer situação problemática. Com isso, a experiência de uma bolsista que passou pelo maior número de interações com o

PICT Sênior foi compartilhada comigo. Juntas, desenhamos a sua jornada, desde a hora em que ela soube do programa até o seu desligamento, incluindo, no meio tempo, a elaboração e a entrega do resumo do projeto de pesquisa. E assim, com a ajuda daquela bolsista, foi possível enxergar como a PUC-Rio poderia melhorar a experiência proporcionada pelo PICT Sênior.

No início, a ideia de aplicar o *mapa da jornada do usuário*, considerou ser preciso explorar a percepção dos primeiros participantes do PICT Sênior para além das entrevistas realizadas em grupo. Era sabido que, nessa fase, “obter um entendimento claro da situação a partir da perspectiva dos usuários atuais e potenciais acerca de determinado serviço é crucial para o sucesso do design de serviços” (STICKDORN, 2014, p. 131). Por isso, buscou-se aprofundar como haviam se dado as experiências e como as emoções de cada usuário afluíram durante sua vivência com o PICT Sênior.

A proposta era procurar saber como se deram a participação, as substituições nos projetos em andamento e as vantagens e desvantagens do programa. Porém, diante da impossibilidade reencontrar os ex-participantes, uma das participantes —nome fictício: Amélia⁵⁸—, bolsista que passou por quase todas as etapas possíveis de interação com o serviço, foi considerada para fazer o mapa da jornada do usuário. Diante das suas colocações, identificou-se que os pontos de

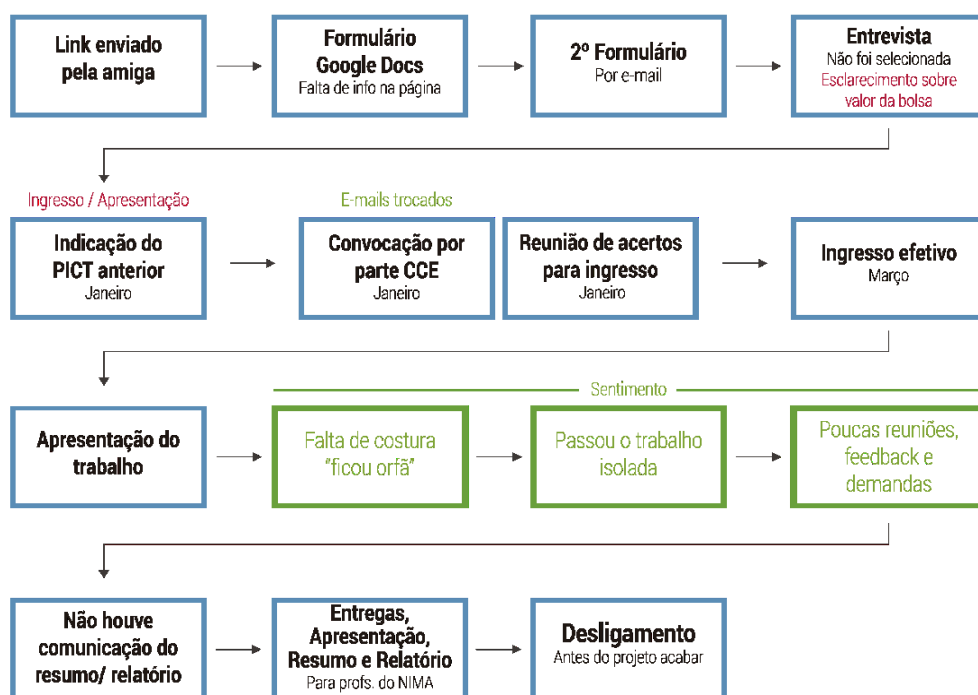


Figura 30: Jornada real vivida por um usuário PICT Sênior

⁵⁸ O nome da bolsista foi alterado para preservar a entrevistada.

contato entre a universidade e os usuários poderiam estar mais padronizados e suportados por novos recursos.

Durante a entrevista com Amélia para a elaboração de sua jornada, e com outros bolsistas por outros meios como telefone e encontros informais, todos apontaram a falta de informações sobre as *regras* — especialmente aquelas relacionadas à entrega de um relatório de registro da pesquisa. Uma bolsista chegou a mencionar ser fundamental que os orientadores entregassem aos bolsistas uma espécie de cronograma, no qual fossem apontadas, ainda que de forma superficial, as ações a serem desenvolvidas ao longo da sua participação no PICT Sênior.

Parte dos argumentos de Amélia, que complementam essa ideia, referia-se a uma necessidade dela, que precisava gerir seu tempo e ter um melhor entendimento quanto às tarefas que deveria realizar, dada a sua falta de hábito — compartilhada com alguns dos bolsistas — no que dizia respeito às rotinas acadêmicas. Nessa mesma linha, na fala de seus colegas era comum ouvirmos: “Isso é novo para mim” ou “Há tempos não lido mais com isso”.

No sentido do gerenciamento sugerido, algumas observações dos bolsistas ressaltaram a necessidade de haver esclarecimentos sobre métodos de pesquisa, publicações, oportunidades para orientação e entregas parciais da pesquisa para revisão. Uma sugestão, dada espontaneamente, foi a de que alguém da coordenação acadêmica do PICT Sênior apresentasse aos selecionados o programa tal como ele surgiu e relatasse como a universidade se organizou para adotá-lo. Segundo as pessoas que fizeram essa sugestão, tais informações transmitiriam melhor para os recém-chegados o conceito do PICT Sênior. Enfim, com tudo isso, ficou clara a necessidade de se melhorar a comunicação não só na divulgação, mas também com os recém-chegados ao PICT Sênior.

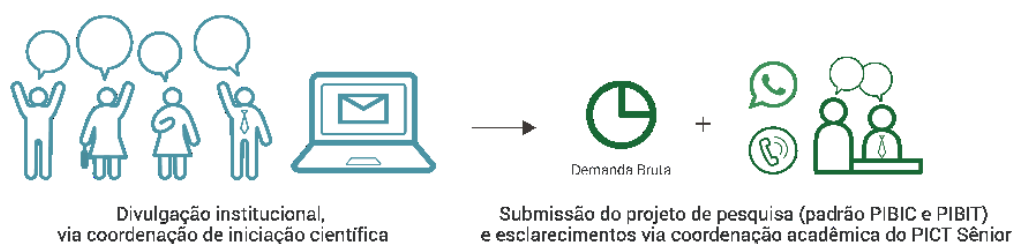
Na **terceira tarefa** — a de propor um desenho preliminar do serviço a ser testado —, consideramos, portanto, o entendimento progressivo e as práticas aplicadas para que os professores pudessem submeter à Coordenação de Incitação Científica os projetos de pesquisa aptos a receberem estagiários 50+. Isso porque, sem a definição dos projetos, não seria possível indicar as possibilidades de pesquisa para o público interessado, durante a divulgação do PICT Sênior.

Com relação à submissão dos novos projetos, formatamos uma jornada restrita aos professores que submetessem um projeto de pesquisa. Dessa forma, trabalhou-se com possibilidade de haver uma primeira interação entre a coordenação acadêmica do programa, representada por mim, e os professores interessados,

que se daria via Coordenação de Iniciação Científica — e, depois disso, uma interação com os candidatos, via CCE.

O principal ajuste seria no sentido de que caberia à coordenação acadêmica do programa facilitar a comunicação das normas e procedimentos do PICT Sênior, disponibilizando-as para dirimir as dúvidas que porventura surgissem. Para tanto, a próxima figura resume esse raciocínio, referente a jornada dos professores, que não existia na primeira edição.

Comunicação do Programa para os Professores | Edital para submissão dos projetos



Seleção dos projetos contemplados com bolsa de Iniciação científica para 50+

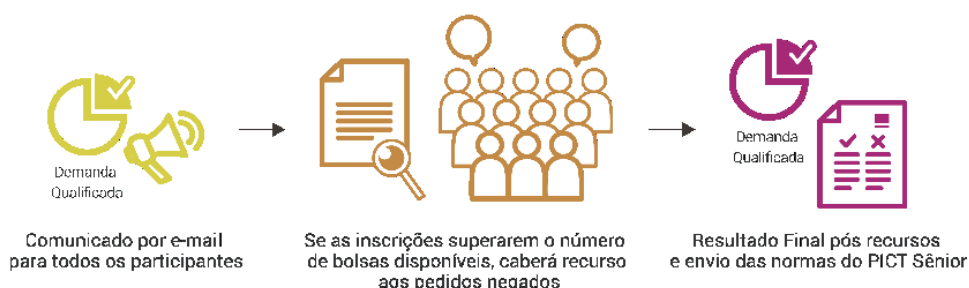


Figura 31: Jornada idealizada do professor interessado pelo PICT Sênior

Ainda assim, era preciso explorar mais um pouco cada ponto de contato entre os professores dispostos a submeter seus projetos de pesquisa, como também entre os potenciais estagiários e os novos *stakeholder*. Novamente inspirados no Fluxograma de ações do PIBIC e do PIBITI, idealizamos que os projetos de pesquisa contemplados para compor a nova edição do PICT Sênior dariam corpo a demandas qualificadas, que, na sequência, seriam comunicadas a todos os professores que inscreveram seus projetos. Respeitando a atuação da Coordenação de Iniciação Científica, caberiam recursos no caso de algum professor não ser contemplado; além disso, e uma vez deferido ou indeferido o recurso, haveria reafirmação ou ajustes da demanda qualificada, alterando ou mantendo a lista de projetos contemplados.

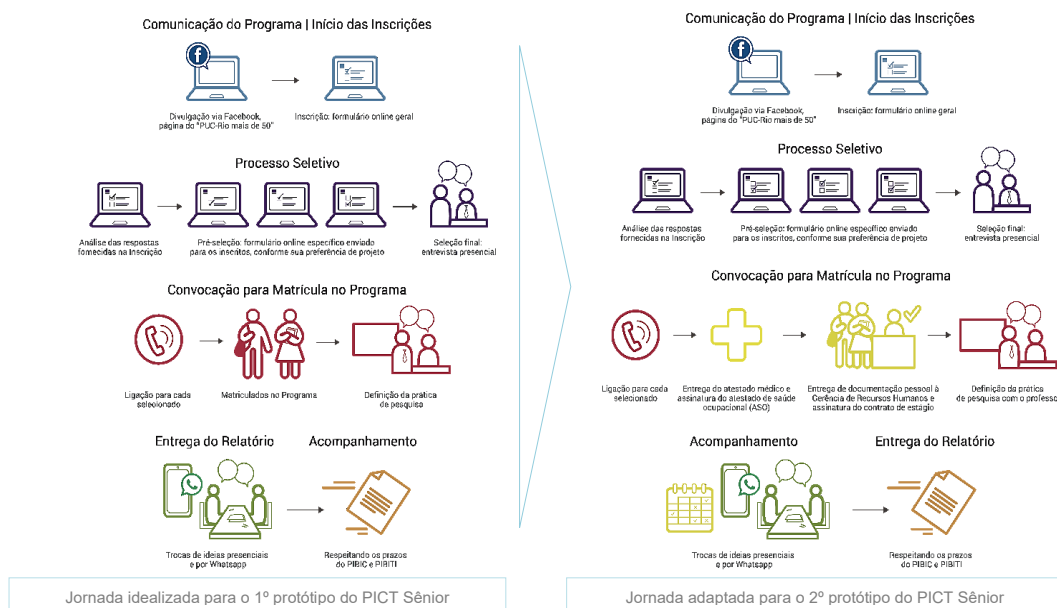


Figura 32: Adaptação da jornada do usuário 50+

Quanto ao professor que tivesse seu projeto selecionado, seria feito com ele um contato, esclarecendo os próximos passos, as normas a respeitar e os prazos a serem cumpridos.

No que se refere à sustentabilidade financeira e, consequentemente, ao patrocínio das bolsas nesta edição, recorreremos à Vice-Reitoria de Desenvolvimento solicitando orientação para a captação de recursos; para nossa satisfação, o Vice-reitor sugeriu a renovação do orçamento usado na edição anterior, com a condição de seguirmos para a terceira edição com um projeto de captação de recursos montado, visando recursos externos. A partir daí o Professor Bruni passou a fomentar o projeto, obtendo boa recepção da ideia por parte de algumas grandes empresas. Por isso, havendo até seis projetos contemplados, atenderíamos a todos os projetos de pesquisa, sem a necessidade de recorrer ao Conselho da Coordenação de Iniciação Científica.

Quanto a outros pontos indicados na fase de implementação da edição anterior, para o segundo protótipo — tais como o comunicado sobre o surgimento do programa e as normas e procedimentos a serem seguidos por professores e bolsistas recém-integrados ao PICT Sênior —, pensamos em comentá-los em um encontro de “boas vindas” semelhante aos realizados na edição anterior. Nesse encontro seriam comunicados aos professores, estagiários e demais envolvidos com o serviço todos os pontos relatados como importantes nas entrevistas e no mapa da jornada de usuários.

Prevendo novos pontos de contato que serviriam para resolver os problemas da edição passada ou para melhorar a experiência dos usuários nessa nova edição. A figura a seguir ilustra a adaptação dos processos de serviço, destacando o que foi melhorado em relação a jornada do usuário 50+, tendo como referência os comentários de Amélia e os demais bolsistas.

A fase de *exploração* foi concluída com o serviço sendo totalmente redesenhado. Como sugere Stickdorn (2014, p. 131), com um desenho preliminar do serviço, fruto da terceira tarefa da fase de exploração, “é possível [ainda] alterar os aspectos da proposição de serviços que talvez pareçam não estar funcionando adequadamente”. Em razão dessa sugestão, ampliamos o nosso campo de visão para seguir na fase de criação, com novos pontos de contatos e novos atores para atuar em prol do PICT Sênior. A figura 33 ilustra todo o processo do PICT Sênior, unindo as jornadas dos potenciais professores e estagiários.

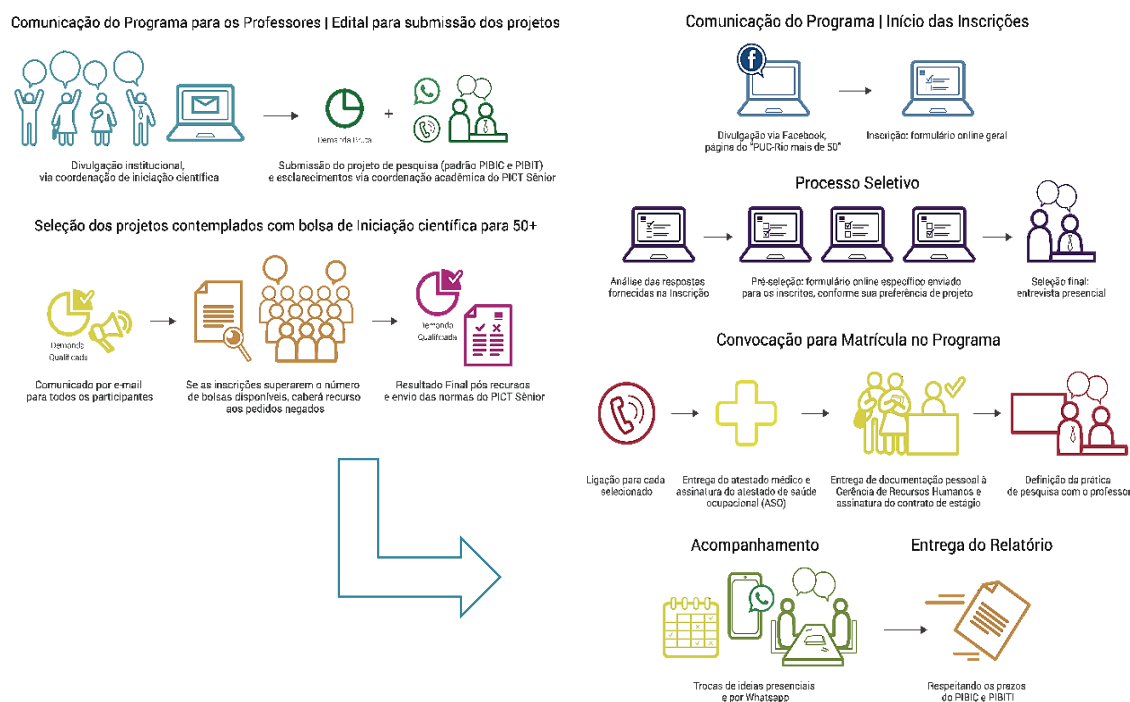


Figura 33: União das jornadas professores e 50+ para realização do 2º protótipo

6.2.2.

Criação: reformatando o serviço

Amparados por novas informações extraídas dessa nova fase de *exploração*, seguimos para a fase de *criação*. Buscávamos uma visão integral do serviço ajustado, com o objetivo de manter os conceitos idealizados, especialmente, aquele idealizado de prover uma experiência positiva do 50+ na universidade. Relembrando: nessa fase é preciso “gerar e desenvolver soluções com base nos

problemas identificados e nos *insights* em profundidade que foram gerados durante a etapa exploratória” (Stickdorn, 2014, p. 132).

Graças ao novo mapa de *stakeholders* internos, ilustrado a seguir, foi possível organizar as áreas da universidade responsáveis pelos pontos de contato do serviço com o usuário, e, com isso, uns foram mantidos e outros criados para esta nova edição. Com isso, novas etapas, novos procedimentos e uma nova proposta de serviço se configuraram e deveriam ser testados — e, portanto, foram feitas novas interações para validar os novos mecanismos criados.



Figura 34: Novo mapa de stakeholders internos

A **primeira interação** foi com o Professor Sinésio, novo Coordenador de Iniciação Científica, para apresentar a ele e validar o texto de convocação a ser enviado aos professores interessados em participar do PICT Sênior. Por não sermos capazes de dimensionar a adesão, deixamos claro que havia vagas para seis projetos. Prevíamos a formação de uma demanda bruta com um número de submissões maior do que o de projetos a serem contemplados; e um conselho interno — o mesmo do PIBIC e do PIBITI — seria acionado para avaliar e selecionar os projetos, usando os mesmos critérios dos programas tradicionais. Em nossa concepção, não seria necessário seguir o processo de submissão de projetos tal como é feito no PIBIC e PIBITC, mas mostrava-se fundamental receber um breve relato do projeto de pesquisa para ser divulgado no formulário de inscrição dos professores candidatos. Ou seja, ao contrário da edição anterior, nesta seria preciso informar mais que o nome do projeto de pesquisa.

A **segunda interação** foi com a coordenação acadêmica do PICT Sênior, quando — além de fornecer maiores esclarecimentos sobre os projetos de pesquisa disponíveis — procuramos analisar as demandas identificadas nas entrevistas e na fase de exploração do serviço. Foi então concebido um novo formulário de inscrição que considerou novos ajustes, tais como: limite de escolha de um único projeto de pesquisa; clareza com relação à idade mínima de 50 anos do candidato; aumento do valor da bolsa e definição do requisito mínimo de formação a partir da condição de “cursando o ensino superior”.

Como o resultado da última edição de captação havia sido de pessoas predominantemente formadas pelo ensino superior, optamos por restringir a candidatura entre aqueles que estivessem cursando uma graduação e os que tivessem obtido uma pós-graduação. A figura a seguir compara o formulário de inscrição aplicado no primeiro protótipo e o idealizado para o segundo com destaque para a maneira como foram apresentados os projetos de pesquisa nas duas edições dos programas.

1ª protótipo

16/03/2019 A PUC-Rio abre suas portas para participação de maiores de 50 em projetos de pesquisa.

Projeto(s) de Pesquisa de Interesse

Indique o(s) projeto(s) de pesquisa do(s) qual(ais) gostaria de participar. *

- ☐ Design Social | Levantamento e avaliação de produtos e serviços para longevidade com qualidade | Coordenadora: Profª Vera Damazio | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/0479162431018650>
- ☐ Química | Desenvolvimento de potenciais fármacos para o tratamento do Alzheimer | Coordenador: Prof. Nicolás A. Rey | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/6669418619228738>
- ☐ Psicologia | Cognição e envelhecimento: avaliação e reabilitação | Coordenadora Profª Hellenice Charchat Fichman | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/8822284125037565>
- ☐ Núcleo de Memória da PUC-Rio | Cadastramento de documentação e pesquisas em acervos documentais públicos e privados | Coordenadora: Profª Margarida de Souza Neves | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/2037911319100523>
- ☐ Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente da PUC-Rio | Suporte em atividades de pesquisa e extensão socioambiental | Coordenador: Prof. Luiz Felipe Guanaes Rego | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/6470315703298225>

Por que você escolheu este(s) projeto(s)? *

Sua resposta

Formação

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAgQLS8U9gYieKvXed0RjUu0Ck7Y8MDFUu0qGv4ZBnN/viewform>

2ª protótipo

16/03/2019 A PUC-Rio abre suas portas para participação de maiores de 50 em projetos de pesquisa.

Indique o(s) projeto(s) de pesquisa do(s) qual(ais) gostaria de participar. *

Simulação Molecular da Terapia Genética para o Combate ao Câncer | Coordenador: Prof. André Silva Pimentel | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/3172784592436163> | Objetivo do projeto: siRNA (do inglês: small interfering RNA) é a ferramenta de interferência de RNA (RNAi) mais comumente usada para induzir o silenciamento a curto prazo de genes codificadores de proteínas. O siRNA é um duplex de RNA sintético projetado para atingir especificamente um mRNA específico para degradação. Embora o siRNA proporcione a oportunidade de induzir o silenciamento gênico numa variedade de linhas celulares, a sua utilidade está limitada às células que são passíveis de transfecção de oligonucleotídeos sintéticos. Os siRNAs podem ser utilizados para o "knockdown" de genes relacionados ao Câncer. Os siRNAs devem ser transfectados em células por reagentes de transfecção baseados em lipídios ou polímeros catiônicos. O RNAi tem o potencial de ser usado para fins terapêuticos, onde genes causadores de Câncer são direcionados seletivamente e suprimidos. O objetivo deste projeto é realizar a simulação computacional do processo de transfecção de siRNAs em modelos de membrana para verificar a viabilidade desta técnica. Este projeto tem a meta de formar conhecimento em uma área interdisciplinar carente de recursos humanos motivados em computação científica, medicina, farmácia, biologia, química e física.

Consciência cognitiva e emocional na Doença de Alzheimer | Coordenador: Prof. Daniel Mograbi | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/7281495367240492> | Objetivo do projeto: A doença de Alzheimer (DA) é uma doença neurodegenerativa caracterizada por um declínio da capacidade cognitiva, assim como por interferências nos processos emocionais. Além disto, este quadro também é acompanhado por uma perda de consciência, também chamada de anosognosia. Há a necessidade de uma compreensão detalhada de como mecanismos neurais alterados, que afetam processos cognitivos e emocionais, provocam o comprometimento da consciência. Nas últimas décadas, diferentes componentes neurais foram investigados usando eletroencefalografia (EEG), permitindo a exploração de processos cognitivos e emocionais também em nível neurofisiológico. A amostra do estudo será composta por 25 pacientes com DA de acordo com os critérios DSM-V e NINCDS-ADRDA. Os pacientes serão recrutados no ambulatório do CDA/UFRJ. Valores de comparação serão fornecidos por 25 idosos saudáveis e 25 estudantes universitários. Durante o experimento, os voluntários realizarão duas tarefas no computador (regulação emocional com visualização de imagens emocionais e monitoramento de erros com detecção de objetos), enquanto o EEG é coletado através de um equipamento de 20 canais. Além disso, os participantes preencherão alguns questionários. A análise do EEG será realizada através do programa EEGLAB, comparando os componentes eletrofisiológicos nos diferentes

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAgQLS8U9gYieKvXed0RjUu0Ck7Y8MDFUu0qGv4ZBnN/viewform>

Figura 35: Ajuste no formulário de inscrição para o 2º protótipo do PICT Sênior

Ainda com a coordenação do PICT Sênior — e visando atender a demandas de informações, normas e procedimentos do PICT Sênior —, iniciamos pelo planejamento de um evento de “boas-vindas” a ser oferecido a todos os envolvidos no programa após a efetivação dos vínculos dos estagiários. O evento passaria a

ser mais um ponto de contato entre a coordenação acadêmica do programa e os seniores. Vale ressaltar que, para a equipe, aquela parecia uma ação para minimizar os efeitos da “falta de informação sobre como proceder” apontada por um dos entrevistados durante a elaboração do mapa da jornada do usuário

A **terceira interação** foi com a funcionária que assessora da Coordenação de Iniciação Científica, Ana Matias. Ela sugeriu que esse acompanhamento também tivesse a função de manter a emissão de lembretes aos estagiários e professores acerca das datas do calendário, da disponibilidade dos *templates* existentes para ajudar na elaboração dos resumos e relatórios e sobre qualquer outra informação importante para o cumprimento das atividades inerentes ao PICT Sênior. A ação complementar a já aplicada para o acompanhamento — via *WhatsApp*, *e-mail* e, sempre que possível, presencialmente — que prestamos aos seniores na primeira edição.

A figura a seguir apresenta o calendário aplicado aos envolvidos no PIBIC e PIBITI, referência para o segundo protótipo, que já seria comunicado no primeiro contato formal entre os estagiários seniores e seus respectivos professores orientadores, intermediado pela CCE.

Preparação do Seminário de IC e Anais		
Evento	Data	Links Associados
Inscrição e escolha da forma de apresentação no Seminário (Oral ou Pôster)	de 21/05/2019 até 30/06/2019	Pibic Online
Envio do resumo de duas páginas para anais do Seminário de Iniciação Científica	de 21/05/2019 até 30/06/2019	resumoexemplo.doc (modelo) Pibic Online
Envio do relatório anual	até 31/07/2019	relatorio_exemplo.pdf (modelo) Pibic Online
Seminário de Iniciação Científica	de 27/08/2019 até 30/08/2019	

Figura 36: Cronograma do PBIC e PIBITI a ser seguido pelo PICT Sênior

Associada a uma ação simples de programar o envio de lembretes, a adoção desse calendário nos aproximava da atuação do PIBIC e PIBITI, respeitando os desejos dos estagiários PICT Sênior de serem informados quanto aos prazos que deveriam cumprir. Além do mais, os programas de iniciação científica da universidade já haviam decidido manter contato com os bolsistas e cabia ao PICT Sênior reproduzir esse simples e eficiente processo de interação, o que permitiu à universidade manter a comunicação e reforçar as regras para entrega dos resumos dos bolsistas. Encerra-se essa fase com o serviço redesenhado, com uma visão mais clara de como agir, agregando etapas e novos atores ao processo, sempre visando à melhoria do PICT Sênior e a experiência dos que com ele se envolvem.

6.2.3.

Reflexão: fazendo uma prévia da segunda edição

Na fase de reflexão, o serviço foi retestado, especialmente no que se refere aos novos passos idealizados: a convocação para que os professores submetessem seus projetos de pesquisa, os ajustes nos procedimentos de divulgação do programa, de seleção de candidatos e convocação e recepção dos novos selecionados.

Ainda assim, respeitando as leis trabalhistas, os ajustes financeiros e jurídicos demonstraram ter havido avanços na formatação do serviço, avanços esses traduzidos em benefícios para os estagiários, tais como: melhoria do sentimento de pertencimento à universidade e ao programa, como também acesso a serviços antes indisponíveis para os usuários do PICT Sênior. Além disso, o vínculo dos estagiários foi formalizado via contrato, regendo os compromissos de ambas as partes. Diante do exposto e respeitando as orientações de Stickdorn (2014, p. 134), “com base nas ideias e conceitos da fase de *criação* anterior, é chegada a hora de testá-los”.

A **primeira etapa do serviço** a ser retestada foi a comunicação da segunda edição do PICT Sênior — desta vez, para os professores da universidade. Em junho de 2018, o Professor Sinésio enviou um *e-mail* para os docentes aptos a receberem iniciantes em pesquisa, informando a eles o que era o PICT Sênior, como submeter projetos de pesquisa a esse Projeto e indicando os contatos da coordenação do programa — para tirar as dúvidas dos interessados e cadastrar os projetos. Na segunda edição, pensando nos efeitos de divulgação junto aos potenciais bolsistas, nós nos limitamos a solicitar que os professores indicassem o título do projeto de pesquisa acrescido de seu objetivo. Até o final de julho de 2018, estaríamos disponíveis para receber os projetos, e prevíamos que as demais etapas poderiam ser feitas futuramente caso houvesse grande adesão.

Mas, como os prazos do PIBIC e PIBITI estavam tratando de fases mais avançadas em relação à captação dos projetos de pesquisa, ao PICT Sênior cabia a elaboração de um calendário próprio naquele momento. Nele, seria preciso contemplar o período para a seleção de projetos e, eventualmente, uma análise de recursos. Somente após dar conta dessas questões é que na divulgação do programa seriam informados os projetos disponíveis aos potenciais estagiários, o que foi feito via CCE. Como não houve mais de seis projetos inscritos, mantivemos os prazos para que pudéssemos preparar o plano de divulgação para a captação de interessados 50+ em iniciar em pesquisas.

Dentre os professores que submeterem seus projetos, dois são remanescentes do primeiro protótipo, os professores Margarida Neves e Sérgio Lifschitz. A professora apresentou um projeto de pesquisa relacionado a sua nova função de diretora do Solar Grandjean de Montigny pois, com o projeto, vê uma oportunidade de se gerar levantamentos históricos muito pertinentes à atividade do local — o Solar é uma casa neoclássica dentro do campus da Gávea, tombada pelo patrimônio histórico e considerada como *o museu da universidade*. O Professor Sérgio Lifschitz apresentou um projeto cujo conteúdo foi a própria continuidade da pesquisa iniciada no primeiro protótipo do PICT Sênior. Esse projeto foi considerado de grande importância para os novos planos do NIMA. Quanto aos demais proponentes, eles também são professores do quadro principal da universidade e entraram com novas propostas de pesquisa. A figura a seguir apresenta os professores do PICT Sênior, seus departamentos ou unidades e seus projetos de pesquisa.



Figura 37: Professores orientadores do segundo protótipo do PICT Sênior

Na segunda edição, a divulgação do programa junto ao corpo docente ocorreu em julho. É possível que a data escolhida para isso — exatamente durante um mês de férias — tenha comprometido a participação de um maior número de professores e até mesmo o envolvimento mais próximo daqueles que se dispuseram a dele participar. Nesse sentido, será necessário adequar o período de divulgação nas próximas edições.

Quanto a este ponto, já na terceira edição adotaremos o modelo de *edital* e o faremos chegar aos professores ainda dentro do semestre letivo, portanto alargando o prazo para a inscrição de seus projetos de pesquisa. Pensamos, inclusive, que um dos caminhos para isso talvez seja elaborar o edital em comum acordo com a Coordenação de Iniciação Científica. Em todos esses pontos pretendemos preservar o conceito de usar recursos existentes para minimizar o esforço de implementar uma nova proposta de extensão universitária.

A **segunda etapa do serviço** foi a comunicação do PICT Sênior para o público externo, agora procurando deixar mais claros os objetivos dos projetos de pesquisa para os interessados 50+. Procurou-se trabalhar no envio de mensagens claras que deveriam ser usadas já na fase de inscrição dos candidatos, tal como propuseram as Professoras Margaridas e Helenice. Outra observação sobre a fase de inscrição mencionada nas entrevistas dizia respeito à escolha de um só projeto de pesquisa, dentre os ofertados. Na edição anterior, ao preencher o primeiro formulário, era dado ao candidato o direito de selecionar mais de uma opção de projeto de pesquisa. Para esta edição, visando diminuir a dispersão das inscrições, foi considerada a inscrição em apenas um projeto.

Uma vez com o formulário pronto, começamos a divulgar a segunda edição no dia 3/8/2018, com data limite em 31/8/2018. Apesar das modificações realizadas, manteve-se a dificuldade de testar um novo serviço com um novo grupo de usuários da universidade. Com receio de sofrermos a pressão causada na edição anterior — quando 560 pessoas se inscreveram no programa —, consideramos a necessidade de oferecer uma imagem melhor e mais aproximada do serviço na divulgação ao público potencial. Nesse sentido, mantivemos a comunicação sobre a captação dos candidatos a estagiários do programa *PUC-Rio mais de 50* na página do Facebook, porém, desta vez, com novas ações de comunicação e buscando tornar mais tangível a proposta do programa.

Para atingir um bom número de inscritos, o texto do anúncio no Facebook precisou ser melhorado e ter maior alcance. Uma das estratégias nesse sentido foi buscar patrocínio para o *post*, para aumentar o número de pessoas alcançadas. Para melhorar a imagem do serviço e expressar melhor o seu conceito — pautado

A figura a seguir mostra o esforço maior de divulgação, mostrando o comunicado inicial e alguns complementares.

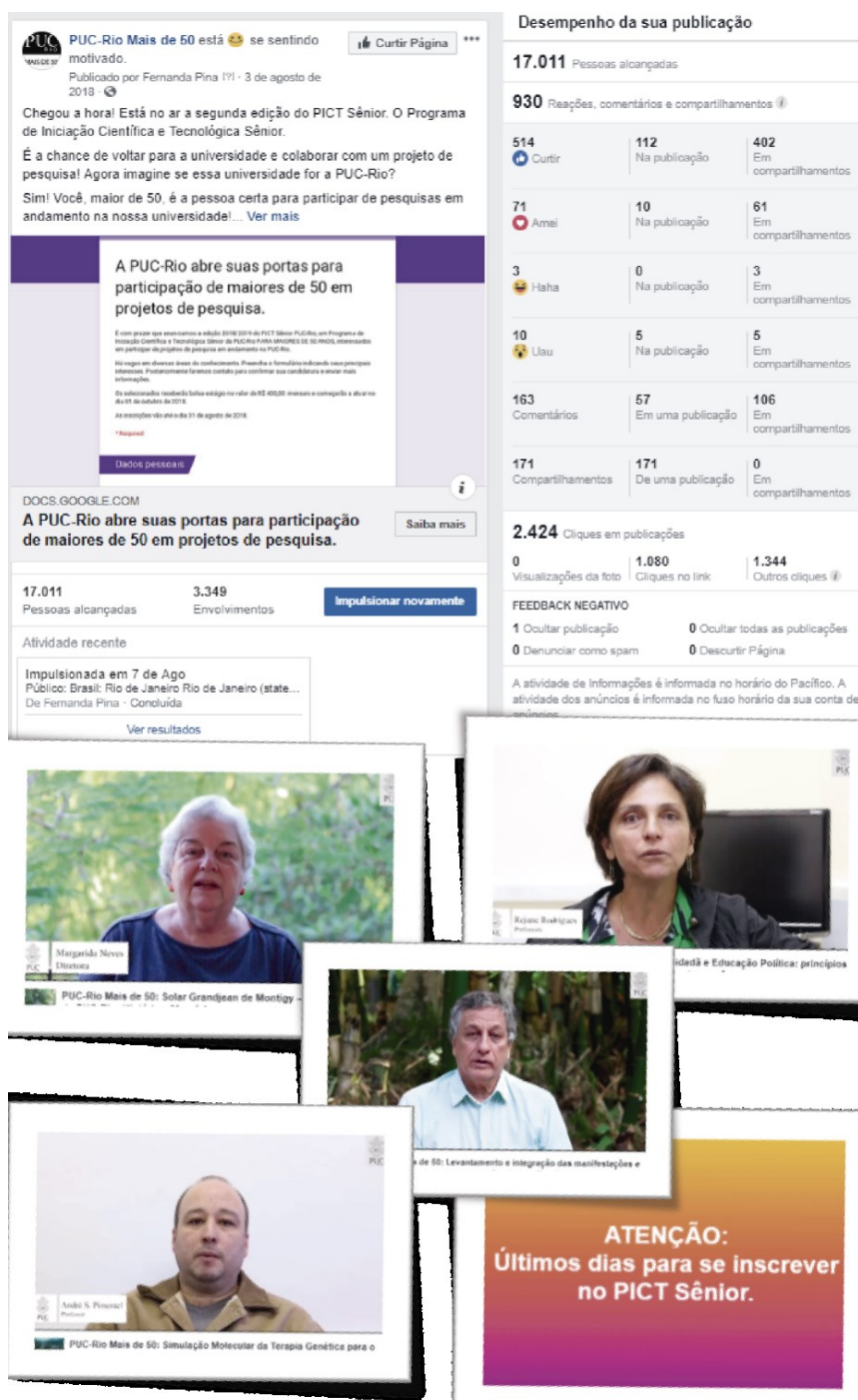


Figura 38: Comunicação do segundo protótipo do PICT Sênior: projetos de pesquisas mais claros

Na comunicação do PICT Sênior, a figura anterior mostra que a mensagem “alcançou” mais de 17 mil pessoas contra as 12 mil da comunicação da primeira edição — e essa repercussão se refletiu em novos tipos de sugestões sobre os rumos do programa, via Facebook. Além de sugestões quanto ao PICT Sênior se estender a outros estados, alguns manifestos na página indicavam que outras áreas da universidade deveriam aderir ao programa, bem como incentivavam a perpetuação do projeto. Nesse sentido, mais uma vez os paulistas reivindicaram a extensão da ideia ao seu estado, assim como uma pessoa sugeriu a replicação do Programa na PUC Minas. Interessados na área jurídica, logística, alimentação, empreendedorismo, inovação e sustentabilidade também fizeram sua contribuição, sugerindo que se disponibilizassem novos projetos de pesquisa no PICT Sênior. A figura a seguir mostra um pouco da repercussão do primeiro *post* nos comentários dos internautas.

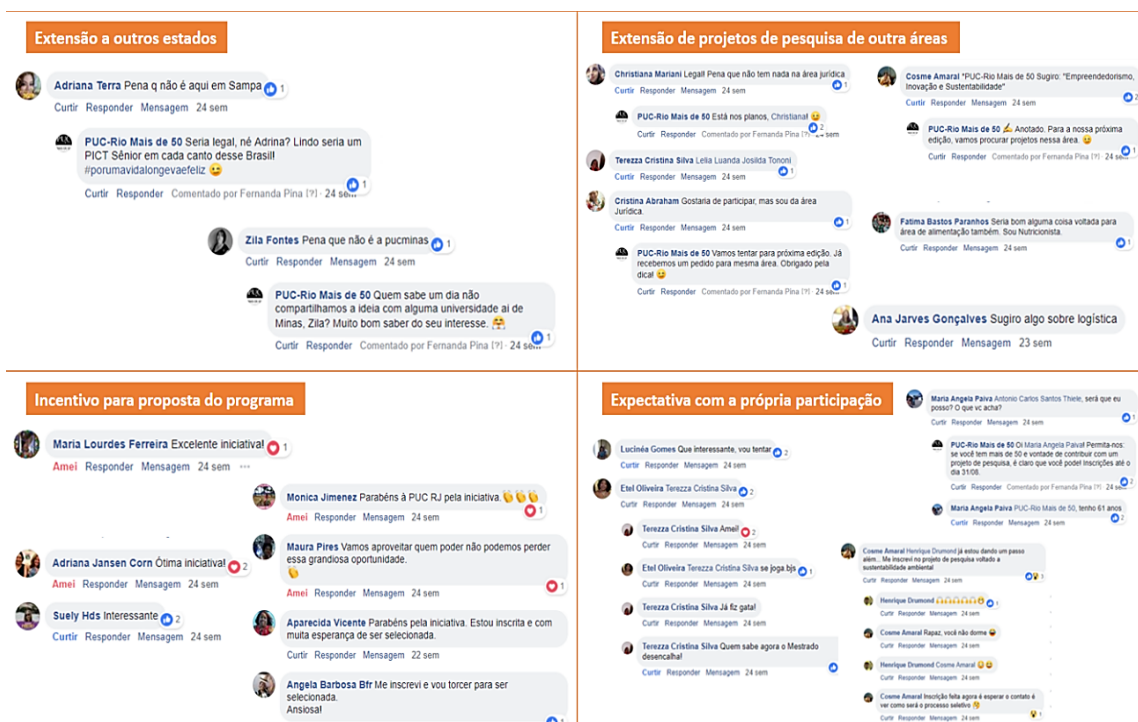


Figura 39: Comentários e reações a comunicação do 2º protótipo do PICT Sênior

Após o fim da inscrição, analisando os formulários recebidos para candidatura à segunda edição do PICT Sênior, diagnosticamos novos números no que diz respeito à participação masculina. Na ocasião, os homens representaram 18% do total de inscritos, aumento de dois pontos percentuais se comparado ao primeiro protótipo. Ainda nos formulários de inscrição, os candidatos novamente demonstraram afeição ao programa na área de comentários livres — afeição muito especialmente demonstrada pela PUC-Rio como promotora de uma ideia que cada vez

mais parece ir ao encontro das demandas típicas do público com mais de 50 anos. Havia ainda entre os comentários manifestações relacionadas à vontade dos candidatos no sentido de aprender e se manter intelectualmente ativos.

As figuras a seguir destacam trechos importantes dos comentários registrados pelos novos candidatos do PICT Sênior e o gráfico com a proporção de homens e de mulheres inscritos no segundo protótipo, registrando um leve acréscimo da participação masculina mais uma vez.

Vontade de aprender e se manter intelectualmente ativo	Afeição, confiança e satisfação de interagir com a PUC-Rio
<i>“Gosto de estudar e aprender sobre assuntos novos ligados a desenvolvimento humano”</i>	<i>“Achei de grande importância esse abertura da PUC-RIO a pesquisadores seniores. Um passo para a integração de mão de obra hábil que muitas vezes está ociosa e, ao mesmo tempo, importante em pesquisa. Parabéns!”</i>
<i>“A minha participação se faz imprescindível para mim tendo em vista meu autoconhecimento e evolução no papel de idoso ativo e atuante em várias áreas de interesse dentre as quais Educação Criatividade e Prevenção de Autonomia do idoso”</i>	<i>“A abertura de programas voltado ao profissional de educação, são importantíssimos! Gostaria que os tivesse sempre”</i>
<i>“Estou disposta a ajudar e aprender”</i>	<i>“Trabalhar com pesquisa é o que sempre quis”</i>
<i>“Importante para mim querer sempre me atualizar em educação e ensino.”</i>	<i>“Achei muito afirmativa essa iniciativa da PUC para os maiores de 50 anos que, como eu, não deixaram de investir na apreensão do conhecimento.”</i>
<i>“Quero aprender mais para poder me situar em face a evolução dos sintomas”</i>	<i>“Agradeço a oportunidade de poder participar desse processo de seleção”</i>
<i>“Tenho participado de cursos no Projeto 50 e apesar de estar aposentada me sinto muito ativa e com necessidade de produzir.”</i>	<i>“Enxerguei nessa oportunidade dada pela PUC, uma chance de me atualizar e quem sabe até volte ao mercado de trabalho de uma outra forma”</i>
<i>“Preciso aprender mais sobre o ato de ensinar”</i>	

Figura 41: Comentários dos candidatos ao PICT Sênior feitos no formulário de inscrição (2º protótipo)

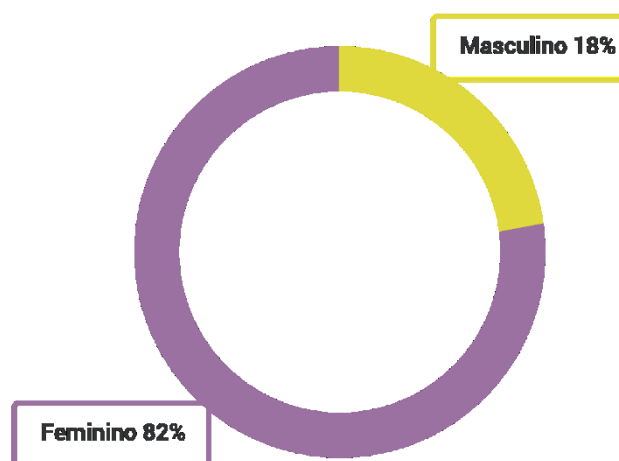


Figura 40: Novo Incremento da participação masculina no PICT Sênior

Acreditamos que o maior detalhamento dos projetos de pesquisa e outros ajustes feitos na divulgação do projeto tenham contribuído para diminuir o número de inscrições, nesta edição atingindo 203 candidatos — menos da metade do número de inscritos na edição anterior, que chegou a 560 pessoas. Além disso, o público inscrito parecia mais consciente em relação às reais propostas do programa e, portanto, mais envolvido e comprometido. Enfim, o ajuste realizado parecia ser um caminho para a diminuição da evasão, situação marcante na primeira edição.

A **terceira etapa do serviço** previa a segunda etapa do processo de seleção. Como na primeira edição, foi respeitado o período de duas semanas para que os candidatos registrassem respostas do segundo formulário. Infelizmente, dessa vez, os prazos de cada formulário e de cada projeto de pesquisa foram distintos. Isso ocorreu porque parte dos professores demorou a elaborar os seus formulários da segunda etapa, o que levou a coordenação a apoiá-los. Da mesma forma, embora houvesse candidatos interessados em integrar os projetos, alguns pleiteavam uma bolsa de maior valor em razão de seu conhecimento na área — porém, esse ponto não estava em questão.

Apesar das considerações da Professora Margarida Neves, o valor da bolsa não era fator primordial diante do conceito que o PICT Sênior desejava imprimir. *A oferta de uma nova proposta de atividade extensionista e da sua pré-disposição para testar a hipótese de que serviços, tal como são ofertados para jovens, também despertam interesses dos seniores* era a prioridade. O valor baixo da bolsa ficava a critério da interpretação de cada envolvido, considerando apenas ser importante deixar claro esse valor.

Ainda sobre a morosidade nas etapas de seleção dos estagiários, os problemas eram intensificados também pela demora em agendar as entrevistas com eles e igualmente para informá-los quanto aos resultados, o que, por sua vez, conflitou com o novo procedimento de contratação. Mas, como desta vez a contratação seria feita pela gerência de Recursos Humanos da PUC-Rio, era preciso respeitar um trâmite para a efetivação dos vínculos do 50+ selecionado como estagiário. Esse contato direto com o RH estava sob a responsabilidade da CCE, que prevê que, quando os prazos para inserir novos contratados na folha de pagamento da PUC-Rio não forem respeitados, a contratação será adiada para o mês seguinte.

Além desses, outros problemas emergiram, como: o aumento da fiscalização para a aprovação de novas contratações na universidade e a mudança do

período de recesso destinado aos estagiários da universidade, alterado exatamente para o mês em que se previa o início das atividades dos estagiários PICT Sênior.

No que se refere à maior fiscalização para liberação da contratação de novas pessoas, exatamente naquele período instaurou-se a necessidade de oferecer justificativas junto ao Vice-Reitor Acadêmico para a aprovação, ou não, da nova vaga. Feito pelo professor Alfredo, esse detalhamento garantiu a continuidade do processo de convocação e a contratação dos estagiários do PICT Sênior.

A mudança do período de recesso dos estagiários adiou em um mês o início das atividades dos selecionados, que, mesmo diante dos empecilhos, estava prevista para janeiro. Janeiro foi o mês escolhido para que não houvesse estagiários no campus, dado que esse período de recesso para estagiários é obrigatório por lei. Na PUC-Rio esse período sempre foi em dezembro. Enfim, situações totalmente fora do previsto também compõem o processo de Design de Serviços, que também exige atenção e ajustes rápidos.

A quarta etapa do serviço foi a contratação dos estagiários. Nessa fase é que eles interagiram com os novos *stakeholders* envolvidos com o serviço. Ainda assim — com os nomes escolhidos e os professores alinhados com seus estagiários —, eles compareceram ao serviço médico para receber o aval em exames admissionais e seguiram para a entrega de documentos e assinatura de contratos na gerência de recursos Humanos. Por fim, as atividades do PICT Sênior tiveram início em fevereiro de 2019.

Quanto aos novos estagiários, vale falar brevemente a respeito de alguns deles.

Ana Cristina, com experiência na área bioquímica, também fez uma segunda graduação em Direito e ficou muito feliz com o seu ingresso no PICT Sênior. Ela foi a bolsista escolhida pelo Professor Daniel Mograbi e se mostrou disposta e competente para conduzir seu projeto de pesquisa.

Ali Santos ficou a cargo do *Levantamento e integração das manifestações e atividades relacionados com os Beatles no Brasil*, único projeto de pesquisa que não tem relação direta com o departamento do orientador. Seu orientador, o Professor Eduardo Bruchi, é reconhecido na PUC-Rio por atuar no fomento da história, arte e legado do grupo musical The Beatles e encontrou em Ali um parceiro, posto que ambos compartilham o amor pela banda.

Telma foi uma escolha da Professora Margarida Neves; sua experiência impressiona, bem como sua dedicação ao projeto de pesquisa, dedicado ao levantamento sobre a história do Solar Grandjean de Montigny.

Cláudia é professora no ensino fundamental e, segundo a Professora Rejane, foi *a escolha perfeita* tendo em vista sua atuação com professora da rede pública de ensino. Mantendo uma prática profissional diretamente relacionada ao seu projeto de pesquisa, intitulado *Formação Cidadã e Educação Política: princípios para uma Educação Geográfica contemporânea*, as duas, professora e estagiária, estão felizes com a oportunidade de praticar novas intervenções de ensino sobre a geografia.

Por fim, a empolgada Ana Cristina mostrou-se à vontade com seu projeto, considerado sua vivência com as práticas de pesquisa sobre meio ambiente mostrou-se confiante com as colaborações que pode fazer sob a orientação do professor Sérgio no NIMA.

Outras etapas do serviço estão por acontecer. A fase de *reflexão* do Design de Serviços prossegue e ainda precisará ser considerada no encontro de boas-vindas, no acompanhamento e lembretes sobre os prazos e, especialmente, nas considerações que ainda vão emergir para a próxima edição. De tudo até agora vivido, no entanto, cabe considerar ajustes para a próxima edição, questões sobre a comunicação, inscrição, seleção e procedimentos para a matrícula no programa e o vínculo institucional como estagiários. Esses pontos serão brevemente comentados no próximo item.

6.2.4.

Implementação: ajustando o serviço e editando o documento de institucionalização

Na fase de implementação, a palavra *mudança* foi estrutural para que a implantação do PICT Sênior viesse efetivamente a acontecer da maneira adequada, considerando todo o processo de criação que se estabeleceu — e que ainda vai se estabelecer ao longo do ano de 2019. Com isso, frente à necessidade de gerir as mudanças provenientes das revisões de procedimentos, das adequações institucionais — realizadas no sentido de assegurar o conceito do serviço — e dos testes aplicados, mostrou-se essencial comunicar ao público os procedimentos e as normas do PICT Sênior, apresentando-o à comunidade como um novo serviço oferecido pela PUC-Rio.

Nesse sentido, foi *imprescindível* que o *conceito do serviço* ficasse claro, e, em especial, que os usuários 50+ percebessem que podem desbravar novos caminhos na universidade para empreender em projetos de vida, via extensão universitária. Além disso, destaca-se a importância de se levar em conta os aspectos emocionais dos usuários para a formatação e melhoria contínua desse serviço.

Os sentimentos negativos e desconfortos dos usuários devem ser minimizados, como os de *Amélia*, a bolsista que nos ajudou a elaborar o mapa da jornada do usuário, registrado na figura 30.

E ainda que tenham surgido novos desafios para a sua manutenção — e que isso leve a mudanças —, é importante que a “gerência esteja convencida do conceito do serviço e não recue diante de quaisquer problemas resultantes ao longo do processo de implementação de mudança” (STCKDORN, 2014, p. 137).

Aliás, um dado da realidade é que inevitavelmente sempre haverá questões que não foram consideradas e que eventualmente criarão pontos de divergência. Inclusive, cabe salientar que até o momento não é possível assegurar as vantagens e desvantagens dessa edição do PICT Sênior, mas quando lançamos o olhar para o protótipo já colocado em prática, este já nos revela *ganhos e perdas* se comparado ao primeiro teste do serviço.

No que diz respeito aos ganhos, eles estão na *formalização dos vínculos dos estagiários 50+*, nos comentários positivos em relação à proposta do programa feitos pelos *públicos interno e externo da universidade* e nas diversas possibilidades aventadas para sustentá-lo. Como desvantagens, podemos citar a manutenção de parte do processo, ainda artesanal, e, conseqüentemente, a necessidade de integração do serviço junto aos processos informatizados da Coordenação de Iniciação Científica da PUC-Rio para evitar atrasos nas etapas de recrutamento, seleção e contratação dos estagiários seniores.

Sobre a **comunicação** do PICT Sênior para os professores, ainda é preciso ajustar o processo. É preciso trabalhar em paralelo com o calendário aplicado pelo PIBIC e PIBITI e, eventualmente, considerar a submissão dos projetos de pesquisa informatizada, tal como acontecem com esses programas dedicados aos universitários.

Neste momento cabe apontar que a nossa vontade de simplificar a etapa de submissão dos projetos por parte dos professores que porventura se candidatassem a ingressar no PICT Sênior prejudicou um pouco o andamento do processo de escolha dos projetos e, conseqüentemente, a captação de uma maior variedade de projetos de pesquisa.

Em nova conversa com Ana Matias, a assessora da Coordenação de Iniciação Científica, verificamos que esses professores deveriam apresentar outras informações em relação aos projetos de pesquisa, tais como os métodos a serem adotados em suas pesquisas, e a fazer uma introdução ao tema a ser investigado. Ana contou que isso melhora a qualidade de informação de um projeto de pesquisa e é a base para se fazer a captação de projetos tal como se aplica ao PIBIC

e PIBITI. Nessa linha, nas próximas edições, aplicaremos um formulário de inscrição *online*, adotado no PIBIC ou PIBITI, ou usaremos o mesmo recurso usado na elaboração dos formulários de inscrição dos 50+ no PICT Sênior.

No que se refere à comunicação externa, destaca-se que os vídeos vieram a complementar bastante o conceito do programa e seus objetivos, e que deixaram claros os compromissos que um iniciante em pesquisa 50+ deve assumir. Isso leva a crer que o requisito necessário para que o usuário tenha uma visão integral do serviço tenha sido atendido.

Diante do exposto, caminha-se para a garantia de se obter um volume maior de informações sobre os projetos de pesquisa⁵⁹ apresentados pelos professores interessados em participar do programa, tendo em vista esclarecer mais dúvidas que possam surgir por parte dos futuros iniciantes em pesquisa do PICT Sênior.

Sobre as **inscrições**, apesar da perda em número de inscritos e da permanente revisão dos procedimentos, elas não devem se limitar à captação de mais inscritos. É preciso deixar claro já na próxima edição que o candidato só deve se inscrever em um projeto de pesquisa e que, no caso de uma segunda inscrição, valerá a última. A adoção dessa linha é uma necessidade para impedir que um mesmo candidato concorra a duas vagas e que eles sejam estimulados a escolher um projeto com o qual possuam mais afinidade. É nessa fase também que devem ficar ainda mais claros os critérios para a participação no programa. Tal como os vídeos se mostraram boas ferramentas para qualificar mais o público de interessados/inscritos, os critérios também podem usar desse recurso para detalhar melhor o PICT Sênior, podendo esse vídeo estar disponíveis no formulário de inscrição.

Sobre a **seleção** dos bolsistas, após os professores terem feito suas escolhas, ficou claro que esse processo de seleção deveria ser acompanhado por um cronograma e os professores amparados por recursos digitais. Nesse sentido, também pareceu ser possível estender esses recursos digitais para os bolsistas, anteciparem a entrega de documentos, por exemplo. Esses cuidados são pensados porque, nessa fase do projeto, todo tipo de atraso gera, consequentemente, atraso na contratação do estagiário, o que, por sua vez, impede o cumprimento do cronograma de atividades do programa.

Esse tipo de amparo digital e com disponibilização de cronograma já acontece com o PIBIC e o PIBITI, que vêm a ser a base do PICT Sênior. Portanto,

⁵⁹ Cabe ainda apontar que o maior volume de informações por parte dos professores será de indicação simples, considerando que a maioria deles pode reproduzir um projeto de pesquisa já em andamento nos seus laboratórios e grupos de pesquisa.

deve-se reforçar a intenção de aplicar ao maior de 50 o mesmo serviço já aplicado ao jovem universitário.

Sobre os **procedimentos para a matrícula no programa** e para o vínculo institucional como estagiários, deve-se considerar que durante a elaboração dessas etapas foi preciso ponderar que, embora passem a ideia de burocratização, elas são fundamentais para a manutenção do programa dentro das legalidades trabalhistas e para a melhoria do sentimento de pertencimento ao meio acadêmico, integrando melhor o 50+ à comunidade universitária.

E, ainda pensando na implantação do serviço, o texto de submissão para a nova proposta de institucionalização do PICT Sênior deverá ser refeito no que tange ao reconhecimento dos usuários professores e usuários 50+, prevendo novos pontos de contato. Nesse sentido, acreditamos que — após vivida a experiência desse segundo protótipo — o novo documento a ser submetido ao CEP pode vir a melhorar o entendimento dos integrantes do Conselho, aumentando as certezas quanto à pertinência dessa nova extensão universitária sênior.

6.3.

Considerações Parciais: o futuro do PICT Sênior

Em comum entre os participantes do PIBIC, PIBITI e PICT Sênior, podemos destacar a atração pela vida acadêmica e científica e a oportunidade de eles virem a aplicar novos aprendizados em projetos de pesquisa relevantes.

O PICT Sênior ainda tem muito a caminhar. Seu futuro é se desdobrar em possibilidades de atividades extensionistas, com isso podendo vir a facilitar parcerias interinstitucionais.

Levando-se em consideração a replicação desse conceito, mudanças sugeridas na fase de implementação do projeto precisam resultar em um novo documento de institucionalização a ser submetido ao Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-Rio. Com novas regras e procedimentos bem definidos, é conquistado o endosso para a participação de projetos patrocinados e de editais que possam vir a sanar a questão da sustentabilidade do programa.

Nesse mesmo sentido, a partir de um novo modelo, serão estabelecidas as oportunidades de se vir a estender o serviço a outras universidades, e a empresas, públicas ou privadas, que podem vir a se tornar parceiras da PUC-Rio. É importante frisar que, com o incremento de *stakeholders* externos, o programa ganhará maior relevância no que tange ao papel social da universidade, uma vez que possa ser um meio também para revigorar as práticas de pesquisa com foco em interesses sociais.

Portanto, o processo criativo do PICT Sênior abre precedentes para que novos serviços extensionistas se estabeleçam na PUC-Rio ou em qualquer outra universidade. A verdade é que as demandas do meio acadêmico e dos 50+ podem ser muito mais complementares do que se imaginou a princípio. E, na retrospectiva feita até aqui, resta claro que, à medida que o PICT Sênior se configurava, numerosas foram as ideias e possibilidades que se revelaram, integrando práticas universitárias, saberes e experiências dos 50+.

7. Considerações Finais

Ao fim deste trabalho e inspirada pelos ensinamentos de Manzini (2017), estou consciente de que projetar no ambiente universitário, definitivamente, não se limita ao designer especializado, mas que, por meio dele, há o suporte para esboçar novas propostas, graças a sua pré-disposição para articular recursos existentes. Prova-se que o design difuso — quando qualquer pessoa é capaz de criar e inovar sem ter formação em Design — define e aprimora projetos de vida, e garante a interação entre *stakeholders* e usuários para novas atividades de extensão universitária.

Talvez um diferencial para as ações universitárias direcionadas a seniores implantadas com o olhar do Design seja a peculiaridade de que cada serviço projetado se transforme em uma oportunidade de aperfeiçoar outra solução adotada em um momento anterior, o que as torna um eterno protótipo. Da mesma forma, o designer de serviço revela-se com um importante *stakeholder* interno, que, ao considerar o contexto, as demandas e os objetos a serem configurados, percebe que o seu papel não termina com a entrega do serviço. E, se este é um eterno protótipo, cabe ao designer desempenhar não só a função de projetista, mas de articulador para integrar, cooperar e envolver novos colaboradores em novas soluções.

Essas novas soluções, por sua vez, são capazes de inovar socialmente, fazendo com que os ganhos mútuos, gerados com a troca de interesses, ultrapassem os individuais (dos 50+ envolvidos) e institucionais (da universidade promotora do serviço) e que emergem em possibilidade de atender aos interesses coletivos, aqueles que atinjam a sociedade com soluções que mudem a relação macrosocial com a velhice e seus impactos.

Daqui iniciamos um longo assunto sobre “o que” e “como” prover serviços para um público longo e plural, que já não é, ou não precisa ser mais tido como um peso social. Por isso, para que esta tese possa ser formalmente um recomeço — um *start* para novas etapas de design de serviços, de novas propostas de extensão universitária sênior —, este capítulo apresenta novas ideias que emergiram ao longo do processo de criação do PICT Sênior e da aplicação da pesquisa “Projeto de Vida”.

Em comum entre essas propostas estão o reconhecimento, adquirido ao longo da ação projetual, de que os 50+, por ainda terem muito o que viver, precisam compreender que projetar a vida depois dos 50 é um fato imprescindível, que pode ser apoiado pelas universidades. É um recomeço para os que estão diante

do rompimento com a vida laboral, etapa que já não pode mais ser vista como um momento de falta de rumo ou de uma correria em busca de complemento financeiro. Aqui tampouco cabe a ideia de a pessoa se recolher aos seus aposentos. Bem diferente disso, trata-se do momento de garantir o senso de sua própria utilidade, de fazer o que se gosta e de empreender na vida.

Importante destacar que o PICT Sênior não só embasou novas propostas de interação entre o público 50+ com a universidade, como trouxe à tona uma visão ampla para idealização, suporte e revisão de atividades extensionistas na PUC-Rio. O fato de eu ser funcionária da universidade, alocada na CCE, sinto-me mais preparada para a oportunidade de explorar diálogos interdisciplinares que ampliem, apliquem e difundam uma extensão universitária.

7.1.

Desdobramentos: projetar novos serviços já idealizados

Foi motivador explorar as formas como a PUC-Rio conseguiu prover o bem social por meio de sua extensão, valendo-se do interesse dos 50+ de empreender em si mesmos. Unir essas motivações do que a área de pesquisa precisa e pode oferecer reforçou o poder de articulação do Design para desenhar serviços universitários. Essa experiência garantiu a implementação de uma nova proposta de estender a excelência da pesquisa e os benefícios do ensino para o meio social à medida que novas oportunidades iam se revelando ao longo do processo de criação do PICT Sênior.

Por meio de uma atividade extensionista, foi ampliado o papel social da universidade e suas estruturas foram adequadas para melhor convívio com uma realidade existente, o que indica a predominância de pessoas com mais de 50 anos na sociedade. Acreditamos que novas investigações sejam um caminho para se considerar as possíveis temáticas das novas atividades universitárias a serem desenvolvidas, assim como um dia foi o *PUC-Rio mais de 50* e como está sendo o PICT Sênior, além de outras já idealizadas, mas precisando sempre da validação dos 50+.

Dentre tantas oportunidades, extraídas da convivência com o público do *PUC-Rio mais de 50*, das análises das inscrições e reações dos que se interessaram e viveram o PICT Sênior e dos que participaram da pesquisa “Projeto de Vida”, a seguir serão apresentadas algumas possibilidades de atividades extensionistas que podem ser entendidas como propostas de estudos futuros para a linha de Design & Extensão Universitária — e, até, para base de linhas dedicadas ao Design & Políticas Públicas e ao Design & Envelhecimento.

7.1.1. Plataforma solidária

Conforme comentei ao longo do texto, os estigmas associados a velhice têm contribuído para a construção de estereótipos negativos da idade avançada, que, por sua vez, intimidam as relações dos seniores com o grupo economicamente ativo. Com isso, as oportunidades de trabalho para os 50+ são cada vez mais escassas, tirando-lhes a chance de contribuir para o desenvolvimento do país. Por ser um público de pessoas com perfis diversos e com características e necessidades singulares, o designer deve rejeitar a visão única da velhice como um período de retrocesso e/ou de incapacidade, passando a vê-la como um momento de descobrimento de novas oportunidades, de cuidado e de autoconhecimento.

Nesse contexto, uma solução que foi idealizada, que já passou pela fase de exploração do processo de Design de Serviços, foi a Plataforma Solidária.

Trata-se de uma solução que visa contribuir para a promoção do envelhecimento saudável e da potencialização do papel social do indivíduo aposentado, oferecendo a ele a possibilidade de atuar como apoiador, voluntário ou empreendedor social de uma causa, algo similar ao que ocorre no Banco da Praça, de Dixon Chibanda, psiquiatra no Zimbábue, apresentado no Capítulo 3.

Para isto, a Plataforma solidária baseia-se na “tríade empresas sociais – trabalho voluntário – extensão universitária”, visando à promoção da longevidade com qualidade, respeitando a individualidade humana. Seguindo o mesmo processo de Design de Serviço do PICT Sênior, apresentamos a fase *exploração* do Design de Serviços desta plataforma no 13º Congresso de Pesquisa & Desenvolvimento em Design⁶⁰, em 2018, fruto de uma parceria com Aline Aride, aluna do mesmo programa de pós-graduação, e com as professoras Rita Couto e Vera Damazio.

Dos elementos da tríade, as *empresas sociais* são organizações com foco na responsabilidade social, capazes de prestar serviços à comunidade sem abdicar da geração de renda. Essas empresas permitem a continuidade do trabalho para aposentados, seja como voluntários ou como empreendedores sociais de uma causa. O *trabalho voluntário* tem sido uma ação a favor da saúde e do bem-estar, garantindo benefícios para os receptores da ação e para os voluntários que as praticam, sendo já comprovado que o altruísmo ativa áreas cerebrais associadas ao apego e ao pertencimento, sentimentos comuns na construção de laços

⁶⁰ Trabalho disponível nos anais do congresso em: http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2018/3.3_ACO_35.pdf

familiares e de amizade. A *extensão universitária*, como exposto, é a ponte entre as atividades de ensino e de pesquisa da universidade com a comunidade externa, promovendo benefícios mútuos.

Defendemos que a associação do empreendedorismo social, do trabalho voluntário e da extensão universitária pode preparar pessoas para o exercício de atividades voluntárias, fornecendo o conhecimento necessário para fazer emergir os centros de recompensa com a realização de tarefas prazerosas. Somando-se a isso, as atividades de pesquisa e de extensão universitária podem ser combinadas ao trabalho voluntário junto a empresas sociais, fortalecendo processos de formação acadêmica, de coleta de dados e de validação de hipóteses e de experimentos científicos.

Após a fase de exploração da Plataforma Solidária, assim como aconteceu na mesma fase do PICT Sênior, verifico que a universidade é um ambiente favorável para o desenvolvimento, a aplicação e a promoção da plataforma e que por este contexto é mais fácil promover um encontro entre interesses (a ideia de *match*). De um lado os idosos, que possuem como projeto de vida empreender socialmente, do outro as empresas sociais e suas demandas, mantendo a ideia de benefícios mútuos, como o PICT Sênior também proveu.

A Plataforma Solidária está em processo de elaboração de projeto para submissão de editais e soma-se ao portfólio de atividade de extensão sênior capaz de se valer dos aspectos positivos do envelhecimento populacional e ressignificar a aposentadoria. O serviço idealizado é uma forma, em meio a tantas, de pensar nas oportunidades que surgem a partir do envelhecimento, mostrando à sociedade que é possível usufruir de uma vida longa com qualidade.

7.1.2. Monitoria Sênior

A ideia da Monitoria Sênior nasce de lacunas observadas na minha vivência no *PUC-Rio mais de 50*, e, em especial, na que emerge com relação aos professores universitários, tão 50+ quanto os frequentadores do programa e tão cheios de outras preferências e vocações, mas que em comum mantêm a vontade de estar no ambiente universitário. Marca-se a monitoria como um serviço diante da contrariedade social que vivemos ao rejeitar a vida ativa de trabalhadores seniores em funções nas quais a maturidade é uma vantagem.

Se um novo ponto de vista sobre o público sênior nos permitir enxergá-lo como capaz de continuar atuando em suas profissões, no futuro também será possível contemplar, por exemplo, funcionários da universidade em vias de se

aposentar e professores prestes a conquistar a situação de *eméritos* ou *jubilados* com soluções universitárias voltadas para eles. Com isso, prezam-se os seus interesses e a manutenção de sua vida ativa, colaborativa e integrativa no meio universitário, lugar ao qual essas pessoas já estão habituadas — e não convém ele que seja retirado de forma brusca da vida do sênior.

Somado a isso, pude constatar que existem aqueles que, mesmo não sendo professores, sentem prazer em ensinar o que sabem e que não necessariamente, sentem vontade, têm vocação ou se encantam com as práticas de pesquisa. Verifiquei que esses seniores aposentados ou em vias de se aposentar, preocupados em manter seu senso de utilidade, estão, digamos, de um lado. Do outro lado, no entanto, há jovens universitários sedentos por aulas de reforço, oficinas de melhoria da escrita, e apoio na elaboração de trabalhos de disciplinas.

Em um *brainstorm* com o grupo de estudos do Labmemo e observando essas questões mencionadas, apresentei a proposta de unir a disponibilidade de uns à necessidade de outros, considerando, por exemplo, os alunos das disciplinas de cálculo dos cursos de engenharia, administração, economia e informática. Atenta aos comentários dos colegas, nos parece que a Monitoria Sênior, assim como o PICT Sênior poderiam prever uma bolsa auxílio para que os 50+ pudessem ter horários de monitoria dedicados a estes alunos. Seria mais um modo de se reaproveitar recursos existentes, no caso, a monitoria, que atualmente capta para a função somente alunos de graduação. Acredito em uma nova proposta de extensão, o sênior também poderia vir a se tornar um monitor para certas disciplinas.

Essa é outra maneira de mostrar que há mais oportunidades a serem exploradas dentre os serviços universitários voltados para jovens, oportunidade de interesses dos 50+, em especial dos professores que se tornam eméritos ou são jubilados, quando ainda teriam muito a contribuir. Diante da possibilidade de algo assim, acredito que este serviço possui muitas similaridades com as propostas do PICT Sênior e pode ser uma solução a ser apresentada a empresas que desejam preparar funcionários engenheiros, por exemplo, para uma aposentadoria mais ativa e prazerosa. E, como mencionado, há ainda outros serviços dedicados aos jovens universitários que merecem atenção para sua adaptação e consequente oferecimento ao público sênior.

É importante frisar que a Monitoria Sênior ainda precisa ser desenhada, especialmente no que se refere à apropriação da situação problemática, da melhor contextualização do seu marco zero. Professores eméritos e profissionais da universidade que se encantam com a possibilidade de ensinar e conviver com jovens precisam ser explorados, precisam ser preparados para a aposentadoria. Tal

como o PICT Sênior, o ponto que mais merece atenção é o da captação de recursos para o pagamento de bolsas-auxílio para alunos de extensão, dado que agora a PUC-Rio tem uma forma de vincular estagiários sêniores.

7.1.3.

I Encontro Nacional de Extensão Universitária para 50+: demandas e projetos

A ideia do *I Encontro Nacional de Extensão Universitária para 50+: demandas e projetos* nasceu de três oportunidades a serem exploradas: a primeira é o desejo de reforçar o papel do Design como um agente de colaboração e articulação para geração de ações com foco em uma vida longa com qualidade; a segunda vem da chance de integrar ações universitárias do Brasil, promovendo a troca de experiências, considerando, inclusive, o 50+ beneficiado por essas ações como protagonista do evento; por fim, a terceira é ensaiar um evento internacional a ser realizado em Goiânia, em outubro de 2019. Este último é consequência da minha participação na *III Conferência Científica Internacional de Projetos Educativos para Seniores*, em Santiago de Compostela, realizada na Espanha em 2018, na qual apresentei o trabalho *Compreendendo os significados de projeto de vida para o desenvolvimento de atividades universitárias para seniores*, realizado em parceria com o Professor Samuel Lins e a Professora Vera Damazio.

Na conferência conheci a Professora Lisa Valéria Torres, coordenadora do Programa de Gerontologia Social da PUC Goiás, que representa a Associação Rede de Universidade da Terceira Idade (RUTIS) no Brasil. A RUTIS possui 305 universidades sêniores afiliadas — em Portugal, Brasil e Espanha — que procuram se adequar diante da realidade imposta por um público crescente e ávido por práticas de aprendizagem, e que precisam ir mais ao encontro dos seus interesses e vocações.

As conferências já realizadas pela RUTIS têm proposto diversas reflexões e apontado soluções para que seja inovada a relação do sênior com os mais diversos ambientes de aprendizagem, sem que estes se restrinjam somente às universidades. Nessa linha, em sua quarta edição, que acontecerá na PUC Goiás, pretende-se manter a proposta de refletir sobre o público sênior, seus contextos, temas e formas de atividades inerentes ao aprendizado desse público.

Pensando em testar o evento internacional, novamente em conjunto com o grupo do Labmemo, idealizamos o I Encontro Nacional, que, além de testar formatos e temas, procura envolver o 50+ de forma mais colaborativa diante de novas possibilidades de atividades extensionistas. Cabe também ao evento discutir

sobre prazeres que, nessa fase da vida, podem ser atingidos por ações universitárias extensionistas, passando a ser um evento regular na PUC-Rio.

Sendo uma das organizadoras dos Encontros Nacionais de Extensão Universitária para 50+, acredito que a ideia deste primeiro encontro está na intenção de que outros virão para garantir o contínuo olhar atento às demandas, aos interesses e ao desejo dos seniores. O *I Encontro Nacional de Extensão Universitária para 50+: demandas e projetos* também foi pensado em reuniões de *brainstorm*, tendo como base as experiências interativas do *PUC-Rio mais de 50* e as influências recebidas ao analisar os resultados da Pesquisa “Projeto de Vida”. A intenção é que esta primeira edição ocorra durante um único dia. Para a captação de inscritos, espera-se que o público interessado indique no ato da inscrição temas que gostaria que fossem debatidos por especialistas das universidades voltadas para seniores.

Outro ponto a considerar é uma palestra de abertura, que, no campo de ideação, chamamos de “pop”. A palestra pressupõe um personagem da vida real da maior influência popular possível, e que seja capaz de exemplificar a vida ativa depois dos 50. Ele deve falar sobre a importância de se manter aprendendo e comentar sobre demandas e projetos que acredita serem pertinentes ao público do qual ele faz parte. Na sequência, espera-se tratar dos temas — indicados na fase de inscrições — em mesas-redondas compostas por gestores de UnATIs e Universidades Seniores, mediadas por pesquisadores da PUC-Rio envolvidos com o tema, e em outras mesas compostas por participantes seniores dessas universidades, mediadas por frequentadores do *PUC-Rio mais de 50*, extraindo assim, dois olhares sobre a mesma questão.

Por fim, após o almoço, o público retorna ao espaço, que já terá um novo formato. O ambiente estará organizado por grupos, núcleos temáticos e o evento assume o formato de *workshop*. Com a proposta de rodas de conversas com o público — tema de pesquisa de uma integrante do Labmemo —, espera-se discutir possíveis soluções para demandas específicas, inerentes a cada núcleo temático. Dessa maneira, mais que espectador, o público presente seria cocriador de ideias e, eventualmente, de serviços que possam ser desdobrados a partir delas. E, assim, teríamos no evento também a oportunidade de coletar subsídios para pesquisas em andamento.

Acredito que desta forma — alinhando interesses diversos —, além de inovar nos formatos, a universidade pode ressignificar a presença do público no evento, considerando os métodos participativos do Design. Os *Encontros Nacionais de Extensão Universitária* acabariam por propor não só uma nova maneira

de relacionar o sênior com a universidade, como também convidaria todos os presentes a fazerem uma reflexão sobre o papel da extensão universitária, seja ele de cunho social ou dedicado a apoiar a coleta de dados para pesquisa. No momento, uma proposta está sendo escrita para submissão aos órgãos de fomento visando a captação de recursos, mas também trabalha com a possibilidade de auto sustento por meio da cobrança de taxas de inscrição.

7.1.4.

Programa de preparação para aposentadoria PUC-Rio

No que se refere ao processo de adaptação vale destacar os Programas de Preparação para Aposentadoria (PPAs), defendidos como meios de apoio, geralmente aplicados por empresas do segmento público e privado dois anos antes de seus funcionários se aposentarem. Esses programas possuem pontos em comum, como considera Gugel (2016): (1) identificar colaboradores que estejam em vias de se aposentar; (2) informar sobre as novas relações com o tempo e com as mudanças que acontecem especialmente no contato com familiares, colegas, subordinados, superiores e vizinhos; (3) prover informações a respeito das questões legais, biológicas, psicológicas, sociais e familiares; (4) criar alternativas para a manutenção da empregabilidade dos participantes, considerando suas competências e talentos; e (5) compartilhar experiências positivas de outros aposentados.

Ainda sobre o processo e adaptação do aposentado a psicóloga Tatiana Schifferle pesquisou e registrou a atuação dos chamados *Grupos de Reflexão* — modelo idealizado, defendido e aplicado por mais de cinco anos na PUC-Rio sob a orientação da Professora Teresa Creuza Negreiros. Os *Grupos de Reflexão* eram formados por pessoas de 50 a 80 anos com objetivo de trocar experiências sobre suas vidas. Em um determinado grupo, os participantes se ativeram ao tema *aposentadoria* e o identificaram como o melhor momento para refletir sobre oportunidades até então inimagináveis, e para redesenhar seus projetos de vida, com o propósito de conciliar várias atividades que lhes fossem mais prazerosas.

A ideia do Programa de Preparação para Aposentadoria PUC-Rio, nasceu de uma experiência vivida por mim no doutorado, mais uma que vem do entendimento do público sênior por meio de entrevistas que levaram a criação do *PUC-Rio mais de 50* e da convivência com os frequentadores do programa. Essa experiência também foi publicada em artigo apresentado no 5º Encontro de Doutorado em Design, realizado em 2016 na Universidade de Aveiro, em Portugal, sendo uma parceria com Marília Ceccon, idealizadora do *PUC-Rio mais de 50*, e a Professora Vera Damazio.

Na ocasião, verificamos a importância de as empresas assumirem um papel mais proativo ao preparar seus funcionários para lidar com a vida pós aposentadoria, tendo em vista que este tema foi comum na fala dos entrevistados que deram a suporte criativo para o *PUC-Rio mais de 50*. Desta forma, parti para melhor entendimento dos programas de preparação para aposentadoria (PPAs), que são normalmente destinados a funcionários em vias de romper laços com a vida laboral, apresentando opções de como explorar de forma positiva esta fase da vida. Sob a ótica do Design, verifiquei que “os PPAs, para sua efetividade e maior adesão, devem considerar as singularidades de seus participantes, relacionando seus interesses com conteúdo que os orientem e contribuindo efetivamente para o bem-estar pós aposentadoria” (PINA, CECCON & DAMAZIO, 2016, p. 171).

Para incremento da ideia considerei o fato de que a participação do idoso no mercado de trabalho vem reduzindo e que há poucos movimentos dedicados a inclusão do trabalhador maduro no mercado de trabalho. É notória a pouca efetividade na possibilidade de empregabilidade do trabalhador com idade superior a 50 anos, a não ser para tarefas operacionais em supermercados e farmácias, como facilmente podemos observar. Diante desta constatação e analisando a realidade com o público sênior que convivi na PUC-Rio, verifico que é comum entre diversas corporações o não investimento em iniciativas de requalificação dos seus colaboradores em vias de se aposentar. Diagnosticando que não é um processo fácil romper com a vida laboral e que nem sempre há outro caminho que não a aposentadoria, torna-se importante estimular a capacidade produtiva dos mais velhos para que sejam capazes de reprojeter suas vidas, com novo planos, descobrindo novas preferências e vocações.

Diante das investigações feitas e da minha vivência como funcionária de uma instituição de ensino que assiste funcionários que por ali trabalharam décadas se aposentando, vê-se a oportunidade de desenhar PPAs como ações extensionistas. E a base desta ideia está no fato de ser comum chegar à maturidade sem encontrarmos um outro sentido para a vida produtiva, se não aquele trabalho que foi exercido por anos. Seguindo esta linha e tudo que foi apresentado nesta tese em relação a projeto de vida, acredito que os PPAs podem e devem fugir do seu padrão de minicursos e palestras para assumir formatos de mentoria e práticas *coaching*. Dessa forma, se extrai do indivíduo em vias de se aposentar, outros interesses que podem emergir ao ser explorado o seu lado empreendedor.

Pensando nisso, estabeleci uma troca de ideias com representantes do Instituto da Longevidade da Mongeral Ageon, explorando possibilidades de programa desenhados por eles, uma conversa prévia com a Vice-Reitoria Comunitária,

como a Comissão de funcionários da PUC-Rio e com a Gerência de RH da PUC-Rio para desenhar um projeto piloto, visando otimizar o processo de aposentadoria dos funcionários e professores da universidade. Acredito que, por meio de práticas de *coaching*, que a gerência de recursos humanos já adota, e mentoria, tendo como referência os pilares do envelhecimento ativo (segurança, participação, saúde e aprendizado ao longo da vida), o indivíduo em vias de se aposentar possa ter a ideia de novas oportunidades e não de um rompimento com a vida laboral que pressuponha uma vida vazia e sem sentido.

Esse projeto assim como o PICT Sênior precisará ser desenhado à muitas mãos e deve levar em consideração ainda, a visão dos aposentados que se mantêm trabalhando, os em vias de se aposentar e os que se aposentaram e saíram da universidade. Entendido o ponto de vista dos funcionários e ex-funcionários será possível articular melhor soluções que contemplem os sentimentos e visões sociais da aposentadoria para cada perfil. Para esse entendimento, imaginamos uma adaptação do instrumento utilizado na Pesquisa “Projeto de Vida”, apresentado no capítulo cinco, e entrevistas em profundidades, acompanhadas de workshops para cocriação de um PPA condizente a realidade da PUC-Rio e de seus colaboradores. É possível ainda que os serviços no campo da ideação neste capítulo, apresentados como a Plataforma Solidária e a Monitoria Sênior, sejam caminhos para os recém aposentados da PUC-Rio, sendo eles professores ou colaboradores do corpo administrativo.

7.2.

Últimas palavras

Diante do exposto, posso dizer que uma das maiores contribuições do Design para uma longevidade com qualidade está no atendimento às demandas não mecânicas, não luxuosas, por soluções intangíveis como um serviço. Em se tratando do público sênior, a falta de atendimento a essas demandas é uma carência latente, e — ao se promover o envelhecimento ativo sem levar em conta a atuação do sênior naquilo que se propõe —, corre-se o risco de perpetuar os estereótipos associados a esse público e trabalhar com base em “achismos”.

O que aparentemente seria o fim de uma tese é, na verdade, o início de uma longa jornada — uma jornada que estou pré-disposta a seguir, acompanhando, inovando e ajustando serviços universitários com foco no usuário sênior.

O suporte do Design Emocional, presente nas decisões tomadas ao longo do processo de criação do PICT Sênior, me obrigou a explorar outras visões e

outros entendimentos para chegar a considerar que os resultados propostos podem ir além do caráter funcional e estético. Estar amparada por esta frente do Design me fez ponderar que a solução a ser entregue, seja em forma de serviço ou produto, deve almejar a promoção de sentimentos positivos dos usuários. No caso do PICT Sênior, por exemplo, verificou-se o aumento da autoestima dos estagiários seniores, a satisfação deles ao colocar em prática um projeto de vida e fazendo a diferença em projetos de pesquisa. Entre os professores e colegas de pesquisa, ficou evidente a grata surpresa de todos pelo fato de se poder contar com um público qualificado, envolvido e capaz de trazer colaborações significativas.

Amparada pelas ideias do Design Social, verifiquei que inovar as formas de integrar os 50+ com a universidade me fez considerar métodos de co-criação e interdisciplinares. Esse conhecimento também sustentou a ideia de que uma solução que fomente o aprendizado, que reforce a identidade, que afirme as práticas cidadãs e promova a sociabilidade revela benefícios para quem as promove e para quem as recebe, e que isso se desdobra em bem social. Influenciada pela “Escada Virtuosa do Design e do Desenvolvimento”, compreendi que o papel do designer não termina com a entrega da solução (FRASCARA, 2000), mas sim com o sustento de condições para que o serviço se mantenha pelo grupo com ele envolvido. (PATROCÍNIO, 2015; MANZINI, 2015).

Sem a intenção de criar diretrizes ou normas para projetar serviços para o público 50+ — pois se tivesse tal intenção eu estaria refutando a necessidade de ponderar os “elementos-chaves” de Love (2002) para cada ação projetual —, minhas palavras finais neste trabalho procuram indicar pontos consensuais na geração do PICT Sênior e nas idealizações das potenciais atividades extensionistas apresentadas neste capítulo. Nesse sentido, um *checklist* para a idealização de ações extensionistas pode aumentar de forma inovadora as atividades já existentes nas universidades dedicadas aos seniores, com os seguintes pontos:

- centrar qualquer nova atividade de extensão no entendimento a respeito do usuário almejado, levando em conta suas demandas, prazeres e vocações sem abdicar da real condição do promotor do serviço, *garantindo que o ideal seja exequível*;
- considerar questões sociais que exijam novos olhares, posturas, práticas e ações efetivas na direção de novos rumos. Pensar que o serviço a ser desenvolvido pode ultrapassar interesses e demandas do receptor e promotor do serviço aumenta sua importância e sugere

novas dinâmicas sociais capazes de atrair atenção para sua relevância, com isso, facilitar sua a institucionalização e a captação de recursos para sua sustentabilidade;

- repensar os formatos de serviços do promotor de serviços, mas não na tentativa de criar algo inexistente, e sim para cruzar soluções existentes na busca de novas propostas extensionistas. Este é um convite para se pensar soluções fora dos formatos de cursos e para além da ideia de assistir aos seniores.
- usar a ótica do Design de maneira compartilhada, compreendendo que o uso das ferramentas da disciplina não pode ser de exclusividade do designer; e que sua aplicação para ideação, criação e ajustes de um serviço só faz sentido com o envolvimento de *stakeholders* e dos atuais e potenciais usuários de um serviço. E, ainda que ocorra uma aplicação dessas ferramentas com grupos específicos, é fundamental estabelecer um processo de validação e de melhoria contínua do conceito do serviço considerando outros grupos e outras técnicas de outras disciplinas.

Além de pesquisadora e autora desta tese, como gestora de um setor dedicado à extensão universitária, eu me vejo contribuindo para diminuir as chances do fim do PICT Sênior com o término do meu doutorado. Como foi aqui exposto, vejo a oportunidade de continuar a contribuir, inovando com ações extensionistas. Acredito ainda ser possível minimizar o *perseguir a invenção pela invenção* e maximizar a *função responsiva da ação do Design*, unindo conhecimentos diversos para uma resposta social, colocando-me como uma designer articuladora na busca de soluções cocriadas e propondo o espaço da universidade como um ambiente favorável para gerar variáveis para a bela velhice. Afinal, como dizia Beauvoir “se a velhice, enquanto destino biológico, é uma realidade que transcende a história, não é menos verdade que este destino é vivido de maneira variável, segundo o contexto social” (BEAUVOIR, 1990, p. 15).

8.

Referências Bibliográficas

ABRUNATI. (10 de fevereiro de 2019). **Associação Brasileira das UnATIs**.

Fonte: <http://www.abrunati.com.br/>

AFU. (25 de fevereiro de 2019). **AGE-FRIENDLY UNIVERSITY** . Fonte:

Academy for Gerontology in Higher Education (AGHE):

<https://www.aghe.org/resources/age-friendly-university-principles>

Alcântara, A. d., & Giacomini, A. A. (2016). **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: IPEA.

Alt, L., & Pinheiro, T. (2017). **Design Thinking Brasil: Empatia, colaboração e experimentação para pessoas, negócios e sociedade**. Rio Janeiro: Alta Books.

Alves, A. M. (2004). **A Dama e o Cavaleiro**. Rio de Janeiro: FGV.

Assis, M. G., Dias, R. C., & Necha, R. M. (2016). **A Universidade para a terceira idade na construção da cidadania da pessoa idosa**. Em A. d.

Alcântara, A. A. Camarano, & K. C. Giacomini, **Política nacional do idoso: velhas e novas questões** (pp. 199-209). Rio de Janeiro: IPEA.

Bardin, L. (2018). **Análise de Conteúdo** (Reimpressão da Edição revista e atualizada de 2009 ed.). Coimbra: Edições 70.

Barros, R. D., & Castro, A. M. (2002). **Terceira Idade: o discurso dos experts e a produção do "novo velho"**. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, 113-124.

Beauvoir, S. d. (1990). **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bernard, C., Hallal, S., & Nicolaï, J.-P. (2013). **La silver économie, une opportunité de croissance pour la France**. Paris: Commissariado Geral de Estratégia e Prospectiva.

Biolcini, C. (2014). **Apresentação à Edição Brasileira**. Em M. S. Schneider, Isto é Design Thinking de Serviços (pp. 12-13). Porto Alegre: Bookman.

Blomkvist, J., Holmlid, S., & Segelstrom, F. (2014). **Pesquisa em Design de Serviços: passado, presente e futuro**. Em M. Stickdorn, & J. Schneider, Isto é Design Thinking de Serviços (pp. 310-325). Porto Alegre: Bookman.

BRASIL. (04 de janeiro de 1994). **Política Nacional do Idoso (PNI)**. Fonte: Casa Civil: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm

BRASIL. (01 de outubro de 2003). **LEI No 10.741**. Fonte: Casa Civil - Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm

BRASIL. (25 de setembro de 2008). **LEI Nº 11.788**. Fonte: Casa Civil - Dispõe sobre o estágio de estudantes: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm

BRASIL. (15 de dezembro de 2017). **LEI Nº 13.535**. Fonte: Casa Civil - Altera o art. 25 da Lei no 10.741, de 1o de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso): http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13535.htm

Buchanan, R. (2001). **Design Research and the New Learning**. Design Issues, 3-23.

Cachioni, M. (2012). **Universidade da Terceira Idade: história e pesquisa**. Revista Temática Kairós, 1-8.

Cachioni, M., & Todaro, M. d. (2016). **Política Nacional do Idoso**: Reflexão acerca das intenções direcionadas à educação formal. Em A. d. Alcântara, A. A. Camarano, & K. C. Giacomini, *Política nacional do idoso : velhas e novas questões* (pp. 175-198). Rio de Janeiro: IPEA.

Camarano, A. A. (junho de 2013). **Publicações/ Textos para discussão**. Fonte: <http://www.ipea.gov.br>: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1840.pdf

Camarano, A. A. (2014). **Introdução**. Em A. A. Camarano, *Novo Regime Demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?* (pp. 15-39). Rio de Janeiro: IPEA.

Camarano, A. A. (2016). **Introdução**. Em A. A. Alexandre de Oliveira Alcântara, *Política nacional do idoso : velhas e novas questões* (pp. 15-47). Rio de Janeiro: IPEA.

Camarano, A. A., & Pasinato, M. T. (2004). **O Envelhecimento Populacional na Agenda das Políticas Públicas**. Em A. A. Camarano, *Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?* (pp. 253-292). Rio de Janeiro: IPEA.

Caradec, V. (2016). **Da terceira idade à idade avançada**: a conquista da velhice. Em M. Goldenberg, *Velho é lindo!* (pp. 11-38). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Ceccon, M. (31 de abril de 2015). Dissertação de Mestrado: **Design & Envelhecimento**: técnicas de identificação de demandas dos maiores de 60 anos. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Chasin, F. (2016). **Business Analysis of Digital Discourse for New Service Development**: A Theoretical Perspective and a Method for Uncovering the Structure of Social Representations for Improved Service Development. 9th Hawaii International Conference on System Sciences, pp. 1567-1576.

Chibanda, D. (novembro de 2017). **Porque o treinar avós para tratarem a depressão**. Fonte: TEDWomen 2017: https://www.ted.com/talks/dixon_chibanda_why_i_train_grandmothers_to_treat_depression

CNPq. (20 de fevereiro de 2019). **Apresentação**. Fonte: *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (CNPq): <http://www.cnpq.br/web/guest/apresentacao>

CNPq. (20 de fevereiro de 2019). **Objetivos do programa PIBIC**. Fonte: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): <http://www.cnpq.br/web/guest/pibic/>

CNPq. (19 de fevereiro de 2019). **PIBITI - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação**. Fonte: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): <http://www.cnpq.br/web/guest/pibiti/>

Comission European. (2016). **Senior entrepreneurship good practices manual**. Developement Solutions Europe Ltd.

Couto, R. M. (2015). **O design social na PUC-Rio**. Em A. J. Oliveira, C. Franzato, & C. D. Gaudio, *Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil* (pp. 29 -36). São Paulo: Blucher.

Couto, R., & Damazio, V. (2015). **Social Design**. Em C. Edwards, H. Atkinson, D. Bhagat, S. Kettley, & D. a.-M. Raizman, *Bloomsbury Encyclopedia of Design. Edited Collections*.

Damazio, V., Pina, F., & Ceccon, M. (2017). **Design emocional para maiores de 60: contribuições para se viver mais e melhor**. Em A. J. Oliveira, C. Franzato, & C. D. Gaudio, *Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil* (pp. 37-48). São Paulo: Blucher.

DCU. (20 de fevereiro de 2019). **Age Friendly University**. Fonte: Doblin City University: <https://www.dcu.ie/agefriendly/index.shtml>

Debert, G. G. (1997). **A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 39-56.

Debert, G. G. (2004). **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processo de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas. (2017). **World Population Ageing**. Nova York: Nações Unidas.

Dijk, G. V., Raijmakers, B., & Kelly, L. (2014). **Isto é uma caixa de ferramentas - não um manual**. Em M. Stickdorn, & J. Schneider, *Isto é Design Thinking de Serviços* (pp. 148-217). Porto Alegre: Bookman.

Endeavor Brasil. (26 de abril de 2017). **Como o intraempreendedorismo pode impulsionar a inovação em sua empresa**. Fonte: endeavor.org.br: <https://endeavor.org.br/pessoas/intraempreendedorismo-inovacao-empresa/>

EXAME. (30 de janeiro de 2015). **“O Brasil envelheceu antes de enriquecer”**, diz especialista. Brasil.

Felix, J. (2016). **O idoso e o mercado de trabalho**. Em A. d. Alcântara, A. A. Camraro, & K. C. Giacomini, *Política nacional do idoso : velhas e novas questões* (pp. 241-263). Rio de Janeiro: IPEA.

FORPROEX. (2012). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras.

Frascara, J. (2008). **Diseño Gráfico para la Gente**, comunicaciones de masa y cambio. Buenos Aires: Infinito.

Freire, K. (2011). **Design de Serviços, Comunicação e Inovação Social**: um estudo sobre serviços de atenção primária à saúde. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Design) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Goldenberg, M. (2013). **A Bela Velhice**. Rio de Janeiro: Editora Record.

Gonçalves, C. D. (2015). **Envelhecimento bem-sucedido, Envelhecimento produtivo e Envelhecimento ativo**: Reflexões. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, 645-657.

Guerreiro, T., & Rodrigues, R. (1999). **Envelhecimento Bem-Sucedido**: Utopia, Realidade ou Possibilidade? Em R. P. Veras, Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição (pp. 51-69). Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Guerreiro, T., Vieira, R., M.L., L., & Gonçalves, E. (maio de 2014). **Histórias do Meu Tempo**: Uma Abordagem Não Farmacológica para Idosos com Prejuízo Cognitivo. Belém, Pará, Brasil.

Gugel, M. A. (2016). **O direito ao trabalho, a preparação e a conquista da aposentadoria**. Em A. d. Alcântara, A. A. Camarano, & K. C. Giacomini, Política Nacional do Idoso: Velhas e novas questões (pp. 225-240). Rio Janeiro: IPEA.

Halabi, A., Sabiescu, A., David, S., Vannini, S., & Nemer, D. (2015). **From Exploration to Design**: Aligning Intentionality in Community Informatics Projects. The Journal of Community Informatics, pp. 1-20.

Hedler, H. C., Santos, M. d., Faleiros, V. d., & Almeida, M. A. (2016). **Representação social do cuidado e do cuidador familiar do idoso**. Revista Katálisis, 143-153.

HELPAge. (10 de dezembro de 2018). **Global AgeWatch Index 2015**. Fonte: Help Age: <https://www.helpage.org/global-agewatch/>

IBGE. (2016). **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

IBGE. (29 de novembro de 2018). **Em 2017, expectativa de vida era de 76 anos**. Fonte: Agência Notícias IBGE: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23200-em-2017-expectativa-de-vida-era-de-76-anos>

IBGE. (25 de Julho de 2018). **Projeção da População 2018**: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047. Fonte: Agência Notícias IBGE: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>

ILC-Brasil. (2015). **Envelhecimento ativo**: um marco político em resposta a revolução da longevidade. Rio de Janeiro: Centro Internacional da Longevidade.

ILC-Brasil. (2016). **Para um Design Amigável ao Idoso – a todas as idades**. IV Fórum Internacional da Longevidade “O papel do design e da tecnologia em uma sociedade mais longa” (pp. 1-10). Rio de Janeiro: Centro Internacional de Longevidade.

Instituto de Longevidade Mongeral Aegon. (05 de abril de 2018). **Felicidade retorna com força aos 60 anos**, revela Mirian Goldenberg. Fonte: Instituto de Longevidade Mongeral Aegon: <https://institutomongeralaegon.org/comportamento/felicidade-retorna-com-forca-aos-60-anos-revela-mirian-goldenberg>

Instituto de Longevidade Mongeral Aegon. (s.d.). **Projeto de Lei RETA**. Fonte: Instituto de Longevidade Mongeral Aegon: <https://institutomongeralaegon.org/nossas-iniciativas/projeto-de-lei-reta>

Isele, E. (12 de dezembro de 2018). **Older workers are the economy's most underrated natural resource**. Fonte: Quartz: <https://qz.com/1490044/older-workers-are-the-economys-most-underrated-natural-resource/>

JORNAL DA PUC. (novembro de 1992). **Marketing quer conquistar consumidores mais idosos**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: JORNAL DA PUC.

JORNAL DA PUC. (Abril de 1992). **Terceira idade de volta às aulas**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Fonte: JORNAL DA PUC.

JORNAL DA PUC. (setembro-outubro de 1992). **Terceira Idade posta em discussão**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

JORNAL DA PUC. (dezembro de 1993). **NovIDADE**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Kalache, A. (2013). **The Longevity Revolution**: Creating a Society for All Ages. Estado da Austrália do Sul: Department of the Premier and Cabinet.

Kalache, A. (2017). **Direitos adquiridos, envelhecimento ativo e resiliência**: a importância desses conceitos ao longo da vida. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 159-160.

Lins, S., Melo, C. F., Alves, S. G., & Silva, R. L. (2019). **“Our Voices, Our Meaning”**: The Social Representations of Sports for Brazilian Athletes With Disabilities. Adapted Physical Activity Quarterly, 42-60.

LIPACE. (2002). **Research Report on Overseas experience in providing continuing education for older**. Hong Kong: Shing Institute of Professional and Continuing Shing Institute of Professional and Continuing.

Lo Monaco, G., Piermattéo, A., Guimelli, C., & Abric, J. (2012). **Social representations, correspondence factor analysis and characterization questionnaire**: A methodological contribution. The Spanish Journal of Psychology, 1233–1243.

Lopes, R. M. (2017). **Ensino de Empreendedorismo no Brasil**: Panorama, tendências e melhores práticas. Rio de Janeiro: Alta Books.

Love, T. (2002). **Constructing a coherent cross-disciplinary body of theory about designing and designs**: some philosophical issues. *International Journal of Design Studies*, 345-361.

Manzini, E. (2017). **Design**: quando todos fazem design: uma introdução ao design para inovação social. São Leopoldo: UNISINOS.

MEC. (03 de outubro de 2018). **PARECER CNE/CES Nº: 608/2018**. Fonte: Ministério da Educação: <http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2018-pdf/102551-pces608-18/file>

MEC. (18 de dezembro de 2018). **RESOLUÇÃO Nº 7**. Fonte: Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192

MIT. (10 de setembro de 2018). **AGELAB**. Fonte: Massachusetts Institute of Technology (MIT): <http://agelab.mit.edu/>

Morin, E. (2004). **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Negreiros, T. C. (dezembro de 1991). JORNAL DA PUC. **Universidade da Terceira Idade e Psicologia**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Fonte: Jornal da PUC.

Negreiros, T. C. (2007). **Nova velhice**: uma visão multidisciplinar . Rio de Janeiro: Revinter.

Normn, D. (19 de março de 2013). **Rethinking Design Thinking**. Fonte: CORE77 COLUMNS: <https://www.core77.com/posts/24579/rethinking-design-thinking-24579>

O'Kelly, C. (27 de fevereiro de 2018). **Universidades abraçam a causa da longevidade**. (M. Tavares, Entrevistador) Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/universidades-abracam-a-cao-da-longevidade.ghml>

Oliveira, A., & Amaral, V. (2007). **A análise factorial de correspondências na investigação em psicologia**: uma aplicação ao estudo das representações sociais do suicídio adolescente. *Análise Psicológica* , 271-293 .

Oliveira, M. S. (2004). **Representações sociais e sociedades**: a contribuição de Serge Moscovici. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 180-186.

OMS. (2005). **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.

OMS. (2008). **Guia global**: cidade amiga do idoso. Genebra: Organização Mundial da Saúde.

OMS. (2015). **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde.

Ordóñez, T. N., & Cachioni, M. (2011). **Motivos para frequentar um programa de educação permanente**: relato dos alunos da universidade aberta à terceira idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 461-474.

Patrocínio, G. (2015). **Design e os países em desenvolvimento**: a dialética entre o design para necessidade e o design para o desenvolvimento. Em G. Prtocínio, & J. M. Nunes, *Design & Desenvolvimento: 40 anos depois* (pp. 55-74). São Paulo: Blucher.

PUC Minas . (setembro de 2018). **Projetos de Extensão** . Fonte: Pró-reitoria de extensão - PROEX: <http://portal.pucminas.br/proex/index-link.php?arquivo=projeto&pagina=4896>

PUC-RIO. (9 de dezembro de 1991). **Circular nº 12/91**. Projeto de uma universidade para a 3ª. idade. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

PUC-Rio. (2018). Apresentação: **PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA PIBIC/PIBITI PUC-Rio**. Fonte: PIBIC na PUC-Rio: <http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/download/reuniaoalunos2018.pdf>

PUC-RIO. (02 de dezembro de 2018). **Vice-Reitoria para Assuntos de Desenvolvimento**. Fonte: PUC-Rio: <http://www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/vrd/>

QS. (dezembro de 2018). QS World University Rankings 2019. Fonte: **QS World University Rankings® 2019**.: <https://www.topuniversities.com/university-rankings/world-university-rankings/2019>

Ratinaud, P. (2009). **IRAMUTEQ**: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]. Fonte: <http://www.iramuteq.org>

Reis, L. M. (2007). **Envelhecer em paz**. Em T. C. Negreiros, *A nova velhice: uma visão multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Revinter.

Rodrigues, A. (2012). **Psicologia social para principiantes**: estudo da interação humana. Petrópolis: Vozes.

Rosenberg, S., & Sedlak, A. (1972). **Structural Representations of Implicit Personality Theory**. *Advances in Experimental Social Psychology*, 235-297.

Rosenfield, C. (2015). **Autoempreendedorismo**: forma emergente de inserção social pelo trabalho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 115-128.

Salviati, M. E. (março de 2017). **Manual do Aplicativo Iramuteq** (versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3). Fonte: Iramutec: <http://iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati/view>

Schøtt, T., Rogoff, E., Kew, & Penny, M. H. (2017). **Special Topic Reports 2016-2017**: senior entrepreneurship. *Global Entrepreneurship Research Association*.

SEBRAE. (14 de julho de 2017). **Empreendedorismo social**: Organizações que ajudam a transformar o país. Fonte: Sebrae São Paulo: http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/cursos_eventos/empreendedorismo-social-organizacoes-que-ajudam-a-transformar-o-pais,4b8b4c64814fc510VgnVCM1000004c00210aRCRD

SEBRAE. (23 de fevereiro de 2018). **Comportamento Empreendedor**. Fonte: Sebrae Nacional: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/empreender-na-aposentadoria,a20a086fb98ad510VgnVCM1000004c00210aRCRD>

SEBRAE. (23 de janeiro de 2019). **O que é ser empreendedor**. Fonte: Sebrae Nacional: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/A2EEEAD6407D759003256D520059B1F8/\\$File/NT00001D9A.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/A2EEEAD6407D759003256D520059B1F8/$File/NT00001D9A.pdf)

Seyul Kwak, H. K., & Youm, Y. (2018). **Feeling How Old I Am**: Subjective Age Is Associated With Estimated Brain Age. *Frontiers in Aging Neuroscience*, 1-11.

Silva, D. M., Vilela, A. B., Oliveira, D. C., & Alves, M. d. (2015). **A estrutura da representação social de família para idosos residentes em lares intergeracionais**. *Revista Efermagem*, 21-26.

Simon, H. A. (1988). **The Science of Desing**: Creating the Artificial. *Design Issue*, 67-82.

STANFORD. (05 de setembro de 2018). **Stanford Center on Longevity**. Fonte: [stanford.edu: http://longevity.stanford.edu/](http://longevity.stanford.edu/)

Stickdorn, M. (2014). Definições: **O Design de Serviços como Abordagem Interdisciplinar**. Em M. Stickdorn, & J. Schneider, *Isto é Design Thinking de Serviços* (pp. 30-35). Porto Alegre: Bookman.

Stickdorn, M. (2014). **O processo é interativo**. Em M. Stickdorn, & J. Schneider, *Isto é Design Thinking de Serviços* (pp. 124-137). Porto Alegre: Bookman.

Stickdorn, M., & Schneider, J. (2014). **Isto é Design Thinking de Serviços**. Porto Alegre: Bookman.

TERRA. (27 de setembro de 2012). **Empreendedorismo sênior cresce e estimula economia do Brasil**. Fonte: www.terra.com.br: <https://www.terra.com.br/economia/empreendedorismo-senior-cresce-e-estimula-economia-do-brasil,737877561f66b310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>

UATI. (07 de setembro de 2018). **USP Aberta à Terceira Idade (UATI)**. Fonte: Universidade de São Paulo: <http://prceu.usp.br/3idade/>

UENCE. (2017). **A Sustainable Society for All Ages**: Realizing the potential of living longer. 4th UNECE Ministerial Conference on Ageing (pp. 1-7). Lisboa: Comissão Económica das Nações Unidas para a Europa.

UERJ. (janeiro de 2019). **Programação Geral dos Cursos/Oficinas 2019 da UnATI.UERJ**. Fonte: <http://www.unatiuerj.com.br>: <http://www.unatiuerj.com.br/CatalogoProgOficinas2019.pdf>

UERJ. (20 de 02 de 2019). **UnATI.UERJ**. Fonte: Universidade Estadual do Rio de Janeiro: <http://www.unatiuerj.com.br/>

UFMG. (agosto de 2017). **Projeto Maioridade - Universidade Aberta para a Terceira Idade**. Fonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO): <https://ufmg.br/comunicacao/eventos/projeto-maioridade-universidade-aberta-para-a-terceira-idade-recebe-inscricoes>

UFMG. (setembro de 2018). **Projeto Maioridade - Universidade Aberta para a 3ª Idade**. Fonte: Facebook: <https://www.facebook.com/projetomaioridadeufmg/>

UFMG. (2019). **Extensão Universitária**. Fonte: Universidade Federal de Minas Gerais: <http://www.cursoseeventos.ufmg.br/CAE/>

UnATI UFMG. (03 de agosto de 2017). **Universidade Aberta para Terceira Idade UFMG**. Fonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO): http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/noticias/1888/universidade_aberta_para_terceira_idade_celebra__25_anos

UnATI-USP. (08 de setembro de 2018). **UnATI USP**. Fonte: Universidade de São Paulo: <http://www5.each.usp.br/unati-terceira-idade/>

UNCANP. (09 de setembro de 2018). **Programa UniversIDADE**. Fonte: Universidade Estadual de Campinas: <https://www.programa-universidade.unicamp.br>

UNFPA. (2012). **Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio**. Nova York; Londres: Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) & HelpAge International.

Valladares, L. (2007). **Os dez mandamentos da observação participante**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 153-155.


Wachelke, J. F., Camargo, B. V., Hazan, J. V., Soares, D. R., Oliveira, L. T., & Reynaud, P. D. (2008). **Princípios organizadores da representação social do envelhecimento**: dados coletados via internet . Estudos de Psicologia, 107-116.

9. Anexos

9.1.

Tentativa da PUC-Rio de viabilizar a universidade para a 3ª idade na década de 90

Convite para Vice-Reitores, decanos, Diretores, Coral, Educação Física e Pastoral



Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-RJ
Gabinete do Reitor

Rio de Janeiro 9 de dezembro de 1991

Circular Nº 12/91

Da: Reitoria
Para: Vice-Reitores, Decanos, Diretores,
Coral, Educação Física e Pastoral

Em prosseguimento aos estudos sobre a viabilidade de implantação de um Projeto de uma Universidade para a 3a.Idade, na PUC-Rio, necessitamos ampliar a discussão junto aos Departamentos. as diversas instâncias acadêmicas e administrativas.

Nesse sentido, o convidamos a engajar-se nesse planejamento comparecendo à próxima reunião, a ser realizada no dia 17 de dezembro, no Conselho Universitário, às 14h30m.

As primeiras discussões sobre a questão indicaram a inclusão do "Projeto Abertura" nessa nova proposta, considerando que, complementado com outros programas e uma Coordenação Especializada, poderá compor a Universidade da 3a.Idade diminuindo seus custos.

Consultamos V.Sa. para que nos informe com referência ao seu Departamento:

- 1- as disciplinas que podem ser oferecidas aos alunos da 3a.Idade via "Projeto Abertura", destacando as que serão oferecidas em 1992.1 e o número de vagas possíveis;
- 2- as atividades(disciplinas ou não) que o Departamento tem condições ou gostaria de propiciar a alunos de 3a.Idade;
- 3- a existência e disponibilidade de professores interessados em trabalhar com a 3a.Idade;
- 4- outras sugestões.

Solicitamos que essas informações sejam encaminhadas ao Departamento de Serviço Social, em atenção a Profa. Therezinha Arnaut, até o dia 16 de dezembro.

Contando com sua presença na reunião, subscrevo-me

Atenciosamente

Pe. Laércio Dias de Moura, S.J.
Pe. Laércio Dias de Moura, S.J.
Reitor

09/12/91
us

R. Marquês de S. Vicente 225. Gávea, Rio de Janeiro, CEP 22453, Brasil. Tel. 274 4547
Telex (021) 31048

UNIVERSIDADE IIIa. IDADE - DESAFIO DOS ANOS 90.

ANTE- PROJETO:

Pensar o Idoso é uma questão que se impõe à PUC enquanto Universidade em busca do Saber. Abrir o seu espaço ao aluno-idoso contribuindo para sua integração em um momento de crise existencial é exigência de uma Pontifícia Universidade por seu compromisso ético-humano-social.

O Brasil, considerado um país de jovens convive nos anos 90 com um fato novo - o envelhecimento de sua população. A queda do índice de mortalidade, pronunciada nos últimos anos, o aumento da expectativa de vida projeta o Brasil, para o ano 2.025 ocupando o 6º lugar dentre as nações de população mais idosa no mundo.

Estima-se hoje em 11 milhões o número de pessoas com mais de 60 anos que procuram seu espaço na estrutura social e demandam respostas às suas necessidades básicas. Exigem por parte do Estado e da Sociedade atenção e cuidados especiais que compreende legislação específica para lhes assegurar definição de políticas e serviços básicos na área de bem-estar - seus direitos de cidadãos.

A absorção desse segmento populacional que paradoxalmente emerge forte e carente em busca de respostas às suas questões existenciais implica a identificação de preconceitos, o repensar de valores de uma sociedade capitalista voltada para produção/consumo com vista ao lucro e acumulação de riquezas.

O desengajamento do ciclo de produção em uma cultura que privilegia o "ter", o "fazer" mais do que o "Ser" desencadeia também o desengajamento nas outras esferas de relações, condenando o idoso ao isolamento, à solidão, e à morte social muito antes da ocorrência da morte física. Ao deixar de ser "provedor" gradativamente seu poder se retrai e os laços afetivos se afrouxam. Sua auto-estima é atingida e o processo de dependência se acelera.

A aposentadoria recebida inicialmente como conquista de liberdade em breve cai num vazio agravado pela deterioração do valor de seu rendimento. A expectativa de novo vínculo trabalhista àqueles que

se aposentam por tempo de serviço em faixas etárias baixas, face à recessão só a poucos é dado o privilégio de concretizá-lo.

O que fazer com o tempo ganho? Como preservar a identidade social?

Aqui se impõe a construção de um novo projeto de vida capaz de dar sentido ao existir.

Experiências recentes no Brasil⁽¹⁾ têm demonstrado que a Universidade para a IIIª Idade oferece ao Idoso novos ângulos de sua auto-percepção, amplia seus horizontes situando-o em novos papéis. Propicia-lhe a inserção em outro contexto, a integração intergeracional além de seu próprio grupo.

Pressupostos:

A PUC ao pensar em Universidade da IIIª Idade tem como pressuposto uma visão de homem-mundo fundamentada:

- . na dignidade da pessoa humana valorizando no ser idoso sua condição de sujeito capaz de dar continuidade ou de reconstruir o seu projeto de vida.
- . na convivência inter-geracional capaz de contribuir para a construção de um mundo mais justo e fraterno.

Objetivos:

Oferecer ao aluno perspectivas de educação continuada que amplie sua visão de mundo e lhe possibilite a descoberta de potencialidades na reconstrução de seu projeto de vida.

Específicos:

- . Desenvolver a capacidade crítica do aluno na compreensão de mundo.
- . Desenvolver o potencial criativo do aluno contribuindo para o seu projeto de vida.

Trabalhar a auto-estima do aluno e sua participação na sociedade.

- (1) Universidade Federal de Santa Catarina - "Núcleo de Estudos da IIIª Idade-Formação de Monitores da Seção Gerontóloga-criado em 1982.
- (2) Universidade Estadual do Ceará-"Universidade sem Fronteiras" criado em 1988.
- (3) PUC_Campinas.Início-Agosto de 1990.
- (4) Universidade Católica de Santos/ Início abril de 1991.
- (5) Universidade Federal de Juiz de Fora-em março de 1991.
- (6) Faculdades Integradas de São José dos Campos-agosto 1991-No Rio - Veiga de Almeida/Gama Filho/Castelo Branco

Estrutura do Curso:

Interdisciplinar - Interdepartamental com uma coordenação a ser designada pelo Padre Reitor situando-se

Duração: 3 períodos

Aulas - 3 vezes na semana (2 vezes)
3 horas.

Núcleo Básico

. Disciplinas voltadas para a compreensão da Sociedade.

1º Semestre - Filosofia . História Contemporânea (

- Antropologia . Política Social

- Sociologia . Ecologia

- Religião

- Disciplinas voltadas para a Compreensão do SER - Idoso e seu contexto.

2º Semestre - Psicologia . Legislação
- Serviço Social . Família
- Geriatria

3º Semestre - Conhecimento de Programas e Projeto de Serviços na
Área de Bem-Estar
Oficinas

- . Oficinas
- . Literatura
- . Artes
- . Teatro
- . Excursões

O aluno terá simultaneamente o acompanhamento de trabalho de Serviço Social de Grupo.

Ciclo de palestras sobre questões contemporâneas.

Metodologia/ Aulas/ Dinâmicas/ Excursões

Clientela: A definir

Recursos: A definir.

Convite para o Coordenador Central de Extensão, à época

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC - RJ
Gabinete do Reitor

Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1991

Gr- 231/91

Ilmo.Sr.
Prof.Mário Monteiro
Coordenador Central de Extensão
CCE

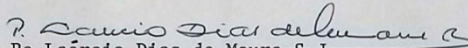
Senhor Coordenador,

Em prosseguimento aos estudos sobre a viabilidade de implantação de um **Projeto de Universidade para a 3a. Idade** na PUC-Rio, solicitamos a estimativa de custos para o "Projeto Abertura" nas disciplinas para 1992.1.

Outrossim gostaríamos, de contar com sua presença na reunião a ser realizada no próximo dia **17 de dezembro, às 14h30m**, na Sala do Conselho Universitário.

Esperando contar com a presença de V.Sa. subscrevo-me

Atenciosamente


Pe.Laércio Dias de Moura, S.J.
Reitor

Bu:
08/12/91
P

7.1.Exemplo de avaliações das atividades do PUC-Rio mais de 50

Avaliação PUC mais de 50

Curso: Hora Digital

**Obrigatório*

Em uma escala de 1 à 5 indique seu grau de satisfação com o curso? *

12345

Muito baixoMuito alto

O que te motivou a se matricular neste curso? *

☐ O professor
☐ O tema
☐ Ser na PUC
☐ O valor
☐ A possibilidade de socialização

Como ficou sabendo deste curso? *

☐ Por e-mail
☐ Pelas redes sociais
☐ Por telefonema da PUC
☐ Por Amigos
☐ Por Fanfícios
☐ Outro:

Comente os pontos negativos e positivos desse curso:

Sua resposta

Dentro do domínio Atualidades e Conhecimentos Gerais, que outros temas você teria interesse?

Sua resposta

Você gostaria de aprofundar esse tema em um curso longo?

☐ Não
☐ Sim

Se sim, quantas aulas gostaria de assistir sobre o assunto?

☐ 6 aulas
☐ 12 aulas
☐ 24 aulas
☐ Outro:

Quais tópicos relacionados ao curso você gostaria de se aprofundar?

Sua resposta

ENVIAR

Página 1 de 1

Nunca envie senhas pelo formulário Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço

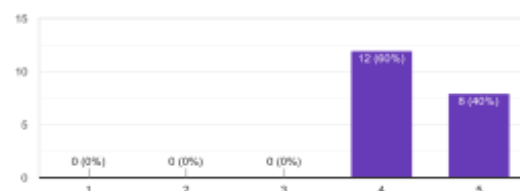
Google Formulários

Avaliação PUC mais de 50

20 respostas

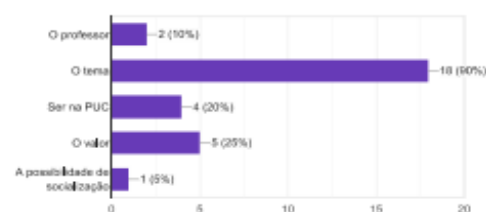
Em uma escala de 1 à 5 indique seu grau de satisfação com o curso?

20 respostas



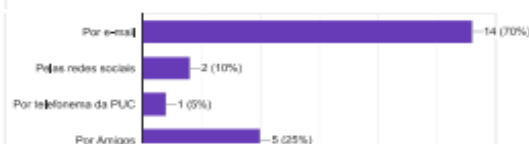
O que te motivou a se matricular neste curso?

20 respostas



Como ficou sabendo deste curso?

20 respostas



Comente os pontos negativos e positivos desse curso:

18 respostas

Pontos positivos: muito bom! Excelentes informações, e densas às vezes para, aqueles que ainda são leigos no assunto. Porém, considero um grande passo para iniciar uma horta.

Ponto negativo: não ter uma horta na PUC e não ter em casa para ver tudo que foi dito. E não ter aulas práticas. :/

Adorei as dicas do professor para se ter uma horta em casa. O único aspecto negativo é não termos tido uma experiência real de horta, ao ar livre.

Aulas descontraídas com conhecimentos gerais sobre o assunto. Não verifiquei pontos negativos.

Negativos: curso muito curto

Positivos: riqueza da temática

Negativo: falta de prática

Positivo: experiência do professor Felipe Guanaes

Negativos: ausência de aulas práticas

Positivos: professor altamente qualificado

O professor podia ser um pouco mais metódico, dividir melhor os tópicos sobre o tema. Deveria ter aula prática.

Professor excelente, tema interessante. Poderia ter mais tempo e aulas práticas em horta.

Não ter o prático, o plantio.

Professor extremamente competente. Faltou uma vivência prática de cultivo. Este curso merece uma vivência, uma experiência prática!

Negativos: falta de prática, pouco tempo para um assunto grande

Positivos: professor/palestrante, qualidade das informações

Tema e professor excelentes. Adorei!

Positivo: o conhecimento da turma e do professor.

Negativos: Esse curso não ser mais extenso.

Professor sabe muito sobre o tema e sabe transmitir. Só faltou a horta.

Dentro do domínio Atualidades e Conhecimentos Gerais, que outros temas você teria interesse?

17 respostas

Acho os emails que recebo com temas muito interessantes. Economia doméstica é algo que também me interessa, temas que podemos colocar em prática na vida e que aumente o conhecimento cultural.

Fotografia, paisagismo, arquitetura, urbanismo.

Legislação para apoio de implantação de hortas em espaços públicos não produtivos - exemplos pelo mundo.

1- Recuperação de áreas degradadas
2- Arborização urbana

Mercenaria e estudos sobre madeira.

Paisagismo ecológico, parques funcionais, teto verde.

Jardins, solo, paisagismo, iluminação.

Sustentabilidade ambiental.

Construção com materiais sustentáveis, ecozilas, mais sobre orgânicos (frutíferas e etc).

Poesia
Cinema
Vinhos/ Chocolates/ Chás/ Cafés
Plantas medicinais
Islamização no ocidente

Música, gestão, esporte.

Energia verde
Ecologia ambiental
Casa sustentável
Sustentabilidade

Alimentos orgânicos - conservas, preparo, manipulação, etc.
Arquitetura - roteiros guiados (por época, bairros, personalidades, etc).

Economia

Culinária vegetariana
Educação ambiental
Observação de pássaros

Cidades, sustentabilidade, economia solidária, economia ecológica

Educação Ambiental, Observação das Aves.

Você gostaria de aprofundar esse tema em um curso longo?



Se sim, quantas aulas gostaria de assistir sobre o assunto?

19 respostas



Quais tópicos relacionados ao curso você gostaria de se aprofundar?

18 respostas

Manejo do solo. Criar uma horta em caixas me interessa bastante e gostaria saber mais, como fazer e tudo mais. Aulas práticas.

Gostaria que tivessemos aulas em uma horta com diferentes espécies de plantas (ervas, tubérculos, hortaliças, etc).

Plantio em produção contínua
Compostagem
Minhocultura

Comercialização de produtos orgânicos.

A maioria dos tópicos na prática.

Todos.

Compostagem.

Seria interessante ter um curso mais longo e com aulas práticas.

Manejo, plantio.

Todos! Gostaria de ter tido uma experiência prática.

Espécies nativas das Américas e locais

7.2. Formulários de Inscrição do PICT Sênior

No primeiro protótipo

A PUC-Rio abre suas portas para participação de maiores de 50 em projetos de pesquisa.

É com prazer que anunciamos o PICT Sênior PUC-Rio, um Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior da PUC-Rio para maiores de 50 interessados em participar de projetos de pesquisa em andamento na PUC-Rio.

Há vagas em diversas áreas do conhecimento. Preencha o formulário indicando seus principais interesses. Posteriormente fazemos contato para confirmar sua candidatura e enviar mais informações.

Os selecionados recebem bolsa no valor de R\$ 400,00 mensais e começam a atuar no dia 14 de agosto de 2017.

As inscrições vão até o dia 31 de julho de 2017.

***Obrigatório**

Dados pessoais

Nome *

Sua resposta

Telefone *

Preferencialmente celular

Sua resposta

E-mail *

Sua resposta

Projeto(s) de Pesquisa de Interesse

Indique o(s) projeto(s) de pesquisa do(s) qual(ais) gostaria de participar. *

- ☐ Design Social | Levantamento e avaliação de produtos e serviços para longevidade com qualidade | Coordenadora: Profª Vêta Damazio | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/0479162431018606>
- ☐ Química | Desenvolvimento de potenciais fármacos para o tratamento do Alzheimer | Coordenador: Prof. Nicolás A. Rey | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/66669418619228798>
- ☐ Psicologia | Cognição e envelhecimento: avaliação e reabilitação | Coordenadora Profª: Helenice Chachai Fichman | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/8822284125037565>
- ☐ Núcleo de Memória da PUC-Rio | Cadastramento de documentação e pesquisa em acervos documentais públicos e privados | Coordenadora: Profª Margarida de Souza Neves | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/2037911313100593>
- ☐ Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente da PUC-Rio | Suporte em atividades de pesquisa e extensão socioambiental | Coordenador: Prof. Luiz Felipe Guanaes Rego | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/6470315703298225>

Por que você escolheu este(s) projeto(s)? *

Sua resposta

Formação

Qual a sua formação? *

- ☐ Graduação incompleta
- ☐ Graduação em andamento
- ☐ Graduação completa
- ☐ Pós-graduação incompleta
- ☐ Pós-graduação em andamento
- ☐ Pós-graduação completa

Qual a sua área de formação? *

Aqui você deve informar a área de seus estudos. Por exemplo: História, Belas Artes, Ciências Sociais, Administração, Direito, etc.

Sua resposta

Conhecimento de Idiomas

Indique o seu nível de conhecimento para cada um dos idiomas listados.*

	Não possui conhecimentos neste idioma	Possuo conhecimentos básicos	Possuo conhecimentos intermediários	Possuo conhecimentos avançados
Inglês	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Espanhol	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Francês	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Gostaria de compartilhar mais alguma informação que julgue importante? Use o espaço abaixo.*

Sua resposta


ENVIAR

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem apoiado pelo Google. Denunciar abuso. [Termos de Serviço](#)

Google Formulários

No segundo protótipo



A PUC-Rio abre suas portas para participação de maiores de 50 em projetos de pesquisa.

É com prazer que anunciamos a edição 2018/2019 do PICT Sênior PUC-Rio, Programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sênior, PARA MAIORES DE 50 ANOS interessados em participar de projetos de pesquisa em andamento na PUC-Rio.

Há vagas em diversas áreas do conhecimento. Preencha o formulário indicando seu principal interesse. Posteriormente faremos contato para confirmar sua candidatura e enviar mais informações.

Os selecionados recebem bolsa-estágio no valor de R\$ 400,00 mensais e começam a atuar no dia 01 de outubro de 2018.

As inscrições vão até o dia 10 de setembro de 2018.

***Obrigatório**

Dados pessoais

Nome *

Sua resposta

Idade *

Escolher ▼

Telefone *

Prefencialmente celular

Sua resposta

E-mail *

Sua resposta

CPF *

Somente os números

Sua resposta

Projeto(s) de Pesquisa de Interesse

Indique o(s) projeto(s) de pesquisa do(s) qual(ais) gostaria de participar. *

- ☐ Simulação Molecular da Terapia Genética para o Combate ao Câncer | Coordenador: Prof. André Silva Pimentel | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/3172784582436163> | Objetivo do projeto: siRNA (do inglês: small interfering RNA) é a ferramenta de interferência de RNA (RNAi) mais comumente usada para induzir o silenciamento a curto prazo de genes codificadores de proteínas. O siRNA é um duplex de RNA sintético projetado para atingir especificamente um mRNA específico para degradação. Embora o siRNA proporcione a oportunidade de induzir o silenciamento gênico numa variedade de linhas celulares, a sua utilidade está limitada às células que são passíveis de transfecção de oligonucleotídeos sintéticos. Os siRNAs podem ser utilizados para o "knockdown" de genes relacionados ao Câncer. Os siRNAs devem ser transfectados em células por reagentes de transfecção baseados em lipídios ou polímeros catiônicos. O RNAi tem o potencial de ser usado para fins terapêuticos, onde genes causadores de Câncer são direcionados seletivamente e suprimidos. O objetivo deste projeto é realizar a simulação computacional do processo de transfecção de siRNAs em modelos de membrana para verificar a viabilidade desta técnica. Este projeto tem a meta de formar conhecimento em uma área interdisciplinar com recursos humanos motivados em computação científica, medicina, farmácia, biologia, química e física.

- ☐ Consciência cognitiva e emocional na Doença de Alzheimer | Coordenador: Prof. Daniel Mogabi | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/7381485367840499> | Objetivo do projeto: A doença de Alzheimer (DA) é uma doença neurodegenerativa caracterizada por um declínio da capacidade cognitiva, assim como por interferências nos processos emocionais. Além disso, este quadro também é acompanhado por uma perda de consciência, também chamada de anosognosia. Há a necessidade de uma compreensão detalhada de como mecanismos neurais alterados, que afetam processos cognitivos e emocionais, provocam o comprometimento da consciência. Nas últimas décadas, diferentes componentes neurais foram investigados usando eletroencefalografia (EEG), permitindo a exploração de processos cognitivos e emocionais também em nível neurofisiológico. A amostra do estudo será composta por 25 pacientes com DA de acordo com os critérios DSM-V e NINCDS-ADRDA. Os pacientes serão recrutados no ambulatório do CDA/UFRJ. Valores de comparação serão fornecidos por 25 idosos saudáveis e 25 estudantes universitários. Durante o experimento, os voluntários realizarão duas tarefas no computador (regulação emocional com visualização de imagens emocionais e monitoramento de erros com detecção de objetos), enquanto o EEG é coletado através de um equipamento de 20 canais. Além disso, os participantes preencherão alguns questionários. A análise do EEG será realizada através do programa EEGLAB, comparando os componentes eletrofisiológicos nos diferentes grupos. Os dados de EEG também serão correlacionados com medidas comportamentais e psicométricas.

- ☐ Formação Cidadã e Educação Política: princípios para uma Educação Geográfica contemporânea | Coordenador: Profª Rejane Rodrigues | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/7367303815121719> | Objetivo do Projeto: Considerando a participação de professores do ensino básico, a comunidade escolar e a família, o projeto visa promover a formação

Com mais de 30 anos, o projeto esprega resiliência e este profissional do ambiente acadêmico, oportunizando a troca de experiências entre ele, que

tem o domínio do cotidiano da escola básica, o professor universitário, em suas atividades de pesquisa, e os licenciandos, futuros professores.
Solar Grandjean de Montigny – Museu Universitário da PUC-Rio - História e Memória | Coordenadora: Profª Margarida de Souza Nery | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/2037911313100593> | Objetivo do Projeto: a/o bolsista integrará a equipe do Solar e, juntamente com o grupo de pesquisa, selecionará um tema pertinente à história do Solar para a elaboração de um trabalho monográfico que suporá o uso de instrumentos de pesquisa, o treinamento metodológico, as discussões teóricas e a autonomia na escrita acadêmica.

Levantamento e integração das manifestações e atividades relacionados com os Beatles no Brasil | Coordenador Prof. Eduardo de Albuquerque Broochi | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/0205484470667278> | Objetivo do Projeto: Levantar as iniciativas dedicadas aos Beatles no Brasil, procurando identificar suas formas, motivações e comunidades, com vistas a viabilizar e incentivar uma grande integração dentre elas e, eventualmente, convergir para a realização de um evento nacional de congaçamento. Considerando o impacto causado pelos Beatles no Brasil, o reconhecido legado, tais como, a jovem guarda, o tropicalismo, o clube da esquina, os novos balanços, etc, e os consequentes movimentos de preservação da obra da banda no Brasil; este projeto de pesquisa visa contribuir na identificação e integração daqueles que persistem, cultivam e ainda organizam uma série de manifestações e eventos inspirados na música, comportamento artístico, sociológico, político e até religioso dos Beatles.

Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente da PUC-Rio | Suporte em atividades de pesquisa e extensão socioambiental | Coordenador: Prof. Luiz Felipe Guanaes Rego | Conheça seu currículo: <http://lattes.cnpq.br/6470315703298225> | Objetivo do Projeto: a/o bolsista neste projeto atuará no levantamento e manutenção de banco de dados de ações de ensino, pesquisa e extensão na PUC-Rio voltadas para propagação de novos conceitos e práticas de sustentabilidade ambiental.

Por que você escolheu este(s) projeto(s)? *

Sua resposta

Formação

Qual a sua formação? *

- ☐ Graduação incompleta
- ☐ Graduação em andamento
- ☐ Graduação completa
- ☐ Pós-graduação incompleta
- ☐ Pós-graduação em andamento

☐ Pós-graduação completa

Qual a sua área de formação? *

Aqui você deve informar a área de seus estudos. Por exemplo: História, Belas Artes, Ciências Sociais, Administração, Direito, Medicina, Engenharia, etc.

Sua resposta

Conhecimento de Idiomas

Indique o seu nível de conhecimento para cada um dos idiomas listados *

	Não possuo conhecimentos neste idioma	Possuo conhecimentos básicos	Possuo conhecimentos intermediários	Possuo conhecimentos avançados
Inglês	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Espanhol	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Francês	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Gostaria de compartilhar mais alguma informação que julgue importante? Use o espaço abaixo. *

Sua resposta

ENVIAR

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Desistir aqui](#) - [Termos de Serviço](#)

Google Formulários